



RAQUEL MUNDIM TÔRRES

**O Inferno e o Paraíso se confundem:
Viagens de brasileiros à URSS (1928-1933)**

Campinas

2013



Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

RAQUEL MUNDIM TÔRRES

**O Inferno e o Paraíso se confundem:
Viagens de brasileiros à URSS (1928-1933)**

Orientador: Professor Dr. Claudio Henrique de Moraes Batalha

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual
de Campinas, para obtenção do título de Mestra em
História, na área de História Social.

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA
PELA ALUNA RAQUEL MUNDIM TÔRRES, ORIENTADA PELO PROF. DR. CLAUDIO
HENRIQUE DE MORAES BATALHA E APROVADA PELA COMISSÃO JULGADORA EM
27/03/2013.

Campinas

2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR
CECÍLIA MARIA JORGE NICOLAU – CRB8/3387 – BIBLIOTECA DO IFCH
UNICAMP

T636i Tôrres, Raquel Mundim, 1985-
O inferno e o paraíso se confundem: viagens de
brasileiros à URSS (1928-1933) / Raquel Mundim Tôrres.
-- Campinas, SP : [s. n.], 2013.

Orientador: Claudio Henrique de Moraes Batalha.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de
Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Propaganda comunista. 2. Comunismo. 3. União
Soviética – Descrições e viagens, 1928-1933. 4. União
Soviética – Aspectos sociais. I. Batalha, Claudio Henrique
de Moraes, 1957- II. Universidade Estadual de Campinas.
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informação para Biblioteca Digital

Título em Inglês: Hell and heaven mixed up: Brazilian's travels to USSR
(1928-1933)

Palavras-chave em inglês:

Communist propaganda

Communism

Soviet Union – Description and travel, 1928-1933

Soviet Union – Social aspects

Área de concentração: História Social

Titulação: Mestra em História

Banca examinadora:

Claudio Henrique de Moraes Batalha [Orientador]

Michael McDonald Hall

Dainis Karepovs

Data da defesa: 27-03-2013

Programa de Pós-Graduação: História



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Dissertação de Mestrado, em sessão pública realizada em vinte e sete de março de 2013, considerou a candidata Raquel Mundim Tôrres aprovada.

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida e aprovada pela Comissão Julgadora.

Prof. Dr. Cláudio Henrique de Moraes Batalha

A handwritten signature in black ink, appearing to be "Cláudio H. Batalha", written over a horizontal line.

Prof. Dr. Michael McDonald Hall

A handwritten signature in black ink, appearing to be "Michael M. Hall", written over a horizontal line.

Prof. Dr. Dainis Karepovs

A handwritten signature in black ink, appearing to be "D. Karepovs", written over a horizontal line.

Prof. Dr. Fernando Teixeira da Silva

A horizontal line for a signature, currently blank.

Prof. Dr. Héctor Luis Saint-Pierre

A horizontal line for a signature, currently blank.

*Aos meus pais, Wayne Eliane e Luiz Fernando,
por seus quarenta anos de viagem, completados esse ano.*

Agradecimentos

Dizem que quando estudamos muito algum assunto, passamos a enxergá-lo em todos os lugares possíveis. Nenhuma jornada, seja uma viagem ou um mestrado, é construída sozinha. Nesse sentido, posso dizer que em minha trajetória pude contar com excelentes e capacitados guias. Ao chefe da delegação, Professor Claudio Batalha, agradeço por me proporcionar total liberdade de escolha do roteiro seguido, por sua imensa paciência nas prorrogações de prazos, por sua insistência na correção das minhas crases e, principalmente, por sua confiança de que eu chegaria ao fim da viagem.

Tive a felicidade de contar como guias os membros desta banca. Possivelmente, o cotidiano soviético permaneceria obscuro sem as indicações do Professor Michael Hall, ainda no primeiro ano do mestrado. Ao professor Dainis Karepovs, agradeço pelo apoio, dados, fotos, estatísticas e livros, muitos livros, fornecidos. Ao contrário, contudo, dos guias que “limitavam” a visão dos “meus” viajantes, meus guias tornaram minha viagem muito mais ampla e complexa. Muito obrigada por isso.

Agradeço também aos que me acompanharam em alguns percursos, corrigindo e fazendo sugestões às minhas impressões, desde o embarque: a primeira correção do projeto de pesquisa para enviar à FAPESP. Aliás, um agradecimento à FAPESP, instituição que se tornou a responsável pelo financiamento desta pesquisa. Um agradecimento especial aos professores Fernando Teixeira, Sílvia Lara e Sidney Chalhoub, por me inspirarem em diversas passagens, e aos meus colegas da linha, por se disporem a lerem meus textos, mesmo estando imersos em outras viagens.

Agradeço também às precisas correções finais das amigas Flávia e Andresa. Aos companheiros de viagem de mestrado, por compartilharem seus anseios e experiências e passagens de fronteiras, Luciana, Pâmela, Keiko, Marcos, Bruno e Vinicius... Ei, chegamos! Um agradecimento à hospedagem proporcionada por meus queridos amigos do Rio, Larissa, Aline e Sílvio. As “técnicas” de hospitalidade eram tão boas que quase me desvirtuaram da trajetória principal...

Para realizar qualquer trajetória, acabamos deixando um pouco de lado aqueles que nos são fundamentais. Agradeço aos meus queridos amigos mantidos e descobertos em Campinas, por todo apoio, colo e compreensão, sempre quando necessários. Às meninas

aqui de casa, por se preocuparem em saber se eu permanecia viva após horas de imersão no quarto. Aos meus amigos de Goiânia, por nunca desistirem da pergunta: “E aí, quando você vai voltar?” e por sempre se disporem a me encontrar nas minhas breves passagens por lá.

Um agradecimento especial ao Adriano, meu amigo que, mesmo quando estava em “terras inimigas” (EUA), foi sempre muito presente. Agradeço também ao Diego, por ter deixado a trajetória final mais tranquila e alegre, e por estar sendo um grande companheiro de viagem.

Por último, agradeço àqueles que sempre estão do lado de lá, acenando, enviando cartões e abastecimentos quando necessário, se preocupando e se descabelando quando percebem que estou em alguma “confusão” (A propósito, mãe, obrigada pelo título!): minha família. Obrigada por continuarem me lembrando de que faço parte de algo incrivelmente especial. Amo vocês.

Um país, senhor Durand, não se julga como um indivíduo. Não se pode absolvê-lo, nem condená-lo diante de um tribunal, embora se fizesse desfilar, primeiramente, centenas ou milhões de testemunhas. Só se pode observá-lo; registrar-lhe as reações, ter admiração ou indignação e, em seguida, apresentar impressões pessoais e que se juntarão às outras; em suma, fazer obra de informante e de testemunho.

Mais tarde, os historiadores, no silêncio do gabinete, trabalharão com esses documentos e esses testemunhos, para destacar certas verdades (muitas vezes relativas) que se enfraquecerão ou se fortificarão no decorrer dos séculos.

LE FEVRE, Jorge. *No paiz dos Soviets*. Porto Alegre: Globo, 1931. p. II.

Resumo

Esse trabalho analisa os primeiros relatos de viagem de brasileiros à União Soviética, publicados entre 1928 e 1933. Busca historicizá-los, salientando não só as ideologias de seus autores, como também o contexto anticomunista imposto pelas autoridades brasileiras, em especial, pelo Itamaraty. A pesquisa aborda ainda a maneira como as viagens ocorriam e a forma como os viajantes eram recepcionados e manejados por algumas cidades da URSS. Para tal, analisa como agências soviéticas atuavam na hospitalidade dos viajantes, a fim de controlarem e persuadirem suas percepções. Por fim, é feita uma análise da imagem que os viajantes brasileiros formaram do cotidiano soviético no período em que viajaram, correspondente ao período do Primeiro Plano Quinquenal. O intuito principal da pesquisa foi trabalhar com os relatos de viagem nas suas mais diversas possibilidades, a fim de contribuir para a inserção destas narrativas como fontes documentais na historiografia social.

Palavras-Chaves: relatos de viagem, URSS, Propaganda Comunista, Cotidiano soviético.

Abstract

This research analyzes travel accounts from the first Brazilians who went to the Soviet Union, published between 1928 and 1933. It aims to historicize them, stressing not only the ideologies of their authors, but also the Brazilian anticommunist context imposed by authorities, in particular by the Foreign Ministry, Itamaraty. The research also investigates how the trips occurred and how the travelers were received and treated in some cities of the USSR. For that, it analyzes how some Soviet agencies behaved in hospitality, in order to control and persuade their perceptions. Finally, an analysis is made of the image that Brazilian travelers formed from Soviet everyday life on the period of the First Five-Year Plan. The main purpose of this study was to work with travel accounts considering its various possibilities, in order to contribute to the inclusion of these narratives as documentary sources in social historiography.

Keywords: travel accounts, USSR, Communist Propaganda, Soviet Everyday.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	IX
RESUMO	XIII
ABSTRACT	XV
INTRODUÇÃO	19
A DIMENSÃO POLÍTICA DOS RELATOS DE VIAGEM NO SÉCULO XX: CONTRIBUIÇÕES PARA O USO DO RELATO COMO FONTE DOCUMENTAL	27
RELATOS DE VIAGEM: POSSIBILIDADES, CARACTERÍSTICAS E LIMITES	28
FORMAS DE ABORDAGEM DO RELATO DE VIAGEM NA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA.....	34
RELATOS DE VIAGEM DE VIAGEM NO SÉCULO XX: CONTRIBUIÇÕES PARA UMA DIMENSÃO POLÍTICA	39
POR TRÁS DO OLHAR DO OBSERVADOR: O BRASIL ANTICOMUNISTA E SEUS VIAJANTES	53
O ITAMARATY E O PROGRAMA ANTICOMUNISTA BRASILEIRO	54
AS PRIMEIRAS VIAGENS: O PCB E A III INTERNACIONAL.....	68
VIAJANTES BRASILEIROS: DIVULGANDO O “PARAÍSO” SOVIÉTICO EM UM BRASIL ANTICOMUNISTA	81
AS VIAGENS À URSS: O LOCAL QUE OBSERVA SEUS VISITANTES	109
DIFICULDADES INICIAIS: PROBLEMAS DIPLOMÁTICOS E A PASSAGEM PELA ALFÂNDEGA ..	111
OS ÓRGÃOS DE RECEPÇÃO: VOKS E INTOURIST	116
GUIAS, INTÉRPRETES E VISITANTES: OBSERVADORES OU OBSERVADOS?.....	127
AS CHAMADAS “TÉCNICAS DE HOSPITALIDADE”	132
O COTIDIANO SOVIÉTICO AOS OLHARES DE VIAJANTES BRASILEIROS NO PRIMEIRO PLANO QUINQUENAL (1928-1933)	139
O PRIMEIRO PLANO QUINQUENAL E A DITADURA DO PROLETARIADO	141
A FALTA DE HABITAÇÃO E DE BENS DE CONSUMO	147
A IDEIA DA FAMÍLIA E DA PERMISSÃO DO ABORTO	153
POSSÍVEIS ASPECTOS POSITIVOS DA URSS.....	159
CONSIDERAÇÕES FINAIS	163
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	167
ANEXOS	173

Introdução

O mundo no século XX, teoricamente, encontrava-se descoberto. O expansionismo imperialista em territórios africanos, asiáticos e da Oceania, o desenvolvimento dos meios de transporte e de comunicação como consequência da revolução industrial, permitiram uma vasta expansão do conhecimento não só geográfico como também geopolítico de territórios e sociedades. Viajantes europeus, que há um tempo atrás poderiam ser vistos como os primeiros homens a desbravarem determinados territórios, passaram a se irritar quando começaram a ser classificados como meros turistas.

As viagens, antes grandes aventuras na busca pelo desconhecido, passavam, cada vez mais, a serem feitas de forma segura e com roteiros já pré-estabelecidos. Escrever um relato da viagem já não demandava detalhadas descrições territoriais ou classificações de espécies locais, como faziam os viajantes do século XVII, considerados mediadores entre a rede científica e o público europeu mais amplo. O perfil dos viajantes também se ampliou, passando a incluir um maior público feminino e categorias que pouco viajavam, como poetas, romancistas, profissionais de diversas áreas e, com o surgimento da URSS, delegações de operários.

A Revolução Russa de 1917 e a implantação de um regime socialista trouxeram, no entanto, um “mundo novo” perante o mundo ocidental. A ideia de uma pátria para os trabalhadores sob o controle do Estado Bolchevista surgiu como uma afronta à ordem capitalista vigente. Justamente por isso, desde seu início, o regime socialista contou com os olhares curiosos de viajantes ocidentais. Antecedentes da Revolução de Outubro e as peculiaridades do processo foram descritos pelo jornalista comunista e norte-americano John Reed em *Dez dias que abalaram o mundo*, publicado nos Estados Unidos em 1919, em três edições. O olhar testemunho de Reed, que pôde observar todo o processo de perto, conversando com os líderes da Revolução e com a população, tornou o livro um sucesso de vendas. No prefácio escrito por Lênin, é feita a observação da importância para que o mundo conhecesse *de fato* o que se passava na URSS:

É uma obra que eu gostaria de ver publicada aos milhões de exemplares e traduzida para todas as línguas, pois traça um quadro exato e extraordinariamente vivo dos acontecimentos que tão grande importância

tiveram para a compreensão da Revolução Proletária e da Ditadura do Proletariado.¹

Deixar ser conhecida e descoberta por viajantes, principalmente por viajantes simpatizantes, passou a ser fundamental para a sobrevivência da URSS. Preocupações com a segurança nacional e com as relações comerciais e políticas com o exterior criaram a necessidade de construir uma imagem positiva do país na década de 1920. Investir e proteger a imagem do país dos trabalhadores era uma forma de conseguir laços diplomáticos e de não permitir que propagandas anticomunistas, alavancadas por políticos e intelectuais contra o regime soviético, imperassem na imprensa ocidental.

Um exemplo de tal propaganda anticomunista é a primeira história em quadrinhos de Tintin, lançada em janeiro de 1929, chamada *Les aventures de Tintin Au Pays des Soviets*. A aventura é a história de um repórter belga, Tintin, que fora enviado para a URSS pelo jornal em que trabalhava, *Le petit Vingtième*, a fim de descobrir o que se passava na sociedade soviética. A obra é uma sátira política que expressa o desgosto e a desconfiança que inspirava a União Soviética ao jornal. Seu autor, Hergé, não teve, contudo, necessidade de ir à URSS para escrevê-la, contou apenas com um exemplar de *Moscou sans voiles* como referência, livro publicado por Joseph Douillet, ex- cônsul da Bélgica em Rostov, cidade soviética, e que denunciava em seu livro diversos vícios e incapacidades do regime.

Reconhecendo que havia representado a URSS sob uma ótica primária e estereotipada, justamente por se inspirar apenas em um documento, Hergé só permitiu sua reedição em 1973, mas nunca chegou a revisá-lo ou colori-lo, como fez com seus outros álbuns.² Já *Moscou sans voiles*, além de ser publicado nos países europeus, foi traduzido no Brasil em 1931, com o nome de *Moscovo sem Mascara*, pela Editora Globo. Pertencia à coleção chamada *Inquéritos sobre a Rússia*, voltada para a publicação de relatos e livros que denegriam a imagem do país soviético. No prefácio do livro, Joseph Douillet afirma ter passado 35 anos de sua vida (de 1891 a 1926) na Rússia, conhecendo a língua russa e afirmando conhecer o país a fundo. Sobre a situação da época, afirma que jornalistas comissionados pelos maiores diários de imprensa mundial estavam se movimentando para

¹ REED, John. *10 dias que abalaram o mundo*. São Paulo: L&PM, 2010. p.3.

² PIEDADE, Lúcio de Franciscis dos Reis. “‘Pardiero Infecto’: A Representação da Rússia em Tintim no País dos Sovietes”. IN: *História, imagens e narrativas*. N°7, ano 3, setembro /outubro de 2008. IN: <http://www.historiaimagem.com.br/edicao7setembro2008/pardieiro.pdf>

inquirir *imparcialmente* a situação da URSS. Comenta ainda que conservadores anticomunistas haviam constatado que os projetos e promessas soviéticas estavam em ampla realização.³ No entanto, ele logo afirma:

Quando o governo soviético convida os estrangeiros a visitarem a União, jamais autoriza a circulação livre pelo território. Ele exerce para com seus visitantes uma vigilância continuada, ora visível, ora discreta, mas que nunca relaxa. Pra conseguir isto, põe à disposição dos viajantes esquadrões de guias adestrados e submissos à disciplina do Guépéou [*sic*]. Este guia, com o maior prazer, faz o viajante visitar *o que deve ser visto* e, representando papel duplo, repetirá fielmente aqueles que o mandam, qual foi a atitude do visitante e suas reações no curso desta peregrinação. Disto, é necessário que todo o mundo esteja convencido. [...] Tudo o que aos olhos do governo soviético é indesejável, seja contrário à doutrina inicial, seja revelador dum estado do espírito ou de uma situação muito lamentável, tudo isto é afastado do raio visual dos viajantes de distinção. Estes últimos, na maior parte, ignoram o idioma do país. Estão desde o principio em contato com gente amedrontada cuja boca está fechada pelo terror, pois sabem que a menor indiscrição lhes valerá terríveis perseguições, já talvez suspensas sobre suas cabeças.⁴

Apesar das péssimas impressões da sociedade soviética divulgadas pela imprensa anticomunista, para muitos viajantes, a URSS oferecia aquilo que já não existia mais: a descoberta de um “Novo Mundo”. Diversos viajantes faziam a analogia: visitar a URSS seria como visitar um mundo nunca antes conhecido, paraíso para alguns, inferno para outros. As viagens, no entanto, tornaram-se mais frequentes apenas após meados da década de 1920, quando a Guerra Civil já estava finalizada e o país tentava se reerguer com a Nova Política Econômica (NEP) de Lênin, plano econômico que readotou características do modo de produção capitalista para que a sociedade pudesse se reestabilizar após a guerra.

Delegações de operários de várias partes do mundo foram convidadas a conhecer o regime, como ocorreu no aniversário de dez anos da Revolução. A URSS, porém, preparou-se para receber não só militantes ligados à causa da ditadura do proletariado, como também aqueles que eram simpatizantes à ideia, ao mesmo tempo em que muito conhecidos em suas próprias sociedades. Muitos deles foram convidados pelo regime soviético, ou

³ DOUILLET, Joseph. *Moscovo sem Mascara*. Porto Alegre: Globo, 1931.p. 5. Os documentos utilizados como fontes primárias nesse trabalho foram transcritos de acordo com o atual sistema ortográfico da língua portuguesa, sem, contudo, prejudicar sua sintaxe original.

⁴ Idem, pp. 6, 7.

foram por curiosidade e vontade próprias. Aos olhares da URSS, eles poderiam contribuir na divulgação e apoio da sociedade socialista perante um mundo ocidental onde a propaganda anticomunista ganhava força. E uma das principais formas que eles poderiam fazer isso, seria por meio de relatos de viagem.

Essa dissertação é, principalmente, sobre eles. Relatos de viagem de brasileiros que foram à URSS, ao final da década de 1920 e início da década de 1930, época correspondente à implantação do Primeiro Plano Quinquenal da política de Stalin, voltado para a implantação do “socialismo em um país só”. Foram cinco relatos publicados, a partir de 1931: *Rússia: notas de viagem, impressões, entrevistas, observações sobre o regime soviético* (1931), de Maurício de Medeiros; *Onde o Proletariado Dirige: visão panorâmica da URSS* (1932), de Osório Taumaturgo César; *Um engenheiro brasileiro na Rússia* (1933), de Cláudio Edmundo; *O que vi em Roma, Berlim e Moscou* (1934), de Juvenal Guanabardino e *U.R.S.S: um novo mundo* (1934), de Caio Prado Junior.

Durante a pesquisa, o relato de viagem foi descoberto como uma fonte complexa, que, para uma melhor análise, precisaria ser imbricada com o estudo de outras fontes documentais, como periódicos, documentos biográficos, documentos institucionais, etc. O recorte temporal, relativo aos anos das viagens realizadas pelos autores, coincide com a implantação do Primeiro Plano Quinquenal na URSS, o que possibilitou não só um estudo aprofundado a respeito dos viajantes e da sociedade brasileira na época, como também a análise do cotidiano russo a que os brasileiros tiveram contato e da maneira como os eles foram recepcionados pelos órgãos soviéticos.

Como forma de contribuir para a utilização dos relatos de viagem do século XX como fonte de documental, o primeiro capítulo expõe uma análise sobre o uso dos relatos de viagem na historiografia e as peculiaridades das narrativas de viagem do século XX, especificamente as viagens realizadas à URSS. A partir de um estudo realizado em trabalhos que têm como objeto de pesquisa principal relatos de viagem de outras épocas, foram levantadas as particularidades do gênero relato de viagem, a forma como as pesquisas no Brasil se construíram a respeito dele e quais seriam as diferenças e desafios para aqueles que estudam relatos de viagens realizadas no século XX. Notou-se, principalmente, uma forte dimensão política de tais relatos, denunciada pela preocupação

dos viajantes em se colocarem como imparciais a tudo o que observam e à necessidade de afirmação da veracidade daquilo que é relatado.

Considerando a importância de situarmos os relatos de viagem e seus autores em seu devido contexto, o segundo capítulo aborda, prioritariamente, a postura da sociedade brasileira perante o regime soviético. Por meio de uma pesquisa realizada nos arquivos do Itamaraty do Rio de Janeiro, é exposto o programa anticomunista adotado pelo Ministério das Relações Exteriores entre as décadas de 1910 e 1930, após o fim das relações diplomáticas com a URSS. Em seguida, o capítulo explora as primeiras viagens de brasileiros à URSS, proporcionadas pelas relações entre o Partido Comunista do Brasil (PCB) e a III Internacional. Muitos comunistas, embora não tenham publicado em livro suas impressões sobre a sociedade soviética, viajaram à URSS com o intuito de participar dos Congressos da Internacional ou realizar cursos preparatórios na Escola Leninista de Moscou. Por fim, o capítulo explora o contexto da publicação dos relatos de viagem aqui analisados, e quem eram os viajantes, considerando detalhes de suas narrativas e da maneira como suas viagens e ideias foram recepcionadas na sociedade brasileira.

Aqui, é necessário fazer uma importante observação: durante a pesquisa realizada sobre quem eram os viajantes, não foi encontrada informação alguma, em nenhum arquivo, a respeito de dois deles: Juvenal Guanabardino e Cláudio Edmundo. Possivelmente, seus relatos foram montados a partir de outras narrativas, e de periódicos que traziam notícias a respeito da sociedade e do cotidiano soviético. Os relatos, contudo, não foram ignorados nas análises deste trabalho, uma vez que um relato, mesmo quando inventado, continua denunciando as ansiedades e características de sua sociedade.

Adiante, o terceiro capítulo explora as características das viagens e como elas se processavam, considerando o contexto soviético. Aspectos sobre como os viajantes chegavam à URSS, como eles conseguiam o visto - uma vez que não havia relações diplomáticas entre o Brasil e a URSS -, e, principalmente, a forma como os viajantes eram não só recepcionados na URSS, como também observados, são abordados no capítulo. As viagens ao país da ditadura do proletariado contavam com essa particularidade: o privilégio de observação era não só dos visitantes, como também do lugar observado, que, por meio de guias e intérpretes, analisava seus visitantes. Os organismos de recepção, VOKS e Intourist, possuíam medidas específicas para o controle e possível persuasão das impressões

dos estrangeiros, as chamadas “técnicas de hospitalidade”, termo utilizado principalmente por historiadores norte-americanos.

A abertura dos arquivos russos na década de 1990, referentes a esses organismos, permitiu o surgimento de pesquisas específicas a respeito deles, como de Ludmila Stern e Michael David-Fox. A partir da descoberta de tais estudos, e das impressões observadas em diversos relatos de viajantes, não só de brasileiros, como também de outros países, foi possível construir uma ideia de como a viagem se procedia para um local que não se limitava a ser observado, também observava.

Por fim, o quarto capítulo tem como objetivo analisar a imagem que os viajantes brasileiros formavam a respeito do cotidiano soviético na época do Primeiro Plano Quinquenal (1928-1933), plano que marcou o início da stalinização do regime soviético. Em vista disso, fez-se necessário conhecer mais a fundo o cotidiano do país no período das viagens, correspondente à implantação e desenvolvimento do Primeiro Plano Quinquenal. Dois trabalhos foram utilizados de maneira prioritária para a compreensão do cotidiano soviético: *Everyday Stalinism: Ordinary Life in Extraordinary Times. Soviet Russia in the 1930s*, de Sheila Fitzpatrick e *Sussurros: A Vida Privada na Rússia de Stalin*, de Orlando Figes.

No primeiro, Fitzpatrick busca descrever como os cidadãos soviéticos tentavam viver comumente nas “circunstâncias extraordinárias” da URSS, e chama a atenção para a formação de uma nova espécie social, o *Homo Sovieticus*, adaptada às características peculiares das novas instituições soviéticas e da nova estrutura social imposta pelo seu habitat nativo, o stalinismo.⁵ A ideia de cotidiano de sua pesquisa está ligada às formas de comportamento e “estratégias” de sobrevivência e avanços que a população desenvolveu para lidar com as situações extraordinárias impostas pelo regime.⁶ Ao deixar claro que seu livro não foi feito para ilustrar nenhuma teoria geral do cotidiano, advertindo que seu objetivo é o cotidiano extraordinário, Fitzpatrick ilustra as dificuldades de se conceituar o

⁵ FITZPATRICK, Sheila. *Everyday Stalinism. Ordinary Life in Extraordinary Times: Soviet Russia in the 1930s*. Nova York: Oxford University Press, 1999, p. 1.

⁶ Figes classifica o trabalho de Fitzpatrick como pertencente ao grupo de historiadores da década de 1990, que, influenciados pela queda do regime socialista e pela vitória da “democracia” em 1991, estavam preocupados em contestar uma historiografia voltada para a esfera pública e política da URSS do que para as formas de resistência desenvolvidas pela população soviética. FIGES, Orlando. *Sussurros: A Vida Privada na Rússia de Stalin*. Rio de Janeiro: Record, 2010. pp. 27, 28.

cotidiano e a ideia de que ele existe na contraposição a algo especial, ou seja, no caso, a imposição do regime stalinista.

De qualquer forma, lidar com o cotidiano considerado extraordinário também deve ser considerado como válido. Klaus Tenfelde afirma que somente a partir do especial se fundamenta o interesse pelo estudo do não-especial, do diferente, do conhecimento da impotência em vez do poder, das pequenas realidades ao invés das grandes.⁷ Norbert Elias indica ainda que o conceito de cotidiano é tudo, menos homogêneo.⁸ As deficiências do conceito, ainda segundo Tenfelde, recomendam que se abra mão dele, desde que haja um campo de trabalho, um método e um objeto de conhecimento autônomos.

Nesse sentido, Fitzpatrick constrói o campo de trabalho de sua pesquisa a partir da observação da penetração do Estado Soviético no cotidiano urbano russo da década de 1930, delimitando seu campo nas interações e ações que de algum modo envolvessem o Estado, excluindo tópicos mais subjetivos como amor, amizade, e alguns aspectos de lazer e sociabilidade da vida privada, e partindo para tópicos onde o Estado agisse de forma ativa: compras, moradia, educação, família, casamento, viagens, comemorações, etc.⁹ Ela limita seu campo de trabalho na Rússia urbana soviética, e não em toda a URSS, embora afirme que provavelmente as condições de vida por todas as Repúblicas fossem bastante semelhantes.

Já em *Sussurros*, Figes volta-se para a influência do regime dentro da vida pessoal da população soviética, procurando revelar histórias de famílias soviéticas a partir de uma pesquisa extensa em arquivos familiares e entrevistas feitas com parentes mais velhos de famílias¹⁰ de diversas origens sociais de cidades, vilas e aldeias da Rússia. Seu livro é sobre a maneira pela qual o stalinismo entrou na mente e nas emoções das pessoas, afetando valores e relacionamentos, visando, para isso, a geração nascida nos primeiros anos da Revolução, principalmente entre 1917 e 1925, até o final da era stalinista na década de 1950, sem deixar de dar voz também aos seus antecedentes e descendentes. Segundo ele,

⁷ TENFELDE, Klaus. “Dificuldades com o Cotidiano”. *História: Questões & Debates*, Curitiba, v.13, n.24, p.28-55, jul./dez., 1996, p. 39.

⁸ ELIAS, Norbert “On the Concept of Everyday Life”. *The Norbert Elias Reader: a Biographical Selection*. Oxford: Blackwell, 1998. p. 167.

⁹ FITZPATRICK, Sheila, Op.Cit. p. 3.

¹⁰ Todo o material de suas entrevistas foi reunido em um arquivo especial, representando uma das maiores coleções de documentos sobre a vida privada no período de Stalin. Estão localizados nos arquivos da Memorial Society em São Petersburgo (MSP), Moscou (MM) e Perm (MP), sendo muitos deles disponível online em www.orlandofiges.com. In: FIGES, Orlando, Op.Cit. p. 31.

uma abordagem multigeracional é o que permite compreender os legados de um regime que influenciou a esfera moral da família durante três quartos de século.¹¹

Diferentemente de Fitzpatrick, que, segundo Figes, faz parte de uma linha de historiadores da década de 1990 inclinada a mostrar a força da resistência popular à ditadura stalinista a partir das estratégias de sobrevivência, Figes encara seus sujeitos como pessoas que aceitavam silenciosamente e internalizavam os valores e ideais soviéticos, mais por vergonha e medo do que pelo desejo de “tornar-se soviético”.¹²

Embora os viajantes não chegassem a entrar em contato direto com a vida privada dos habitantes soviéticos, a vida privada também era preocupação dos viajantes. Como e onde eles viviam, se possuíam boas condições de vida, como se desenvolveu o conceito de família na Rússia soviética, são alguns dos principais temas abordados nos relatos. É por isso que a pesquisa de Figes contribui também para a observação da distorção (ou não) da realidade soviética nas narrativas de viagem estudadas.

Em suma, o trabalho tem como intuito final apresentar as diversas perspectivas e possibilidades dos relatos de viagem como fontes de pesquisa histórica, nos seus mais diferenciados aspectos. Considerando os limites teóricos dos relatos e suas peculiaridades de gênero e período, o objetivo é analisar tanto as versões da sociedade soviética representadas e construídas nas narrativas, quanto os significados da viagem, das angústias, perspectivas e críticas dos viajantes, não só em relação à URSS, como também em relação à sua própria sociedade.

¹¹ Idem, p. 32.

¹² Idem, p. 31.

I

A dimensão política dos relatos de viagem no século XX: Contribuições para o uso do relato como fonte documental

Trabalhar com relatos de viagem produzidos no século XX é um desafio ainda novo em nossa historiografia. Primeiramente porque eles fazem parte de um gênero diversificado, a literatura de viagem, que engloba tanto relatos “verídicos” quanto “não verídicos”. Afora isso, as próprias narrativas se encontram em diferentes formas de escrita: cartas, relatórios, notícias, ensaios, diários de viagem, obras de memória, dentre outras. Um único relato pode conter ainda intersecções de outros gêneros, como estratégias ficcionais dentro de uma narrativa real ou depoimentos autobiográficos. Os limites que circunscrevem os relatos de viagem são tênues, o que nos chama a atenção para uma das poucas verdades que um historiador deve sustentar: um relato de viagem deve ser analisado com o mesmo espírito crítico adotado em qualquer outro tipo de fonte.¹³

Um segundo fator a ser analisado envolve a forma como os relatos de viagem foram trabalhados na história. Nem sempre o olhar lançado a eles foi o mesmo. Houve um tempo em que foram considerados como fontes confiáveis de dados e informações sobre sociedades e povos visitados, algo que contribuiu para a formação de estereótipos e identidades que permanecem até os dias hoje. Conforme os interesses e preocupações dos historiadores foram se modificando, os relatos passaram a ser vistos como fontes impróprias para o estudo das sociedades visitadas, uma vez que um olhar mais atento aos viajantes possibilitou detectar seus preconceitos, ideologias e diversos obstáculos (como por exemplo, o pouco tempo de viagem ou a dificuldade de comunicação) para a observação do outro. Posteriormente, os relatos passaram a ser analisados como representações: os viajantes e suas próprias sociedades não deixaram de serem focos de muitas pesquisas, mas as narrativas de viagem ganharam espaço como possibilidades de estudo do pensamento e costumes de diferentes épocas, seja da sociedade do visitante, seja da sociedade visitada.

¹³ HALL, Michael. “Some Considerations on accounts of travel to Brazil in the Nineteenth and Twentieth Centuries.” Colloque International “Voyageurs et Images du Brésil, Maison des Sciences de l’Homme (Paris), 10/12/2003.

Por último, é necessário considerar ainda as especificidades dos relatos de viagem do século XX. O desenvolvimento de meios de transporte e comunicação, as novas possibilidades de intercâmbio e as modificações na própria estrutura social e política específicas deste século fizeram com que as viagens adquirissem novos sentidos, consequentemente percebidos nas ideias e estruturas dos relatos de viagem produzidos. Ao mesmo tempo, porém, continuaram a apresentar características comuns aos relatos de viagem de qualquer outra época, características que se sobressaem aos diferentes gêneros ou formas que o compõem. Saber identificar essas características e os novos sentidos do relato de viagem no século XX é fundamental para melhor compreendê-los, e é o que proponho fazer aqui, neste capítulo.

Relatos de viagem: possibilidades, características e limites

Segundo Peter Hulme e Tim Youngs, organizadores do livro *The Cambridge Companion to Travel Writing*, viagem e escrita sempre foram intimamente conectadas, sendo a narrativa de viagem tão antiga quanto as histórias ficcionais. Tradições clássicas e bíblicas, como a *Odisseia*, de Homero, ou as peregrinações de Abraão e Moisés, dentre tantas outras, são exemplos ricos de relatos de viagem do mundo antigo, sejam eles literais ou simbólicos.¹⁴ No entanto, os autores afirmam que foi apenas no século XVI que a escrita se tornou parte essencial da viagem. Patrocinadores políticos ou comerciais esperavam relatórios e mapas, e o público passou a ansiar por histórias de lugares distantes. Os relatos, desta maneira, eram uma forma importante de atrair investimentos e colonizadores.¹⁵

O impacto da descoberta do Novo Mundo por meio das grandes navegações marítimas dos séculos XV e XVI trouxe consigo o surgimento de utopias clássicas europeias, as quais se inspiraram diretamente na literatura de viagens marítimas da época, como *Utopia*, de Thomas Morus, que teve como principal influência o relato de viagem de Américo Vespúcio, *Quatro Viagens ao longo do Mundo*. Em *As Utopias ou A Felicidade Imaginada*, Jerzi Szacki nota uma ligação íntima e multilateral entre a utopia espacial clássica e a literatura de viagem da época, percebendo que ambas possuíam o mesmo

¹⁴ HULMES, Peter e YOUNGS, Tim. "Introduction". *The Cambridge Companion to Travel Writing*. Cambridge: University Press, 2002, p.2.

¹⁵ Idem, p.3.

espírito de fascínio pela novidade, observadas a partir de comparações com a sociedade de seus próprios autores.

Não havia, segundo Szacki, uma distinção nítida como encontramos hoje entre a literatura fantástica e os relatos de viagens.¹⁶ Assim como a literatura de viagem dos séculos XVI e XVII possuem um cunho fantasioso e imaginário, expostos, por exemplo, em descrições de animais fantasiosos e na antecipação de encontros com monstros, o caráter descritivo e informativo presentes nas utopias de renascimento é atribuído à influência de livros e diários de bordo de viajantes.

No entanto, distinguir fatos de ficção era importante para pelo menos alguns leitores e autores do século XVI. Alguns editores como Richard Hakluyt¹⁷ preocupavam-se com a veracidade do relato, dando preferência a testemunhos de viagens.¹⁸ Outro exemplo é Hans Staden, cronista alemão do século XVI que, diferenciando-se da atmosfera de fantasia de outros cronistas, narrou duas viagens realizadas à América com a preocupação em garantir aos leitores a veracidade dos acontecimentos, citando, ao final da obra, nomes de companheiros de viagem europeus que também haviam testemunhado partes de sua viagem. O prefácio de seu livro, escrito por um amigo de seu pai, Datum Wolffhagen, fundamenta o intuito e a importância do testemunho para a época: “(...) não posso duvidar que este Hans Staden conte e escreva com exatidão e verdade a sua narrativa e viagem não por te-las colhido de outrem, mas de experiência própria, sem falsidade, e que ele daí não quer tirar glória nem fama para si (...)”¹⁹.

De qualquer maneira, as narrativas de viagem fantasiosas e imaginárias misturavam-se mais facilmente com os testemunhos de viagem no século XVI e XVII. Paul Fussell salienta que no século XVII o livro de viagem estava tão comumente observado como um repositório de mentiras que em 1630 John Smith, capitão da marinha britânica, percebeu ser necessário adjetivar sua forma de viagem no título da obra para distingui-la de outras: *As verdadeiras viagens, aventuras e observações do capitão John Smith*.²⁰

¹⁶ SZACKI, Jerzy. *As Utopias ou A Felicidade Imaginada*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972, p.32.

¹⁷ Editor e diplomata inglês. Publicou *The Principal Navigations, Voyages and Discoveries of the English Nation* (1598-1600). Era defensor da expansão da Grã-Bretanha no exterior. In: <http://www.hakluyt.com/>

¹⁸ HULMES, Peter e YOUNGS, Tim. “Introduction”. *The Cambridge Companion to Travel Writing*. Cambridge: University Press, 2002, p.3.

¹⁹ STADEN, Hans. *Viagem ao Brasil*. Salvador, Bahia: Progresso, 1955 p.19.

²⁰ BORM, Jam. “Defining Travel: On the travel Book, Travel Writing and Terminology”. IN: HOOPER, Glenn e YOUNGS, Tim. (orgs). *Perspectives on travel writing*. Ashgate, 2004, p.18. Grifos meus. O título

Apesar da percepção de que a preocupação com a enunciação da verdade já existia em séculos anteriores, é notório observar que eles também já se utilizavam de técnicas ficcionais, uma das características principais dos relatos de viagem.²¹ Segundo Jam Borm, é comum, por exemplo, existir diálogos estendidos em relatos de viagem para descrever contatos do viajante com os habitantes da sociedade observada. Os diálogos são também bastante utilizados nos relatos do século XX, e, embora sejam considerados como uma técnica ficcional, é interessante observar que contribuem para a sua veracidade, uma vez que um diálogo deixa explícito as trocas permitidas pelo contato com o outro. Além de diálogos, narrativas de viagem podem incluir também histórias ficcionais ou mitos, o que denuncia a possibilidade do relato de viagem ser formado por diversos gêneros.

Como seria possível, no entanto, fazer a distinção entre os escritos de viagem reais dos ficcionais? Segundo Borm, essa separação é necessária, uma vez que as expectativas dos leitores de um livro de ficção não são as mesmas que a dos leitores de um relato de viagem. Embora ambos os exemplos possam ser estudados dentro da estrutura da literatura de viagem, uma maneira de distingui-los seria identificar os aspectos dominantes de um trabalho ou gênero que compõe a narrativa. A ideia é de Hans Jobert Jauss, que defende que a identidade dos gêneros mistos pode ser definida pelos seus aspectos dominantes. Qualquer narrativa caracterizada por uma ‘dominância não ficcional’ que relata (quase sempre) na primeira pessoa uma jornada a qual o leitor supõe que aconteceu na realidade, e que se pressupõe que o autor, narrador e personagem principal do relato são a mesma pessoa, estaria apta a ser considerada como um relato de viagem verídico e não ficcional.²²

Com o aumento das expedições marítimas europeias e a descoberta de novas regiões e povos cresceu também o número de relatos e suas possíveis formas. Ao estudar os relatos de uma expedição científica do século XVIII, Mary Louise Pratt chama a atenção para uma variedade de documentos, dentre eles: depoimentos orais, textos escritos, traduzidos, cartas, relatórios, histórias de sobrevivência, descrições cívicas, narrativas de navegação, etc.,

original é *The True Travels, Adventures & Observations of Captain John Smith*. É válido observar que John Smith já havia publicado outro relato, em 1608, também utilizando-se novamente da palavra “verdadeiro”: *A True Relation of Occurrences and Accidents in Virginia, 1608*, isto é, *Uma verdadeira relação de acontecimentos e acidentes em Virginia, 1608*. In:

<http://etext.lib.virginia.edu/toc/modeng/public/J1007.html>

²¹ Idem, p.15.

²² Idem, p.18.

demonstrando já existir um múltiplo perfil de relatos de viagem nas fronteiras de expansão da Europa.²³

As descrições cívicas eram relatos isentos de qualquer entretenimento, escritos por capitães espanhóis, sendo verdadeiros compêndios de informações sobre a geografia colonial espanhola e a vida nas colônias.²⁴ Já a literatura de sobrevivência compunha-se de narrativas que tinham como principais temas sofrimentos e perigos ou maravilhas exóticas e curiosidades. A partir da segunda metade do século XVIII, esses relatos abriram espaço para o surgimento de narrativas mais descritivas e científicas, influenciadas pelo surgimento da história natural. Fosse o viajante um cientista ou não, a narração de coleta de espécies, a construção de coleções, ou a identificação de plantas e animais tornaram-se temas típicos nos livros de viagem. Os relatos, segundo ela, passaram a dar maior importância para a catalogação da natureza e para a descrição da fauna e da flora, embora tais descrições também sejam componentes de alguns relatos do século XVI.²⁵

A amplitude das possibilidades de formas e conteúdos de um relato de viagem é extensa em qualquer época analisada. Em seu trabalho, Pratt admite que não se preocupou em circunscrever o relato de viagem a um gênero, mas sim evidenciar a sua heterogeneidade e suas interações com outras formas de expressão.²⁶ Apesar disso, seu estudo comparativo de relatos de uma época permitiu o conhecimento de temas prioritários para o período e suas características em comum, possibilitando uma historicização de tais documentos.

Há um consenso entre pesquisadores de diversas áreas a respeito da heterogeneidade dos relatos de viagem. Jam Borm cita uma metáfora de Jonathan Raban que compara o relato a uma casa mal afamada de portas abertas onde diferentes gêneros como o diário privado, o ensaio, o poema em prosa ou a nota inacabada, entre outros, terminam em uma mesma cama ou conversam com uma indiscriminada hospitalidade em uma mesa polida.²⁷ O relato de viagem seria um gênero da sua própria maneira, que, ao mesmo tempo em que é

²³ PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: Edusc, 1999, p.47.

²⁴ Idem, p.50.

²⁵ Idem, p.59.

²⁶ PRATT, Mary Louise. Op.Cit. p.48.

²⁷ RABAN, Jonathan Apud BORM, Jam. Op.Cit., p.16.

composto por outros gêneros, contribuiu também para a gênese do romance moderno e para a renascença da autobiografia.²⁸

Esta seria, aliás, outra característica em comum dos relatos de diferentes épocas: todos eles são autobiográficos em determinado grau, embora não haja necessidade dos viajantes providenciarem um resumo retrospectivo de suas vidas de maneira biográfica.²⁹ Contudo, uma vez que apontam suas observações e pontos de vista a respeito de um lugar visitado, utilizando-se, na maior parte das vezes, de comparações com suas próprias sociedades e valores, necessariamente terminam por falar de si mesmos. A descoberta desse aspecto gerou uma modificação na forma de se trabalhar com os relatos de viagem, algo que veremos adiante. De qualquer forma, para o estudo de um relato de viagem, a biografia de seu autor dificilmente pode ser ignorada.³⁰

Mary Anne Junqueira, no artigo “Elementos para uma discussão metodológica dos relatos de viagem como fonte para o historiador”, elenca algumas características comuns do “*corpus* heterogêneo de textos”, ainda que diversificados.³¹ Aqui, apresentamos uma síntese delas, com algumas observações:

- 1) Um relato de viagem sempre está articulado a algum tipo de deslocamento, real ou imaginário, operando com noções variadas de mudanças e transições;
- 2) Os relatos pressupõem um leitor, mesmo que este seja unicamente o seu autor. Eles podem ser dirigidos a um público específico, como os que adotam o discurso científico, ou para um público mais amplo, como os romances e contos baseados em viagens ou veiculados em jornais. É necessário contar como certo, portanto, que o autor se esmera para capturar a atenção do seu público-alvo;
- 3) Relatos escritos mesmo muito depois da época da viagem ainda são considerados como relatos de viagem ou “memória de viagem”. Isso significa que é absolutamente necessário que o historiador saiba quando o texto foi escrito: durante a viagem, logo após o término do percurso ou muitos anos depois;

²⁸ CAMPBELL Apud. BORM, Jam, Op.Cit., p. 14.

²⁹ Idem, p.14.

³⁰ HALL, Michael. Op.Cit. p.1.

³¹ JUNQUEIRA, Mary Anne. “Elementos para uma discussão metodológica dos relatos de viagem para o historiador.” In: JUNQUEIRA, Mary Anne; FRANCO, Stella M.Scaterna. (Orgs.). *Cadernos de Seminários de Pesquisa*. Vol. II. SãoPaulo: Humanitas, 2011.

Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dh/leha/cms/UserFiles/File/CSP2.pdf>, p. 46.

- 4) Os relatos de viagem são fontes de inspiração para outras jornadas, desde os tempos remotos. Desta forma, muitos deles são influentes e mobilizadores na escrita de outras narrativas - Isso quer dizer que os relatos de viagem encontram-se conectados, o que possibilita a descoberta de suas características em comum.
- 5) Há o problema da “veracidade” dos conteúdos elaborados, mesmo que de relatos teoricamente não ficcionais. Como exemplo, Junqueira comenta a respeito do relato de Jean de Mandeville, escrito em 1357, que narra uma viagem à Terra Santa, tendo sido um dos livros mais populares na Europa entre fins do século XIV e XVI. Tempos depois, foi descoberto que Jean de Mandeville nunca existira, e que o autor havia feito o relato a partir de uma compilação de textos diversos.³² Isso, no entanto, não empobrece o valor da obra como se acreditou no século XIX, período em que o relato foi classificado como impreciso, incerto e não verdadeiro. Hoje, a narrativa de Jean de Mandeville é compreendida como uma compilação bem-sucedida, e sua importância pauta-se na “verdade que o autor quis construir”, e não na “veracidade” do relato.

O problema da veracidade do relato está de acordo, portanto, com as formas de abordagem e critérios utilizados pelo período em que ele é analisado. Pesquisas recentes têm apontado uma preocupação com a análise do discurso do relato, independente das informações serem consideradas verídicas ou não. Esse tema será mais abordado adiante, no estudo das formas de abordagem dos relatos encontradas na historiografia brasileira.

De qualquer maneira, as transformações políticas e sociais, as novas possibilidades de locomoção e os diferentes interesses de cada época fazem com que o ato de viajar esteja sempre em transformação, e conseqüentemente em constante alteração dos significados e das funções da narrativa. O relato de viagem reflete ainda as mudanças estéticas e estilos culturais de sua época.³³ Isso reforça o senso de considerá-lo como um gênero amplo e transformador, com uma história complexa que precisa ser constantemente analisada.

³² Idem, p.53.

³³ JUNQUEIRA, Mary Anne. “Elementos para uma discussão metodológica dos relatos de viagem para o historiador.” In: JUNQUEIRA, Mary Anne; FRANCO, Stella M. Scatena. (Orgs.). *Cadernos de Seminários de Pesquisa*. Vol. II. São Paulo: Humanitas, 2011, p.54.
Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dh/leha/cms/UserFiles/File/CSP2.pdf>, p.54.

Formas de abordagem do relato de viagem na historiografia brasileira

Miriam Moreira Leite, Eneida Maria Sela, Stella Maris Franco são historiadoras brasileiras que trabalham ou trabalharam com relatos de viagem do século XIX como objeto de pesquisa central. Todas elas chamam a atenção para o fato de que, sobretudo entre as décadas de 1930 e 1970, as narrativas de viajantes estrangeiros foram utilizadas como fontes verídicas da realidade brasileira, sem análises críticas e fora de qualquer perspectiva histórica.³⁴

Em “Relatos de Viagem: reflexões sobre seu uso como fonte documental”, Franco observa que historiadores como João Capistrano de Abreu, Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre percebiam os relatos como fontes de informações e até mesmo espaços de busca de registros mais específicos, como dados demográficos ou aspectos fisionômicos da população. Ela cita um exemplo de Capistrano de Abreu, que a partir de relatos de cientistas europeus, apresenta dados estatísticos sobre a população de Goiás e ainda formula características físicas dos paulistas.³⁵ Os dados encontrados não chegavam a ser desautorizados ou questionados.

Em *Raízes do Brasil* (1936), de Sérgio Buarque de Holanda, Franco salienta que o autor fez uma análise dos hábitos e costumes da população brasileira a partir de extratos de narrações de viajantes, buscou informações sobre a língua falada nas diferentes partes do Brasil em um relato de um participante de uma expedição que viajou pelas províncias do Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Mato Grosso e Amazonas e se apropriou das críticas sociais e políticas de um relato de viagem do naturalista Herbert Smith que afirmava que o país precisava de uma “revolução vertical”.³⁶ Segundo ela, os relatos de viagem provenientes de diferentes épocas serviram como fontes para Holanda em várias de suas obras.³⁷

³⁴ LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *Livros de Viagem (1803-1900)*. Rio: Editora UFRJ, 1997, p.9.

³⁵ FRANCO, Stella Maris Scatena. “Relatos de viagem: reflexões sobre seu uso como fonte documental.” In: JUNQUEIRA, Mary Anne; FRANCO, Stella M.Scatena. (Orgs.). *Cadernos de Seminários de Pesquisa*. Vol. II. São Paulo: Humanitas, 2011, p.65. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dh/leha/cms/UserFiles/File/CSP2.pdf>

³⁶ Para mais informações sobre o assunto: CANDIDO, Antonio. "O significado de Raízes do Brasil". In: HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991. pp. xvii-xix.

³⁷ FRANCO, Stella. Op.Cit., p.69.

O não questionamento das informações e dados dos relatos permitia que diversos preconceitos e visões do homem europeu fossem transpostos para as obras historiográficas.³⁸ Eneida Sela comenta que as narrativas de viajantes estrangeiros que estiveram no Brasil ao longo do século XIX tornaram-se critério de legitimidade para a construção de leituras sobre a escravidão empreendidas por importantes historiadores e cientistas sociais:

Nesses casos, a apropriação dos relatos de viagem acabou evidenciando, muitas vezes, uma instrumentalização de fragmentos narrativos daquelas fontes como transparência do real. Tal procedimento ignorou a opacidade cultural, os códigos, os juízos incorporados acriticamente, no afã de demonstrar certas teses. Isso permitiu que interpretações por vezes conflitantes partilhassem da mesma convicção de serem as obras de viagem um dos mais autorizados documentos sobre a sociedade brasileira do século XIX, especialmente quanto aos significados da escravidão.³⁹

Ainda segundo Sela, somente a partir da década de 1980 no Brasil que começaram a surgir pesquisas preocupadas em desvendar os significados das obras dos viajantes por meio de análises críticas que consideram o lugar dos autores em relação à realidade observada.⁴⁰ Surgiram novas preocupações, como a discussão sobre as intenções e o lugar de enunciação nacional, social ou ideológico dos viajantes. Como uma maneira de questionar a fidedignidade das fontes e o discurso até então construído pela historiografia anterior⁴¹ o enfoque tornou-se quase que exclusivo sobre os autores das narrativas e suas visões. Verifica-se ainda que houve o surgimento de uma diversidade de temas recortados no interior dos relatos, bem como uma variação dos tipos de viajantes, no que se refere à questão de gênero e de origens nacionais.⁴²

³⁸ Idem, *Ibidem*. p.67.

³⁹ SELA, Eneida Maria Mercadante. *Modos de ser, modos de ver*. Campinas: Editora da Unicamp, 2008, p.29. Para uma pesquisa mais detalhada sobre o assunto a autora indica Cristina Carrijo Galvão, “A escravidão compartilhada: os relatos de viajantes e os intérpretes da sociedade brasileira.” Dissertação em história social do trabalho. Campinas, IFCH-UNICAMP, 2001.

⁴⁰ Idem, *Ibidem*.

⁴¹ FRANCO, Stella Maris Scatena. *Peregrinas de outrora: Viajantes Latino-Americanas no século XIX*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2008, p.27.

⁴² Exemplos de obras que seguiram essa linha: LEITE, Ilka Boaventura. *Antropologia de viagem. Escravos e libertos em Minas Gerais no século XIX*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996. SUSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui. O Narrador: a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. LISBOA, Karen Macknow. *A nova Atlântida ou o gabinete naturalista dos doutores Spix e Martius: natureza e civilização na viagem pelo Brasil (1817-1820)*. São Paulo: Hucitec, 1997. TORRÃO FILHO, Amilcar. *A arquitetura da alteridade: a cidade luso-brasileira na literatura de viagem (1783-1845)*. São Paulo: 2010.

As preocupações foram deslocadas para o universo cultural do próprio viajante, uma vez que suas opiniões e julgamentos apontavam mais para seu próprio âmbito cultural do que para o lugar visitado.⁴³ No entanto, Miriam Leite lança apontamentos contrários a essa perspectiva: ela defende que o viajante, por sua qualidade de estrangeiro, tem condições de perceber aspectos, contradições e incoerências da sociedade observada que o habitante, por estar inserido na sociedade e habituado ao ambiente, não consegue perceber. O viajante seria, portanto, um observador “alerta e privilegiado do grupo visitado.”⁴⁴

Nesse sentido, ela afirma que seu trabalho a respeito dos relatos de viagem produzidos por mulheres no século XIX, é, na verdade, um testemunho duplo, tanto da condição da mulher europeia denunciado pelo discurso das autoras, quanto da mulher brasileira que é observada. Leite, porém, ressalva que os obstáculos linguísticos, culturais e econômicos dos viajantes, além da sua postura de civilizada perante um povo atrasado, faz com que o observador tenha amostras fragmentárias da sociedade, concluindo que a literatura de viagem está longe de poder ser utilizada como fonte exclusiva.⁴⁵

Franco admite que a capacidade dos relatos de viagem de alcançarem diversas dimensões do passado é inquestionável. Segundo ela, a fonte trafega entre a materialidade da experiência e a subjetividade do olhar do viajante. Ela levanta, então, uma questão crucial: os relatos prestam-se a mostrar mais eficazmente o cotidiano e suas práticas ou proporcionam maiores vantagens ao estudo de visões de mundo dos viajantes?⁴⁶

A resposta estaria na percepção de que representações e práticas são âmbitos imbricados que constituem parte de um mesmo todo. A fim de exemplificar qual seria o caminho equilibrado entre a análise das convenções narrativas e das práticas sociais, Franco utiliza-se do trabalho do historiador Jaime Rodrigues, escritor do livro *De costa a costa. Escravos, marinheiros e intermediários do tráfico negreiro de Angola ao Rio de Janeiro (1780-1860)*. Embora não tenha o relato como foco principal, o autor distingue-se por confrontar diversos tipos de fontes, como correspondências, processos de apreensão dos navios, dicionários de marinharia, etc.⁴⁷

⁴³ JUNQUEIRA, Mary Anne. Op.Cit, p.45.

⁴⁴ LEITE, Miriam Moreira. Op.Cit. p.10.

⁴⁵ Idem, p.63.

⁴⁶ FRANCO, Stella Maris Scatena. Op.Cit. p.76.

⁴⁷ Idem, p.82.

Rodrigues afirma que os relatos de viagem permitem entrever certas práticas de bordo que, na ausência de outras fontes, seriam insondáveis. Embora o discurso possa estar permeado de preconceitos e estereótipos, ele também esconde práticas sociais, que podem ser percebidas pelo estranhamento do que está oculto no relato, isto é, através da sua “opacidade”.⁴⁸ Ao invés de serem encarados como verdades absolutas, os relatos devem ser vistos como possíveis pontos de partida para possíveis versões da sociedade analisada. Franco completa observando que ele não necessariamente mostraria a realidade em si, mas sim, tendências do real que disputam entre si:

Cabe ao historiador matizar visões hegemônicas, desconstruindo os relatos, na medida em que a realidade não se resume àquilo que mostram. Para tanto, é preciso compreender por que o autor ou os autores dos relatos procederam de tal ou qual maneira e a que interesses particulares respondiam. No lugar de separar práticas, dados, informações, cotidiano, materialidade, de discurso, convenção, representação, entende que *esta última instância também é parte da realidade*, e que esta é ao mesmo tempo plural e diversa.⁴⁹ [grifos meus].

Esta seria, portanto, a atual forma de abordagem dos relatos de viagem em nossa historiografia. Ao invés de pautar-se no questionamento da fidedignidade dos relatos, os historiadores abriram terreno para uma análise de discurso que possibilita reflexões a respeito das “zonas de contatos” das viagens, hierarquias e relações de poder, sem, no entanto, deixar de lado a perspectiva de trabalho preocupada com as circunstâncias materiais das viagens, suas condições estruturais e os aspectos do cotidiano.⁵⁰

Embora as formas de abordagem dos relatos de viagem tenham se modificado com o passar do tempo, há ainda muito que se fazer. De acordo com Michael Hall, o corpo substancial da literatura de viagem sobre o Brasil foi investigado parcialmente, em parte devido à dificuldade de localização e também devido ao fato de alguns se encontrarem em línguas mais “exóticas”. Afora isso, diversos relatos que aparecem em periódicos continuam sendo ignorados.⁵¹

⁴⁸ RODRIGUES, Jaime. *De costa a costa. Escravos, marinheiros e intermediários do tráfico negreiro de Angola ao Rio de Janeiro (1780-1860)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.36.

⁴⁹ FRANCO, Stella Maris Scatena. Op.Cit. p.85.

⁵⁰ Idem, p.86.

⁵¹ HALL, Michael. Op.Cit. p.3. Para uma ideia do volume da variedade da literatura periódica, Hall sugere: Tom B. Hones, *A Bibliography on South American Economic Affairs: Articles in Nineteenth-Century Periodicals*. Minneapolis: 1955. Hall cita ainda diversas compilações bibliográficas de relatos de viagem ao

Existe ainda a necessidade, segundo Hall, de que haja mais estudos sobre relatos de viagem de brasileiros, tanto para outros países quanto para outras partes do Brasil. É perceptível observar que até então o foco das pesquisas tem sido relatos de viajantes *européus*, principalmente dos séculos XVIII e XIX. São ainda poucos e recentes os estudos que abordam relatos de viajantes oriundos de outras regiões além da Europa ⁵², não existindo uma catalogação de relatos de viagem produzidos por latino-americanos.⁵³

Franco salienta que há o costume de associarmos os “viajantes” aos “européus”, não nos ocorrendo englobar os latino-americanos nesta categoria, uma vez que expedições científicas e viagens europeias tiveram maior vulto do que às dos latino-americanos à Europa ou a outras partes do mundo.⁵⁴ Esta associação provavelmente está em modificação, pois ao considerarmos que as transformações nas formas de abordagem do relato indicam que a análise discurso pode dizer muito a respeito das próprias intenções do viajante e de sua sociedade, pode-se aferir que o trabalho com relatos de viagem de brasileiros ganha certo privilégio em relação aos trabalhos com viajantes europeus, uma vez que há uma maior facilidade de entrarmos em contato com a cultura e sociedade do viajante a partir de fontes mais acessíveis como documentos biográficos, livros e periódicos.

Em seu trabalho *Peregrinas de outrora: Viajantes Latino-Americanas no século XIX*, Franco analisa relatos de viagem escritos por três autoras latino-americanas, uma cubana, uma argentina e uma brasileira, que viajaram à Europa e aos Estados Unidos no século XIX. Ela faz uma importante observação: enquanto os viajantes europeus encaravam a América como um local a ser visitado, estudado, compreendido e transformado,

Brasil: CHAMBOLLE, Monique. *Les Voyageurs français au Brésil au XIXe siècle*. Paris: 1969. VERRI, Gilda Maria Whitaker. *Viajantes franceses no Brasil*. Recife, 1994. BERGER, Paulo. *Bibliografia do Rio de Janeiro de viajantes e estrangeiros, 1531-1900*. Rio de Janeiro:1980. NAYLOR, Bernard. *Accounts of Nineteenth-Century South America: An Annotated Checklist of Works by British and United States Observers*. London: 1969. WELCH, Thomas L. FIGUERAS, Myriam. “Travel Accounts and Descriptions of Latin America and the Caribbean, 1800-1920. Washington: 1982. TJAKS, Alicia V. “Brazil: Travel and Description, 1800-1899: a Selected Bibliography” *Revista de Historia da América*, 83, 1977. GOODMAN, Edward J. *The exploration of South America: an Annotated Bibliography*. New York, 1983.

⁵² Alguns estudos que trabalham com viajantes *não* europeus: JUNQUEIRA, Mary Anne. “Charles Wilkes, a U.S. Exploring expedition e a busca dos Estados Unidos da América por um lugar no mundo.” *Tempo*. Departamento de história da UFF, v.13, p.120-38, 2008. BAGGIO, Kátia Gerab, “Dos trópicos ao prata: viajantes brasileiros pela argentina nas primeiras décadas do século XX”. *HISTÓRIA REVISTA (UFG)*, v.13, n.2, p425-45, 2008. FRANCO, Stella Maris Scatena. *Peregrinas de outrora. Viajantes latino-americanas no século XIX*. Santa Catarina: Editora mulheres, 2008.

⁵³ NUÑEZ, Eduardo. *Viajeros Hispanoamericanos (temas continentales)*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1989. *APUD*. FRANCO, Stella Maris Scatena, 2008. Op.Cit., p.22.

⁵⁴ FRANCO, Stella Maris Scatena., 2008, Op.Cit.p.22.

determinando uma direção verticalizada por meio de relações desiguais de poder entre o “eu” europeu e o “outro” latino-americano, nos relatos de latino-americanos a perspectiva muda: o local observado, isto é, a Europa ou os Estados Unidos, é que são esperados como lugares de civilização. Intelectuais argentinos, como Sarmiento, por exemplo, tinham como pretensão conhecer as práticas e costumes dos povos ditos “civilizados”, a fim de encontrar soluções para os problemas identificados em seus países de origem.⁵⁵ Isto é, embora a visão e expectativas de viajantes latino-americanos do século XIX sejam contrárias, elas ainda estão fundamentadas na direção verticalizada imposta pelo olhar europeu.

A nova estruturação política, econômica e social do século XX, fundamentada por eventos como a consolidação das nações e do nacionalismo dos países americanos, as consequências decorridas pelo euroimperialismo e pela Primeira Guerra Mundial, os avanços tecnológicos nas comunicações e transportes e o surgimento de um novo sistema político e econômico na União Soviética que ameaçava a ordem econômica vigente tiveram impacto nos relatos de viagem subsequentes. Os relatos de brasileiros à URSS aqui estudados não se encaixam em uma direção verticalizada de relações desiguais de poder, pois dialogam com relatos de americanos, franceses, ingleses, espanhóis que também construíram suas versões a respeito da URSS, inclusive de maneira bastante semelhante. A dicotomia colono/colonizado cedeu espaço à dicotomia capitalismo/socialismo, alterando, principalmente, as funções dos relatos e as intenções de seus autores. É o que veremos a seguir.

Relatos de viagem de viagem no século XX: contribuições para uma dimensão política

Provavelmente um dos aspectos que mais contribuiu para as diferenciações do relato de viagem do século XX foi o aumento da facilidade de locomoção, como consequência dos incrementos na mobilidade a partir da década de 1840. A amplitude de linhas de trem, de companhias de navios a vapor como efeito do imperialismo emergente e, posteriormente, o surgimento de companhias aéreas passou a permitir a circulação de pessoas no mundo de uma maneira até então nunca vista. A fantasia de Julio Verne, *Volta ao mundo em oitenta dias*, publicada em 1873, tornou-se possível em 1890, quando uma

⁵⁵ Idem, p.23.

jornalista americana, Nellie Bly, produziu o feito não em oitenta, mas em setenta e dois dias.⁵⁶

Houve, por consequência, um aumento no número de relatos de viagem publicados. Ao mesmo tempo, o perfil dos viajantes e os motivos da escrita mudaram: se nos séculos anteriores os escritos de viagem eram produzidos em sua maioria por missionários, exploradores e cientistas, com a principal função de fornecer conhecimentos e descobertas à sociedade europeia, no período de transição entre os séculos XIX e XX o perfil dos viajantes tornou-se bastante heterogêneo, tanto pela sua ampliação de gênero – mulheres, mesmo desacompanhadas, passaram a viajar mais – quanto pela inclusão de poetas, romancistas, intelectuais, ou meros turistas.

Essa heterogeneidade de autores e a adquirida consciência da amplitude de culturas diversas fizeram com que a escrita de um relato de viagem se tornasse mais subjetiva. O relato, antes encarado como um possível manual para conhecimento de sociedades até então desconhecidas, tornou-se mais memorialístico. Segundo Michel Butor, o ato da viagem passou a justificar o ato da escrita por si só.⁵⁷ A narração, antes conectada a um didatismo ou a um propósito moral, abriu mais espaço para um estilo impressionista, com o interesse focado não apenas no que era percebido nas viagens, como também nas reações e consciência dos próprios viajantes.⁵⁸

Os relatos de viagem de europeus eram, por exemplo, não só divulgadores das consequências do imperialismo europeu e das atrocidades cometidas nos países africanos, mas também uma forma de questionar os valores e fundamentos da então civilização europeia. Segundo Carr, durante o período entre guerras é notável nos relatos certo aborrecimento com o mundo (*world weariness*), denunciando desilusão e desânimo com os pilares da civilização ocidental e seus impactos perante o resto do mundo.⁵⁹ Paul Fussell sugere que as viagens de ingleses desse período parecem ser mais sobre a fuga da sociedade

⁵⁶ CARR, Helen. “Modernism and travel (1880-1940). In: HULME, Peter. YOUNGS, Tim. Op.Cit., 2005.p.70.

⁵⁷ APUD, CARR, Helen. Op.Cit.p.74.

⁵⁸ Idem, Ibidem.

⁵⁹ Idem, p.81.

inglesa do que sobre a viagem em si. Os relatos, portanto, tornaram-se formas de escapismo de uma sociedade não desejada.⁶⁰

É no período entre guerras que surgem as consequências da Revolução Russa de 1917. A União das Repúblicas Soviéticas foi percebida por muitos como um símbolo contra as estruturas ocidentais, como a exploração imperialista, a incessante busca por lucro e o enaltecimento do individualismo em detrimento de um senso comum. Hobsbawm frisa que é praticamente impossível imaginar o que a Revolução de Outubro de 1917 significou para os homens de seu tempo, pois foi a primeira revolução proletária a empreender a construção da ordem socialista, provocando a certeza de que o socialismo triunfaria sobre o capitalismo.⁶¹ Sylvia Saítta ressalta ainda que a noção de revolução, palavra que expressa uma transformação violenta e profunda, se “*espacializou*”, convertendo-se a um lugar determinado no mapa e possível de ser visitado.⁶²

Após o período da Guerra Civil russa (de 1918 a 1921), a URSS passou a ser vista, a partir da década de 1920, como um local de “peregrinação” ou “contra-peregrinação”. Iniciou-se um forte turismo de massa formado por oficiais, voluntários, militantes intelectuais, jornalistas ou apenas curiosos a conhecer o novo regime. A partir de 1925, viagens de delegações operárias e camponesas abriram as estadias na União Soviética de categorias sociais que dificilmente viajavam ao exterior.⁶³

As novas formas de viagem, no entanto, não tinham muita semelhança com o turismo burguês do século XIX, pois não se tratava de conhecer uma civilização ou uma cultura estrangeira, e sim, de descobrir e analisar um novo sistema político, permeado por mecanismos de propaganda que mais tarde seriam copiados pela Alemanha e Itália.⁶⁴ As viagens encontravam-se em torno de uma luta política e propagandística em relação à imagem da União Soviética. Em *Au Pays de Soviets : Le Voyage Français en Union Soviétique 1917-1939*, foram levantados por Fred Kupferman 125 relatos de viagem,

⁶⁰ FUSSEL, Paul. *Abroad: British Literary Travelling Between the Wars*. New York & Oxford: Oxford University Press, 1980. APUD CARR, Helen, op.cit, p.83.

⁶¹ HOBBSAWM, E. J. *Revolucionários: Ensaios Contemporâneos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p.15.

⁶² SAÍTTA, Sylvia. *Hacia la revolución: Viajeros argentinos de izquierda*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2007, p.11.

⁶³ MAZUY, Rachel. *Croire Plutôt que Voir?: Voyages en Russie Soviétique (1919-1939)*. Paris : Odile Jacob, 2002, p.8.

⁶⁴ Idem, p.8.

publicados na França neste período, sendo a maioria a favor da imagem da URSS⁶⁵, muitos deles feitos por militantes do Partido Comunista francês e por peregrinos enviados pela “AUS”⁶⁶, Associação Francesa de Amigos da União Soviética. Já Rachel Mazuy, pesquisadora de relatos de viagem franceses de 1919 a 1939, tendo realizado sua pesquisa no início da década de 2000, indica a produção de mais de trezentos relatos e testemunhos de viagem à URSS de franceses.⁶⁷

Há um consenso entre os pesquisadores dos relatos de viagem à URSS sobre defini-los como relatos políticos. Ângela Kershaw, ao estudar relatos femininos de francesas e inglesas à URSS comenta que as narrativas são um modelo específico de escrita política.⁶⁸ Já Paul Hollander, autor de um trabalho que analisa intelectuais ocidentais que viajaram as sociedades socialistas como URSS, China e Cuba entre 1928 e 1978, indica que as viagens fazem parte de uma peregrinação política, onde é feito um tour reverencial a países atrativos politicamente e que se tornaram moldes no século XX.⁶⁹ Segundo ele, as narrativas de viagem fornecem mais do que um esboço de valores políticos: elas contêm a noção de boa e má sociedade e de justiça e injustiça do grupo analisado.⁷⁰

Sylvia Saítta, ao realizar uma compilação de relatos de viajantes argentinos de esquerda para países socialistas, comenta que a viagem à URSS inaugurou não só uma nova forma de viajar, mas também um novo modo de narrar a experiência da viagem. O relato de viagem de esquerda se internacionalizou, pois sua estrutura narrativa passou a se reiterar de viajante em viajante, independente do país de origem e da língua enunciada. Os relatos de diversos países, segundo ela, compartilham os mesmos tópicos, parecidas experiências e similares representações.⁷¹ Brigitte Studer salienta ainda que os relatos de viagem à URSS foram a formação de uma tradição nova, específica do século XX. São relatos de viagem

⁶⁵ KUPFERMAN, Fred. *Au Pays des Soviets : Le voyage français em Union Soviétique 1917-1939*. Paris: Collection Archives, 1979, p.17.

⁶⁶ “L’Association Française des Amis de L’Union Soviétique”.

⁶⁷ MAZUY, Rachel. *Croire plutôt que voir? Voyages en Russie Soviétique (1919-1939)*. Paris: Jacob, 2002.

⁶⁸ Kershaw, Angela. “French and British Female Intellectuals and the Soviet Union. The Journey to the USSR, 1929–1942.” *EREA 4.2* (automne 2006): 62-72. www.e-rea.org/250, p.64.

⁶⁹ HOLLANDER, Paul. *Political Pilgrims: Western Intellectuals in Search of the Good Society*. Estados Unidos: Transaction Publishers, 1998. p.xciii.

⁷⁰ HOLLANDER, Paul. *Op.Cit.*p.4.

⁷¹ SAÍTTA, Sylvia. *Op.Cit.*, p.21.

políticos que elaboram progressivamente o seu próprio sistema de referências, as suas regras narrativas e os seus próprios códigos.⁷²

No Brasil, relatos de viajantes europeus à URSS começaram a ser publicados a partir da década de 1930, inseridos em uma luta propagandística a respeito da União Soviética e o comunismo, travada entre editoras de linha marxista, como a Pax e Calvino Filho e editoras de literatura anticomunista, em especial a Editora Globo, de Porto Alegre, que passou a traduzir relatos contrários à URSS, na coleção chamada *Inquéritos sobre a Rússia*. A luta intensificou-se justamente na década de 1930, como consequência do aumento do prestígio soviético devido aos resultados do Primeiro Plano Quinquenal de Stalin e sua aparente imunização à crise de 1929.

Entre os viajantes brasileiros, é interessante observar que, Maurício de Medeiros, embora deputado federal pelo Rio de Janeiro em 1927, afirma estar à margem de qualquer cunho ideológico, explicitando que sua viagem foi feita de forma autônoma.⁷³ Médico, professor de patologia e de psiquiatria, foi a Paris como delegado à Conferência Interparlamentar de Comércio reunida em Versalhes em 1928, realizando sua viagem à URSS logo em seguida. A composição do seu relato é descrita já na capa, contendo: “notas de viagem – impressões – entrevistas – observações sobre o regime soviético”. Os 28 capítulos do livro são divididos por temas diversificados como “O problema da maternidade”, “Casamentos e divórcios”, “Museus”, “Comércio exterior”, “Os serviços sanitários”, etc., porém, é perceptível que seguem a ordem cronológica dos acontecimentos de sua viagem.

O viajante subsequente e também médico, Osório Thaumaturgo César, psiquiatra do Hospital Juqueri de São Paulo, viajou à URSS acompanhado de Tarsila do Amaral no segundo semestre de 1931, e embora não tivesse vinculações formais com o Partido, era simpatizante do PCB. Seu relato possui capítulos com temas mais abrangentes, de início contendo uma descrição geográfica e geológica, para então partir para os capítulos a respeito da organização econômica e social, arte e literatura, Leningrado e Moscou e um apêndice final contendo a Constituição da URSS e da RSFS (República Socialista Federativa Soviética da Rússia).

⁷² STUDER, Brigitte. “Le voyage en U.R.S.S et son “retour”. Le Mouvement Social 4/2003. n.205. pp.3-8. p.8. In: <http://www.cairn.info/revue-le-mouvement-social-2003-4-page-3.htm>

⁷³ MEDEIROS, Maurício de. *Russia*. Rio de Janeiro: Calvino Filho, 1931.p.8.

Cláudio Edmundo, engenheiro contratado pela URSS em junho de 1930, após finalizar seus estudos na escola especial de Arquitetura, escola superior de Concreto Armado e Instituto Superior de Urbanismo em Paris, para trabalhar durante seis anos como arquiteto-urbanista na construção de novas cidades, declara-se adepto à doutrina marxista. As oito cartas⁷⁴ que formam seu relato possuem um forte cunho teórico marxista e comunista, apresentando explicações sobre o materialismo histórico, a história da Revolução de Outubro, o regime comunista, além de diversas críticas à sociedade capitalista e suas características.

Da mesma maneira, Juvenal Guanabario, jornalista correspondente de um “grande jornal parisiense”, como ele mesmo afirma⁷⁵, deixa claro durante toda a narrativa sua contrariedade ao fascismo e seu favoritismo ao socialismo soviético e à revolução proletária. Seu relato se distingue por ter os capítulos divididos de acordo com os países visitados: “Italia Fascista”, “Projeção do Fascismo em escala mundial”, “Na Alemanha de Hitler” e, finalmente, “Na Rússia”.

Caio Prado Junior, tendo realizado sua viagem em 1933, é o único filiado ao PCB. Apesar de ter sido membro do Partido Democrático em 1928, chegando a apoiar Vargas nas eleições de março de 1930, sua decepção com a inconsistência política e ideológica da República Nova de Vargas fez com que ele se filiasse ao PCB em 1931. Seu relato quase não possui descrições ou impressões sobre a viagem, é o mais teórico, apresentando um ensaio a respeito da organização política, econômica e social da URSS, além de suas realizações materiais e culturais. De qualquer forma, Caio Prado não deixa de realizar algumas observações concernentes ao cotidiano soviético observado.

Os relatos aqui analisados podem ser inseridos na internacionalização das narrativas de viagem de esquerda, mesmo seus autores não estando, necessariamente, vinculados ao Partido Comunista. Uma das principais características comuns a essas narrativas seria o momento simbólico da passagem da fronteira. Saítta comenta que a narração de cruzamento da fronteira normalmente é um dos capítulos fundacionais, principalmente dos relatos de

⁷⁴ O autor, no entanto, comenta que foram enviadas dez cartas. Porém, na nota de rodapé n.44, há a informação de que nem todas as cartas foram recebidas. As cartas ausentes, de acordo com o autor, seriam referentes à Crítica do capital, de Marx (19-02-1931) e ao Regime Comunista (15/05/1931). EDMUNDO, Claudio. *Um engenheiro brasileiro na Rússia*. Rio de Janeiro: Calvino Filho, 1933. pp.187,188.

⁷⁵ Não foram encontradas informações biográficas de nenhuma ordem a respeito de Juvenal Guanabario e Claudio Edmundo. Coincidentemente (ou não), os prefácios de seus livros são assinados pela sigla [H,N], pela editora Calvino Filho.

viagem à URSS. Os viajantes expressam as dificuldades e a quantidade de papéis que tiveram que conseguir para estarem em regra, seus temores antes de enfrentar a alfândega e comentam sobre a sensação de, finalmente, cruzar a fronteira.⁷⁶ Essa característica é mais bem explicitada pelo relato de Medeiros: o livro possui quatro capítulos iniciais destinados a descrever as dificuldades para a obtenção do visto e a passagem pela fronteira, sendo eles: “Para entrar na Rússia”, “Uma ante-visão da Rússia Soviética”, “Pelo ar, a caminho da Rússia” e, finalmente: “A Chegada a Rússia”.⁷⁷

Apesar de ser uma característica recorrente nos relatos de viagem à URSS, Saítta observa que Mary Louise Pratt já havia constatado que as cenas de chegada são uma convenção em toda literatura de viagem, pois marcam o início das relações de contato e fixam os limites de sua representação. Embora a viagem à URSS não seja a descoberta de um novo mundo, Saítta sustenta que o cruzamento de fronteira feito pelos viajantes à URSS é literalmente um ritual de passagem entre dois mundos e dois tempos.⁷⁸ Atravessar a fronteira significava estar de frente com o radicalmente diferente: "A fronteira que separa dois mundos inteiramente irreconciliáveis - o mundo do capitalismo e o mundo do socialismo vai ficando pra trás."⁷⁹

Outro aspecto comum entre os relatos é que não é possível encontrar uma narrativa de viagem à URSS que não esteja repleta de comparações e analogias, principalmente com as sociedades de seus próprios autores, com o intuito de descrever ou analisar cenários e costumes soviéticos. Muitos também comparavam o que viam ao que já sabiam sobre o regime por terem lido em outros relatos de viagem, notícias, ou livros sobre a URSS. Nenhum viajante chegava ao país sem estar munido de uma expectativa do que iria encontrar. Kershaw comenta que os viajantes revelam uma determinação em observar se “o que todos estão dizendo sobre a Rússia” é verdadeiro, demonstrando consciência de que muita coisa já vinha sido dita sobre o país.⁸⁰

⁷⁶ SAITTA, Sylvia. Op.Cit. p. 21. É válido observar que as características aqui apontadas não necessariamente dizem respeito apenas aos relatos de viagem à URSS, podendo ser encontradas em relatos de outros períodos. No entanto, mostram-se comuns nos relatos de viagem analisados pelos pesquisadores aqui citados e por essa pesquisa.

⁷⁷ MEDEIROS, Maurício de. Op.Cit.

⁷⁸ SAÍTTA, Sylvia. Op.Cit. p.22.

⁷⁹ GUANABARINO, Juvenal. *O que vi em Roma, Berlim e Moscou*. Rio: Calvino, 1934. p.137.

⁸⁰ KERSHAW, Angela. Op.Cit. p.65.

Comentando sobre os relatos de viagem de francesas e inglesas que realizaram a viagem, Kershaw cita diversas características em comum encontradas, não só voltadas para as viajantes do gênero feminino, também encontradas nos relatos dos viajantes brasileiros: normalmente sempre há uma explicação sobre os motivos de o autor ter decidido realizar a viagem e quais são seus comprometimentos políticos ou a afirmativa da inexistência deles. A parte do relato que diz respeito às preparações para o retorno é acompanhada por uma reflexão sobre se o autor está feliz ou não por partir, além de uma conclusão a respeito das impressões da sociedade soviética. Ela comenta ainda que os autores de tais narrativas seguiam o mesmo itinerário, definidos pela Intourist ou VOKS: Leningrado, Moscou e áreas circundantes, e, algumas vezes, Kiev, na Ucrânia.⁸¹

As viagens à URSS trazem, contudo, uma peculiaridade em relação àquelas realizadas em períodos anteriores, no que diz respeito à forma de recepção dos viajantes. Havia uma preocupação de autoridades e órgãos soviéticos em receber os visitantes, algo que foi denominado por alguns historiadores de “técnicas de hospitalidade”. Tais técnicas configuravam-se em medidas designadas pela União Soviética para influenciar a percepção e o julgamento de seus convidados, como o conforto do hotel em que se hospedavam, a constante presença de guias em seus passeios e o controle de locais permitidos para visitas, tentando obter, segundo Hollander, o máximo de controle possível sobre as experiências dos viajantes.⁸²

Kershaw observa que as “técnicas de hospitalidade” tinham se transformado em verdadeiros “clichês” já em meados dos anos de 1930, mas que uma consciência dos viajantes a respeito de sua existência não significava que elas não surtiram efeito em suas percepções. De qualquer forma, segundo ela, as escritoras analisadas em sua pesquisa problematizaram a própria veracidade de suas narrativas, ilustrando possíveis debates em torno do surgimento de um “novo relato”. Embora as viajantes analisadas por Kershaw afirmem que o valor de sua curiosidade se apresenta como um caminho em busca da verdade, também se mostravam cientes de possíveis conclusões superficiais:

Lauret diz que é cedo para dar conclusões definitivas (12),
Haldane faz observações iniciais dizendo que “não vai ver e aprender o

⁸¹ KERSHAW, Angela. Op.Cit. p.65.

⁸² HOLLANDER, Paul. Op.Cit. pp.347-399.

suficiente, em apenas dois meses, para trazer qualquer coisa que não seja um relatório superficial”, Curie estava consciente de que uma viajante sozinha poderia ver apenas um vislumbre da situação geral do conflito e Bosserdet conclui que “não é nem um mês, nem dois que poderá se formar uma opinião”.⁸³ [tradução própria].

Os viajantes brasileiros não apresentam uma autoavaliação de suas opiniões. Ao contrário, demonstram uma preocupação em exacerbar a veracidade de seus relatos, se colocando como fidedignos da “verdade” soviética. É interessante notar que tais autores são contemporâneos aos mesmos historiadores brasileiros que se utilizavam dos relatos como fontes de informações inquestionáveis. Os prefácios dos relatos brasileiros comportam quase sempre a afirmação da “veracidade do que se segue, a facticidade do que é descrito”.⁸⁴ Henri Barbusse, escritor francês que publicou seu próprio relato de viagem à URSS em 1930⁸⁵, é autor do prefácio do relato de Osório Taumaturgo Cesar e afirma: “Ele viu muitas coisas, de onde nos transmite a imagem exata”.⁸⁶

A preocupação com a afirmação da veracidade era tão extrema que havia certa competição sobre qual deles apresentaria uma imagem mais transparente da URSS. No prefácio do relato de Cláudio Edmundo, publicado em 1933, montado a partir de cartas que foram possivelmente enviadas a um amigo não identificado, há o seguinte trecho:

Já conhecemos a opinião de dois cientistas brasileiros sobre a U.R.S.S. Mauricio de Medeiros e Osório Cesar a visitaram. De volta publicaram as suas impressões, com enorme sucesso. Mas estas impressões não podiam ser completas nem perfeitas. Foram recolhidas num relance, entre o abrir de malas da chegada e as despedidas da partida. Foram visões de dois ou três meses de permanência, impressões de visitantes.

Os inimigos da União Soviética procuram fazer crer que lá existe uma sala de visitas, onde os hóspedes são obrigados a ficar, sem poder ver o que se passa no interior... É ridículo. Mas ainda há gente que acredita nesta e noutras bobagens inventadas contra a U.R.S.S.

As impressões de Claudio da Costa são bem diferentes. Ele não é apenas uma visita. É de casa. Tornou-se íntimo. Conhece a sala de

⁸³ KERSHAW, Angela. Op.Cit. p.66. Relatos citados: LAURET, Magdeleine. *Une femme en URSS*. Paris: Editions de la Revue mondiale, 1933; HALDANE, Charlotte. *Russian Newsreel*. London: Secker & Warburg, 1942; CURIE, Eve. *Journey Among Warriors*. London: Heineman, 1943 e BOSSERDET, Louise. *Une Française en URSS*. Alger: Editions de Mauretanie, 1937.

⁸⁴ STUDER, Brigitte. Op.Cit.p. 6.

⁸⁵ BARBUSSE, Henri. *Russie*. Flamarion, 1930.

⁸⁶ CESAR, Osório Taumaturgo. *Onde o proletariado dirige: visão panorâmica da URSS*. São Paulo: [s.n.], 1932. p.6. Tradução minha.

visitas, e tudo mais. Vive na Rússia e trabalha nos seus Planos de 5 anos. Eis porque suas impressões merecem fé e têm mais valor que as colhidas pelos que viram a Rússia como visitas de cerimônia.⁸⁷

Não sendo o bastante, os autores procuravam passar também a ideia de imparcialidade perante o que havia sido observado, independente de suas convicções políticas. O autor não identificado do prefácio do relato de Juvenal Guanabarino, “H.N” (o mesmo de Claudio Edmundo) comenta que Guanabarino não tem nenhum partidarismo e nenhum juízo *a priori*, o que o permite submeter os fatos a uma análise crítica, sem disfarces e com sua “infinita complexidade e transcendência”⁸⁸. Em seu relato publicado em 1934, Caio Prado Junior afirma que seu livro é um depoimento imparcial de tudo o que viu, e que procurou apenas ser sincero.⁸⁹ Da mesma maneira, Maurício de Medeiros assevera:

Feito com as notas, que eu tomava na ocasião para reavivar minha memória, *ele só contem o que vi e pude observar. Não há fantasia, nem critica. Cada leitor julgue por si as coisas (...)* Leia o meu livro... Tudo que nele está é a expressão da verdade. E a verdade é uma coisa tão relativa, que ter-se aproximado dela já deve contentar o escritor mais exigente e o leitor mais ranzinza...”⁹⁰ [grifos meus].

É interessante perceber ainda que essa questão da “imparcialidade política” perante o que é observado parece ser algo específico dos relatos de viagem do século XX, pois não chega a ser uma característica comentada nas pesquisas de viajantes de outras épocas, talvez por não ser um fator tão relevante aos próprios autores dos relatos, ou aos pesquisadores de relatos anteriores, embora não deixe de ser, às vezes, comentado:

A autora não tem pretensões à perfeita imparcialidade, pois nem sempre esta significa virtude. Mas, sabendo que nenhum bem humano pode ser alcançado sem certa dose de mal, espera ter sempre encarado as questões pelos dois lados, ainda que isto lhe tenha custado bastante esforço na composição.⁹¹

⁸⁷ EDMUNDO, Claudio. Op.Cit..pp.v, vi. Prefácio assinado por H.N.

⁸⁸ GUANABARINO, Juvenal. Op.Cit. p.4.

⁸⁹ PRADO JUNIOR, Caio. *URSS: Um Novo Mundo*. São Paulo: Nacional, 1935. p.7

⁹⁰ MEDEIROS, Maurício. Op.Cit., p.8.

⁹¹ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil e de uma estada nese país durante parte dos anos de 1821, 1822, 1823*. SÃO PAULO: Companhia Editora Nacional, 1956.

In: <http://www.brasiliana.com.br/obras/diario-de-uma-viagem-ao-brasil-e-de-uma-estada-nesse-pais-durante-parte-dos-anos-de-1821-1822-e-1823/preambulo/5/texto>

É perceptível que a imparcialidade não é assumida por Maria Graham, viajante britânica que esteve no Brasil na década de 1820, mas é visível a sua preocupação em explicitar que procurou observar “as questões pelos dois lados”. A ideia de se mostrar imparcial perante os fatos está ligada ao caráter político do texto. Dessa forma, pode-se inferir que o fato de algumas pesquisas não denunciarem o viés político das narrativas de outras épocas não significa necessariamente que estas não o possuam. Seja pelos temas escolhidos entre os historiadores, que têm se concentrado em temas como a situação da mulher no século XIX ou as condições da escravidão, seja pela maioria dos viajantes não apresentar uma preocupação política como algo prioritário em suas trajetórias, tais circunstâncias não tiram a possibilidade de se encontrar aspectos políticos em tais relatos. Maria Graham, por exemplo, esteve no país justamente nos anos anteriores à Independência do Brasil, e apresenta uma sutil consciência de que fatos podiam estar sendo deturpados na Europa:

Talvez só haja de novo no Diário, relativamente aos acontecimentos públicos, a exposição em conjunto de notícias que chegaram isoladas à Europa, e ainda o registro da impressão produzida no local por ocorrências que, de longe, podiam ser apreciadas de maneira diferente. Alguns fatos foram sem dúvida deformados pelas fontes interessadas através das quais chegaram ao público; outros, pela ignorância dos informantes; e a maior parte pelo espírito partidário, que encara sempre, ora com entusiasmo, ora com malevolência, a conquista da liberdade em qualquer parte do globo.⁹²

A função exercida por um relato não é definida somente por quem o escreve, mas também por quem o lê, isto é, pela própria sociedade do viajante. Se considerarmos o momento de luta política e propagandística em que se encontravam os relatos de viagem do século XX, e, especificamente, os da década de 1930, fica mais clara a valorização do relato testemunho para a época, uma vez que seus autores argumentavam que, diferentemente de informações de outros meios de comunicação que poderiam estar sendo deturpadas por influências partidárias, eles viram com seus próprios olhos o que ocorria na URSS.

Dessa forma, a necessidade de seus autores – ou dos prefaciadores – de levantarem a bandeira da imparcialidade e da veracidade torna-se compreensiva. Tanto a sociedade

⁹² Idem, *Ibidem*.

brasileira quanto as sociedades de viajantes de outras partes do mundo estavam sendo bombardeadas por notícias a favor e contrárias ao novo sistema soviético. Trabalhadores de diversas partes do mundo se uniam em partidos comunistas ligados à Internacional Comunista para proclamar a revolução mundial do proletariado. Isto é: independente dos viajantes narrarem suas observações sem enormes perspectivas políticas, ou independente de procurarem construir uma imagem que não fosse totalmente favorável ou contrária à URSS, como acontece no caso de Maurício de Medeiros, os relatos de viagem já nasciam com a função de ser uma arma política perante os olhos da sociedade.

Possivelmente devido a essas peculiaridades dos relatos de viagem do século XX, as pesquisas que os utilizam não adentraram muito na questão da imagem da URSS formada por seus autores. Até então, o que se percebe é que os viajantes permanecem em foco. Paul Hollander, afirmando que os escritos revelam muito mais sobre os autores e suas sociedades do que sobre os países ostensivamente representados, no caso, URSS, China e Cuba⁹³, encara os relatos como um alicerce para examinar conexões entre alienação e afirmação e entre convicção e descrença de intelectuais, pois estão constantemente fazendo comparações entre os sistemas visitados. As técnicas de hospitalidade e a própria alienação dos intelectuais, segundo ele, impossibilitariam que as representações construídas pelos viajantes a respeito da sociedade soviética tivessem qualquer sentido.

Rachel Mazuy, pesquisadora de relatos de viagem franceses de 1919 a 1939, teve como principal intenção descobrir quem partiu e por quais objetivos, tentando isolar grupos específicos em suas atitudes, a fim de compreender como se efetuou a viagem (preparação, trajeto e experiências) e em qual medida isso influenciou o itinerário político e social dos viajantes. “São por conseguinte, os próprios viajantes que interessam-nos, mais que a imagem trazida pelos viajantes. (...) Escolhemos centrar a análise nos militantes, e todas as viagens diretamente políticas.”⁹⁴

No Brasil, há apenas uma pesquisa na historiografia que utiliza os relatos de viagem de brasileiros à URSS como objeto central de estudo. Em *Relatos de viagens à URSS em tempos de Guerra Fria: uma prática de militantes comunistas brasileiros*, Edvaldo Sotana apresenta como um dos objetivos compreender as paixões e as ações políticas de

⁹³ HOLLANDER, Op.Cit.p.4.

⁹⁴ MAZUY, Rachel. Op.Cit. p.9. Tradução minha.

comunistas brasileiros relacionadas à prática da viagem.⁹⁵ Os relatos de viagem de não comunistas são utilizados de uma forma a auxiliar a análise, não sendo objetos de estudo em si, sendo que a maioria dos relatos de viagem em livro de brasileiros existentes são de simpatizantes ao comunismo.

Em relação à análise dos relatos, Sotana centra-se nas estratégias narrativas utilizadas pelos comunistas para representar a Revolução Russa, Lênin e Stálin. Ele justifica tal escolha afirmando parecer impossível analisar tudo o que os intelectuais escreveram sobre a organização política, social e econômica da URSS, e explica que faz tal delimitação por não ser possível aos viajantes observarem esses temas durante o período de viagem, possibilitando a distinção das narrativas de comunistas de outros relatos produzidos por simpatizantes ou indivíduos contrários ao comunismo.⁹⁶ Sotana decide-se por tais temas porque os comunistas ousaram falar sobre eles nos relatos, diferentemente dos outros viajantes. Tal seleção, de certa forma, desvaloriza a importância da viagem em si, uma vez que provavelmente as opiniões a respeito desses temas estavam preconcebidas pelos intelectuais comunistas antes de sua viagem.

Em suma, a pesquisa envolvendo relatos de viagem do século XX encontra-se em um momento de aprofundamento. É necessário não só buscar os significados atribuídos à viagem pelos viajantes e por sua sociedade, considerando suas condições de produção, sua repercussão e apropriações que eles tiveram junto ao público leitor, como também aqueles que estão intrínsecos na forma com que constroem a sociedade que observam. Afinal, como bem observa Pratt:

Nenhum processo de explicação poderia ser mais excitante (e desconcertante) do que nossa crescente constatação de que a história é direcionada tanto pela maneira como as pessoas imaginam que as coisas são, quanto pela maneira como as coisas realmente podem ser.⁹⁷

⁹⁵ SOTANA, Edvaldo Correa. *Relatos de viagens à URSS em tempos de Guerra Fria: uma prática de militantes comunistas brasileiros*. Curitiba: 2006, p.23.

⁹⁶ Idem, p.19.

⁹⁷ PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: Edusc, 1999. p.17.

II

Por trás do olhar do observador: O Brasil anticomunista e seus viajantes

Ao realizar uma viagem, o principal parâmetro de comparação de um viajante para analisar o que observa é a sua própria sociedade. Qualidades, defeitos, costumes exóticos, semelhanças e diferenças da sociedade observada, serão elencados de acordo com a sua bagagem natal. Por conta disso, para compreender o olhar de um viajante, é fundamental observarmos de onde vem esse olhar, e como ele foi construído. Para tal, este capítulo analisa de início o olhar das autoridades brasileiras sobre o surgimento do regime soviético, por meio, principalmente, de documentos do arquivo histórico do Itamaraty do Rio de Janeiro. A observação da não só ausência de relações diplomáticas entre Brasil e URSS, como também do programa anticomunista adotado pelas autoridades brasileiras e jornais oficiais, permitem uma melhor compreensão do significado de uma viagem à ditadura do proletariado nas décadas de 1920 a 1930.

Em vista disso, não é de se espantar que os responsáveis pelas primeiras viagens e primeiros contatos com os bolcheviques foram os comunistas brasileiros. A fundação do PCB em 1922 e seu reconhecimento pela Internacional Comunista em 1924 elevaram as possibilidades de viagens de comunistas à URSS em meados da década de 1920. As primeiras viagens e observações de comunistas brasileiros sobre sua principal bandeira, a pátria dos trabalhadores, são também analisadas.

Ao final desta década e início da década de 1930, os avanços econômicos soviéticos e o surgimento de uma melhor estrutura soviética de recepção para intelectuais não diretamente ligados ao Partido Comunista do Brasil foram o estopim para o início de uma peregrinação de curiosos intelectuais de todo o mundo, dentre eles, os autores dos relatos aqui estudados. Conhecê-los, investigar suas relações com a sociedade brasileira e a forma como eles foram recepcionados de volta ao Brasil, é o que este capítulo propõe.

O Itamaraty e o programa anticomunista brasileiro

No dia 9 de abril de 1917, após a queda do czar Nicolau II da Rússia, o Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, Wenceslau Pereira Gomes, escreveu ao representante do Governo Provisório Russo, o então Presidente Alexander Kerenski, dizendo reconhecer seu governo e assegurando seu empenho em contribuir para “manter as mais cordiais relações de amizade com esse Governo e o Povo Russo.”⁹⁸ A carta foi enviada após o governo do Brasil receber garantias do Presidente Kerenski de que desejava relações amigáveis com o Brasil, além de uma mensagem do departamento do Estado em Washington que urgia o reconhecimento do governo russo como forma de reforçar o prestígio de uma “revolução democrática” na Rússia.⁹⁹

As relações cordiais de amizade duraram menos de oito meses. Quando, em novembro de 1917, os bolcheviques derrubaram Kerenski e implantaram a República dos Soviets, representantes do Itamaraty ignoraram o fato¹⁰⁰ e ficaram no aguardo da reação de forças a favor de Kerenski, como inclusive informavam alguns jornais da época. *O Paiz*, em 12 de novembro de 1917, publicou: “O governo chefiado pelo Sr. Lênin reconhece-se incapaz de deter as forças consideráveis de Kerenski.”¹⁰¹

Com o passar do tempo, os próprios representantes diplomáticos do governo russo tentavam “colocar panos quentes” sobre a situação de seu país. Em março de 1918, Alexandre Scherbatskoy, Conselheiro russo do Governo Provisório, alertou o Ministro das Relações Exteriores do Brasil, Nilo Peçanha, que um partido político afiliado às doutrinas comunistas rendeu “temporariamente” o governo do país, mas que o povo russo não abandonara a luta, tendo recebido a notícia de que forças vivas do país estavam em vias de reconstituição. Ele solicitou, em seguida, que, em nome do povo russo, o governo brasileiro

⁹⁸ Carta de Wenceslau Pereira Gomes ao representante do Governo Provisório Russo, de 09/04/1917. Pasta: “Correspondência Brasil – Rússia”. Arquivo Histórico do Itamaraty do Rio de Janeiro (AHI-RJ).

⁹⁹ HILTON, Stanley. *Brazil and the Soviet Challenge 1917-1947*. Austin: Texas Press, 1991. p. 10. p.10.

¹⁰⁰ BANDEIRA, Moniz; MELO, Clovis e ANDRADE, A.T. “O Itamaraty nada viu”. *O Ano Vermelho: A Revolução Russa e seus reflexos no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1980. p.299. Apêndice.

¹⁰¹ Idem, p.106. “Dez dias que abalaram o mundo”. Este capítulo apresenta trechos de diversos jornais como *A Noite*, *O Imparcial*, *Jornal do Brasil*, etc., todos eles comungando da certeza da vitória de Kerenski sobre as forças dos “maximalistas” (bolcheviques).

não aceitasse este governo, uma vez que ele não tinha nenhuma autoridade para falar em nome da Rússia.¹⁰²

Antes disso, em fevereiro de 1918, o Itamaraty e Wenceslau Gomes já haviam decidido romper relações diplomáticas com Moscou.¹⁰³ Não foi encontrada nenhuma tentativa de comunicação do governo bolchevique com o governo brasileiro. A representação russa no país, entretanto, permaneceu até 1920, sendo contrária às forças bolchevistas, o que contribuiu para a ideia de que a permanência dos bolcheviques no poder fosse algo temporário. Por já não receberem mais nenhum recurso financeiro de seu país, a Legação da Rússia fez um pedido de auxílio financeiro em julho de 1918, tendo como uma das justificativas o fato de que os governos da Grã-Bretanha, França e Estados Unidos auxiliaram seus funcionários diplomáticos e consulares. Era, portanto, “um dever moral dos estados aliados ajudarem as representações legais da Rússia com os quais eles são aliados.”¹⁰⁴

Além disso, a Legação argumentou que, possivelmente, após a guerra na Rússia, haveria um grande movimento migratório nos dois sentidos, tanto de famílias russas retornando à sua pátria quanto de novos imigrantes russos. A presença do consulado russo seria ainda necessária para o desenvolvimento das relações comerciais entre os países, podendo o Brasil exportar suas mercadorias à Rússia. Ao final, é apresentado um orçamento anual do consulado do Rio de Janeiro dos anos anteriores, chegando à conclusão de que os gastos por ano do consulado seriam de 43 a 48 mil contos de réis. O documento afirma ainda que, após a legalização do governo russo e do restabelecimento das relações diplomáticas dos países, a Rússia certamente reembolsaria as possíveis somas adiantadas pelo governo brasileiro.

Em 31 de outubro de 1918, o Governo brasileiro respondeu ao encarregado dos negócios da Legação da Rússia, Georges Brandt, dizendo adiantar a quantia de 20 mil contos de réis. No começo de 1919, já no governo do Presidente Delfim Moreira, há um segundo adiantamento realizado no valor de 25 mil contos de réis. Possivelmente, no início de 1920, em resposta a uma nova solicitação de recursos financeiros feita por Georges

¹⁰² Carta Alexandre Scherbatskoy ao Ministro Nilo Peçanha, de 25/05/1918. “Correspondência Brasil – Rússia”. AHI-RJ.

¹⁰³ HILTON, Stanley. Op. Cit. p. 10.

¹⁰⁴ Memorandum da Legação da Rússia ao Ministério das Relações Exteriores de 08/07/1918. Correspondência Brasil-Rússia. AHI-RJ. Documento em francês. Tradução minha.

Brandt, houve outro empréstimo para o consulado russo, uma vez que no mesmo documento de solicitação segue um parecer em manuscrito para o presidente brasileiro informando que poderia ser feito para aquele ano um adiantamento de 20 mil contos de réis, caso ele assim concordasse.¹⁰⁵

Somente em dezembro de 1920, após três anos da Revolução Russa, o Consulado russo no Rio de Janeiro encerrou suas funções. Georges Brandt, seu principal representante, informou ao governo brasileiro que recebera uma ordem telegráfica do Sr. Gierts, diretor do serviço diplomático em Paris do Governo do sul da Rússia, solicitando que fossem finalizadas as funções da Legação do Rio de Janeiro. Na mesma carta de 30 de novembro 1920, ele comentou sobre sua intenção de ir para a Europa para se unir à sua família, não tendo, no entanto, recursos financeiros para bancar a viagem, argumentando que as subvenções realizadas nos últimos três anos pelo governo brasileiro foram inferiores aos gastos do consulado, o que fez com que tivesse que pedir ajuda de recursos à sua família. Ao final, diz contar com a generosidade tão conhecida do governo do Brasil, aquela que, ele tem certeza, lhe ajudaria na medida do possível, para que pudesse embarcar para a Europa e procurar sua família entre os refugiados de Sébastopol¹⁰⁶, por ele já não ter mais notícias dela.¹⁰⁷

Abaixo, no mesmo documento, vem escrita em manuscrito e cor azul uma curta resposta ao pedido de Brandt, possivelmente do Itamaraty ou do Presidente do Brasil: “Não”. Ele é seguido de uma nota do dia 02 de dezembro de 1920, manuscrita em cor preta, recomendando para que seja respondido que o governo brasileiro sente muito por não ser possível, naquele momento, prestar o auxílio pedido. Ao final da pasta consultada, um rascunho de uma carta manuscrita do dia 08 de dezembro de 1920 do Ministro Azevedo Marques a Georges Brandt anuncia que “o governo, *como tanto desejaria* – essa parte acrescentada em um colchete - não pode responder ao apelo”.¹⁰⁸ Na última correspondência de Georges Brandt para o governo do Brasil, ele procura saber se o Governo brasileiro se

¹⁰⁵ Memorandum enviado por Georges Brandt, enviado ao Ministério das Relações Exteriores, de 22/01/1920. “Correspondência Brasil-Rússia”. No documento há uma nota de “Azevedo” (possivelmente José Manuel de Azevedo Marques, Ministro das Relações exteriores da época), solicitando que o documento fosse remetido ao presidente. AHI- RJ.

¹⁰⁶ Vila da Ucrânia, situada no sudoeste da Península de Crimeia.

¹⁰⁷ Carta de Georges Brandt ao Ministério das Relações Exteriores, de 30/11/1920. “Correspondência Brasil-Rússia”. AHI-RJ.

¹⁰⁸ Carta de Georges Brandt ao Ministério das Relações Exteriores, de 08/12/1920. “Correspondência Brasil-Rússia”. AHI-RJ.

disponibilizará em assumir a proteção dos interesses dos cidadãos russos que restam no país sem nenhuma representação diplomática. Solicitava ainda a guarda dos arquivos da Legação e do Consulado, requerendo saber para onde e para quem ele deveria remeter as dez caixas de arquivo. Pede, apenas, um passaporte para a França e informa que todos os serviços do Consulado seriam liquidados até o dia 15 de dezembro de 1920.¹⁰⁹

Assim, de maneira não muito cordial, foram finalizados os contatos diplomáticos entre Brasil e os últimos representantes do Governo Provisório da Rússia. Stanley Hilton, um dos poucos historiadores das relações exteriores entre Brasil e URSS, salienta que entre 1918 e 1961, Brasil e URSS mantiveram laços diplomáticos formais por apenas 31 meses, ao final da Segunda Guerra Mundial, entre 1945 e 1947.¹¹⁰ No entanto, apesar do curto tempo de relações, ele sugere que, possivelmente, a URSS ocupou um lugar excepcional na história da política externa brasileira, pois foi o único ator externo cujo comportamento, real ou atribuído, de fato influenciou a estrutura do Estado do Brasil, “encorajando a imposição de um sistema de controle social em 1930 sem precedentes na história do país.”¹¹¹

Esse profundo temor da nova direção de Moscou, exposto pelos próprios representantes consulares do Governo Provisório, foi fundamentado pela inauguração da III Internacional Comunista ou Comintern, em março de 1919, uma vez que tal organização tinha como objetivo central promover a Revolução Proletária pelo mundo, instigando a adesão dos trabalhadores ao comunismo e a criação de diversos Partidos Comunistas. Embora fosse um órgão com o objetivo de representar todos os Partidos Comunistas, ela apresentava, segundo Pinheiro, uma dualidade: “defesa do poder soviético na Rússia e preparação da Revolução Mundial”¹¹², estando, portanto, sob as ordens do governo soviético.

Desta forma, a III Internacional estava diretamente ligada à política externa soviética, o que contribuiu para a inquietação do governo de diversos países. Movimentos operários, surgimento de partidos comunistas, interrupção de laços comerciais, questões

¹⁰⁹ Carta de Georges Brandt ao Ministério das Relações Exteriores, de 07/12/1920. n.42. “Correspondência Brasil – Rússia”. AHI-RJ.

¹¹⁰ HILTON, Stanley. Op.Cit. p.ix.

¹¹¹ Idem, pp. x, xi.

¹¹² PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da Ilusão: A Revolução Mundial e o Brasil (1922-1935)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 32.

diplomáticas envolvendo imigração eram os problemas centrais encarados pelos governos da América Latina.¹¹³

No Brasil, as reivindicações de movimentos operários já se ampliavam desde o início do século XX. As péssimas condições de trabalho, a falta de leis trabalhistas que garantissem condições mínimas para uma melhor qualidade de vida e segurança, além do aumento do custo de vida durante a Primeira Guerra Mundial, contribuíram para que grandes movimentos grevistas ocorressem entre 1917 e 1919. Em São Paulo, só no ano de 1917, houve 14 greves. No movimento de maior proporção, durante a greve geral de julho de 1917, a cidade de São Paulo chegou a ficar totalmente paralisada, com comércio fechado e transportes parados. Os grevistas tomaram conta da cidade por trinta dias e o governo chegou a abandonar a capital.¹¹⁴ Após a realização de diversos comícios, foi firmado um compromisso entre o governo de São Paulo e o Comitê de Defesa Operária, atendendo a algumas das reivindicações do movimento.¹¹⁵ Obviamente, nem todas elas foram realizadas. Diversos líderes grevistas foram presos ou deportados. Após a declaração de estado de sítio pelo governo de Wenceslau Brás, foram fechadas uniões de organizações operárias e gráficas de jornais proletários.

A repressão durante a década de 1920 não seria diferente. Os governos de Epitácio Pessoa e de Artur Bernardes transcorreram, em sua maior parte, sob a vigência do estado de sítio. Revoltas tenentistas e civis contra o poder oligárquico, principalmente durante o governo de Artur Bernardes, preocuparam as autoridades brasileiras.¹¹⁶ O estado de sítio decretado após a revolta paulista de julho de 1924 serviu como pretexto para a investida policial contra associações operárias, consideradas inimigas do governo. Apesar de não terem participado do movimento de 1924, os militantes operários sofreram retaliação das

¹¹³ HILTON, Stanley. Op. Cit. p. 2.

¹¹⁴ BANDEIRA, Moniz. Op. Cit. p.57.

¹¹⁵ Eram onze as reivindicações do Comitê de Defesa Proletária: 1.º Que sejam postas em liberdade as pessoas detidas por motivo de greve; 2.º Que seja respeitado o direito de associação para os trabalhadores; 3.º Que nenhum operário seja dispensado por haver participado ativa e ostensivamente do movimento grevista; 4.º Que seja abolida a exploração do trabalho de menores de 14 anos nas fábricas, oficinas, etc.; 5.º Que os trabalhadores menores de 18 anos não sejam ocupados em trabalhos noturnos; 6.º Que seja abolido o trabalho noturno das mulheres; 7.º Aumento de 35% dos salários inferiores a 5\$000 (contos de réis) e de 25% para os mais elevados; 8.º Que o pagamento dos salários seja efetuado pontualmente, a cada 16 dias ou, a mais tardar 5 dias após o vencimento; 9.º Que seja garantido aos operários trabalho permanente; 10º Jornada de 8 horas e semana inglesa; 11º Aumento de 50% em todo o trabalho extraordinário. Idem, p. 62.

¹¹⁶ Movimentos principais do início da década de 1920: Revolta do forte de Copacabana em 1922, guerra civil gaúcha de 1923, levante de São Paulo em 1924 e início da Coluna Prestes em 1925 no Paraná.

forças legalistas.¹¹⁷ O PCB, Partido Comunista do Brasil, fundado em março de 1922, teve seus arquivos confiscados pela polícia em junho de 1923 e foi colocado na ilegalidade assim que o estado de sítio foi decretado.¹¹⁸

A repressão policial sobre os movimentos político-sociais também foi incrementada: houve a criação, em 1924, de duas inspetorias, a “seção de ordem social” e a “seção de segurança pública”, contribuindo para exercer “constante vigilância sobre agitadores, sociedades operárias, estabelecimentos industriais, agremiações e toda e qualquer reunião a que concorressem pessoas exaltadas”.¹¹⁹ Em São Paulo, em dezembro de 1924, foi criada a Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS), com o objetivo de reorganizar a polícia do Estado. O DOPS passou a ter a tarefa de identificar os “indesejáveis”, os “agitadores estrangeiros” ou aqueles que militassem em sindicatos ou partidos políticos, sendo sua implementação bem recebida pelos empresários paulistas. Em 1928, a Secretaria de Justiça e Segurança Pública em São Paulo afirmava que já haviam sido identificados 102654 dos 300 mil operários do Estado.¹²⁰

O Itamaraty teve seu papel nesse processo, mantendo relações de troca de informações com os chefes de polícia dos estados brasileiros. Pinheiro comenta que já em agosto de 1903, o barão do Rio Branco havia recomendado ao chefe de Polícia do Estado de São Paulo reprimir agitadores estrangeiros, os quais, segundo ele, gozavam de uma longa tolerância por parte das autoridades brasileiras.¹²¹ Em 1924, revelações teriam sido feitas pelo governo inglês, sobre uma conspiração internacional, tendo a polícia brasileira descoberto documentos em Berna, na Suíça. Segundo Pinheiro, tais informações sustentaram o projeto do deputado Aníbal de Toledo que aumentava as penas dos artigos do Código Penal referentes à violência nas greves.¹²² Seu projeto deu origem à Lei de repressão ao Anarquismo, de 1921, e à Lei Celerada de 1927, já no governo de Washington Luís. A lei censurava jornais que tivessem voz de oposição ao governo e proibia a população de organizar reuniões, permitindo que o governo fechasse, sem justificativas,

¹¹⁷ PINHEIRO, Paulo Sérgio. Op.Cit. p. 107.

¹¹⁸ CHILCOTE, Ronald. H. *Partido Comunista Brasileiro: Conflito e Integração*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982. p. 33.

¹¹⁹ PINHEIRO, Paulo Sérgio. Op.Cit. p.110. Inclusive, foram encontrados os prontuários dos próprios viajantes estudados nesse trabalho, como veremos adiante.

¹²⁰ PINHEIRO, Paulo Sérgio. Op.Cit. p. 111.

¹²¹ PINHEIRO, Paulo Sérgio. Op.Cit. p.117.

¹²² Idem. p.118.

qualquer agremiação que pudesse servir de ameaça à ordem pública. Durante o período de um mês de 1928, a polícia fechou quinze reuniões de trabalhadores e deteve mais de 800 pessoas.¹²³

Nos arquivos do Itamaraty foram encontradas correspondências, a partir da segunda metade da década de 1920, dizendo respeito à propaganda comunista, aos avanços da III Internacional e às relações da URSS com outros países, muitas delas seguidas de recortes de jornais ou revistas, não apenas exteriores, como também de periódicos brasileiros, o que denota uma preocupação a respeito do que estava sendo divulgado. A presença soviética na América Latina tornava-se mais ameaçadora, uma vez que o México havia decidido restabelecer relações diplomáticas com a URSS em 1924. O Uruguai fez o mesmo em 1926, e, segundo Hilton, Moscou havia persuadido a Argentina a concordar com a companhia comercial chamada Yuzhamtorg (Companhia de comércio Soviético-Americana), responsável pelas relações soviéticas com o continente americano, em 1927.

Em relação à Argentina, o Itamaraty se tranquilizou por meio de uma correspondência do diplomata José de Paula Rodrigues Alves para Félix Pacheco, Ministro das Relações Exteriores em 1926. Rodrigues Alves informou que a Argentina parecia decidida a não reconhecer o governo soviético. Segundo ele, quase toda a imprensa se mostrava contrária a qualquer entendimento com a situação dominante na Rússia, concorrendo para isso a opinião de dois argentinos que haviam viajado pela Rússia e que foram unânimes em “*proclamar a anarquia reinante ali, revelando uma completa desorganização administrativa, agravada pela miséria que aflige o antigo Império dos Tzares.*”¹²⁴

A carta relata algumas impressões ruins de “Dr. Peres”, Ministro do Estado Argentino, que havia participado de um Cruzeiro com destino à URSS, e do “Dr. Le Breton”, cujo testemunho negativo da sociedade soviética, segundo Rodrigues Alves, seria precioso “para impressionar o ânimo do governo argentino”. O peso, portanto, de informações colhidas *in loco* era grande, desde que estas repudiassem o regime soviético. A Embaixada brasileira de Washington, por exemplo, enviou em 20 de julho de 1931 um artigo publicado no *New York Times* do jornalista Henry Wales, sobre a Rússia Soviética.

¹²³ HILTON, Stanley. Op.Cit.p. 20.

¹²⁴ Carta de Rodrigues Alves ao Ministro Félix Pacheco, de 05/11/1926. “Propaganda Bolchevique na América do Sul”. AHI-RJ.

Wales seria, segundo o representante da embaixada, uma testemunha do que se passava no país sob a ditadura do proletariado:

Tendo-o percorrido durante quatro meses do báltico ao mar negro, da fronteira da Polônia até os confins da Sibéria, faz ele a descrição exata do que observou na sua excursão. Por toda a parte a ruína, a miséria, a desolação. Camponeses e operários famintos, esfarrapados e descalços, fábricas fechadas por falta de trabalhadores e de matéria prima, em todos os lugares o desconforto, a pobreza o desânimo.¹²⁵

Embora recortes de jornais a respeito de relatos de viagem em livros ou periódicos que denunciavam o terror soviético fossem enviados pelos diplomatas ao Itamaraty, nenhuma notícia ou relato positivo em relação à URSS, nem mesmo em relação aos avanços econômicos do Primeiro Plano Quinquenal soviético, foram encontrados. Os diplomatas, portanto, enviavam as notícias que estivessem de acordo com os interesses e com a ideologia anticomunista do Itamaraty.

As influências da III Internacional também estavam em pauta no Itamaraty. Em uma carta de 05 de novembro de 1927 de Copenhague, do diplomata Lucillo Bueno ao Ministro de Relações Exteriores, é informado que a Comissão Executiva da III Internacional pediu ao Governo dos Soviets um crédito de 10 milhões de rublos para propaganda bolchevique na América do Sul, e, especialmente, no Brasil. Sobre a propaganda comunista e a lei Celerada, ele comenta:

[...] vejo que vão se realizando os vaticínios por mim feitos desde 1922, quando comecei a ver o perigo do comunismo no Brasil com os meus olhos esclarecidos pelo patriotismo. Não havendo em nosso país uma classe média, como na Europa Ocidental, estamos expostos, qual a Rússia, privada também dessa barreira aos apetites ferozes da massa ignara, à rápida contaminação do vírus social no populacho guiado por agentes estrangeiros. A propaganda, mercê da sábia lei ultimamente votada, acha-se cerceada, mas não jugulada, sendo mister que as autoridades não deem quartel aos que, sob o pretexto da liberdade de ideias, tentarem transtornar a ordem constitucional.¹²⁶

O Itamaraty procurou diversificar as fontes de inteligência sobre os métodos e planos do Comintern. Por meio do Ministro Plenipotenciário de Berna, Raul do Rio Branco

¹²⁵ 20/07/1931. Artigo sobre a Rússia soviética enviado pela Embaixada dos Estados Unidos do Brasil ao Ministério das Relações Exteriores, na correspondência de 20/07/1931. N:183. AHI-RJ.

¹²⁶ Carta de Lucillo Bueno ao Ministro das Relações Exteriores, de 05/11/1927. “Propaganda Bolchevique na América do Sul”. AHI-RJ.

– filho do Barão do Rio Branco –, o governo brasileiro estabeleceu contato com uma organização anticomunista suíça denominada “Entente Internacional contra a III Internacional”, organismo que tinha como função investigar os passos da III Internacional e alertar a expansão do movimento comunista. Era chefiado por Théodore Aubert, advogado, “pertencente a uma família patriciana de Genebra, já tendo prestado relevantes serviços a vários governos”.¹²⁷

De acordo com Raul do Rio Branco, em 1927, após diversas audiências com o Presidente Washington Luís e o Ministro Octavio Mangabeira, foi decidido que o governo brasileiro auxiliaria a Entente de Genebra com um subsídio anual de dez mil francos suíços¹²⁸, embora este tenha sido pago apenas durante um ano (setembro de 1927 a setembro de 1928), segundo Hilton, devido ao advento da crise econômica.¹²⁹ Em troca, a Entente remeteria mensalmente informações de ordem geral sobre o movimento da III Internacional, mais particularmente sobre aqueles que interessassem a América Latina. Rio Branco afirma ainda que deveria ser feito, portanto, um boletim mensal de propaganda anticomunista, que, traduzida, poderia servir para inspirar a imprensa nacional.¹³⁰

Dentre os documentos enviados pelo “Bureau Permanent de L'Entente Internationale contre la III Internationale” ao Itamaraty, está um relatório de quarenta e nove páginas chamado “Painel das Organizações Soviéticas: Trabalhando pela Revolução em todos os países”¹³¹, de outubro de 1928, que apresenta um amplo estudo a respeito da organização, estrutura e ideais do Comintern. Dentre seus itens e tabelas explicativas, encontram-se tópicos como: “Bolchevização dos intelectuais”, “Bolchevização das massas populares”, “Exemplo da organização comunista em um país que reconheceu os Soviets”, “Exemplo da utilização de uma embaixada soviética para ação bolchevista”, etc.

Os documentos, muitas vezes, eram remetidos também aos Chefes de Polícia. Mesmo antes do acordo com a Entente Internacional, o Coronel Carlos da Silva Reis –

¹²⁷ Carta de Raul do Rio Branco para o Ministro Afrânio de Mello Franco, de 09/07/1933, n.24. “Bureau de L'Entente Internationale contre la 3ème Internationale”. Lata 578. AHI - RJ.

¹²⁸ Carta do Presidente Washington Luís para o Dr. Mangabeira, de 15/07/1927, dizendo estar de acordo com a remessa anual de 10 mil francos suíços. “Bureau de L'Entente Internationale contre la 3ème Internationale”. Lata 578. AHI-RJ.

¹²⁹ HILTON, Stanley. Op.Cit.p. 43.

¹³⁰ Relatório de 18/09/1933: “Informações contra a propaganda comunista.” n. 77. AHI – RJ.

¹³¹ “Tableaux des Organisations soviétiques: Travaillant a la Révolution dans tous les pays” Tradução minha. Uma tabela do documento encontra-se em anexo.

chefe do DOPS – a mando do presidente Artur Bernardes, partiu para a Europa em 1926 com o intuito de acompanhar em Berna os trabalhos de uma conferência da Entente Internacional. Além disso, segundo Hilton, foi também estudar métodos europeus policiais para lidar com a subversão.¹³² Para isso, foi pago ao Coronel Carlos Reis a quantia de seis contos de réis para as despesas de viagem, segundo documento do Itamaraty enviado para o Sr. Oscar Bormann Borges, delegado do Tesouro Brasileiro em Londres.¹³³

Possivelmente, Rio Branco recepcionou o Coronel Carlos Reis na Suíça. Ambos ficaram também próximos de Théodore Aubert, chefe da Entente. Após a volta de Carlos Reis ao Brasil, Raul do Rio Branco remeteu diversas cartas para ele, comentando, inclusive, a já possibilidade de obter do governo brasileiro a subvenção de 10 mil francos suíços para a instituição.¹³⁴ Suas cartas enviavam também notícias a respeito da Rússia Soviética, incluindo, por exemplo, uma série de artigos publicados por um naturalista suíço chamado Eugène Piccard, contratado pelo governo czarista como professor, que tentou se adaptar ao novo regime por sete anos, mas acabou, segundo Rio Branco, enojado com o estado de depravação e barbárie da civilização russa. Em outra carta, remete um relatório de Octávio Brandão em francês a respeito das dificuldades da propaganda Comunista no Brasil.

Raul do Rio Branco foi, provavelmente, um dos diplomatas mais engajados na luta contra o comunismo e na divulgação da propaganda anticomunista no Brasil. Ele se tornou o intermediário entre a Entente Internacional e o Ministério das Relações Exteriores, tornando-se impressionante o número de cartas remetidas sobre o comunismo e a III Internacional ao governo brasileiro. Em uma carta de novembro de 1927 para o Ministro Mangabeira, Rio Branco comenta que remete os documentos da Entente com o objetivo de formarem a base do arquivo para o “Centro Brasileiro Anticomunista”, cuja criação no Brasil, segundo ele, havia sido projetada pelo presidente Washington Luís quando eles se encontraram. Os documentos foram ainda encaminhados para o novo chefe de polícia do Distrito Federal, Sr. Coriolano de A. Goes Filho.¹³⁵

¹³² HILTON, Stanley. Op.Cit. p.17.

¹³³ Documento de 26/03/1926: “Comissão do Coronel Carlos Reis”. “Bureau de L'entente Internationale contre la 3ème Internationale”. Lata 578. AHI-RJ.

¹³⁴ Carta de Raul do Rio Branco ao Coronel Carlos da Silva Reis, de 21/10/1926. “Bureau de L'entente Internationale contre la 3ème Internationale”. Lata 578. AHI-RJ.

¹³⁵ Carta de Raul do Rio Branco para o Ministro Mangabeira, de 18/11/1927, n. 54. “Bureau de L'entente Internationale contre la 3ème Internationale”. Lata 578. AHI-RJ.

Em seguida, apresenta um dossiê dos 29 documentos que envia, dentre eles, um maço com reproduções do Boletim da Sociedade para as Relações Culturais com o Estrangeiro (VOKS)¹³⁶, organismo também estudado nesse trabalho. Descreve ainda mais de vinte brochuras para servir de documentação ao "Centro Nacional Anticomunista Brasileiro", tendo como documentos, por exemplo: oito números da publicação mensal *La Vague Rouge*, "O trabalho secreto dos agentes bolchevistas", por Cel. A. Rezanov; sete exemplares de um cartão postal da propaganda francesa anticomunista; cinco números da *Revue Internationale Anti-bolchevique*, de 1926; um exemplar do Anti-bolchevik vademecum, versão inglesa do folheto *Anti-Bolchevique*, sendo esta a publicação mais importante da Entente de Genebra. Comenta que enviará, pelos próximos dias, mais de cem exemplares desta versão francesa.

Raul do Rio Branco solicitou que esses documentos fossem concentrados nas mãos e debaixo da responsabilidade de um funcionário da escolha direta do presidente da República para evitar que esta "ação defensiva" fosse desvirtuada por "algum agente bolchevista instalado nas seções do Itamaraty, como era o caso do Senhor Rabinovitch, que, segundo informações seguras, é agente bem conhecido da propaganda soviética."¹³⁷

Rio Branco, portanto, acusa de existir células comunistas dentro do próprio Itamaraty, que impediam a chegada de diversos documentos importantes aos seus remetentes. Esse caso só fica mais bem explicitado em julho de 1933, quando o Ministro Afrânio de Mello Franco solicita a Raul do Rio Branco informações sobre alguma organização que tratasse da defesa contra a propaganda comunista. Comentando sobre o contínuo trabalho da Entente Internacional, Rio Branco informa que já prestou tais informações ao governo brasileiro por diversas vezes, mas que elas haviam sido "abafadas pela célula comunista instalada há vários anos no Palácio Itamaraty."¹³⁸ Devido à "gravidade das acusações feitas aos funcionários da Secretaria do Estado", o Itamaraty, em

¹³⁶ Infelizmente, os documentos não se encontram nessa pasta.

¹³⁷ Carta de Raul do Rio Branco para o Ministro Mangabeira, de 18/11/1927, n. 54. "Bureau de L'entente Internationale contre la 3ème Internationale". Lata 578. AHI-RJ.

¹³⁸ Carta de Raul do Rio Branco para o Ministro Afrânio de Mello Franco, de 09/07/1933. "Bureau de L'entente Internationale contre la 3ème Internationale". Lata 578. AHI-RJ.

seguida, solicita esclarecimentos e informações precisas sobre elementos que teriam feito Raul do Rio Branco chegar a essas conclusões.¹³⁹

Em um relatório de dezessete folhas, o Chefe da Legação na Suíça faz seus esclarecimentos, dizendo não ser possível, contudo, fornecer provas formais, tratando apenas de induções que já ocorriam desde 1923. Após fazer um esboço de como ocorria a entrada soviética nos países, comentou que durante o governo Artur Bernardes foram enviados mais de vinte e cinco comunicações sobre a propaganda comunista, sem nunca obter resposta de recebimento. Dirigindo cartas particulares ao endereço do então Ministro das Relações Exteriores, Felix Pacheco, descobriu que este nunca havia tido comunicação de suas informações. O Ministro mandou proceder então um inquérito nos arquivos do Ministério. Os arquivos de alguns ofícios e relatórios foram encontrados, enquanto outros desapareceram, mas a finalização do inquérito desapontou Rio Branco, por concluir que a subtração de tais informações era devido apenas a “causas fortuitas.”¹⁴⁰

Rio Branco salienta então que houve a infiltração de um agente soviético, o “Sr. Rabinovitch”, russo, por meio do Sr. Dr. Raul Adalberto de Campos, na época Diretor Geral de Negócios Comerciais e Consulares.¹⁴¹ Mesmo sem provas, Rio Branco acusa Rabinovitch de ter estabelecido seu centro de atividade na direção geral dos negócios comerciais do Itamaraty e incitado o Sr. Adalberto de Campos para trabalhar para os soviéticos, uma vez que ele, embora funcionário ativo, fosse “destituído de qualquer escrúpulo moral e corrompível”. Como forma de prevenção, Rio Branco decidiu suspender temporariamente seu serviço de informação, que, segundo ele, “pela inércia das autoridades responsáveis já perdera o seu caráter (o principal a meu ver) de *preventivo*.”¹⁴² Ele termina o relatório acusando os dois últimos governos de desaprovar aqueles que pressentiam o perigo público de uma possível propaganda subversiva comunista, e que até mesmo o fato do comparecimento do Ministro Mangabeira no funeral do Sr. Adalberto de Campos deveria ser visto como uma aprovação de seu comportamento subversivo.¹⁴³

¹³⁹ Documento de 03/08/1933. Memorandum. "Bureau de L'entente Internationale contre la 3ème Internationale". Lata 578.AHI-RJ.

¹⁴⁰ Relatório de 18/09/1933: “Informações contra a propaganda comunista.” n. 77. p.8. "Bureau de L'entente Internaciotala contre la 3ème Internationale". Lata 578. AHI- RJ.

¹⁴¹ Ministério das Relações Exteriores. *Almanaque do Pessoal*. Rio de Janeiro, 1929. p.177.

¹⁴² Relatório de 18/09/1933: “Informações contra a propaganda comunista.” n. 77. p.14. "Bureau de L'entente Internationale contre la 3ème Internationale". Lata 578. AHI – RJ.

¹⁴³ O nome de Raul Adalberto de Campos se encontra até o Almanaque do Pessoal de 1929.

A obsessão de Rio Branco em agir contra a propaganda anticomunista e seu pensamento conspirativo em relação aos possíveis agentes comunistas no Itamaraty são algumas consequências do temor que a ditadura do proletariado causava nas autoridades brasileiras. A própria preocupação do Itamaraty em esclarecer a infiltração de “células comunistas” na instituição, juntamente com o trabalho constante de diversos diplomatas em informar o Ministério das ações do movimento comunista e das relações de outros países com a URSS, são também exemplos disso. Esse temor, ao invés de se abrandar com a estabilização do governo stalinista, permaneceu no governo de Getúlio Vargas, quando as autoridades brasileiras reavivaram sua cooperação em 1933 e 1934 com a Entente Internacional.¹⁴⁴ Ainda em agosto de 1936, uma carta do consulado de Genebra informava ao Ministro das Relações Exteriores, José Carlos de Macedo Soares, sobre o pagamento de 3.082 francos suíços à Entente Internacional.¹⁴⁵

Nos meses finais do ano de 1930, logo após Getúlio Vargas assumir o poder, houve uma discussão na imprensa em relação à possibilidade do Brasil reconhecer a URSS e restabelecer laços diplomáticos, principalmente por conta da possibilidade de trocas comerciais. Algumas reportagens também comentavam a respeito dos últimos pronunciamentos de Stalin que passou a assegurar que a III Internacional nada tinha a ver com o Governo soviético. O Itamaraty acompanhou a discussão e fez um dossiê de tais notícias. As opiniões eram desfavoráveis ao reconhecimento. Ubaldo Dias, no *Diário de Notícias*, comentou que seria “um absurdo o reconhecimento de um governo representado por um partido cuja obrigação fundamental é a de fomentar a revolução comunista internacional.”¹⁴⁶

Essa discussão, no entanto, parece não ter existido no Itamaraty. Cartas relatando os movimentos da III Internacional, com os possíveis créditos que ela encaminhava para a realização da propaganda comunista em todos os países da América do Sul, continuaram a ser encaminhadas para o Ministério. O Ministro Melo Franco transmitia regularmente para a Polícia do Distrito Federal as notícias que recebia do exterior. Quando a polícia o alertou

¹⁴⁴ HILTON, Stanley. *A Rebelião Vermelha*. Rio de Janeiro: Record, 1986. p. 47.

¹⁴⁵ Carta do Consulado de Genebra ao Ministro José Carlos de Macedo Soares, de 14/08/1933. n.363. “Pagamento à Entente Internationale contre la III Internationale.”n.363. “Bureau de L’entente Internationale contre la 3ème Internationale”. Lata 578. AHI – RJ. O Itamaraty continuou recebendo documentações dessa instituição até o final de 1936.

¹⁴⁶ *Diário de Notícias*, 28/12/1930: “O reconhecimento do Governo Russo.” AHI-RJ.

para a grande quantidade de literatura comunista que chegava ao Brasil vinda da Espanha, em novembro de 1931, Melo Franco enviou instruções aos consulados no sentido de serem tomadas as devidas providências.¹⁴⁷

Diversos exportadores brasileiros, no entanto, pressionavam para o restabelecimento diplomático, como forma de alcançar as oportunidades do mercado russo. O Itamaraty manteve sua política anticomunista e, em 1931, impossibilitou a entrada de Alexandre Minkin, diretor da Yuzhamtorg, agência comercial russa, que pretendia ir a São Paulo para negociar com o Instituto do Café.¹⁴⁸ Em 1933, os Estados Unidos reconheceram a URSS. No mesmo ano, exportadores gaúchos, por meio interventor Federal Flores da Cunha, pressionaram o governo para restabelecer relações com Moscou. No entanto, o Itamaraty reafirmou sua oposição à vinda de qualquer emissário comercial russo.¹⁴⁹

Mesmo em 1934, quando vários países sul-americanos já mantinham relações oficiais com Moscou, após a promulgação da nova Constituição do governo Vargas, a política anticomunista do Itamaraty permaneceu representada pela nomeação de um político conservador e contrário à URSS para Ministro de Relações Exteriores, o então José Carlos de Macedo Soares, ex-presidente da Associação Comercial de São Paulo. Para Hilton, Macedo Soares marcou o “endurecimento progressivo da posição do governo ante o desafio subversivo.” Tal endurecimento é perceptível quando, em outubro de 1934, Moniz de Aragão, Secretário Geral do Itamaraty, em nome do Ministro do Estado, solicitou ao consultor jurídico do Itamaraty um parecer sobre o projeto de um pacto internacional contra o comunismo, a ser oferecido pelo governo brasileiro aos demais governos da América, propondo, dentre outros aspectos, o não estabelecimento de relações diplomáticas ou comerciais com a URSS, a punição por lei da propaganda comunista em favor do regime soviético e a extradição de autores que tentassem executar programas da IC.

O parecerista, Carlos Silveira Martins Ramos, julgou o projeto como imprudente, uma vez que nenhum país americano havia votado contra a entrada da URSS na Liga das Nações.¹⁵⁰ Ramos salientou que um pacto que é uma verdadeira declaração de guerra a

¹⁴⁷ STANLEY, Hilton, 1986. Op. Cit. p. 41.

¹⁴⁸ STANLEY, Hilton, 1986. Op. Cit. p. 45.

¹⁴⁹ Idem, p. 46.

¹⁵⁰ A votação foi realizada em setembro de 1934. Votos contra: apenas Portugal, Suíça e Holanda. Votos a favor: Bolívia, Canadá, Chile, Colômbia, São Domingos, Guatemala, México e Haiti; sendo que Argentina, Cuba, Peru e Venezuela abstiveram-se.

uma grande potência deveria ser considerado inexecutável e perigoso, pelo fato de que as consequências poderiam recair sobre o Brasil. Concluiu, no entanto, dizendo que se deveria continuar impedindo que a propaganda bolchevique se fizesse na imprensa, no parlamento, nas escolas e nas universidades.¹⁵¹

Tais eram as formas como ocorriam as relações exteriores entre Brasil e URSS nesse período. A exposição desse contexto contribui para que se entenda melhor as dificuldades e o peso do significado de uma viagem de um brasileiro para a URSS na década de 1920 e 1930. Sem qualquer segurança ou proteção diplomática do Brasil, eles partiam para a Europa, primeiramente em busca de vistos emitidos por outros países, para então conseguirem entrar na ditadura do proletariado. Quando voltassem, sabiam que poderiam ser presos, e que suas ideias, caso não correspondentes à doutrina anticomunista das autoridades oficiais do país, poderiam ser censuradas.

As primeiras viagens: O PCB e a III Internacional

Se não houve nenhum estabelecimento de contato entre as autoridades governamentais brasileiras das primeiras décadas do século XX com o regime soviético, o mesmo não podemos dizer a respeito das organizações do movimento operário brasileiro e o governo bolchevique. Entre 1917 e 1920, quando diversas organizações operárias brasileiras e de outros países latino americanos lutavam por conta de suas precárias condições de vida e de trabalho, a solidariedade ao povo soviético, atacado por forças imperialistas, contribuiu para a unificação de diversos movimentos operários do mundo.¹⁵²

As primeiras notícias sobre a tomada de poder pelos bolcheviques, mesmo que repercutidas pelos principais jornais de maneira desencontrada e confusa – Lênin e seus partidários chegaram a ser definidos como agentes alemães¹⁵³ - foram recebidas com

¹⁵¹ Parecer de 03/11/1934 pertencente ao documento de 11/10/1934: “Projeto de acordo internacional contra o comunismo.” “Bureau de L’entente Internationale contre la 3ème Internationale”. Lata 578. AHI-RJ.

¹⁵² ROIO, Marcos Del. “O Impacto da Revolução Russa e da Internacional Comunista no Brasil”. In: MORAES, João Quantim de; AARÃO REIS, Daniel. *História do Marxismo no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007. p. 71.

¹⁵³ BANDEIRA, Moniz. Op.Cit. p. 89.

euforia pelas organizações operárias e ofereceram incentivo e alento para que elas continuassem com os movimentos grevistas no segundo semestre de 1918.¹⁵⁴

Em março de 1918, sob o codinome de Alex Pavel, Astrojildo Pereira editou e divulgou um folheto, *A Revolução Russa e a Imprensa*, reunindo notas já anteriormente enviadas a diversos jornais – a maioria não chegou a ser publicada – a respeito das falsidades e calúnias que haviam sido divulgadas sobre a Revolução Russa.¹⁵⁵ No folheto, Pereira procurou denunciar e criticar os interesses políticos de jornais como *O Imparcial* que, segundo ele, servia à causa do Estado, e *A Razão*, que, apesar de ter popularidade na massa proletária, era dirigido por um “energúmeno cômico e notório, profeta e papa espírita, semilouco e pouco menos que analfabeto.”¹⁵⁶

Astrojildo Pereira, jornalista, militante anarquista e sindicalista revolucionário, era um dos líderes do movimento operário brasileiro. Sob o impacto mundial das consequências da Revolução Russa e fascinado pelo o que estava acontecendo na URSS, ele, assim como muitos outros militantes, aderiu ao comunismo e procurou garantir que as lideranças do movimento operário no Brasil aceitassem as ideias da ditadura do proletariado. No entanto, o caráter heterogêneo do movimento operário brasileiro, o fracasso das greves e a repressão policial, atrasaram a possibilidade de formação de um partido comunista no Brasil, diante da chamada e formação da III Internacional Comunista (IC)¹⁵⁷, em 1919.

Enquanto partidos comunistas de países da América Latina como Argentina, México, Uruguai e Chile já se encontravam em fase avançada de organização e incorporação na IC em 1920, no Brasil ainda ocorria a formação de círculos de simpatizantes da Revolução Russa que percebiam a necessidade de construção de um

¹⁵⁴ ROIO, Marcos Del. Op. Cit. p. 63.

¹⁵⁵ O folheto encontra-se publicado na obra de BANDEIRA, Moniz. Op. Cit. p.285-298.

¹⁵⁶ Idem, p. 296.

¹⁵⁷ A história da Internacional Comunista remonta a 1864, quando foi criada a Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), integrada por organizações operárias de diversos países europeus. O mentor e principal líder da AIT era Karl Marx. Porém, a repressão e as crescentes divergências internas enfraqueceram a organização, que acabou sendo extinta em 1876. Treze anos depois, em 1889, foi criada em Paris a II Internacional dos Trabalhadores, constituindo-se como uma organização global de partidos social-democratas, socialistas e trabalhistas, isto é, seu interior possuía diferentes correntes do movimento operário, o que se tornou claro ao desenrolar da Primeira Guerra Mundial, onde a maior parte dos partidos socialistas manteve-se neutra à guerra ou uniu-se à classe dirigente de seu país, enquanto que a extrema esquerda, representada principalmente pelo partido bolchevista russo, voltou-se contra a guerra.

partido do movimento operário.¹⁵⁸ Em setembro de 1921, Astrojildo Pereira formou um pequeno grupo para discutir a questão russa e o projeto de um partido, após ele, possivelmente, ter tomado conhecimento dos documentos do III Congresso da Internacional e mantido contatos com o emissário da Agência de Propaganda para a América do Sul da IC.¹⁵⁹

Finalmente, entre 23 e 25 de março de 1922, representantes dos grupos comunistas do Brasil se reuniram em Niterói e fundaram o Partido Comunista do Brasil¹⁶⁰, recebendo uma mensagem de saudação da Agência de Propaganda para a América do Sul da IC, sediada em Buenos Aires. O próximo objetivo seria, portanto, o reconhecimento do Partido para sua legitimação, diante da massa operária do país. Naquele mesmo ano, foi realizado o IV Congresso Mundial da IC em novembro e o Partido decidiu enviar então representantes para esta missão.

Segundo Edgard Carone, a falta de recursos financeiros e o pouco espaço de tempo fizeram que, apesar da oposição interna, fossem indicados Antônio Bernardo Canellas e Mário Berrel, por ambos estarem na França naquele momento. No entanto, por uma série de confusões¹⁶¹, o PCB só pôde enviar um representante, Canellas, o único delegado brasileiro selecionado a comparecer no IV Congresso da IC.

Antônio Bernardo Canellas¹⁶² é, portanto, o primeiro brasileiro de que se tem notícias a conhecer a União Soviética. Preocupado com o problema das relações do

¹⁵⁸ Segundo Marcos Del Roio, em 1921, existiam três polos principais do movimento operário: o Centro de Estudos Sociais em Recife, de Cristiano Cordeiro e Rodolfo Coutinho, que confluíu com a vertente anarcossindicalista de Antônio Bernardo Canellas, na formação do Grupo Comunista de Pernambuco, em 1922. A União Maximalista de Porto Alegre, que em fins de 1921 passou a se chamar Grupo Comunista de Porto Alegre e o polo fundamental no Centro-Sul, particularmente no Rio de Janeiro, formado por grupos que se formaram no segundo semestre de 1921 em Niterói, Juiz de Fora e Cruzeiro, composto por intelectuais e operários, se uniram para a formação do Grupo Comunista do Rio de Janeiro em novembro de 1921. ROIO, Marcos del. Op.Cit. pp.78,79.

¹⁵⁹ Idem, p.78.

¹⁶⁰ Inicialmente, a Comissão Central Executiva do PCB foi formada por Astrojildo Pereira, Antônio Bernardo Canellas, Luís Peres e Antônio Gomes Cruz Júnior. Como secretário-geral, Abílio de Nequete por causa de seus contatos com o movimento comunista no Uruguai e com o Bureau Sul-Americano de Propaganda da Terceira Internacional. In: PINHEIRO, Paulo Sérgio. Op. Cit. p. 52.

¹⁶¹ CARONE, Edgard. “Uma polêmica nos primórdios do PCB: o incidente Canellas e Astrojildo (1923)”. In: *Da Esquerda à Direita*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991.p.23.

¹⁶² Antônio Bernardo Canellas nasceu em Niterói, mas militou inicialmente em Estados do Nordeste. Foi jornalista em Viçosa do Alagoas onde dirigiu a *Tribuna do Povo* (1916). Dirigiu ainda em *Maceió A Semana Social* (1917) e *A Tribuna do Povo* (1916), em Recife. Foi enviado à Europa pela Federação de Resistência das Classes Trabalhadoras de Pernambuco em 1919, com a missão de verificar o nível dos problemas e atitudes do movimento operário europeu. Idem, p.13.

movimento operário brasileiro com o proletariado internacional, Canellas havia embarcado para a Europa, pela segunda vez, em setembro de 1921. Pensava, por sua iniciativa própria, em estabelecer contatos preliminares para uma união efetiva entre as organizações operárias do Brasil e as da Europa, e já acreditava, conforme apresentou em seu relatório ao PCB, que esta união seria feita por intermédio da Terceira Internacional de Moscou.¹⁶³

O Congresso se realizaria em novembro, mas, por prudência, Canellas se colocou a caminho de Moscou em meados de agosto, via Berlim. Sua participação, contudo, não foi bem avaliada pelos dirigentes do PCB, uma vez que o partido não conseguiu o reconhecimento e foi aceito apenas como simpatizante da IC. Chamado para explicar o que ocorreu no Congresso, Canellas escreveu o “Relatório da Delegacia à Rússia”, apresentado em uma reunião da Comissão Central Executiva do Partido.

No relatório, Canellas esboçou seus desentendimentos com delegados argentinos e uruguaios os quais, segundo ele, desmereciam o valor do proletariado do Brasil. Além disso, dispôs sobre seus conflitos de ideias em algumas sessões da IC, relativas à dificuldade da direção do Partido Comunista Francês (PCF) em adotar uma política de frente única ¹⁶⁴ – algo que havia sido determinado no Congresso anterior - e sua discordância em relação ao impedimento da entrada de maçons no partido. Por fim, a III Internacional e a organização do Congresso foram também criticadas por Canellas:

[...] a ideia que até então sempre fizera de um Congresso era a de uma reunião onde os diferentes delegados gozavam de prerrogativas iguais, sendo dado a cada qual discutir qualquer assunto posto na ordem dos trabalhos e votar segundo seu juízo próprio. Vi, mais tarde, que essa, como muitas outras, é uma verdade relativa, demasiado relativa.¹⁶⁵

O relatório de Canellas é também interessante por ele tecer algumas impressões de sua recepção na URSS e dos três meses que permaneceu em Moscou.¹⁶⁶ Logo em sua

¹⁶³ Idem, p.14.

¹⁶⁴ Estando na França, Canellas já havia estabelecido contatos com o PCF e, segundo Pinheiro, pelo que pode se depreender dos artigos que publicou na época, seus contatos pareciam ser mais com a “direita” em dificuldades com a IC, do que com a “esquerda” do PCF. Na sessão em que foi submetida a proposta para que a resolução de frente única fosse aprovada sem discussão, Canellas votou contra. In: PINHEIRO, Op.Cit. pp.54,55.

¹⁶⁵ CANELLAS, Antônio Bernardo. APUD. CARONE, Edgard. Op.Cit.p.25.

¹⁶⁶ No documento analisado, Canellas salienta que escreveu dois relatórios, um destinado à Comissão Executiva do Partido, e outro para conhecimento do público. O primeiro, a respeito dos seus incidentes durante o IV Congresso, e o segundo, um trabalho de descrição e análise a respeito de suas impressões da

chegada, em agosto de 1922, foi alojado em um hotel destinado aos delegados estrangeiros, permanecendo, segundo ele, abandonado à sua própria iniciativa, sem qualquer preocupação dos poderes dirigentes em oferecer-lhe uma atividade. Apesar disso, Canellas salienta que os delegados eram muito bem servidos de maneira igual, havendo frequentemente representações teatrais, sessões magnas e outras manifestações de honra aos delegados.¹⁶⁷

É importante ressaltar que, em 1922, a URSS ainda não dispunha de organismos responsáveis para a recepção de seus visitantes, o que possivelmente dificultou muito a estada de Canellas durante os meses em que esperava pelo início do Congresso. Ele reclama que, por não ter contatos ou amizades protetoras – observação que contradiz seu elogio ao tratamento *sem distinção* realizado aos delegados –, ficou confinado numa inatividade que fizeram com que ele passasse “tristes dias de tédio” em Moscou.¹⁶⁸

As críticas de Canellas parecem estar direcionadas aos responsáveis pela organização e estrutura do Congresso, visto que suas impressões de Moscou são as mais positivas possíveis:

[...] aquilo que pude ver durante 3 meses de permanência na Rússia dos Soviets contribuiu não para diminuir e sim para aumentar e muito a minha admiração à obra dos bolchevistas. O país não apresenta absolutamente um aspecto de desordem ou de pobreza exagerada. Moscou é sem contestação a mais tranquila e segura de todas as capitais europeias. O seu registro policial, decerto, é mais modesto que o de muitas cidades de terceira ordem do Brasil. Certos aspectos vergonhosos da civilização ocidental, como a prostituição, a intemperança e a vadiagem desapareceram quase da vida social de Moscou.¹⁶⁹

Canellas faz ainda breves observações a respeito da emancipação da mulher na Rússia, à sua igualdade nos direitos sociais e no trabalho, e sobre a superação da fome devido ao momento da guerra civil, deixando claro que o operário e o camponês já possuíam mínimas condições de vida para pensar em outras coisas que não a fome.¹⁷⁰ Por

viagem e comentários sobre diversos aspectos da Revolução Russa. Contudo, ele comenta que os originais do trabalho extraviaram-se por terem sido confiscados pela polícia, salvando-se apenas rascunhos do relatório apresentado à Comissão, isto é, aquele que não se destinava à publicidade. Entende-se, portanto, que o relatório publicado foi feito a partir dos rascunhos daquele apresentado à Comissão, apresentando as impressões de Moscou apenas em sua introdução. CANELLAS, Antônio Bernardo. *Relatório da Delegacia à Rússia*. Rio de Janeiro: [s,n], 1923. p.3.

¹⁶⁷¹⁶⁷ CANELLAS, Antônio Bernardo. Op.Cit. p. 15.

¹⁶⁸ Idem, p.19.

¹⁶⁹ Idem, p.8.

¹⁷⁰ Idem, p.11.

conta de tais observações, ele considera que relatos pejorativos e desfavoráveis à sociedade soviética são devido à:

[...] mesquinha e ridícula campanha desses emigrados, traidores ou “visitantes” que, tendo estado na Rússia sob o comunismo de guerra ou não tendo sabido compreender o espírito da nova política econômica, repetem e tornam a repetir suas velhas chapas de cenas passadas, descrevendo o que viram como sendo o que se está sempre a passar na Rússia dos Soviets. O ressurgimento social, na Rússia, opera-se com uma tão vertiginosa rapidez que quem a tiver deixado a dois meses não pode mais pretender estar em dia, relativamente falando, com a realidade atual.¹⁷¹

Perante tais impressões, é perceptível observar que, em meados da década de 1920, logo após o fim da guerra civil, a descrição da imagem da URSS já se encontrava em luta propagandística. Canellas não exime o Congresso da III Internacional de críticas, não tem preocupação alguma em preservar esta organização – ou ele próprio – diante da Comissão do PCB ou ao público, porém, não interfere na imagem da URSS como a pátria protetora e libertadora do proletariado. Em um país recém-saído de uma guerra civil, ele afirma não ver “nenhum aspecto de desordem ou pobreza exagerada”, durante três meses. Em vista disso, fica claro o uso da imagem da URSS como arma política para a sustentação da ideologia comunista.

A preservação da imagem da URSS não foi o suficiente, porém, para manter Canellas no Partido. Sua postura perante as sessões do Congresso foi criticada pelos dirigentes da Comissão Central Executiva do PCB, em maio de 1923. Nas resoluções da IC sobre o PCB, foi depreendido que ele “não está liberto da confusão ideológica de seu partido.”¹⁷² Astrojildo Pereira considerou o relatório de Canellas como uma decepção. Mesmo após sua suspensão da Comissão, Canellas tornou o relatório público em dezembro de 1923. Logo em seguida, ele foi expulso do Partido.¹⁷³

Em janeiro de 1924, veio ao Brasil Rodolfo Ghioldi, delegado comunista argentino, representando a Agência de Propaganda para a América do Sul, com a tarefa de se inteirar sobre a situação do PCB. Ao final, ele apresentou um relatório reconhecendo as inverdades das informações de Canellas a Moscou e concluiu que o PCB deveria ser legalizado.¹⁷⁴ No mesmo mês, Astrojildo Pereira e Rodolfo Coutinho, jovem comunista pernambucano,

¹⁷¹ Idem, Ibidem.

¹⁷² CARONE, Edgard. Op.Cit. p. 31.

¹⁷³ PINHEIRO, Op.Cit. p. 57.

¹⁷⁴ CARONE, Edgard. Op.Cit.p. 35.

partiram para a URSS levando material em defesa do PCB.¹⁷⁵ O adiamento do V Congresso da IC devido à morte de Lênin, em 21 de janeiro de 1924, precipitou o retorno de Astrojildo Pereira ao Brasil, permanecendo apenas Coutinho para assistir ao encontro mundial, realizado em junho-julho do mesmo ano, onde o PCB foi, finalmente, reconhecido.¹⁷⁶

A temporada de mais ou menos três meses na URSS rendeu algumas cartas de Astrojildo Pereira, “As cartas de Moscou”, publicadas na seção trabalhista do jornal *O Paiz*, por conta de uma “frente única” entre o Partido Comunista do Brasil e a Confederação Sindicalista Brasileira, que recebia as cartas e da qual o jornal era porta-voz.¹⁷⁷ Elas foram encaradas pelo jornal como “elementos de instrução” sobre a questão social na URSS, além de serem consideradas como reveladoras da “verdade russa”.

As cartas apresentam um conteúdo variado, porém, assim como o relato de Canellas, todas elas expressam uma imagem extremamente positiva da URSS. Na carta de 24 de março de 1924, Pereira exalta: “Isso aqui é verdadeiramente extraordinário. Posso resumir minhas impressões gerais dizendo que, em conjunto, as coisas russas ultrapassaram, para melhor, minhas expectativas.”¹⁷⁸ Pereira ainda comenta sobre a liquidação da burguesia como classe e a abolição da propriedade privada, ressaltando que somente pequena parte do comércio achava-se ainda nas mãos de particulares “sobre o mais severo controle”, classificando a Rússia como um “laboratório social.” Pelas cartas, nota-se que ele chegou a visitar, além da sede do COMINTERN, uma fábrica de tecidos, a Casa dos Sindicatos e o Comissariado do Comércio Exterior, ficando admirado com a organização e com as instalações destinadas aos trabalhadores, como clubes, restaurantes, bibliotecas, etc.

Pereira enaltece o sistema de aluguel de casas oferecido pelo Estado soviético, a abundância de gêneros alimentícios oferecidos pelos armazéns e lojas cooperativas e a enorme quantidade de livrarias – “Há mais livraria na rua em que moro do que em todo o Rio de Janeiro.”¹⁷⁹ Ele pôde ainda participar dos funerais de Lênin, afirmando que mais de

¹⁷⁵ LIMA, Heitor Ferreira. *Caminhos Percorridos: memórias de militância*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

¹⁷⁶ ROIO, Marcos Del. Op. Cit.

¹⁷⁷ PEREIRA, Astrojildo. *Construindo o PCB (1922-1924)*. São Paulo: Ed. Ciências Humanas, 1980. p. 113.

Nota 8.

¹⁷⁸ Idem, p.119.

¹⁷⁹ Idem, p.120.

um milhão de pessoas assistiram e acompanharam o enterro sob um frio de 30 graus abaixo de zero, durante os seis dias em que seu corpo esteve exposto.

“Cada dia que passa, cada coisa nova que vejo e observo, mais me deixa entusiasmado, com profunda convicção do triunfo final, em todo o mundo, do comunismo.”¹⁸⁰ É nítido observar em suas cartas seu caráter político-ideológico ligado à fundação do Partido Comunista do Brasil e sua ligação com a Internacional Comunista. Em suas últimas cartas, Pereira volta sua atenção para debater a repercussão que elas estavam tendo em outros jornais brasileiros, contrapondo críticas de jornais de cunho anarquista como *A Plebe* e *O Trabalho* e autores como Ubaldo Soares, que escreve críticas às ideias de Pereira em “Cartas aos Sovietistas brasileiros”, publicado pelo jornal *A Pátria*, de 22 de maio de 1924.

O Sr. Ubaldo engana-se: a Rússia não é para nós um “paraíso”. Ela é um grande país em revolução, onde teve início a revolução social mundial, que só acabará quando tiver empolgado o mundo todo – o que é inevitável. Ora, que significa revolução? Transformação dos quadros sociais existentes, transição do passado para o futuro, período durante o qual se chocam, violentamente, o que é velho e o que é novo. Por consequência, visto que a revolução não terminou, na Rússia, existe lá ainda muita coisa ruim e velha – mas tais coisas são precisamente os restos do passado, ainda não de todo vencido.

Assim como o discurso de muitos viajantes posteriores, Astrojildo remonta os problemas da sociedade soviética aos “restos do passado”, deixados pelo governo czarista. Em uma das comparações feitas com o Brasil, afirma que no Brasil havia mais fome, miséria e desorganização do que na Rússia soviética. Seu objetivo nas cartas, mais do que explanar a sociedade soviética, é defendê-la de qualquer crítica, a fim de garanti-la como símbolo da luta dos trabalhadores brasileiros por melhores condições sociais e econômicas.

Por fim, a legalização do PCB pela Internacional Comunista em julho de 1924 possibilitou um aumento das viagens de comunistas brasileiros à URSS, não só como participantes dos congressos da IC, como também em congressos dos soviets, comemorações dos aniversários da Revolução Russa, ou mesmo para a realização de cursos teóricos preparatórios a respeito da teoria marxista-leninista. Quatro anos depois, Astrojildo Pereira se dirige novamente à URSS para ocupar um lugar no Comitê Executivo da

¹⁸⁰ Idem, p.125. Carta de oito de março de 1924.

Internacional Comunista em seu VI Congresso, além de, em 1929, comparecer ao V Congresso dos Soviets.¹⁸¹

Em 1934, Astrojildo publicou ainda notas redigidas entre 1929 e 1933 no livro *URSS- Itália – Brasil*, dentre elas, quatro cartas escritas em Moscou, de maio a julho de 1929, publicadas com os seguintes títulos: “O V Congresso dos soviets”, “O que é o plano econômico de 5 anos”, “A agravação da luta de classe” e “A bandeira da paz é a bandeira dos soviets”. Na primeira carta, Astrojildo dispõe informações a respeito do V Congresso dos Soviets, segundo ele, a autoridade suprema do governo operário e camponês das repúblicas soviéticas federadas. Faz comparações com o Brasil, em relação à minguada participação dos brasileiros no processo eleitoral, ao contrário do regime soviético onde, todos aqueles que trabalham, a partir dos 18 anos, sem exclusão de sexo ou nacionalidade, poderiam participar das eleições de deputados. Astrojildo conclui que a ditadura do proletariado seria, na verdade, a mais larga e efetiva democracia para os trabalhadores – “ao contrário das democracias burguesas – que significam, na verdade, a mais brutal ditadura para os trabalhadores.”¹⁸²

O tom propagandístico do regime soviético e as comparações com o sistema “capitalista” brasileiro permanecem por todas as cartas. A partir de dados contidos na resolução da XVI Conferência do Partido Comunista da URSS, Astrojildo faz um enfoque especial aos resultados do Primeiro Plano Quinquenal na segunda carta, plano econômico iniciado em 1928, responsável, segundo ele, por alavancar a URSS das dificuldades decorridas do estado técnico e econômico atrasado do país.¹⁸³ Já na terceira carta, ele apresenta o principal problema ainda existente na URSS: a luta contra os *kulaks*, isto é, os camponeses enriquecidos, ainda vestígios do capitalismo. De qualquer forma, ao final, elogia o desenvolvimento das economias agrícolas coletivas. Na última carta, Astrojildo exalta a União Soviética e seu regime como uma grande força de proteção da paz internacional, afirmando ser a URSS o único país do mundo que luta pela paz, uma vez que tal luta seria atributo natural do Estado proletário.¹⁸⁴ Faz alusões ainda aos projetos de desarmamento geral e integral apresentados por Litvinov na Comissão Especial de

¹⁸¹ LIMA, Heitor Ferreira. “Apresentação”. IN: PEREIRA, Astrojildo. *URSS – Itália – Brasil*. São Paulo: Novos Rumos, 1985.p.X.

¹⁸² PEREIRA, Astrojildo. *URSS – Itália – Brasil*. São Paulo: Novos Rumos, 1985. p. 12.

¹⁸³ Idem, p.26.

¹⁸⁴ Idem, p.35.

Desarmamento criada pela Liga das Nações, em 1927. Os projetos, porém, foram repelidos, comprovando, para Astrojildo, a preparação da guerra pelos Estados capitalistas.¹⁸⁵

As cartas de Astrojildo permanecem, por conseguinte, tendo como função principal a propaganda positiva do regime soviético. Ao comentar que “os sábios imparciais” burgueses só se manifestavam a favor da própria burguesia¹⁸⁶, ele deixou claro que a imagem correta da URSS a ser divulgada seria aquela que vangloriasse os sucessos da sociedade socialista soviética. Em uma nota escrita em 1931 para o livro de Grinko, *O Plano Quinquenal na URSS* - também publicada em *URSS - Itália - Brasil*, ele confirma o discurso otimista em relação à URSS, citando um relato de viagem de um americano, Ivy Lee, enviado para a URSS pela Standard Oil, que afirma que as necessidades do povo soviético são realmente satisfeitas por seu governo, sendo esta, segundo ele, a mesma dedução a que chegam “os viajantes honestos que têm visitado à URSS nos últimos anos.”¹⁸⁷ Isto é, os relatos de viagem eram também interessantes aos militantes comunistas, desde que exaltassem as conquistas e avanços da URSS.

Assim como em 1924, Astrojildo ficou hospedado no Hotel Lux, local reservado para militantes estrangeiros, muitos deles residentes.¹⁸⁸ Possivelmente, teve uma estada mais receptiva do que a de Canellas. Segundo William Waack, o hotel havia sido construído em 1911, e abrigou delegações internacionais de cinco dos sete congressos do Comintern. Era, portanto, o local de encontro de movimentos comunistas de todo o mundo, misturados a funcionários da IC, da polícia política e do serviço secreto soviético. O hotel era fechado apenas para militantes comunistas, os quais sempre se hospedavam utilizando-se de pseudônimos, nunca o nome verdadeiro, como forma de proteção aos estrangeiros associados ao Comintern e às suas organizações.¹⁸⁹ Astrojildo Pereira, por exemplo, usava o pseudônimo de Américo Ledo.¹⁹⁰

¹⁸⁵ Idem, p.36.

¹⁸⁶ Idem, p.16.

¹⁸⁷ Idem, p.48.

¹⁸⁸ Idem, Ibidem.

¹⁸⁹ WAACK, William. *Camaradas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. pp. 16,17. Importante frisar que havia políticas diferentes de recepção para os militantes comunistas e para os simpatizantes do comunismo ou intelectuais visitantes. Por não serem comunistas, os viajantes estudados recebiam um tratamento diferencial. É que veremos no capítulo seguinte.

¹⁹⁰ LIMA, Heitor Ferreira. “Apresentação”. IN: PEREIRA, Astrojildo. *URSS - Itália - Brasil*. São Paulo: Novos Rumos, 1985. p.X.

Ainda segundo Waack, durante a fome de 1932-1933, foi criada uma cooperativa de consumo cuja única finalidade era a compra, para seus hóspedes e a preços acessíveis, de alimentos que não se encontravam no mercado comum da URSS. Por vezes, escritores, atores e atrizes russos que em determinadas ocasiões se misturavam ao pessoal do Hotel, aproveitavam para pedir-lhes favores, como lâminas de barbear, batons, tinta para escrever e pó de café. ¹⁹¹ De qualquer maneira, os banheiros e a cozinha do hotel eram coletivos, e para o uso das banheiras havia um regulamento com horários separados para homens e mulheres, o que implica observar que os hóspedes do Hotel também vivenciavam um pouco da habitação comunal imposta pelo regime soviético.

Outra possibilidade de viagem para a URSS para os militantes comunistas era a realização de um curso de formação teórica marxista-leninista, oferecido pela Escola Leninista de Moscou. Segundo Pinheiro, a escola havia sido inaugurada em maio de 1926, mas só começou a funcionar em outubro desse mesmo ano, possuindo, no primeiro ano escolar, entre setenta e oitenta alunos. O currículo compreendia cursos de marxismo, economia política, história das revoluções, história do movimento operário internacional e do partido comunista russo, filosofia, estruturas do partido, sistema de organização, estratégia e prática, movimento sindical e agrário, com ações de massa e liderança de greves. ¹⁹²

A escola destinava um determinado número de vagas aos militantes da América Latina e tinha como objetivo levar a Moscou representantes de países que necessitavam de uma “elevação do nível ideológico”. ¹⁹³ Em agosto de 1927, Heitor Ferreira Lima, jovem alfaiate e militante ativo em seu sindicato, foi convidado pelos dirigentes do PCB a fazer o curso da Escola Leninista e representar o partido no Décimo Aniversário da Revolução Russa. Para as despesas de sua viagem foi feito um festival no Centro Cosmopolita ¹⁹⁴, o qual rendeu exatamente o valor de sua passagem em um navio alemão, classe única, até Hamburgo. Juntamente com delegados da União Sindical Argentina, ele embarcou em

¹⁹¹ WAACK, William, Op.Cit. pp.17,18.

¹⁹² LIMA, Heitor Ferreira. Op.Cit. p. 82.

¹⁹³ Idem, Ibidem.

¹⁹⁴ Centro Cosmopolita era uma associação dos trabalhadores de hotéis, cafés e estabelecimentos congêneres e foi fundado em 31 de Julho de 1903. Fonte: <http://www.diarioliberalidade.org/opiniom/opiniom-propria/26925-o-centro-cosmopolita-de-rio-de-janeiro.html> Acessado em 21/02/2013.

meados de outubro, levando uma credencial de Astrojildo Pereira escrita em pano e costurada em sua calça.¹⁹⁵

Embora escritas em uma memória, Pinheiro considera as lembranças de Heitor Ferreira Lima, em *Caminhos Percorridos*, as mais completas disponíveis sobre a Escola Leninista. Elas permitem o conhecimento de uma das instituições mais preservadas pela IC, uma vez que são mínimas as informações sobre ela presentes nas publicações da Internacional. Ainda segundo Pinheiro, nem estudos mais completos sobre a Internacional informam sobre a escola da qual saíram diversos secretários-gerais e dirigentes dos partidos comunistas de todo o mundo.¹⁹⁶

Apesar de ser uma obra de memória, a descrição de Ferreira Lima apresenta algumas características dos relatos de viagem, como a descrição da passagem para um mundo “novo”:

Vi igualmente um enorme arco, cobrindo a linha férrea de um lado a outro, com transcrição da famosa frase do Manifesto Comunista, de Marx e Engels: “Proletariado de todos os países, uni-vos”, conforme me haviam dito antes. Minha emoção era fortíssima, sentindo alvoroço incontido por dentro, porque estava penetrando num mundo novo e realizando a maior aspiração alimentada até aí. Creio que esta seria igualmente a de outros, em idêntica situação.¹⁹⁷

Pela sua narração, sua chegada foi acolhedora e cordial, deixando Ferreira Lima comovido pela simplicidade e fraternidade. Nos primeiros dias, Ferreira e sua delegação foram levados a conhecer a Praça Vermelha, creches, fábricas e escolas. Após a participação do Congresso Internacional dos Amigos da URSS, na Casa dos Sindicatos, em uma reunião de delegados latino-americanos, puderam escolher cidades e setores de atividade para visitarem, optando por Odessa, Kiev e Nikolayev, cidades da Ucrânia. Fizeram a viagem de trem, sendo sempre muito bem recebidos pelas autoridades locais e pelo próprio povo dos locais em que visitavam.¹⁹⁸ Fica nítido, portanto, a melhoria feita pela URSS, em poucos anos, na recepção de seus viajantes.

Ao regressar para Moscou, Ferreira Lima participou de reuniões na sede da Internacional Sindical Vermelha e só depois, em dezembro de 1927, foi levado à Escola Leninista Internacional. A escola, segundo ele, ocupava meia quadra e ficava próxima de

¹⁹⁵ LIMA, Heitor Ferreira. Op.Cit. p. 70.

¹⁹⁶ PINHEIRO, Paulo Sérgio. “Prefácio”. In: LIMA, Heitor Ferreira. Op.Cit. p. 9.

¹⁹⁷ LIMA, Heitor Ferreira, Op.Cit. p. 72.

¹⁹⁸ Idem, p. 77.

várias embaixadas. Possuía alojamento, refeitório, barbearia, lavanderia e biblioteca. Assim como no Hotel Lux, os estudantes usavam pseudônimos como forma de segurança. Durante o curso, Ferreira Lima recebeu recursos financeiros não só para seu sustento, como também uma remessa mensal para sua mãe no Brasil.¹⁹⁹

Nas férias do curso, os estudantes eram levados ao Cáucaso, após realizarem trabalhos práticos em fábricas, sem qualquer regalia especial. Ao final do curso de três anos, Ferreira Lima teve que elaborar um trabalho como um demonstrativo dos conhecimentos adquiridos até então. Ferreira Lima versou sobre a questão agrária no Brasil, servindo-se do recenseamento geral de 1920 e das obras de Lênin sobre o assunto.²⁰⁰

Posteriormente, outros militantes comunistas também se formaram na Escola Leninista Internacional. Delegações brasileiras continuaram a se dirigir a Moscou para tratar, principalmente, de novas orientações da IC, que inclusive levaram ao afastamento de Astrojildo Pereira e Octávio Brandão, acusados por “desvios de direita.”²⁰¹

As viagens de militantes comunistas à URSS eram, primordialmente, ligadas aos assuntos dos partidos estrangeiros que representavam e à possibilidade de se aprofundarem na teoria marxista-leninista. Inclusive, a entrada de Luís Carlos Prestes - líder tenentista e opositor ao regime liberal oligárquico no Brasil que se converteu ao comunismo - no PCB, foi fundamentada somente após sua estadia de três anos na URSS, onde ele trabalhou como engenheiro, de 1931 a 1934.

Infelizmente, Prestes não deixou muitos vestígios a respeito de sua viagem. Sabe-se que foi convidado por representantes da IC e embarcou, junto com sua família e acompanhado pelo revolucionário alemão Arthur Ernst Ewert, em Montevideu, chegando a Moscou em novembro de 1931.²⁰² A ele foi permitido assistir aos encontros da Seção Latino Americana do Comintern, e sentar nas sessões plenárias do Comitê Executivo, o que o colocou em contato com figuras centrais do comunismo internacional. Como engenheiro, trabalhou em construções e teve oportunidade de visitar locais em construção na URSS. Em seu retorno, por pressão dos dirigentes soviéticos, foi aceito em agosto de 1934, como membro do PCB.

¹⁹⁹ Idem, p. 82.

²⁰⁰ Idem, p. 86.

²⁰¹ ROIO, Marcos del. Op.Cit. p. 89.

²⁰² HILTON, Stanley. Op.Cit. p.23.

A URSS era, por conseguinte, a Meca dos militantes comunistas. Eles não se dirigiam ao regime soviético por conta de dúvidas ou curiosidades – pelo menos, não as deixavam explícitas. Teoricamente, eles já sabiam o que encontrariam na pátria dos trabalhadores, portanto, mesmo que se deparassem com problemas sociais ou econômicos, conseguiriam justificá-los ou ignorá-los. Afinal, a URSS era o símbolo de todo o movimento pelo qual lutavam, e fazer qualquer crítica a ela, seria dar margem à imprensa ocidental, que já cuidava de depreciar a URSS por meio de relatos ou propagandas anticomunistas.

Em meio a esta luta, encontram-se os relatos de brasileiros que não eram ligados diretamente ao Partido Comunista – com a exceção de Caio Prado Júnior – apresentando, em determinados assuntos, uma visão mais crítica da URSS. Quem eram esses viajantes, e como seus relatos foram recepcionados na sociedade brasileira, é o que veremos a seguir.

Viajantes brasileiros: divulgando o “paraíso” soviético em um Brasil anticomunista

No início da década de 1930, houve, no Brasil, uma explosão de livros e reportagens que tinham como objetivo propagandear, contra ou a favor, os resultados da implantação do socialismo na União Soviética. Os motivos para tal fenômeno são vários: o abalo sofrido pelos países ocidentais de economia capitalista por conta da crise econômica de 1929, em contraposição ao aparente crescimento econômico da URSS no Primeiro Plano Quinquenal; a instauração do Governo Provisório liderado por Getúlio Vargas em 1930²⁰³, o que, nos primeiros anos, trouxe uma relativa liberdade de expressão de opiniões e de circulação de informações²⁰⁴; além do crescimento de reivindicações de movimentos sociais que viam no mundo socialista possibilidades de uma sociedade mais justa e igualitária.

Segundo Luciana Silva, Edgard Carone lista, em *Marxismo no Brasil*, quase trezentos títulos publicados no Brasil de 1930 a 1935. Embora ele tenha chamado a atenção para uma “multiplicação espantosa” de livros marxistas e de editoras que correspondiam a

²⁰³ O movimento é chamado por alguns historiadores, de “Revolução de 1930”. Foi um movimento armado liderado por elites sociais dos estados de Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul, que culminou em um golpe de Estado para depor o presidente da república Washington Luís, em 24 de outubro de 1930, além de impedir a posse do presidente eleito Júlio Prestes. Foi instaurado um Governo Provisório, em 3 de novembro de 1930, liderado por Getúlio Vargas, que havia concorrido e perdido para Júlio Prestes nas eleições presidenciais em março de 1930.

²⁰⁴ SILVA, Carla Luciana. *Onda Vermelha: Imaginários Anticomunistas Brasileiros (1931-1934)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 17.

esta linha de pensamento, como a Pax, Cultura Brasileira, Calvino e Unitas, que passaram a traduzir diversas obras francesas e espanholas a favor do comunismo e da URSS,²⁰⁵ no começo da década de 1930, o perfil anticomunista, imposto pelas autoridades dirigentes do país, prevaleceu nos principais jornais do país e obras divulgadas. Em sua pesquisa a respeito dos imaginários anticomunistas brasileiros do início da década de 1930, Silva discorda de Carone quando este afirma que poucos são os livros anti-stalinistas do período, salientando que a maioria das obras publicadas no Brasil eram nitidamente anticomunistas.²⁰⁶ Adiante, ela expõe uma lista de diversas obras a respeito da URSS, incluindo os relatos de viagem, afirmando ser a maioria contrários ao regime soviético.²⁰⁷

Contudo, a quantidade de relatos de viagem apresentando uma imagem favorável à URSS parece se sobrepor aos de imagem negativa nesse mesmo período. A Editora Calvino Filho foi a principal responsável por publicar os relatos de viajantes brasileiros, todos eles positivos à URSS: *Rússia* (1931), de Maurício de Medeiros, *Um engenheiro brasileiro na Rússia* (1933) de Claudio Edmundo, *O que vi em Roma, Berlim e Moscou* (1934), de Juvenal Guanabarin. Já a Companhia Editora Nacional publicou: *O Paraíso Moscovita (deux russies)* (1931), de Paul Marion e *U.R.S.S.: Um Mundo Novo* (1934), de Caio Prado Junior. Em 1931, A Editorial Pax divulgou uma trilogia de relatos também favoráveis à URSS: *A Nova Rússia*, de Júlio Alvarez del Vayo, *Impressões de Moscou*, de Diego Hidalgo e *Com os olhos abertos: Reportagem sobre a Rússia em 1930*, de Pierre Dominique. Outras editoras publicaram ainda: *Os deuses vermelhos* (1931 – Empresa Editora Nacional Lux), de Adolpho Agorio²⁰⁸; *No Misterioso país de Tarmelão: O Socialismo na Ásia Central* (1934 – Edições Nosso Livro), de Vaillant Couturier; *A Nova Rússia* (1932 - Civilização Brasileira – RJ), de Henri Barbusse; *Onde o proletariado dirige... Visão panorâmica da U.R.S.S.* (1932 – Edição brasileira), de Osorio Cesar; *Uma*

²⁰⁵ CARONE, Edgard. *O Marxismo no Brasil (das origens a 1964)*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986. p.65.

²⁰⁶ SILVA, Carla Luciana. Op.Cit. p. 59. Nota 22. Silva salienta que Carone, ao “tentar ampliar as publicações marxistas do período, acaba cometendo erros na distinção dos livros listados, como no caso do livro de Fullop Miller, *Espírito e Fisionomia do Bolchevismo*, que ao invés de ser um “apanhado ágil e vivo da arte da política comunista na década de 20” é na verdade um livro contrário ao bolchevismo, engendrado na lógica da ilusão. In: SILVA, Carla Luciana. Op.Cit. p. 121.

²⁰⁷ Idem, pp.120, 121.

²⁰⁸ Escritor uruguaio. Tradução de Affonso Schmidt e desenho de Di Cavalcanti.

visita a nova Rússia (1931 – Editora Americana), de Fernand Corcos e *Rússia: uma nova humanidade* (Editora Atlântida), de José Dubois.²⁰⁹

Em relação aos relatos com impressões depreciativas à imagem da URSS, destaca-se uma coleção especial intitulada *Inquéritos sobre a Rússia*, da Livraria do Globo, de Porto Alegre, contendo os relatos: *O Comunismo Russo e a Civilização Cristã*, de d. João Becker, *No País dos Soviets* (1931), de Jorge Le Fevre²¹⁰, *A Tschéka (Inquisição Vermelha)* (1931), de Jorge Popoff²¹¹, *Moscovo sem Máscara*, (1931), de Joseph Douillet, *Como matei Rasputine*, de Príncipe Yussupoff, *A Noite que vem do Oriente* (1932), de Sérgio de Chessin, *As forças secretas da Revolução*, de Léon de Poncins, *O que vi em Moscovo*, de Henri Béraud, *A Outra Europa*, de Luc Durtain e *A Rússia Nua*, de Panait Istrati.²¹² Na contracapa do livro de Sérgio de Chessin, há um recado irônico aos leitores: “Ao leitor que deseja conhecer a moderna Rússia dos Soviets, recomenda-se uma viagem baratíssima, cômoda e sem perigo à terra do comunismo, através dos livros da coleção – *Inquéritos sobre a Rússia* [...]”²¹³

Apesar de apresentarem uma quantidade considerável de obras favoráveis à URSS, as editoras sofriam repressão da polícia política do Estado. Em 1931, a Editorial Pax acusou o DOPS de ter determinado a apreensão dos originais de *Impressões de Moscow* e solicitado a suspensão de todas as obras que fizessem referências à Rússia. Inconformada, a editora solicitou um interdito proibitório à 2ª Vara Cível de São Paulo, e publicou o texto

²⁰⁹ O fato de tais relatos serem de predominância favorável à imagem da URSS não significa que todos eles sejam isentos de críticas ao regime soviético. Em relação aos mais críticos, destacam-se *Uma visita à nova Rússia*, de Fernand Corcos, *O Paraíso Moscovita*, de Paul Marion, comunista francês, e *Rússia: Uma nova humanidade*, de José Dubois, soldado francês da Primeira Guerra e colaborador de informes sobre economia política e crítica financeira em jornais franceses.

²¹⁰ Original: LE FEVRE, Georges. *Un bourgeois au pays des Soviets*, 1930. Le Fevre era jornalista francês, autor de vários relatos de viagem, e começou sua carreira em *L'Auto* e em *L'Equipe*. In: MAZUY, Rachel. Op.Cit. p. 312.

²¹¹ Jorge Popoff se diz correspondente de vários jornais europeus e americanos (*International News*, de Nova York, entre outros), e comenta que foi preso, em novembro de 1922, pela Tscheka (GPU), em Moscou. Seu relato denuncia os abusos cometidos pela polícia política secreta de Moscou.

²¹² Embora sejam citados na orelha do livro de Joseph Douillet, os relatos de Luc Durtain e Panait Istrati não foram publicados. No mesmo livro, na contracapa, há novamente uma relação das coleções da Edições Globo, e esses livros não são citados. O livro de Panait Istrati foi publicado em 1946, pela editora Alerta, com o nome: *16 meses na U.R.S.S.: Rumo a outra flama*. Em uma nota preliminar, Idelfonso Abramo comenta que há quase 16 anos o Brasil aguardava a publicação desse livro. Além disso, é comentado que, a fim de “permitir a leitura deste livro a maior número de leitores, foram, com a autorização dos editores, abrandadas certas passagens que poderiam ser consideradas chocantes.” In: ISTRATI, Panait. *16 meses na U.R.S.S. Rumo a outra flama*. Rio de Janeiro: Alerta, 1946.

²¹³ CHESSIN, Sérgio de. *A Noite que vem do Oriente*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1932.

do documento com que requereu o interdito no apêndice de *A Nova Russia*, de Alvarez del Vayo.²¹⁴

Em sua defesa, descreveu o conteúdo dos livros e seus autores, alegando que eles não poderiam incluir-se “entre as obras de propaganda doutrinária julgadas nocivas à ordem pública.”²¹⁵ Salientou, como exemplo, que o relato de Diego Hidalgo havia sido publicado na “ditadura reacionária de Primo de Rivera”, sem ter sido censurada como estava sendo pela polícia do Brasil. Ressaltou ainda que tal ato da polícia seria uma contradição aos princípios de liberdade e pensamento apregoados ao país inteiro pelos políticos que fizeram a Revolução de Outubro de 1930, e que o critério estipulado de censurar todas as obras sobre a Rússia seria um retrocesso aos tempos inquisitoriais.

O documento levanta ainda o fato de que a Rússia estava sendo convidada a participar da Conferência Econômica da Sociedade das Nações e que diversos países já haviam estabelecido relações com a URSS. Por fim, invocando o código civil brasileiro em vigência da época, requereu que a polícia da capital fosse intimada para que se abstinhasse de impedir a divulgação, venda e exposição das obras editadas, sob pena de responder ao Estado de São Paulo, no caso de transgressão da medida, não só por perdas e danos de reposição dos livros em seu anterior estado, como também pagar as importâncias dos valores perdidos de cada volume que não pudessem ser vendidos em virtude da medida imposta.²¹⁶ A editora obteve o interdito em maio de 1931. A aparente liberdade e defesa de ideias após a ascensão de Getúlio Vargas, entretanto, durou pouco: em 1932, 14 mil livros da Editorial Pax foram confiscados pela polícia, proibidos de serem vendidos em qualquer livraria, e, posteriormente, queimados.²¹⁷ Segundo Tucci Carneiro, havia, entre os policiais do DOPS, um sentimento de animosidade contra tudo que tivesse alguma relação com o regime socialista.²¹⁸

²¹⁴ Embaixador da República Espanhola no México.

²¹⁵ VAYO, Julio Alvarez del. *A Nova Russia*. São Paulo: Editorial PAX, 1931. p.154.

²¹⁶ Idem, p. 157. O documento foi escrito por Leôncio Ribas Marinho (advogado), sob a responsabilidade de Élio de Stefani.

²¹⁷ ANDREUCCI, Alvaro Gonçalves Antunes. *O risco das ideias: intelectuais e a polícia política, 1930-1945*. São Paulo: Humanitas: FAPESP, 2006. p. 40. Informações retiradas do Relatório de atividades dos comunistas estrangeiros, Delegacia de Ordem Política do Estado de São Paulo. São Paulo, 12/02/1932. Doc.28. Prontuário 864. DEOPS/DAESP.

²¹⁸ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Livros proibidos, Ideias Malditas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

Em sua pesquisa analisando periódicos²¹⁹ do início da década de 1930, Silva salienta que eram feitos diversos ataques ao comunismo e à URSS por meio de artigos e notícias de jornais. Segundo ela, cada jornal desenvolveu sua própria campanha anticomunista: O *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, por exemplo, associou-se a um correspondente, Gondin da Fonseca, e criou o quadro “Cartas da Rússia”, modificado alguns anos depois para “Aspectos da Rússia Soviética”.²²⁰ Os jornais publicavam relatos de jornalistas, políticos ou correspondentes diversos que haviam visitado a URSS. Muitas vezes, eram ex-comunistas que, arrependidos, contavam o que viram no “inferno russo.”

Pela pesquisa de Silva, é interessante observar a enorme quantidade de artigos e relatos contrários à URSS, publicados no início de 1931 pelos jornais oficiais do país, sobre diversos assuntos cotidianos da sociedade socialista. Embora seu livro não tenha sido publicado no Brasil no início da década de 1930, Panait Istrati teve diversos artigos publicados em vários jornais. Seus artigos criticavam a Rússia soviética, defendendo a população russa, caracterizada como desinformada e ignorante. Como forma de legitimação, o autor explicitava que suas informações eram copiadas do *Pravda*, jornal oficial do regime soviético.²²¹ A imagem que os jornais passavam da URSS, de acordo com Silva, era a de um regime consumidor de milhões de vidas humanas.

Em 1931, em meio a este espaço de literatura e propaganda combativa em relação à imagem da União Soviética, surge o primeiro relato de viagem publicado de um viajante brasileiro, Maurício de Medeiros.²²² Médico psiquiatra, professor da Faculdade de

²¹⁹ Os principais jornais que Luciana Silva analisa, são: *A Federação*, *Correio do Povo*, *O Jornal*, *Correio da Manhã* e *O Estado de São Paulo*.

²²⁰ SILVA, Carla Luciana. Op. Cit. p. 132.

²²¹ SILVA, Luciana. Op. Cit. p. 158. Exemplos de artigo de Istrati: “A ignorância na Rússia comunista: um caso narrado pela imprensa oficial de Moscou”. *A Federação*, 18 de junho de 1931. Artigo copiado do *O Jornal*, de 12 de junho de 1931; “As crianças abandonadas na Rússia comunista: um governo que o flagelo acabou reconhecendo”. *O Jornal*, julho de 1931. Idem, p. 159.

²²² Maurício Campos de Medeiros nasceu no Rio de Janeiro (1885-1966), filho do quarto casamento de Joaquim de Campos da Costa de Medeiros. Órfão de pai aos sete anos, Medeiros viveu sob tutela do irmão José Joaquim de Medeiros e Albuquerque, escritor, jornalista e político. Em 1901, matriculou-se na Faculdade de Medicina. Diplomou-se em farmácia em 1903 e em 1907 concluiu o curso de Medicina. Depois de formado substituiu seu irmão Medeiros e Albuquerque em uma seção diária da *Gazeta de Notícias*, iniciando sua militância na imprensa. Em 1914 tornou-se livre-docente das cadeiras de patologia geral na Faculdade de Medicina, e de psicologia na Escola Normal do Distrito Federal, hoje Instituto de Educação. Em 1915 foi nomeado diretor-geral de Higiene do estado do Rio de Janeiro e, no ano seguinte, foi eleito para a Câmara estadual fluminense na legenda do Partido Republicano. Deixando a Câmara estadual em 1920, foi eleito no ano seguinte deputado federal pelo estado do Rio. Em janeiro de 1922, contudo, desincompatibilizou-se do novo mandato a fim de prestar concurso para da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, sendo integrado nessa função em setembro deste ano. Associando a experiência jornalística à área médica, em 1924 foi

Medicina do Rio de Janeiro e eleito deputado federal também por esse estado, Medeiros justificou a publicação do relato dizendo ser uma resposta a tantos pedidos para que ele contasse suas impressões sobre o país, escritas em notas que tomou durante a viagem.²²³ Medeiros, possivelmente, não esperava o sucesso de vendas que seguiu à publicação. Lançado primeiramente no Rio de Janeiro, seu livro esgotou-se em oito dias, tal foi a sua aceitação.²²⁴ Segundo Carone, o livro de Medeiros atingiu, em poucos meses, seis edições consecutivas, sendo que cada uma delas oscilava entre duas ou três mil cópias.²²⁵

Em meados de setembro de 1931, logo após a publicação do livro, Medeiros foi a São Paulo “examinar o mercado” para decidir sobre a publicação da segunda edição de seu relato. Ele comenta ser muito grato pelo acolhimento que lhe fizeram os jornais paulistas. Entrevistado pelo *Diário da Noite*, explica que, durante algum tempo, guardou suas impressões de viagem sobre a Rússia, mesmo elas não sendo comunistas, por conta de suas prisões de ordem política, que poderiam dar-lhes uma cor suspeita à imparcialidade do julgamento que delas decorre. Decidiu, portanto, não publicar o livro, salientando que, somente com a Revolução de 1930, foi lhe restituída a liberdade para tal assunto.²²⁶

Medeiros havia viajado para a URSS havia dois anos, em 1928, na companhia de Manoel Visconti, industrial de Santa Catarina. Ambos estavam na França, para participar da Conferência Interparlamentar de Comércio, em Versalhes. De lá, entrou em contato com a embaixada soviética de Paris para conseguir o visto para Moscou. Em seu relato, Medeiros afirma que o fim principal de sua viagem era satisfazer a curiosidade natural de todo o homem que lê e que sabe das grandes reformas sociais que operavam naquele país.²²⁷ A partir de suas impressões e dados colhidos, ele tinha a intenção de fazer o

redator-chefe do *Diário de Medicina*. Em 1927, durante o governo de Washington Luís, foi novamente eleito deputado federal pelo Rio de Janeiro. Reeleito em março de 1930, teve seu mandato interrompido pela revolução que, em outubro desse ano, depôs Washington Luís e levou à formação do Governo Provisório chefiado por Getúlio Vargas. In:

http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/Mauricio_de_Medeiros. Acessado em 27/02/2013.

²²³ MEDEIROS, Maurício de. *Rússia: notas de viagem – impressões – entrevistas – observações sobre o regime soviético*. Rio de Janeiro: Calvino Filho, 1931.

²²⁴ “O problema de proteção à Infância constitui uma das faces mais brilhantes da administração soviética”. *Correio da Tarde*, São Paulo 19/09/1931. Prontuário 1270. Arquivo Maurício de Medeiros. DEOPS/SP.

²²⁵ CARONE, Edgard. Op.Cit. pp.66, 67.

²²⁶ “A Revolução substituiu os maquinistas – mas a máquina continua a mesma.” *Diário da Noite*, São Paulo, 15/09/1933. Prontuário n. 1270. Arquivo Maurício de Medeiros. DEOPS/ SP.

²²⁷ MEDEIROS, Maurício de. Op. Cit. p.155.

Parlamento Brasileiro, do qual fazia parte, reatar, senão as relações diplomáticas, ao menos as relações comerciais com a Rússia.²²⁸

A chegada de Medeiros ao Rio de Janeiro foi divulgada pelo *Correio da Manhã*, de 19 de outubro de 1928.²²⁹ Ele chegou a bordo do transatlântico “Lutetia”, navio francês, vindo de Bordeaux, o que significa que teve que retornar para a França antes de sua partida para o Brasil. Entrevistado, Medeiros apresenta uma visão positiva do que observou, dizendo ser a Rússia uma surpresa, muito melhor do que tudo que ele poderia supor:

— E os estrangeiros são bem acolhidos?

— Da melhor maneira. Comigo viajou o Sr. Manoel Visconti, industrial em Santa Catarina. Teve as mesmas facilidades que eu por toda a parte onde andou. Partiu de lá sozinho, antes de mim, sem que em fronteira alguma lhe criassem a mínima dificuldade. Hoje há uma corrente nítida de turismo estabelecido para a Rússia. Uma sociedade de Relações Culturais com o estrangeiro facilita todas as informações, fornece intérpretes, promove visitas a Museus, serviços públicos, faz em suma tudo quanto pode tornar útil a visita de um estrangeiro à Rússia.

— E acha que o regime resistirá?

— Não tenho a mínima dúvida de que permanecerá a ditadura do proletariado. A consciência de governo está tão fortemente penetrada na massa popular russa que não creio possível nenhum movimento que tente restabelecer o governo de qualquer outra classe. Praticamente, porém, essa ditadura proletária é adoçada pela ação de uma elite viva, inteligente, culta e cuja plasticidade as revela nas sucessivas adaptações porque tem passado o regime dos soviets. A necessidade de colaboração do capital estrangeiro imporá muito em breve ainda mais profundas modificações, que alterarão na sua essência doutrinária o regime comunista, mas não diminuirão o controle que na direção do país ali exercem as grandes massas.²³⁰

É interessante observar, portanto, que a viagem de Medeiros e, posteriormente, a publicação de seu relato, são inicialmente observados com curiosidade pela imprensa brasileira, sem muita censura. A seu favor, Medeiros contava com o fato de não ser filiado ao PCB e ter viajado por seus próprios meios, a fim de não ser emissário de qualquer corrente ideológica.²³¹ Mesmo assim, houve muitas críticas em relação à posição favorável – apesar de crítica - de Medeiros ao regime. Em uma carta de setembro de 1931, a respeito de uma reportagem no jornal *El Liberal* sobre o perigo comunista da América do Sul, logo após a publicação do relato de Medeiros, Lucillo Bueno, diplomata representante da

²²⁸ Idem, *Ibidem*.

²²⁹ “A bordo do “Lutetia”, chegou um deputado brasileiro que esteve na Rússia.” *Correio da Manhã*, 19/10/1928. – Acervo AEL. A reportagem encontra-se em anexo.

²³⁰ Idem.

²³¹ MEDEIROS, Maurício de. *Op.Cit.*p. 9.

Legação brasileira em Assunção, comentou que soube por Salgado Junior, 4º Delegado Auxiliar da Polícia Carioca, que “até professores de cursos superiores professam essas doutrinas dissolventes do organismo social.”²³²

Apesar das denúncias, o relato de Maurício de Medeiros impressiona pelo tom de moderação, na medida em que faz elogios e críticas à experiência soviética.²³³ Permanecendo cerca de um mês na URSS durante o momento de transição entre a NEP e o Primeiro Plano Quinquenal, Medeiros teve a oportunidade de visitar Moscou, Leningrado, Níjni Novgorod – cidade situada às margens do Rio Volga - e Carcóvia, cidade da Ucrânia. Em tais cidades, visitou escolas, hospitais, creches, museus, teatros, cinemas, casas de repouso de operários, ofício de registro de casamentos e divórcios, usinas, casas de comércio e até mesmo uma habitação coletiva, por ter encomendado de uma costureira uma blusa ucraniana.

Medeiros é o viajante que mais tece comentários a respeito do cotidiano soviético e suas implicações, dividindo os capítulos de seu relato em uma quantidade ampla de temas. Ele procura explicitar, em seu relato, diversos assuntos que já haviam sido apontados e criticados por artigos da imprensa brasileira. Em relação ao problema de menores abandonados, por exemplo, ele afirma que a questão de fato existe, mas que não tem as proporções calamitosas que a imprensa ocidental divulgava. Permanece, no entanto, em dúvida se os russos teriam a capacidade para extinguir esse mal.²³⁴ Em relação ao problema do analfabetismo – segundo ele, problema muito semelhante ao do Brasil - , Medeiros mostra-se impressionado com a propaganda do governo para incentivar a leitura na Rússia e ao programa de multiplicação de escolas, programa que, segundo ele, gastaria o total da receita atual da União brasileira para acabar com o analfabetismo.²³⁵

Medeiros faz ainda comentários em relação à legislação trabalhista da URSS, comparando-a com a do Brasil. Salientando que o regime soviético estava fazendo experiências para a adoção de um regime de sete horas de trabalho, mantendo o mesmo salário, ele comenta que a redução da jornada de trabalho também havia sido aplicada no

²³² Carta de Lucillo Bueno ao Ministério das Relações Exteriores de 15/09/1931. “O perigo comunista na América do Sul”. AHI-RJ.

²³³ MOTTA, Rodrigo. *Em guarda contra o “Perigo Vermelho”: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva, 2002, p. 70.

²³⁴ MEDEIROS, Maurício de. Op. Cit. p. 77.

²³⁵ Idem, p. 214.

Brasil, mas com o objetivos puramente financeiros, pois o operário teria que trabalhar mais em poucas horas, uma vez que seria pago pela quantidade de serviço. “Na Rússia acredita-se – e eu acho que com maior razão – que é o repouso intercalar que dá ao operário maior eficiência no trabalho, em quantidade e qualidade.”²³⁶

Esses são apenas amostras de alguns pontos levantados pelo relato de Medeiros, que demonstram uma constante comparação com a sociedade brasileira em que ele próprio vivia. Suas observações estão de acordo com os temas já anteriormente divulgados por periódicos brasileiros e com seus próprios interesses, como a questão da medicina na Rússia e da saúde da mulher.²³⁷ Nas conclusões de seu relato de viagem, Medeiros salienta que suas impressões fornecidas aos jornalistas bastaram para que alguns periódicos o classificassem como filiado à III Internacional, e para que o serviço de Ordem Social, mantido pela polícia de “seu” amigo, Coriolano de Góes e pelo subsistente e “ex-colega”, o liberal Batista Luzardo, abrisse um dossiê em seu nome, colecionando o que ele dizia.²³⁸

Seis meses após *Rússia*, Medeiros publicou um livro cujo título, *Outras Revoluções Virão...*, pode ser visto como uma clara provocação às opiniões dos que o julgaram comunista e defensor da Revolução Russa. Apesar do título instigante, o livro reafirmou sua confiança na democracia liberal de forma parlamentar, elencando diversas críticas ao regime presidencialista – um regime, segundo ele, sem freios nem controle possível, cujos erros desencadearam na “desastrosa revolução de 1930”.²³⁹ No prefácio de sua segunda edição, não ignorando o fato de que muitos pensaram ser ele prenunciador de uma revolução comunista, Medeiros observa:

Há uma grande facilidade, geralmente proporcional à ignorância, no julgar um autor. Quando escrevi *RUSSIA*, eu já contava com ela, pois num de seus capítulos previ que o simples fato de não dizer que na Rússia os homens andam de cabeça para baixo era o suficiente para taxarem-me de comunista. [...] Uns avaliavam em algumas centenas de contos de réis imaginária subvenção, que eu teria recebido dos soviets, para confeccionar aquele livro. (Que alegria para meus credores, se isso fosse verdade!) Outros atribuíam-me a chefia do

²³⁶ Idem, p.107.

²³⁷ Outros aspectos cotidianos são apresentados no capítulo 4 desta dissertação.

²³⁸ MEDEIROS, Mauricio de. Op.Cit. pp. 299, 300.

²³⁹ Idem, p.22. Ainda segundo Medeiros, o regime presidencial seria uma intoxicação entorpecente, em que o organismo social se adapta às suas violências e procura modos de viver. Medeiros acusa o luxo de poder do regime presidencial por ser responsável pelo suborno da imprensa e da supressão de alguns jornais decretada sob a presidência de Washington Luís. p. 40.

comunismo no Brasil, passando-me generosamente o bastão de Luís Carlos Prestes.²⁴⁰

Medeiros evidencia que escreveu o livro a partir do seu ponto de vista burguês – o único, segundo ele, que pode dispor quem nasce, vive e se nutre em plena burguesia.²⁴¹ Nesse sentido, ele julga impossível um burguês tornar-se sinceramente um comunista, criticando, possivelmente, a existência de intelectuais burgueses do PCB. Para ele, os comunistas só poderiam ser de uma espécie: homens do proletariado, para os quais a vida seria uma tortura e que, por seus próprios movimentos, poderiam conquistar a igualdade sensível ao seu temperamento.²⁴² Já as sociedades burguesas, teriam que se contentar com “um simples reajustamento da desequilibrada máquina em que a concentração capitalista transformou a vida.”²⁴³ O livro é, portanto, uma forma de defesa das acusações realizadas pela imprensa e autoridades governamentais que o julgavam como um possível comunista, ao mesmo tempo em que constrói elevadas críticas ao regime autoritário que era perpetuado pelo presidencialismo de Vargas.

Percebe-se, em ambos os livros, que Medeiros possuía uma relativa liberdade para realizar essas críticas, possivelmente devido ao seu cargo como deputado e seus contatos políticos. Por meio de algumas passagens, fica claro, por exemplo, que ele possuía contatos com altos funcionários do Itamaraty.²⁴⁴ Em seu relato, Medeiros demonstra que estava consciente dos “extensíssimos relatórios do Sr. Raul do Rio Branco”, que alarmavam a mentalidade do Sr. Washington Luís sobre o comunismo.²⁴⁵ Sobre uma questão de um empréstimo feito pelo governo brasileiro para a construção da Rede de Viação Cearense, cuja metade acabou ficando recolhida no Banco Russo em Londres, confiscado pelo governo soviético, Medeiros afirma ter comentado sobre o assunto com o ministro

²⁴⁰ MEDEIROS, Maurício de. *Outras Revoluções Virão...* Rio de Janeiro: Calvino Filho, 1932. pp. V, VI.

²⁴¹ Idem, p. X.

²⁴² Idem, p. VIII.

²⁴³ Idem, pp. X, XI.

²⁴⁴ No dia da posse do presidente Arthur Bernardes, Medeiros comenta que, após tomar um café com Nilo Peçanha, ex-presidente do Brasil e diplomata, pela Avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro, onde se situa o Palácio do Itamaraty, viram o presidente Arthur Bernardes fazendo um pequeno passeio antes de seu regresso ao Catete. “Nilo não soube esconder seu desapontamento. Compreendi-o muito bem. Evidentemente Nilo percebia que, se o senhor Bernardes já estava afrontando a rua e entrando em contato com o povo carioca, em pouco tempo o dominaria. Infelizmente, maus conselheiros do senhor Bernardes não o deixaram prosseguir nessa atitude. E o homem se afastou de qualquer aproximação com o povo, que conservou contra ele as mesmas prevenções com que o recebera.” Idem. pp. 74, 75.

²⁴⁵ MEDEIROS, Maurício de. Op. Cit. p. 167.

Mangabeira em seu retorno, mas conclui que ninguém no Itamaraty, nem na alta administração, conhecia a questão. Apesar do problema, ele diz acreditar que o Brasil poderia e deveria restabelecer intercâmbio comercial com o regime soviético.²⁴⁶

Apesar do apoio favorável à URSS, Medeiros ressalta que, embora a Rússia tenha lhe encantado por ver nela realizadas diversas ousadias de sua própria imaginação, sentiu também uma angústia mental, por perceber a repressão da liberdade de crítica livre do regime e de seus métodos. “Fui sempre tão habituado a uma rebeldia intelectual, dando asas ao meu pensamento, vendo-o passar livremente, que aquela gaiola do regime comunista, com sua disciplina de ferro, me produziu uma impressão de asfixia mental!”²⁴⁷ Após alguns anos, porém, Medeiros seria também asfixiado pelas medidas repressivas adotadas pelo governo de Vargas. Exemplares de seu relato foram apreendidos pela polícia do Distrito Federal²⁴⁸, e, de acordo com informações encontradas em seu prontuário no DOPS,²⁴⁹ Medeiros foi preso em novembro de 1935, logo após a Insurreição Comunista. Sua afirmação de não comunista, portanto, parece não ter sido muito válida para impedir a repressão da polícia política varguista.

Posterior à publicação do relato de Maurício de Medeiros, está o relato do brasileiro e também psiquiatra, Osório Thaumaturgo Cesar²⁵⁰, publicado em 1932. O relato se refere à

²⁴⁶ Idem, pp. 164 a 167.

²⁴⁷ MEDEIROS, Maurício de. Op. Cit. p. 305.

²⁴⁸ SOTANA, Edvaldo. *Relatos de viagem à URSS em tempos de Guerra Fria: uma prática de militantes comunistas brasileiros*. Curitiba: Quatro Ventos, 2006.p. 68.

²⁴⁹ “Relação de presos implicados nos últimos acontecimentos de novembro de 1935.” Prontuário 1270. Maurício de Medeiros. DEOPS/SP.

²⁵⁰ Osório Thaumaturgo Cesar nasceu em João Pessoa (na época, Parahyba) (1895-1980). Foi crítico de arte, escritor e psiquiatra. Formou-se em odontologia em São Paulo em 1915, e em anátomo-patologia na Faculdade de Medicina da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro, em 1925. Em 1923 já era interno do Hospital do Juqueri (São Paulo) como “primeiro estudante”, e oficialmente como médico em 1925, onde permaneceu por quarenta anos. No Juqueri começou, de forma pioneira, a se interessar pela produção artística entre os internos de hospitais psiquiátricos. Estudou a arte dos alienados, comparando-a com a arte dos primitivos e das crianças. Escreveu seu primeiro livro: *A Expressão artística dos alienados* em 1929, em que diz: “As representações de arte desses doentes são todas emocionais, pois elas são de caráter espontâneo e se dirigem para um fim único: a satisfação de uma necessidade instintiva. Elas representam descargas acumuladas de emoções, durante muito tempo no subconsciente, adormecidas pela censura, em virtude de certos impulsos de ordem moral”. O trabalho foi enviado inclusive para Freud, que o publicou na revista *Imago*. Sua ligação com a arte tornou-o um articulista dos grandes jornais de São Paulo no período de 1940-1960. Sua orientação política levou-o diversas vezes a prisão, inclusive numa vez, em 1935, quando retornava de um congresso de fisiologia na URSS, foi preso ainda dentro do navio em que retornava ao Brasil. Sua opção política não impediu que trabalhasse no Hospital do Juqueri de 1925, até 1965 quando se aposentou no cargo de psiquiatra.

Fontes: <http://artesvisuaisparaiba.com.br/artista.php?id=385> e <http://www.polbr.med.br/ano08/wal0508.php>
Acessados em: 28/02/2013.

sua viagem realizada na companhia de Tarsila do Amaral²⁵¹, sua companheira, para a URSS no segundo semestre de 1931, onde permaneceram durante três meses. De acordo com Graziela Naclério Forte, para a realização da viagem, Tarsila teve que vender alguns quadros de sua coleção particular, uma vez que a crise de 1929 havia afetado as finanças de seu pai. Em Paris, uma apresentação para o crítico russo Serge Romoff possibilitou a realização de uma exposição sua em Moscou, no Museu de Artes Ocidentais. A venda da tela *O Pescador*, adquirida pelo próprio museu, contribuiu para os recursos financeiros da viagem. Em uma carta à família, Tarsila escreveu dizendo que o pagamento era em rublos, o que significava que ela não poderia tirar o dinheiro do país, utilizando-o, assim, em seus itinerários.²⁵²

Na mesma carta, Tarsila frisa querer visitar Moscou, para “apreciar construções novas, os seus processos intelectuais e materiais completamente revolucionários, bem como o seu povo animado de uma mentalidade sadia e inédita, com suas leis naturais e seus pulmões livres e capazes de respirar o ar da mais saudável das liberdades.”²⁵³ O casal esteve em Moscou e em pequenas cidades ao seu redor, como Lossinki, além de Leningrado, Odessa e em cidades da região da Crimeia, como Ialta e Feodossia, onde passaram alguns dias na casa de repouso do Instituto Lênin. Segundo Osório Cesar, viajaram muito, sem que nada lhes fosse vedado.²⁵⁴ Visitaram instituições de diversos tipos,

²⁵¹ Tarsila do Amaral nasceu no Município de Capivari (1886-1973), São Paulo. Filha de fazendeiro, José Estanislau do Amaral e de Lydia Dias de Aguiar do Amaral, passou a infância nas fazendas de seu pai. Estudou em São Paulo, no colégio Sion e depois em Barcelona, onde já pintava. Casou-se com André Teixeira Pinto, com quem teve sua única filha, Dulce. Após sua separação, iniciou seus estudos de arte, em escultura, desenho e pintura. Entrou no grupo modernista por meio da amiga Anita Malfatti e conheceu o escritor Oswald de Andrade. Morou em Paris no início da década de 1920, onde continuou seus estudos artísticos. Em 1926, fez sua primeira exposição individual em Paris, e casou-se com Oswald de Andrade. Washington Luís (presidente do Brasil) e Júlio Prestes (Governador de São Paulo), foram seus padrinhos. Em 1929, Tarsila fez sua primeira Exposição Individual no Brasil. Durante a crise de 1929, seu pai teve as fazendas hipotecadas, perdendo muito dinheiro. No mesmo ano, Tarsila separou-se de Oswald. Em 1931, viajando com o médico comunista Osório Cesar, Tarsila expôs em Moscou. Sensibilizou-se com a causa operária e chegou a ser presa por participar de movimentos sociais. Em 1933, pintou a tela *Operários*. Essa fase social durou pouco tempo, e, em meados de 1930, Tarsila uniu-se com o escritor Luís Martins, vinte anos mais novo que ela, e passa a trabalhar como colunista nos Diários Associados. Biografia resumida, retirada do site: http://www.tarsiladoamaral.com.br/biografia_resumida.html Acessado em 28/02/2013.

²⁵² FORTE, Graziela Naclério. “CAM e SPAM: Arte, Política e Sociabilidade na São Paulo Moderna, do início dos anos 1930.” São Paulo: USP, 2008. Dissertação de Mestrado. p.124. Nota: 29. (Acervo de Tarsila do Amaral, no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo; Aracy Amaral, *Tarsila do Amaral*, São Paulo, Fundação Finambrás, cronologia).

²⁵³ Idem, *Ibidem*.

²⁵⁴ CESAR, Osório. *Onde o proletariado dirige... Visão panorâmica da U.R.S.S.* São Paulo: Edição Brasileira, 1932. p.9.

como a Casa dos Sindicatos – magnífico palácio em Moscou -, o Comissariado de Instrução Pública, diversas escolas, creches e faculdades, como a Faculdade Operária Bukharin, a Academia Russa de Ciências em Leningrado, a Casa Central do Camponês, além de museus em Leningrado e em Moscou, etc.

O objetivo de seu relato, segundo Cesar, seria mostrar ao público o resultado das observações que colheram²⁵⁵ durante alguns meses no contato direto com a massa operária e com cientistas “de valor”. Ressalta ainda que procurou desenvolver, o quanto possível, as partes referentes à instrução e à saúde pública, utilizando-se de estatísticas recentes do Primeiro Plano Quinquenal, fornecidas pelos próprios estabelecimentos ou pela VOKS.²⁵⁶ Seu relato se caracteriza por ser bastante informativo a respeito das instituições soviéticas, apresentando, quase sempre, dados estruturais e funcionais sobre elas. Algo que chama a atenção é a impressionante quantidade de institutos de pesquisa e hospitais visitados, ao todo, mais de dez. Para se ter ideia, segue uma lista de todos aqueles visitados e descritos por Osório Cesar:

- Instituto Skifanovski de Moscou – instituto de socorros imediatos;
- Instituto Obuch – realiza pesquisas científicas sobre moléstias profissionais;
- Instituto de Moléstias Tropicais de Moscou;
- Instituto de Biologia Experimental;
- Instituto Experimental de Endocrinologia de Moscou;
- Instituto Neuropatológico Cirúrgico de Leningrado;
- Instituto de Higiene Social;
- Instituto de Reflexologia Besterev, para o estudo do cérebro, em Leningrado;
- Instituto de Medicina experimental de Leningrado;
- Instituto do Cérebro, de Moscou;²⁵⁷
- Instituto de Medicina;
- Instituto Morfológico e Anatômico;
- Hospital de neuro-psiquiatria Soloviov (Moscou);
- Hospital de psiquiatria de Odessa;
- Hospital Botkin (Moscou);
- Instituto Narco-Dispensário – instituto para tratamento de toxicomanias.

Não bastando, Cesar apresenta dados a respeito da legislação trabalhista específica para os médicos na União Soviética. Dispõe sobre a jornada de trabalho, férias, honorários,

²⁵⁵ Osório Cesar escreve todo o relato na segunda pessoa do plural.

²⁵⁶ Idem, pp.11, 12.

²⁵⁷ Nesse Instituto, Osório Cesar teve a “oportunidade” de segurar o cérebro de Lenin: “[...] foi comovidamente que o tivemos entre as mãos, e que examinamos esse cérebro que dirigiu o destino de milhões de homens [...]” Idem, p. 142.

segurança social, vantagens profissionais e dados estatísticos.²⁵⁸ É nítido, portanto, que Osório Cesar direciona os locais visitados e o próprio conteúdo do relato segundo seus interesses pessoais. O relato apresenta um capítulo apenas para a descrição dos museus visitados, além de um capítulo, mais teórico, a respeito da arte e literatura na URSS, descrevendo a história de diversos grupos e associações artísticas soviéticas – é válido lembrar que Osório Cesar era também um crítico de arte e era um dos responsáveis pelo estudo da influência da arte em seus pacientes de Juqueri.

Onde o proletariado dirige, possui, contudo, uma peculiaridade em relação aos demais relatos. Seu autor não faz comparações com o Brasil, limitando-se apenas à descrição do regime soviético e a algumas comparações mais generalizadas, como a afirmativa de que a cultura dos operários da URSS é geralmente superior à de outras nações. O tom positivo e enaltecedor do regime soviético permanece por toda a narrativa, sendo que qualquer problema é direcionado a algum motivo do passado atrasado e mal desenvolvido da Rússia czarista.

A repercussão do relato de Osório Cesar parece ter sido positiva em alguns jornais, como o *Diário de São Paulo*, que apresenta um resumo sucinto do relato:

O autor, nome conhecido nos meios médicos de São Paulo, faz neste volume, agora aparecido, o relato completo da viagem que fez este ano à URSS, e fá-lo de maneira objetiva e imparcial. Depois de um capítulo introdutório sobre a terra e outro sobre a organização econômica, onde são resumidos os resultados do plano quinquenal, nos últimos anos, o autor passa a tratar, mais pormenorizadamente, da organização social, das instituições culturais, escolas, saúde pública, arte e literatura, museus e monumentos. Dado o caráter da obra, circunstanciada e apoiada em argumentos concretos, sobre ser o livro de Osório Cesar uma visão panorâmica da URSS, por assim dizer é uma reportagem atual e necessária, maximé no nosso meio literário e social, onde escasseiam as fontes diretas de informações sobre a Rússia soviética. O livro que é prefaciado por Henri Barbusse, contém numerosos gráficos e fotografias, e é enriquecido de desenhos de Tarsila. *Diário de São Paulo*, 1º de novembro de 1932.²⁵⁹

²⁵⁸ Idem, pp. 111-113.

²⁵⁹ Reportagem retirada do apêndice do livro CESAR, Osório. *O que é o estado proletário (reflexões sobre a Rússia soviética)*. São Paulo: Udar, 1933. p. 186. O apêndice apresenta uma compilação de apreciações a respeito do relato de viagem de Osório Cesar.

Concomitantemente à publicação de *Onde o proletariado dirige*, Osório César e Tarsila do Amaral passaram a participar do Clube dos Artistas Modernos (CAM).²⁶⁰ Nele, foram responsáveis por uma exposição de cartazes russos de conteúdo político, com o objetivo de divulgar o novo regime, os desejos de seu governo e de seu povo. Os cartazes traziam imagens de Lênin, Stálin e outros chefes da III Internacional, além de fazerem referência ao aumento da produção agrícola, ao combate ao alcoolismo, às noções de higiene, etc.²⁶¹ Em julho de 1933, Tarsila do Amaral realizou ainda uma palestra sobre a Arte Proletária, diferenciando-a da Arte Burguesa, além de fazer uma sessão de músicas populares e hinos russos, “com o fim de mostrar a evolução por que passa essa arte na terra dos *moujiks* vermelhos.”²⁶²

Em novembro de 1933, Osório Cesar, na qualidade de representante do Comitê Anti-guerreiro, discursou no clube a respeito das revoluções fracassadas na Alemanha e na Espanha, enaltecendo o triunfo da Revolução Russa, declarando-se a serviço da “pátria do operariado, a Rússia.”²⁶³ Forte salienta que, se inicialmente os frequentadores do clube demonstravam um interesse comum pelas novas expressões artísticas de vanguarda brasileira, gradativamente não era mais a ordem estética que os reunia, e sim as atividades de resistência cultural, onde as pessoas de origem mais humilde e militantes políticos passaram a se misturar com artistas e intelectuais brasileiros, em busca de informações sobre a ideologia de esquerda.

A palestra mais concorrida, no entanto, foi a de Caio Prado Júnior²⁶⁴, com o título de *Rússia e o Mundo do Socialismo*. Caio Prado e sua esposa Baby haviam permanecido

²⁶⁰ O Clube dos Artistas modernos foi uma agremiação que funcionou desde fins de 1932 até janeiro de 1934. Dissidente da sociedade Pró-Arte Moderna, era formada por artistas e intelectuais, e visava a divulgação da arte moderna e a expansão do seu público para, por conseguinte, obter liberdade ideológica e financeira. FORTE, Graziela Naclério. Op.cit. p. 4.

²⁶¹ Idem, pp.68,69.

²⁶² Idem, p. 124.

²⁶³ Idem, p.144.

²⁶⁴ Caio Prado Júnior (1907-1990), formou-se em na Faculdade de Direito de São Paulo em 1928, e ingressou nesse mesmo ano no Partido Democrático (PD). Participou da Revolução de 1930, apoiando Getúlio Vargas, mas revoltou-se com o que observou quando foi delegado no interior do estado de São Paulo. Em 1931, filiou-se ao PCB. Não viu com bons olhos a Revolução Constitucionalista Paulista de 1932. No ano seguinte, publicou *Evolução Política do Brasil*, em que procurou elaborar uma síntese da história brasileira da colônia ao fim do Império, tendo por base o materialismo dialético. Viajou para a URSS em 1933. Foi vice-presidente da Aliança Nacional Libertadora (ANL), frente política que reunia comunistas, socialistas e a ala da esquerda do tenentismo, como forma de combate ao fascismo e ao imperialismo. Após o fracasso do levante promovido por setores da ANL em Natal, Recife e Rio de Janeiro, em 1935, esteve preso por dois anos. Partiu para o exílio em 1937, regressando ao país em 1939.

dois meses viajando pela União Soviética, entre maio e junho de 1933. No dia 6 de setembro de 1933, ele contou sua experiência e descreveu a questão econômica do país.

Segundo Forte:

Seu discurso, datilografado em trinta e duas páginas, aborda duas questões distintas: o ambiente predominante na Rússia bem como a forma que o povo vive e encara o regime soviético. Devido à diversidade de questões pertinentes ao tema, o intelectual preferiu limitar-se à abordagem sobre o papel da imprensa, a organização do partido dominante (comunista), as eleições soviéticas, a OGPU, a propaganda antirreligiosa e outras questões gerais, ressaltando o funcionamento da economia soviética e a análise da indústria, da agricultura e do comércio.²⁶⁵

A palestra de Caio Prado teve tanta repercussão que ele teve que retornar ao CAM no dia 15 de setembro para uma reapresentação. O *Diário da Noite* publicou:

Não há muitos dias, o Sr. Caio Prado Júnior realizou uma conferência no CAM, à Rua Pedro Lessa, 2 sobre o seguinte tema: A Rússia de hoje. O conferencista conseguiu brilhante sucesso com a sua palestra, feita de maneira admirável, com uma clareza de exposição e com um método que impressionaram satisfatoriamente o auditório. Enorme foi este, pois cerca de 600 pessoas não conseguiram ouvir o conferencista. O CAM, centro cultural que vem prestando ótimos serviços à civilização paulista, cogitou de obter do Sr. Caio Prado Júnior realizasse novamente a palestra, afim de assim atender aos apelos nesse sentido. A conferência será realizada às 22hs, na sede do clube.²⁶⁶

Segundo Forte, o número de ouvintes superou qualquer expectativa e fez com que o espaço se tornasse pequeno, a ponto de formar uma fila na porta, onde diversas pessoas esperavam para entrar no salão. Na segunda conferência, compareceram quinhentas pessoas, dentre elas, o comissário de polícia Humberto Novaes; o político Vicente Rao (amigo de Oswald de Andrade); os diretores do clube Flávio de Carvalho e Jaime Adour da Câmara; Osório César, Tarsila do Amaral, Mário Pedrosa, os irmãos Mário e Galeão Coutinho, Hermínio Sacchetta, Octávio Barbosa e Orestes Ristori.²⁶⁷

Fonte: http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargasI/biografias/caio_prado_junior Consultado em 01/03/2013.

²⁶⁵ FORTE, Graziela. Op. Cit. p. 115. Informações levantadas do Fundo Caio Prado Junior, levantamento prévio: caixas, caixa 1, s.d., Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. O documento referente ao discurso de Caio Prado para o CAM não foi encontrado na pesquisa realizada no Instituto.

²⁶⁶ “A Rússia de Hoje”, *Diário da Noite*, São Paulo, 15 de setembro de 1933. APUD. Forte, Graziela. Op.Cit. p.117.

²⁶⁷ Idem, p. 118.

Ao receber uma correspondência da Companhia Editora Nacional, consultando-o sobre a possibilidade de fazer um livro contendo suas impressões sobre a Rússia, e percebendo os insistentes pedidos de pessoas ávidas por conhecer mais sobre o assunto, Caio Prado decidiu escrever *URSS, um Novo Mundo*, publicado em 1934. Como justificativa da publicação de seu relato, ele faz referência às duas palestras realizadas no Clube dos Artistas Modernos, que, por possuir instalações pequenas, não comportou o número de pessoas que lhe quiseram ouvir, acarretando em mais pedidos para que realizasse outra conferência. Com o risco de se tornar um relógio de repetição, decidiu, portanto, escrever o livro.²⁶⁸ Caio Prado, contudo, chama a atenção para o fato de que o que se havia escrito sobre URSS já era algo incalculável, contando, mesmo na literatura brasileira, entre originais e traduções, um número apreciável de obras no gênero.

Caio Prado filiou-se ao PCB em 1931, no entanto, sua condição de intelectual, aliada à sua independência frente aos cânones ideológicos do partido deixaram-no como um elemento secundário e mal considerado, segundo ele, não em termos pessoais, mas por causa da sua forma de interpretar o Brasil. Caio Prado afirmou sempre ser muito marginalizado no Partido, pela oposição a seus esquemas políticos, econômicos, que ele considerava falhos no que diziam respeito ao Brasil.²⁶⁹ Segundo Iumatti, ele desfrutou, por opção própria e em confronto com as orientações de seu partido, de liberdade de criação.²⁷⁰

Aparentemente, portanto, sua ida à URSS não está ligada a nenhum compromisso com o PCB, assemelhando-se com as viagens realizadas por simpatizantes ao comunismo. Sua viagem foi inclusive realizada por meios próprios, conforme relata em uma carta para seu irmão, Carlos Prado, em que comenta sobre a necessidade de economizar dinheiro para a viagem, a ser realizada via vapor.²⁷¹ Seu relato, contudo, dividido em quatro partes – organização política, econômica, social e realizações da URSS – é muito mais uma

²⁶⁸ PRADO JUNIOR, Caio. *U.R.S.S. Um Novo Mundo*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.

²⁶⁹ KAREPOVS, Dainis (Org.). *Caio Prado Junior: Parlamentar Paulista*. São Paulo: Imprensa Oficial/Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, 2003.p.12.

²⁷⁰ IUMATTI, Paulo Teixeira. *Caio Prado Junior: uma trajetória intelectual*. São Paulo: Brasiliense, 2007. p.82.

²⁷¹ Carta escrita por Caio Prado Junior para Carlos Prado em 15 de fevereiro de 1933. Fundo Caio Prado Junior, referência: CPJ – CA 014. Instituto de Estudos Brasileiros – IEB. USP, São Paulo: “Agora uma notícia sensacional. Resolvi embarcar para a U.R.S.S. Vou com Baby em princípios de Março. Não resolvi ainda o vapor. Pretendo demorar-me o necessário para visitar tudo quanto for possível, dentro dos limites naturalmente do orçamento que infelizmente não é muito grande.”

exaltação teórica das conquistas realizadas pelo regime soviético do que a descrição de uma viagem. Seu interesse centra-se em explicar, de maneira didática, como funciona a estrutura do regime socialista e quais foram os seus avanços até então. De teor propagandístico, ele constrói a narrativa sempre com base na comparação com o sistema capitalista, apregoando que o socialismo seria a resposta para a salvação do capitalismo moderno. Embora perceba algumas falhas no sistema, elas são sempre justificáveis.

Em cartas pessoais enviadas aos seus pais de Paris, logo após o retorno da URSS, Caio Prado expõe mais abertamente suas dúvidas em relação ao desenvolvimento da sociedade soviética. Embora os problemas encontrados sejam sempre justificados pelo passado atrasado do regime czarista, Caio Prado explana os reais motivos de sua viagem:

Mas há ainda um ponto, certamente o mais importante para quem analisa a URSS. Irá ela para diante, isto é, será capaz de resolver os seus problemas melhor do que o fazem os países capitalistas? É esta uma questão que independente de qualquer ideia preconcebida, eu me propus quando parti. Era aliás o que mais me interessava. Vi e senti imediatamente que na URSS estava-se fazendo alguma coisa; que apesar do muito que ainda falta, muito já estava feito e principalmente, todo mundo sabia o que ia fazer. Existe um programa, claramente traçado, que aos poucos vai sendo executado. Levará mais ou menos tempo, não sei, mas o que é mais importante, ele existe. Era portanto a resposta à primeira parte da questão: o regime russo sabe como resolver seus problemas e está em vias de resolvê-los. Agora a segunda parte: resolvê-los melhor que os países capitalistas? Mais ou menos isolado do resto do mundo enquanto viajava, esperei, para responder a esta pergunta o dia que voltasse a Paris e pudesse assim lançar mais uma vista de olhos sobre o mundo capitalista. E a primeira coisa que vejo é a Conferência Econômica de Londres, que antes mesmo de iniciado, já passou para o terreno da palhaçada. E este comentário não é meu, porque o primeiro jornal francês que li, aliás, o respeitabilíssimo “*Le Martin*”, chamava a conferência de “*Congrèss International des Sciences Ocultes*” e fazia outro comentário no mesmo tom. Ora, quando os expoentes dos países mais civilizados do mundo se reúnem para resolverem seus problemas, e se transformam em verdadeiros palhaços de que todo mundo se ri, qual é a conclusão que qualquer pessoa de bom senso e boa fé pode tirar? Deixo a resposta a Papai e Mamãe.²⁷²

Percebe-se, portanto, que, além de aprovar o Primeiro Plano Quinquenal, a imagem construída da URSS por Caio Prado tem como base primordial a comparação com o desenvolvimento de países capitalistas. Na segunda carta enviada aos seus pais, ainda de

²⁷² Carta escrita por Caio Prado Junior para seus pais em 23 de junho de 1933. Fundo Caio Prado Junior, Referência: CPJ AAP 207. Instituto de Estudos Brasileiros – IEB. USP, São Paulo.

Paris, Caio Prado comenta que muitos viajantes são incapazes de compreender a URSS por lhes faltarem um “termo lógico de comparação”, uma vez que tendem a comparar o luxo de cidades capitalistas com “a mediocridade das cidades russas”. Mas ele lembra:

Mas assim como há duas Rússias, há também dois [sic] Paris. E se se tomar por base este outro Paris – que em regra só conhece quem vive nele – onde milhares de pessoas levam uma vida inconcebível para quem só vê o lado bom da cidade, se se fizer isto, já uma viagem à Rússia traz outras impressões.²⁷³

Por fim, Caio Prado afirma na carta que se o nível de vida da URSS ainda é baixo, isto seria devido à situação geral do país, “ainda muito inferior à dos países adiantados do mundo.” Contudo, ele ressalva que os resultados do progresso material nos países capitalistas não impediram que milhares de pessoas passassem as maiores privações e morressem de fome em países ricos, “não porque haja falta de produção mas paradoxalmente, porque há demais!”²⁷⁴

Sutilmente, Caio Prado parece tentar convencer sua família – a família Silva Prado, herdeira de uma fortuna proveniente de fazendas de café no Oeste paulista na segunda metade do século XIX – de que o plano da URSS seria o caminho a ser seguido para um melhor desenvolvimento de qualquer sociedade. Seu ponto de vista, bastante positivo e esperançoso, contrapõe-se aos comentários de seu irmão, Carlos Prado, pintor e urbanista, que viaja à URSS no ano seguinte, em abril de 1934. Carlos Prado relata ao irmão suas dúvidas em relação ao que observou:

Como V. já estive na URSS, compreenderá a dificuldade que sinto em reunir minhas impressões. Digo impressões, porque numa viagem de um mês em um país cuja língua se ignora não é possível recolher mais do que impressões, e ainda ligeiras. Estas impressões são de duas naturezas contrárias: de dúvida e de esperança pelo futuro do socialismo na URSS. Exemplos: de todos os lados novas usinas em atividade, impressão de prosperidade. De outro lado: um engenheiro trabalhando para uma firma alemã me diz que as máquinas produzidas têm uma duração limitadíssima, primeiro por serem mal fabricadas, segundo por serem mal utilizadas. Não sei se ele diz a verdade, porque não entendo nada de máquinas nem trabalhei com elas. Mas a julgar pelas construções de casas acredito que ele tenha razão, porque vi casas construídas há dois anos e mesmo há menos de um ano e caindo aos pedaços. Leio no “Moscou Daily News” críticas sobre a má execução na fabricação soviética. Isto de um lado mostra que as imperfeições existem e mostra ao mesmo tempo que há

²⁷³ Carta escrita por Caio Prado Junior para seus pais em 1º de julho de 1933. Fundo Caio Prado Junior, Referência: CPJ AAP 208. Instituto de Estudos Brasileiros – IEB. USP, São Paulo.

²⁷⁴ Idem, Ibidem.

consciência delas e que elas são combatidas. Serão combatidas com eficiência? Não posso responder. Outros exemplos: um operário alemão encantado com o regime soviético, fala nas férias de que goza e na tranquilidade sobre o futuro emprego garantido. De outro lado, um empregado numa livraria que se queixa da vida cara e falta de qualquer comodidade. [...] ²⁷⁵

Carlos Prado reclama ainda da agência de viagens, Intourist, dizendo que havia três ou quatro pessoas para fazer um serviço simples, o que passava a impressão de existir um exército de pessoas improdutivas, afirmando que apesar de ser incontestável de que era empregado um esforço enorme na URSS, uma grande parte dele era empregada em “pura perda”. ²⁷⁶ Por fim, ele ainda faz uma importante observação sobre o desinteresse dos russos pela revolução em outros países, tendo a impressão de ser um povo muito patriota, e não internacionalista, impressão que coincide com a política de “revolução em um só país” instaurada na época stalinista. Afirma ainda que o internacionalismo para a URSS servia, na verdade, somente para sua defesa própria, “para evitar uma intervenção, colocando a defesa da URSS com o fim supremo que devem ambicionar os proletários de todo o mundo.” ²⁷⁷

Infelizmente, a possível carta resposta de Caio Prado ao seu irmão não foi encontrada em seu arquivo. Porém, é nítido perceber a divergência entre os irmãos a respeito de aspectos da sociedade soviética e a afronta de Carlos Prado às ideias otimistas e propagandísticas de seu irmão. Possivelmente, se houvesse um relato de viagem de Carlos Prado, este seria muito mais crítico e suspeito em relação às conquistas do socialismo soviético.

Em suas cartas e em seu relato, Caio Prado nada diz a respeito da URSS não estar mais voltada para a revolução mundial. Assim como Osório Cesar fica bastante interessado na questão da saúde pública e pesquisa científica da URSS, Caio Prado Júnior destacou em seu relato o enorme interesse dos russos pela política, concluindo, a partir da observação de uma discussão acalorada em um trem que o levou à Leningrado, que a política na União

²⁷⁵ Carta escrita por Carlos da Silva Prado para Caio Prado Junior em 20 de abril de 1934. Fundo Caio Prado Junior, Referência: CPJ-CP –PRA-027. Instituto de Estudos Brasileiros – IEB. USP, São Paulo.

²⁷⁶ Idem, Ibidem.

²⁷⁷ Trecho completo: “O internacionalismo para a URSS, serve somente para a defesa própria, para evitar uma intervenção, colocando a defesa da URSS com o fim supremo que devem ambicionar os proletários de todo o mundo. Mas contrariamente ao que a propaganda quer fazer crer, a construção do socialismo na URSS não seria realizada em 10 ou 20 anos. Tenho a impressão de que demoraria muitíssimo mais. Isto é o bastante para me conferir o título de trotskista que começo a crer que não está completamente enganado.” Idem, Ibidem.

Soviética era uma verdadeira obsessão²⁷⁸, algo que denota a interferência dos interesses pessoais dos viajantes na maneira como eles observam a URSS. Caio Prado não esconde saber que a URSS era uma bandeira política, e se utiliza dela como tal. O ataque ou defesa ao país derivavam, segundo ele, unicamente das opiniões e teorias de quem o analisasse, porém, nem por isso os “ensinamentos” do país seriam menos aproveitáveis.²⁷⁹

A segunda edição do relato de Caio Prado, datada do ano seguinte, acaba sendo apreendida pela polícia.²⁸⁰ Após o momento inicial da Revolução de 1930, com o estabelecimento do governo de Getúlio Vargas, a repressão policial a qualquer propaganda comunista ou da URSS passou a ser cada vez mais rígida, afetando todos os viajantes brasileiros que ousaram escrever sobre o país do proletariado. Em abril de 1933, após já ter sido detido de 15 de agosto a 4 de outubro de 1932, por “motivos preventivos de ordem social”,²⁸¹ Osório Cesar foi indiciado por propaganda comunista pela Polícia do Estado de São Paulo.

O relato de Osório Cesar, por exemplo, recebeu a acusação em um relatório do delegado de ordem social por não se referir, “nem de leve, sobre o reverso da medalha. Só viu fulgores, só garante existir maravilhas. É a maior e mais propaganda comunista que um intelectual, funcionário público, poderia fazer.”²⁸² No mesmo documento, o delegado afirma ainda que seria impossível existir na terra um “... Éden mais completo, uniforme, surpreendente e fascinador. É a apologia fanática do bolchevismo, através das organizações descritas. Nem o céu, com todos os anjos e santos, poderá ser abrigo tão perfeito, adiantado e maravilhoso – Como a Rússia atual.”

Como resposta, Osório Cesar publicou, no apêndice de seu livro *O que é o estado proletário?*, um resumo do processo “inquisitorial” instalado pela polícia, por ter ele escrito o livro *Onde o proletariado dirige*, contendo diversos documentos transcritos do DOPS, além de um requerimento escrito por ele próprio para o Sr. Juiz de Direito da Terceira Vara Criminal de São Paulo, em que apresenta sua defesa:

²⁷⁸ PRADO Junior, Op.Cit. p.14.

²⁷⁹ Idem, p.225.

²⁸⁰ FORTE, Graziela. Op. Cit. p. 119.

²⁸¹ Relatório apresentado pelo Delegado de ordem social e constante dos autos do inquérito policial instaurado contra Osório Cesar. 30/12/32. Prontuário 1936. Osório Thaumaturgo Cesar. DOPS/SP.

²⁸² Idem.

[...] Trata-se M. Juiz, de uma dessas acusações que mais desonram o acusador que o próprio acusado, como V. Excelência irá ver.

Diz o relatório do delegado de polícia que presidiu o inquérito, que o suplicante se acha incurso no art. 107 do Cod. Penal: “Tentar, diretamente e por fatos, mudar por meios violentos a Constituição (?) política da República, ou a forma de governo estabelecida.”

Pois bem, parece incrível! A prova que esse delegado de polícia encontrou do delito previsto no artigo citado, é o livro de impressões de viagem escrito pelo suplicante e vendido em todas as livrarias desta Capital e de outros Estados!

É o próprio delegado que o diz em seu relatório:

“De todo o exposto conclui-se que o Dr. Osorio Cesar é comunista, tendo escrito depois de sua viagem à Rússia esse livro de título sugestivo. Nele, além de metucioso estudo sobre a Rússia Soviética, só enxergou magnificências, encantos, adiantamentos, progressos fantásticos, maravilhas de cultura e civilização, de leis e de administração.”

Mas onde o delegado se mostra de uma lógica verdadeiramente espantosa é quando conclui:

“E tanto este livro é obra de propaganda comunista, que só descreve belezas, encantamentos, progressos e felicidades fantásticas, sem mostrar ao leitor menos culto a dissolução da família, a negação de Deus, com suas funestas consequências, o terror imperante, os milhares e milhares de crianças abandonadas, os bandos famintos e as multidões que a Rússia tem no mais desolador abandono. *Não fala* dos milhões de homens fuzilados e expatriados pelos bolchevistas. *Não mostra* a miséria dolorosa da população nem a compressão sangrenta” etc.

De sorte que o suplicante é acusado por não ter escrito o seu livro de colaboração com o imaginoso delegado.

Seria incrível se não tivéssemos lido!

M. Juiz, o suplicante não está formulando uma defesa, e nem precisa disso, porque os fatos que lhe são imputados não constituem absolutamente crime algum, menos ainda o do artigo 107 invocado.

Este inquisitorial processo, este auto de fé, não pode ser tomado em consideração no século em que vivemos. E é por esse motivo que o suplicante vem requerer a V. Excia. que, ouvindo-se o Dr. Promotor Publico, seja arquivado este monstruoso processo.²⁸³

Osório Cesar denuncia, portanto, o absurdo de estar sendo acusado por não divulgar em seu livro o ponto de vista anticomunista da polícia política e das autoridades governamentais. O promotor público da Terceira Vara Criminal, no entanto, encaminha o processo para a Justiça Federal, visto que o “possível crime” seria de competência deste órgão.²⁸⁴ Na conclusão do processo, o procurador da República, Fernando Maximiliano dos Santos, decide por arquivar o processo, por não ter o acusado incidido nenhum artigo da

²⁸³ CESAR, Osório. Op.Cit. pp.181,182.

²⁸⁴ Idem, p.183.

legislação penal. Salienta ainda que se o livro não descreve o reverso da medalha russa, o “remédio contra o mal não está no emprego de processos inquisitoriais, mas no depoimento imparcial de outros livros em que se exponha toda a realidade.”²⁸⁵

Osório Cesar não teria a mesma sorte nos anos posteriores. Em outubro de 1934, é realizado um auto de apreensão em seu escritório no Laboratório de Anatomia Patológica do Hospital de Juqueri, onde, dentre outros documentos, foram encontrados três envelopes procedentes de Moscou com o timbre da VOKS.²⁸⁶ Apesar disso, em maio de 1935, após ter solicitado seis meses de licença do governo, Osório César volta à URSS para participar do Congresso Internacional de Fisiologia, em Leningrado, sob a direção do professor Pavlov, permanecendo na URSS por cerca de um mês e meio.

Em novembro de 1935, houve a insurreição armada comunista em Natal, Recife e Rio de Janeiro. O movimento, fracassado e reprimido, teve como consequência uma imediata repressão política anticomunista, com a aprovação do estado de sítio por Vargas. Assim como Maurício de Medeiros, nesse mesmo mês, Osório Cesar foi preso. Em dezembro, é realizado, então, um auto de busca e apreensão em seu apartamento, onde foram encontradas mais de 250 obras relacionadas à URSS e ao comunismo. Dentre elas, diversos relatos de viagem, como de Henri Barbusse, Claudio Edmundo, Caio Prado Junior, Pierre Dominique e Carlos Santos.²⁸⁷ Toda sua biblioteca, contendo livros, revistas, fotografias, postais e documentos diversos, foi confiscada. Em março de 1936, foi divulgado um relatório acusando Osório Cesar de incorrer nos dispositivos da Lei de Segurança Nacional²⁸⁸, devido à difusão de ideias comunistas e por suas atividades subversivas.²⁸⁹ Em maio de 1937, o delegado Venâncio Ayres sugere que ele seja posto em

²⁸⁵ Idem, p.184.

²⁸⁶ “Auto de Apreensão”. 10/10/1934. Gabinete de Investigações. São Paulo. Prontuário 1936. DEOPS/SP.

²⁸⁷ Auto de busca e apreensão. 12/12/1935. Gabinete de Investigações. São Paulo. Prontuário 1936. DEOPS/SP.

²⁸⁸ A Lei de Segurança Nacional, promulgada em 4 de abril de 1935, definia crimes contra a ordem política e social. Sua principal finalidade era transferir para uma legislação especial os crimes contra a segurança do Estado, submetendo-os a um regime mais rigoroso, com o abandono das garantias processuais. A LSN foi aprovada, após tramitar por longo período no Congresso e ser objeto de acirrados debates, num contexto de crescente radicalização política, pouco depois de os setores de esquerda terem fundado a Aliança Nacional Libertadora. Nos anos seguintes à sua promulgação foi aperfeiçoada pelo governo Vargas, tornando-se cada vez mais rigorosa e detalhada. Em setembro de 1936, sua aplicação foi reforçada com a criação do Tribunal de Segurança Nacional. In: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas/anos30-37/RadicalizacaoPolitica/LeiSegurancaNacional>

²⁸⁹ Relatório. 26/03/36. Doc. n. 48. . Prontuário: 1936. DEOPS/SP. pp. 25, 26.

liberdade, por achar-se gravemente enfermo. Contudo, apenas em junho de 1937, ele é posto em liberdade.

Caio Prado Júnior, Vice-Presidente da ANL, grupo formado em março de 1935 que tinha como objetivo ser uma coalizão ampla de indivíduos de diversos grupos, como os comunistas e tenentes, ligados pela oposição ao integralismo e às medidas repressivas de Vargas²⁹⁰, foi preso no Rio Grande do Sul, permanecendo recluso em São Paulo até junho de 1937, quando o estado de sítio foi suspenso. Exilou-se na França, como militante do Partido Comunista Francês, atuando em tarefas de apoio e solidariedade aos combatentes republicanos na Guerra Civil Espanhola.²⁹¹ Só retornou ao Brasil em 1939, absolvido das acusações.

Em relação aos viajantes Cláudio Edmundo e Juvenal Guanabardino, como já dito, não foram encontradas quaisquer informações de cunho biográfico sobre eles nas instituições pesquisadas. Muito possivelmente, seus relatos foram escritos a partir da compilação de outras narrativas e reportagens a respeito da URSS. Alguns fatores nos levam a tal conclusão: embora Juvenal Guanabardino seja descrito como um correspondente de um jornal parisiense (o nome do jornal não é informado) a visitar a URSS, o relato de suas viagens à Itália, Alemanha e URSS é repleto de citações de artigos de jornais europeus e americanos. Na parte correspondente à URSS, por exemplo, comenta sobre um artigo do inglês Gibson Garvy, presidente do Banco United Dominion que visitara a URSS em 1932 e que retorna exaltando as realizações do plano quinquenal. Ressalva ainda a revista americana *The Nation*, em que em uma de suas reportagens denunciava um reconhecimento de que a União Soviética havia se desenvolvido economicamente nos últimos anos, se industrializando e se mecanizando.²⁹²

Mais do que nas suas próprias impressões de viagem, Guanabardino se fundamenta principalmente em artigos de revistas, principalmente revistas financeiras, além de citar diversos dados estatísticos oficiais do Plano Quinquenal, como forma de comprovar o desenvolvimento econômico e social da URSS dos últimos quatro anos. Ao final do relato, faz uma crítica a:

²⁹⁰ CHILCOTE, Ronald H. *O Partido Comunista Brasileiro: Conflitos e Integração (1922-1972)*. Rio de Janeiro: Graal, 1982. p. 77.

²⁹¹ KAREPOVS, Dainis. Op.Cit . p. 13.

²⁹² GUANABARINO, Juvenal. Op.Cit. pp. 186 a 188.

[...] afirmações da imprensa que se limitam na maioria das vezes a ataques nitidamente grosseiros, tão grosseiros e caluniosos como inteiramente destituídos de qualquer sentido. E o resultado desta campanha tenaz de intrigas e calúnias, em lugar de formar uma opinião desfavorável à URSS, só faz aumentar, cada vez mais, a corrente de simpatia que por toda a parte, se levanta a favor da URSS.²⁹³

Seu relato, portanto, mais do que impressões de uma viagem, procura ser uma resposta à imprensa anticomunista. Além disso, diferentemente dos outros viajantes brasileiros, Guanabardino é o único que diz visitar as capitais do Cazaquistão, Turcomenistão e Uzbequistão, antigas repúblicas soviéticas onde raros viajantes adentravam, necessitando de autorizações especiais para isso. É válido lembrar ainda que quem assina o prefácio de seu livro, publicado em 1934, assina se identificando apenas como “H.N.” de Paris, em setembro de 1933, e é o mesmo responsável pelo prefácio do livro de Claudio Edmundo, assinado no Rio, em julho de 1933.

O relato do engenheiro Claudio Edmundo, formado por uma compilação de oito cartas, muito mais teóricas sobre o regime socialista do que descritivas, é repleto de notas de rodapé explicativas de termos ou de contextos citados pelo autor, chegando mesmo a citar livros correspondentes aos assuntos teóricos abordados. As notas não foram escritas pelo narrador das cartas, e contribuem para um maior cunho propagandístico de seu relato.

Outra interessante pista é que o prefácio do livro, escrito por “H.N.”, nos diz quem seria o pai de Claudio Edmundo:

O pai de Claudio Edmundo, o jornalista Luiz Edmundo, foi enviado à Rússia pelo Correio da Manhã. Mas não conseguiu atravessar as suas fronteiras. O governo soviético negou-lhe permissão de penetrar no território sobre o qual tremula a bandeira com a foice e o martelo. Os jornais atribuem esta sua atitude ‘à situação de miséria reinante na URSS.’²⁹⁴

Luís Edmundo de Melo Pereira da Costa, jornalista e membro da Academia Brasileira de Letras, eleito em maio de 1944, tentou de fato adentrar na URSS, em maio de 1933, segundo seu próprio relato presente no quarto volume de seu livro *De um Livro de Memórias*²⁹⁵, publicado em 1958. Edmundo afirma que partiu com a missão de visitar o

²⁹³ Idem, p.192.

²⁹⁴ EDMUNDO, Claudio. Op.Cit., p. IX.

²⁹⁵ COSTA, Luís Edmundo da. *De um livro de memórias*. Rio de Janeiro: [s,n], 1958.

país e de lá escrever crônicas para o *Correio da Manhã*, que mais tarde constituiriam um livro em que se contasse, “com exatidão e imparcialidade, a existência social de um simpático povo que, há muito, vinha sendo sacudido por sérias e radicais transformações.”²⁹⁶ Dirigiu-se à sede da agência de turismo soviética em Paris, Intourist, onde foi informado que, por ser jornalista, poderia ter reduções apreciáveis no preço das passagens.²⁹⁷ Para conseguir o visto, foi encaminhado para a embaixada da Rússia, onde foi solicitado a escrever um plano das reportagens que planejava fazer. Ao mostrar seu plano, foi criticado pelo funcionário responsável, Sr. Sakalin, que destacou o fato de que seu plano não tinha muito interesse pelas transformações políticas alcançadas pela Revolução de 1917, pelo surto industrial ou pelos benefícios conferidos às massas populares ou ao surto industrial. Edmundo esperou por mais de dois meses pela chegada da resposta definitiva de Moscou sobre a aprovação de seu visto, e, ao final, teve sua entrada à URSS recusada.²⁹⁸

Ora, considerando as datas das cartas enviadas por Claudio Edmundo, todas elas escritas durante o ano de 1931, supõe-se que ele ainda estava na URSS quando seu possível pai esperava a aprovação do visto em 1933, visto que ele havia sido contratado para trabalhar por seis anos. Contudo, Luís Edmundo não faz nenhuma menção a ter um filho na URSS em suas memórias. Além disso, em nenhum dos volumes foi encontrada informação alguma sobre um possível filho de Luís Edmundo que trabalhou durante seis na URSS, o que denuncia a possível invenção do personagem de Claudio Edmundo.

Possivelmente, o relato de Claudio Edmundo, publicado também em 1933, foi uma tentativa de defesa às reportagens que denunciavam o fato de que Luís Edmundo não havia conseguido ultrapassar as fronteiras russas, com críticas à URSS. A última carta presente no relato termina com as seguintes palavras a respeito do contexto brasileiro:

A imprensa capitalista continua a mentir. A correspondência continua a ser censurada pela polícia dos proprietários. Não se constrói nada. Pelo contrário: jogam-se ao mar toneladas de café. Há miséria no país, falta de trabalho, falta de escolas. Os trabalhadores não encontram trabalho. Caem de fome. As escolas reduzem cada vez mais o número de alunos. A prostituição aumenta. O alcoolismo toma proporções incríveis e a padralhada, como nunca, estabelece o obscurantismo religioso. Que revolução foi esta? O que foi que ela fez de novo? É o que eu espero que o senhor me diga na sua próxima carta.²⁹⁹

²⁹⁶ Idem, p. 1059.

²⁹⁷ Idem, p. 1062.

²⁹⁸ Idem, p. 1073.

²⁹⁹ EDMUNDO, Claudio. Op.Cit., p. 203.

Os relatos, portanto, tanto os “verdadeiros” como os “não verdadeiros”, funcionavam como um grito de protesto à censura e às enormes dificuldades sociais, políticas e econômicas do Brasil no período em que os viajantes viviam. Enaltecer aspectos da União Soviética, um país que se dizia protetor da massa trabalhadora e defensor das igualdades, era uma forma de luta, uma bandeira política, levantada contra as autoridades anticomunistas brasileiras. Por conta disso, Maurício de Medeiros, Osório Cesar e Caio Prado Junior, sofreram intensa repressão. Isto é, para os viajantes brasileiros que ousavam enxergar e divulgar o “paraíso” soviético, o inferno, era aqui.

III

As viagens à URSS: O local que observa seus visitantes

A preocupação dos órgãos soviéticos em convidar e recepcionar visitantes de países ocidentais está, principalmente, ligada às novas necessidades da Rússia Soviética, perante um mundo que acabou não seguindo o exemplo da Revolução Proletária. Após os desastres econômicos e sociais deixados pela Guerra Civil, a União Soviética procurou se reerguer por meio da Nova Política Econômica de Lênin, passando a depender de ajudas internacionais e a buscar acordos diplomáticos e comerciais com países ocidentais, algo completamente diferente do que havia sido pensado nos primeiros anos da Revolução, em que os bolcheviques acreditavam que teriam ajuda de países industrializados Ocidentais e socialistas, uma vez que estes teriam seguido o exemplo revolucionário da Rússia e dariam prosseguimento à implantação da revolução do proletariado no mundo.

A própria Terceira Internacional, passou, após 1921, a ter ações com o intuito de criar um movimento de opinião pública favorável à imagem da URSS e a incentivar propagandas culturais como forma de atrair intelectuais ocidentais para ganhar suporte para as políticas soviéticas. Em novembro de 1924, o governo soviético, por meio do Comitê Central Executivo, fundou a primeira organização soviética para relações culturais com o ocidente, a Comissão para o Estabelecimento de Relações Culturais com Outros Países.³⁰⁰ Era designada para organizar e supervisionar intercâmbios culturais com outros países e sua ênfase estava em promulgar a cultura soviética em países estrangeiros por meio da organização de eventos culturais sobre a vida soviética. Essa comissão foi a antecessora da VOKS, Sociedade para Relações Culturais com o Estrangeiro,³⁰¹ criada em 1925, com o intuito inicial de organizar e controlar as relações entre a *intelligentsia* soviética e os intelectuais de outros países.

Com o passar do tempo, a função central da VOKS passou a ser a recepção e o controle de intelectuais estrangeiros no país. Segundo dados estatísticos de David-Fox, em 1925, apenas 483 viajantes foram para a URSS, havendo um aumento para 1200, em 1926.

³⁰⁰ STERN, Ludmila. *Western Intellectuals and the Soviet Union: 1920-40: from Red Square to the Left Bank*. New York: Rutledge, 2009. p. 38.

³⁰¹ Idem, p. 7.

Nos anos de 1929 e 1930, esse número aumentou para aproximadamente 1500 viajantes recepcionados pela VOKS, por ano. A maioria dos visitantes, segundo David-Fox, era dos Estados Unidos: em um período de seis meses no ano de 1929, por exemplo, 51% dos visitantes da VOKS eram dos Estados Unidos, e 21% da Alemanha.³⁰²

Assim como outros países, o governo soviético percebeu a importância do turismo como uma ferramenta econômica e política. A fim de restabelecer contatos diplomáticos e comerciais, além de divulgar sua ideologia, o governo investiu no desenvolvimento do aparelho turístico da União Soviética, fundamentado com a criação da Intourist, agência de turismo, em 1929. Para isso, ele se espelhou, principalmente, na solidificação do turismo estrangeiro europeu e norte-americano da década de 1920.

Quais seriam, no entanto, os principais interesses da URSS em investir numa indústria de turismo e controlar a recepção de seus visitantes? Segundo Sylvia Margulies, historiadora norte-americana que estudou a “peregrinação” de norte-americanos à URSS, um dos primeiros objetivos seria a manutenção da segurança nacional e a independência do regime. Entre os anos de 1920 e 1930, a URSS presumia que qualquer crise em relação ao mundo exterior poderia resultar em guerra ou em uma invasão estrangeira. Em dezembro de 1925, no 14º Congresso do Partido Comunista Soviético, Stalin comentou que o mundo proletário, representado pelas delegações de visitantes, constituía a arma básica contra o imperialismo e a intervenção.³⁰³

Os objetivos, de acordo com Margulies, poderiam ser divididos em “vantagens psicológicas”, como a prevenção da intervenção capitalista, o alcance do reconhecimento e da regularização das relações diplomáticas e a batalha pelo movimento internacional do trabalho sob a direção soviética, proeza que ajudaria na extensão do comunismo; e “ganhos materiais”, como em facilidades nas negociações do câmbio, favoráveis acordos comerciais e assistências técnicas, principalmente com o contrato de engenheiros estrangeiros.³⁰⁴

A ida de profissionais estrangeiros para a URSS intensificou-se principalmente com a instalação do Primeiro Plano Quinquenal, em 1928. Muitos profissionais russos não

³⁰² Os dados foram retirados do artigo: DAVID-FOX, Michael. “The Fellow Travellers Revisited: The “Cultured West” through Soviet Eyes”. *The Journal of Modern History* 75, University of Chicago: June 2003. p. 312. Nota de rodapé n. 25.

³⁰³ MARGULIES, Sylvia. *The Pilgrimage to Russia: The Soviet Union and the Treatment of Foreigners, 1924-1927*. Londres: Wisconsin Press, 1968. p. 17.

³⁰⁴ Idem, pp. 15,16.

possuíam conhecimentos tecnológicos suficientes, além de não serem politicamente confiáveis aos olhares do regime. Em 1926, apesar dos Estados Unidos não possuírem relações diplomáticas com a URSS, Henry Ford chegou a ser convidado pelo Governo Soviético a enviar uma delegação a fim de treinar russos na construção de tratores de serviço utilizando os princípios de Ford. É válido lembrar que o narrador de *Um Engenheiro brasileiro na Rússia*, Claudio Edmundo, é apresentado como um engenheiro e urbanista, contratado para trabalhar no Primeiro e Segundo Planos Quinquenais, devendo, segundo ele, projetar 22 cidades, com uma média de 20 mil habitantes cada.³⁰⁵

É necessário perceber que, pelo fato de muitos países ainda não possuírem relações diplomáticas formais com a União Soviética, as observações dos viajantes serviam como uma forma de explorar, e mesmo investigar, o regime soviético. A respeito de uma das fontes utilizadas em sua pesquisa, despachos diplomáticos dos arquivos do Departamento do Estado dos Estados Unidos, Margulies comenta que tanto antes quanto depois do reconhecimento da União Soviética pelos Estados Unidos, em 1933, o Departamento do Estado estava muito interessado em descobrir de americanos e europeus que haviam visitado ou trabalhado na URSS aspectos do regime socialista. Ela comenta que oficiais da diplomacia norte-americana de cidades como Berlim, Riga, Helsinki e Varsóvia eram autorizados a questionar indivíduos que haviam deixado a URSS sobre suas experiências dentro do país.³⁰⁶

Construir uma boa imagem perante os observadores estrangeiros era, por conseguinte, fundamental para determinados órgãos da União Soviética. Nesse sentido, esse capítulo tem o intuito de analisar como aconteciam as viagens à URSS, procurando, na medida do possível, não só apresentar como os viajantes eram recepcionados e conduzidos na URSS, como também analisar os mecanismos de controle utilizados para persuadi-los.

Dificuldades iniciais: problemas diplomáticos e a passagem pela alfândega

Embora a URSS tenha se colocado de portas abertas para seus visitantes, especialmente seus simpatizantes, chegar até a fronteira não era fácil. A viagem, conforme ressalta Rachel Mazuy, pesquisadora de relatos de viajantes franceses, era encarada como

³⁰⁵ EDMUNDO, Claudio. Op.Cit. p.200.

³⁰⁶ MARGULIES, Sylvia. Op.Cit. p. vii.

uma verdadeira aventura, mesmo para os militantes, que precisavam sair clandestinamente dos países que não mantinham relações diplomáticas com a URSS.³⁰⁷

O reconhecimento oficial da União Soviética passou a ser considerado pelos países ocidentais somente a partir de 1924, ano em que, segundo Edward H. Carr, houve a ascensão do primeiro governo trabalhista britânico, o que permitiu que a Grã-Bretanha reconhecesse o governo soviético. O reconhecimento e restabelecimento de relações diplomáticas com a URSS foram também realizados pela Itália e pela França, em outubro de 1924.³⁰⁸

Antes de a França restabelecer suas relações diplomáticas com a URSS, em 1924, para chegar a Moscou, era necessário possuir um “salvo-conduto” para atravessar as zonas ocupadas pelos franceses, para assim, atravessar a fronteira russa com um visto obtido unicamente por recomendação, que poderia ser expedido somente nos Estados Alemão, Báltico ou Escandinavo. Após 1924, os viajantes passaram a se beneficiar da proteção da diplomacia francesa. No entanto, em 1927, houve uma degradação das relações franco-soviéticas, em que a recusa de vistos se intensificou em ambos os lados.³⁰⁹

A situação ainda se agravou, pois, em maio de 1927, a Grã-Bretanha cortou laços diplomáticos com a URSS. A medida foi consequência da greve geral britânica de maio de 1926, em que houve um desentendimento entre a Sindical Soviética e a Sindical Britânica, uma vez que esta rejeitou a oferta de ajuda financeira soviética, que via na greve a possibilidade de uma revolução proletária, enquanto que, para os líderes sindicais britânicos, a greve era apenas uma disputa de salários. A ajuda financeira oferecida aos grevistas por Moscou contribuiu para o aumento da campanha antissoviética realizada por políticos conservadores, desembocando no rompimento das relações diplomáticas entre os países e na anulação de seus acordos comerciais.³¹⁰

A URSS, no entanto, preocupava-se em adotar medidas que contribuíssem para sua reputação e inserção no cenário internacional. Também em maio de 1927, uma delegação soviética foi a Genebra para a Conferência Econômica Mundial. Os delegados soviéticos pediam, dentre alguns aspectos, a “coexistência pacífica dos dois sistemas econômicos.”

³⁰⁷ MAZUY, Rachel. *Croire plutôt que voir? Voyages en Russie Soviétique (1919-1939)*. Paris: Jacob, 2002. p. 11.

³⁰⁸ CARR, E.H. Op.Cit. p. 82.

³⁰⁹ MAZUY, Rachel. Op.Cit. pp.11, 12.

³¹⁰ Idem, p.88.

Seis meses depois, em novembro de 1927, uma delegação soviética chefiada por Litvinov, vice-comissário de Negócios Estrangeiros, apresentou uma proposta de abolição total de armamentos militares, navais e aéreos.³¹¹ A proposta foi referenciada por Maurício de Medeiros:

Quando cheguei à França o nome de Litvinoff [sic], sub-comissário do Governo dos Soviets para as Relações Exteriores, estava em foco, combatido pelos jornais conservadores, elogiado pelos revolucionários ou avançados. É que estava reunida em Genebra a conferência internacional para o desarmamento, à qual fora a Rússia convidada a comparecer. Litvinoff, fez escândalo. Propôs o desarmamento geral e imediato de todas as nações do Mundo! Inaceitável! Essas tentativas de desarmamento geral são feitas por pura encenação para o grande público. No fundo nenhuma Nação [...] quer saber de diminuir seu aparelhamento bélico.³¹²

Medeiros menciona que Litvinov não foi tomado a sério, mas que, ao perguntado pelo representante da Inglaterra sobre as intervenções do país soviético na política interna dos demais países, Litvinov “arrasou citando todos os casos em que a Inglaterra teria intervindo desabusadamente na vida interna dos países fracos”.³¹³ Foi esse acontecimento, inclusive, que levou Medeiros à ideia de buscar uma maneira de ir para a União Soviética. A política de Litvinov surtiu efeito pois, em agosto de 1928, a URSS recebeu um convite para participar da assinatura do pacto internacional pela paz, conhecido como Pacto de Paris, ou Pacto Kellog – nome do Secretário do Estado Norte-Americano que propôs o pacto às demais nações – que tinha como intuito a renúncia à guerra “como instrumento de política nacional.”³¹⁴

Apesar de alguns avanços, a política diplomática da URSS caminhava a passos lentos. Em 1929, apenas 54 vistos foram entregues pelo consulado da Rússia na França. A maioria dos vistos oficiais foram concedidos por razões econômicas ou profissionais.³¹⁵ No caso brasileiro, além das relações cortadas, como já vimos, o Itamaraty se retirou da URSS e os interesses brasileiros passaram a ser representados pela Noruega. Desta maneira, para que os viajantes conseguissem o visto para a URSS, necessitavam passar por outros países.

³¹¹ Idem, p.158.

³¹² MEDEIROS, Mauricio de. Op. Cit., pp.9,10.

³¹³ Idem, p. 10.

³¹⁴ CARR, E.H.Op.Cit., p. 159.

³¹⁵ Idem, pp.14 e 15.

Claudio Edmundo, Juvenal Guanabarinó e Maurício de Medeiros, saíram de Paris. Um viajante português, Carlos Santos, comenta em seu relato sobre a dificuldade do visto para tais países:

Apesar de tantas aproximações tão fraternais e [...], os brasileiros como os argentinos, os portugueses, como os espanhóis, e os restantes súbditos de quase todas as nações latinas, que têm persistido em negar reconhecimento à república dos “soviets”, estão longe de poderem facilmente pôr o pé na Rússia. (E assim continuaremos, enquanto os nossos governos não enviarem a Moscou o seu representante diplomático que nos proteja, para que haja em Portugal ministro e cônsules russos, que visem os nossos passaportes).³¹⁶

Maurício de Medeiros detalha em quatro capítulos sua saga para a entrada na URSS. Quando chegou à França para participar da Conferência Interparlamentar de Comércio em Versalhes, escreveu para o próprio Litvinov, esboçando sua vontade, sem compromissos ideológicos, de conhecer a URSS, questionando como poderia proceder para isso. Ao dirigir-se à embaixada soviética de Paris, dias depois, foi informado por seu secretário que cada visto em passaporte só era fornecido após uma consulta a Moscou. Contudo, foi surpreendido ao descobrir que Litvinov havia respondido à sua carta, autorizando a embaixada a facilitar seu passaporte.³¹⁷

Medeiros necessitou preencher um “longo questionário” sobre os fins de sua visita. A descrição de toda a burocracia encontrada é bem semelhante com o relato de outro viajante, Diego Hidalgo, tabelião do Colégio de Madrid que viajou à URSS com o intuito de estudar direito privado e legislação notarial. Como seu país também não mantinha relações diplomáticas com a URSS, viajou para Paris em setembro de 1928, para conseguir o visto. Hidalgo descreve detalhadamente os requerimentos do questionário:

Não só me perguntaram quem sou, como me chamo, onde nasci e onde vivo, mas querem saber também o nome dos meus pais, as terras onde tenho residido, o meu estado civil, profissão, ocupações, serviços que presto e o lugar que ocupo. Perguntam-me também qual o objeto da viagem, a data da partida, por que fronteira desejo ir, e quanto tempo desejo permanecer na Rússia. E não para por aqui! Tenho ainda que dizer se vou com fins comerciais, e qual a casa que represento, que espécie de negocio lá me leva, qual a importância do negocio, as

³¹⁶ SANTOS, Carlos. *Como eu vi a Rússia*. Lisboa: Popular, 1928. p. XXV.

³¹⁷ MEDEIROS, Mauricio. *Russia*. Rio de Janeiro: Calvino, 1931. p. 13.

firmas comerciais com quem desejo relacionar-me e quais as casas comerciais e bancos que conheço.³¹⁸

Hidalgo salienta que, caso fosse um russo, o questionário era ainda pior, pedindo informações como a qual partido político pertencia, se desligou do partido e porquê, ou se foi objeto de alguma ação judicial, etc. “Como estranhar que os bolcheviques, rodeados de inimigos externos e internos, tomem tão grandes precauções com quem pretende entrar no seu país?”³¹⁹ Hidalgo, portanto, não se surpreende com as medidas de segurança tomadas.

Medeiros e seu companheiro de viagem, Manuel Visconti, levaram cerca de uma semana para conseguirem o visto no passaporte. Medeiros comenta que os funcionários pareciam estar bem habituados com a demora do serviço. Hidalgo ressalva que para quem quer ir à URSS, era necessário fazer verdadeiros exercícios de paciência e resignação, antes de obter o passaporte.³²⁰ Ele também só conseguiu o visto com a intervenção do embaixador da URSS.

Já na embaixada, Medeiros recebeu um itinerário da viagem: Leningrado (atual São Petersburgo), Moscou, Níjni Novgorod, descer o Volga até o Mar Negro, atravessar o Cáucaso e voltar pelo Sul, passando pelas cidades: Odessa, Kharkov, Moscou, e, finalmente, regressar por Berlim. Para chegar à Rússia, fez a linha aérea Paris – Bruxelas - Colônia, para então embarcar no avião em Berlim, rumo à Leningrado. Medeiros não teve uma boa impressão de sua chegada à alfândega. Considerou a estação de aspecto sujo e pobre, e percebeu que a revista se detinha apenas aos folhetos e papéis, isto é, em suas próprias palavras, à “fiscalização do pensamento escrito.”³²¹

As impressões sobre a Alfândega variam, de viajante a viajante. Infelizmente, os demais viajantes brasileiros não fazem comentários sobre a chegada. Pierre Dominique, viajante francês da mesma época, comentou que, apesar de esperar o pior, notou que era uma Alfândega como todas as outras, em ordem, e que apenas foi lhe pedido que contasse todo seu dinheiro.³²² Diego Hidalgo também elogia a ordem e o método cortês, também

³¹⁸ HIDALGO, Diego. *Impressões de Moscou*. São Paulo: Pax, 1931. p. 7.

³¹⁹ Idem, p.8. Possivelmente, essas políticas de segurança não eram tão diferenciada, em relação aos outros países. Como vemos a seguir, no texto, um dos viajantes comenta que a alfândega era “como todas as outras.”

³²⁰ Idem, p.11.

³²¹ MEDEIROS, Maurício de. Op.Cit. p.36.

³²² DOMINIQUE, Pierre. *Com os olhos abertos (na Rússia): Reportagem Imparcial de 1930*. São Paulo: Pax. pp. 2,3.

comentando que necessitava declarar tudo o que levava, e que apenas um baralho havia sido declarado como artigo proibido.³²³

O que é possível notar em comum, aos que comentam a respeito da alfândega, é que era um momento temido e cheio de dúvidas. A passagem da fronteira era, para muitos, a separação de mundos irreconciliáveis. Pierre Dominique também é um dos viajantes que se exalta com essa divisão dos mundos: ao franquear a fronteira traçada do Mar Negro ao Báltico, e visualizando uma bandeira vermelha que ostentava, em letras brancas, “Proletariados de todos os países, uni-vos!”, comenta que teve a impressão de estar descobrindo um “Mundo novo”.³²⁴

A partir de então, os viajantes estão em solo soviético, a cargo e à mercê, principalmente, dos órgãos de recepção soviéticos.

Os órgãos de recepção: VOKS e INTOURIST

Para a maioria dos visitantes, o centro de operações da VOKS era o primeiro local a ser procurado, uma vez que era lá que o programa cultural poderia ser adquirido, e onde guias e intérpretes poderiam ser conseguidos. Medeiros, por exemplo, levou uma carta para o Delegado da VOKS em Leningrado, e faz uma interessante observação: comenta que o grau de timidez com que os subalternos falavam aos superiores na VOKS, eram os mesmos de qualquer país de “sociedade burguesa.”³²⁵ Na parte de trás da capa de seu relato, há inclusive a impressão de uma nota publicada em um jornal russo, “*вечерняя Москва*” (*Noite de Moscou*), intitulada: “Visita de um sábio brasileiro”, divulgando sua estadia em Moscou e sua recepção pela presidente da VOKS, Kameneva:

Acha-se em Moscou o professor de medicina e deputado ao parlamento brasileiro o dr. Maurício de Medeiros. Nosso ilustre visitante conta demorar-se algum tempo entre nós, viajando à feira de Nishni, à Ucrânia e à Criméia. Hoje, s. exc. [*sic*] foi recebido em audiência pela camarada Camenieff [*sic*], presidente da VOKS (Sociedade para as relações intelectuais com o estrangeiro).³²⁶

³²³ HIDALGO, Diego, Op.Cit., p.26.

³²⁴ DOMINIQUE, Pierre, Op.Cit.p.3.

³²⁵ MEDEIROS, Maurício. Op.Cit, p.41.

³²⁶ MEDEIROS, Maurício de. Op. Cit.

A VOKS era um órgão complexo, e muito peculiar. Surgiu em 1925, por meio de um decreto do Comitê Central Executivo e do Conselho dos Comissariados do Povo da URSS³²⁷, com o objetivo de manter e desenvolver as relações culturais entre a URSS e os países ocidentais, que só estavam começando.³²⁸ Diferentemente de outros órgãos do Estado Soviético, ela destacava-se por se declarar como uma organização não governamental, sendo apenas uma sociedade e não um organismo formal do Estado Soviético. De acordo com Michael David-Fox, esta peculiaridade era uma ficção para ajudar na sua consumação externa e interna, uma vez que ela era orientada em torno do Comissariado dos Negócios Estrangeiros (NKID), além de ter desenvolvido fortes laços com a polícia secreta (OGPU) e, especialmente, a partir de 1930, com os aparatos do Comitê Central.³²⁹

De qualquer forma, o *status* não governamental da VOKS permitiu, principalmente em seu início, uma participação da *intelligentsia* soviética não partidária, interessada em manter as relações internacionais. Os laços entre os intelectuais soviéticos e a VOKS foram bastante estimulados por sua primeira líder: Olga Davidovna Kameneva, esposa de Liev Kamenev, um dos membros do Partido e irmã de Trotski. Segundo David-Fox, Kameneva conseguiu conectar a *intelligentsia* russa com os interesses da VOKS nos anos de 1920. Foram criadas diversas seções para cuidar dos assuntos culturais, por membros da *intelligentsia* não partidários, havendo assim uma tentativa de confiança na contribuição de tais membros para aumentar o papel e a capacidade da VOKS.

O aparato da VOKS consistia em um Secretariado, departamentos e setores, como por exemplo, o setor de romances, o setor anglo-americano, o *bureau* de imprensa e o *bureau* de recepção aos viajantes. Ao invés de manter ramificações em outros países, VOKS tinha representações estrangeiras plenipotenciárias, usualmente diplomatas da embaixada soviética e funcionários da NKID, que normalmente efetuavam os deveres

³²⁷ STERN, Ludmila. "The All-Union for Cultural Relations with Foreign Countries and French Intellectuals, 1925-29". *Australian Journal of Politics and History*: Volume 45, Number 1, 1999, p.100. Sendo uma das poucas pesquisadoras a explorar o tema, Ludmila Stern aponta que a VOKS não recebeu ainda um exame minucioso de pesquisadores, apesar de seus arquivos já estarem disponíveis no Arquivo do Estado da Federação Russa (GARF) em Moscou, incluindo correspondências internas e externas, inspeções na imprensa internacional e arquivos de intelectuais específicos.

³²⁸ STERN, Ludmila, 2009. Op.Cit., p. 94.

³²⁹ DAVID-FOX, Michael. "From Illusory 'Society' to Intellectual 'Public': VOKS, International Travel and Party-Intelligentsia Relations in the Interwar Period". *Contemporary European History*, II, I (2002), pp.7-32. United Kingdom: Cambridge University Press. p.11

soviéticos como tarefas voluntárias. Stern chega a citar como exemplo Maxim Litvinov, diplomata russo, o mesmo que ajudara Maurício de Medeiros na obtenção do visto, Vice-Comissário e Comissário do NKID, que apoiava e valorizava as atividades da VOKS.³³⁰

Contudo, o Partido mantinha uma relação problemática com a ideia de que o engajamento da VOKS estava ligado a uma *intelligentsia* não partidária, também chamada de *obshchestvennost*³³¹. Apesar de o termo carregar consigo uma imagem positiva vinda de décadas de oposição da *intelligentsia* ao czarismo, ele também possuía uma bagagem liberal, corporativista e anti-estadista, bem como a conotação de uma força independente. No entanto, a noção de *obshchestvennost* foi preservada por ser uma fachada, pois servia como interventora nas relações com as sociedades externas. Assim como o contato com os intelectuais de fora, a *intelligentsia* soviética, sendo parte de um estrato intermediário entre a classe do proletariado e a burocracia partidária, servia como uma fachada de neutralidade para a VOKS, necessitando ser manuseada pelo Partido.³³²

Embora tenha mantido ligações com o Partido, procurando satisfazê-lo, Kameneva tentou preservar a *intelligentsia* não partidária a partir da restauração de laços culturais antigos.³³³ Ela defendia o caráter não governamental da instituição, argumentando que a representação da cultura soviética deveria ser feita fora da estrutura e da organização de agências estatais. Essa seria a forma de continuar mantendo contato com as novas sociedades europeias, muitas formadas por intelectuais esquerdistas, porém não comunistas, o que justificava o *status* da VOKS como sociedade autônoma.³³⁴

Assim, desde sua fundação, a VOKS prezou pelo contato com a *intelligentsia* tanto interna quanto externa da URSS. Participou do surgimento de várias sociedades amigas da União Soviética e publicou boletins sobre a vida cultural soviética para o mundo, fornecendo artigos e fotografias para a imprensa internacional. Na época de Kameneva, foi

³³⁰ STERN, Ludmila, 2009. Op.Cit. p.93.

³³¹ Termo intraduzível que, segundo David-Fox, denota o setor da sociedade mais propício a manifestar qualidades de engajamento social, a *intelligentsia* radical. DAVID-FOX, Op.Cit., 2002. p.11.

³³² Idem, p.26.

³³³ Em uma Conferência de Trabalhadores Científicos em 1927, Kameneva teria chegado a afirmar: “Nós imaginamos que laços [culturais] podem significar a restauração daquelas antigas conexões que eram estabelecidas antes da guerra e da revolução e as quais nós devemos ajudar a restaurar.” Idem. p.27.

³³⁴ Idem, p. 24.

também encarregada de propagar o estudo de línguas estrangeiras e de divulgar a cultura ocidental e os desenvolvimentos científicos para as massas soviéticas.³³⁵

A VOKS funcionava como um correio legítimo para contatar o mundo exterior, transferindo e recebendo materiais de fora do país para a *intelligentsia*. Ela foi, por exemplo, a responsável por trocar a correspondência entre a Biblioteca Bodleian de Oxford com a Biblioteca Pública do Estado de Leningrado. Pelo fato de cultivar laços extensivos com diversos jornais e revistas exteriores, era também a via para se conseguir publicação exterior, estabelecendo uma relação de troca com os intelectuais soviéticos. Um exemplo é de um engenheiro da República de Bashkortostan, que, desejando adquirir um passaporte, foi informado que para isso seria necessário um pequeno artigo sobre a construção cultural em sua república, para ser publicado no boletim da VOKS.³³⁶

Osório Cesar, médico psiquiatra do Hospital Juqueri, foi, possivelmente, o viajante que mais tirou proveito dos contatos fornecidos pela VOKS. Conheceu diversos pesquisadores e médicos, dos mais variados institutos, e, em seu retorno para a URSS, em 1935, para participar do Congresso Internacional de Psicologia, sob presidência do Dr. Pavlov, tratou de levar materiais científicos e documentos para os cientistas soviéticos. Os objetivos de sua viagem foram divulgados no *Diário da Noite*, em maio de 1935:

A viagem do Dr. Osório Cesar [...] significa também um fruto da propaganda que já se vem fazendo no Rio, em São Paulo, em prol do *estabelecimento de relações entre intelectuais brasileiros e russos*. Tanto assim que o distinto viajante leva para o Instituto de Moléstias Tropicais de Moscou uma grande quantidade de material do Instituto Biológico de São Paulo, representando trabalhos do professor Rocha Lima e outros cientistas patrícios. Para aquele mesmo Instituto o Dr. Osório é portador de uma coleção de fotografias do serviço de lepra neste Estado, coleção essa que foi especialmente organizada pelo Dr. Salles Gomes, para o aludido fim. Irá levar ainda uma coleção de barbeiros infectados da moléstia de chagas e um grande número de trabalhos dos colaboradores que, igualmente, se destinam ao estabelecimento científico em Moscou.³³⁷ [Grifos meus]

Também em 1935, Caio Prado escreveu uma carta em francês para a VOKS, com o intuito de travar relações culturais com organizações análogas à AGB – Associação dos Geógrafos Brasileiros. Além de solicitar relatórios de tais organizações, remeteu uma cópia

³³⁵ Idem, p. 10

³³⁶ Idem, p. 34.

³³⁷ *Diário da Noite*, 13/05/1935. Prontuário 1936. Osório Thaumaturgo Cesar. DEOPS/SP.

do estatuto da associação e os dois primeiros números da revista *Geografia*.³³⁸ Isto é, embora em seu relato Caio Prado não se remeta a quase nenhuma informação sobre a VOKS como instituição, esta minuta de uma carta, encontrada em seus arquivos pessoais, denuncia o contato estabelecido com ela.

O papel essencial da VOKS, portanto, se configurou como sendo a porta de entrada para os estrangeiros, especialmente para os intelectuais. Segundo David-Fox, nenhum intelectual estrangeiro planejava uma viagem sem entrar em contato com a VOKS, tornando-a melhor conhecida fora do que dentro do país. Para os visitantes, organizava recepções, palestras, visitas e eventos culturais em diversos campos das artes e das ciências.

Apesar de toda a sua função como interventora nas relações exteriores, a VOKS, em seu início, negava qualquer motivação política em seus contatos com a *intelligentsia* ocidental, afirmando que sua tarefa era apenas favorecer as relações culturais e promover a cultura soviética no exterior.³³⁹ Tanto Stern quanto David-Fox realçam que as motivações políticas foram surgindo gradualmente na instituição. Stern afirma que não há evidências de interesses políticos nas relações iniciais com os intelectuais franceses que visitaram a URSS entre 1926 - 1927. Essa característica “não política” era repassada aos viajantes. No relato de Diego Hidalgo, viajante no ano de 1928, tal aspecto é ressaltado:

É [VOKS], digamos assim, um organismo neutral. Ali não se faz política nem propaganda comunista. Facilitam-se, aos estrangeiros que vem à Rússia para fins intelectuais, os meios necessários para poderem cumprir a sua missão. Os médicos, os engenheiros, os professores, os advogados, etc., encontram ali todas as facilidades para se informarem sobre o que os interessa. Além da secretaria geral, que se encarrega de receber os visitantes, há as seções especiais, onde cada um encontra alguém especializado nas artes, nas ciências ou nas letras, que põem à sua disposição para o ajudar, se assim o desejar, no trabalho que pretende realizar.³⁴⁰

Além de Kameneva defender o *status* de uma organização não governamental, ela se preocupava também em deixar as massas soviéticas informadas a respeito das diferenças dos países capitalistas, acreditando que o conhecimento a respeito do mundo ocidental

³³⁸ Minuta da Carta de Caio Prado Junior para a VOKS, de 17 de agosto de 1935. Fundo Caio Prado Júnior, referência: CPJ-AGB161. Instituto de Estudos Brasileiros – IEB. USP, São Paulo.

³³⁹ STERN, Ludmila. Op. Cit., p. 100.

³⁴⁰ HIDALGO, Diego. Op.Cit., p. 62. Ainda segundo Hidalgo, sua visita à VOKS foi a “vara de condão” para sua viagem, pois conseguiu cartões de apresentação para visitar o chefe do departamento notarial e o presidente de um presídio.

poderia ajudá-las a adquirirem consciência.³⁴¹ Isto não impossibilitou, no entanto, a construção de uma boa impressão da URSS para o mundo exterior: em uma carta dirigida a Georgy Chicherin, Comissário dos Assuntos Internacionais da URSS, ela expressa sua grande satisfação na disposição dos grupos científicos em participar da diplomacia cultural soviética, o que causaria “uma grande impressão ao mundo exterior, aumentando o prestígio soviético.”³⁴²

O Primeiro Plano Quinquenal e o início da era stalinista trouxeram, no entanto, profundas alterações para a VOKS. Os objetivos iniciais do empreendimento soviético, isto é, a expansão do socialismo por meio da Revolução Mundial, promulgada pela Terceira Internacional, e a necessidade de sobrevivência do Estado Soviético por meio de relações diplomáticas e comerciais com países ocidentais, eram incompatíveis.³⁴³ Os sucessos da diplomacia soviética e o crescente ceticismo sobre a possibilidade da Revolução Mundial, induziram Stalin a assumir definitivamente a posição de “socialismo num só país”. Segundo Deutscher, esta posição de Stalin apenas reverberava sua opinião de anos atrás, uma vez que ele não dava importância à política do Comintern, não chegando a tomar a palavra em nenhum dos seus congressos. Ademais, em 1928, o Comintern se voltou para a tentativa de proletarização dos Partidos Comunistas. Segundo Fitzpatrick, no aspecto cultural, a *intelligentsia* burguesa soviética passou a ser discriminada por meio do que os historiadores contemporâneos chamam de Revolução Cultural, que tinha como propósito estabelecer uma hegemonia proletária e comunista em todos os aspectos da vida cultural e social soviética, o que em prática, significava o controle do partido sobre tais aspectos, e uma abertura de cargos na administração e em diversas especializações profissionais para um novo grupo de trabalhadores comunistas que já estavam sendo formados com uma forte ideologia partidária.³⁴⁴

Nesse sentido, um pouco depois de Trotski e Kamenev terem sido perseguidos por Stalin³⁴⁵, Kameneva, defensora do contato com a *intelligentsia* soviética, foi removida do

³⁴¹ DAVID-FOX, Michael. Op.Cit., p. 27.

³⁴² Idem, Ibidem.

³⁴³ DEUTSCHER, Isaac. *Stalin: uma biografia política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p. 416.

³⁴⁴ FITZPATRICK, Sheila. *The Russian Revolution*. New York: Oxford University Press, 1994. p. 141.

³⁴⁵ A relação entre Trotski, Kamenev e Stalin é complexa, mas eis uma tentativa de esboço de alguns dos detalhes principais: após a morte de Lênin, em 1923, Kamenev, Zinoviev e Stalin uniram-se em um Triunvirato contra Trotski para assumirem o controle do Partido Comunista. Com a saída de Trotski para o Cáucaso por problemas de saúde, Stalin, já ocupando o cargo de Secretário Geral do Partido, voltou sua

cargo de líder da VOKS e substituída por Fedor N. Petrov, que se mostrou de acordo com a nova linha adotada: ele admitiu em uma Assembleia Geral que a VOKS precisava “... aprender a manobrar”, dando a entender que um ataque à cultura burguesa era necessário.³⁴⁶

A partir daí, VOKS passou a instruir suas filiações regionais a lutar contra as atitudes apolíticas e neutras dentro da *intelligentsia* russa. A prioridade voltou-se para a união de informações de tendências culturais em países externos, acarretando na perda do link direto com a *intelligentsia*. As decisões sobre qualquer participação soviética em eventos ou iniciativas externas tornaram-se inteiramente dependentes das sanções do Comitê Central.³⁴⁷ Em 1934, Petrov passa o cargo para Aleksandr Arosev, escritor e embaixador de Moscou em Praga em 1920. Arosev fez com que a VOKS permanecesse subserviente ao Partido durante o resto da década de 1930.³⁴⁸

Alguns relatos de viagem remetem-se também à Intourist, agência de viagens soviética fundada em 12 de abril de 1929, por um decreto do Conselho para o Trabalho e Defesa da URSS. Seu nome é uma abreviação da expressão “Inostrannyi Turist” – turista estrangeiro. Ela foi criada para facilitar a viagem de turismo em uma terra “em transição”.³⁴⁹ Segundo Samantha Kravitz, de 1917 a 1926, as condições na União Soviética não estavam maduras para o turismo devido às consequências da Revolução e da guerra civil, que deixaram o país economicamente e socialmente devastado. Em março de 1927, havia, nos Estados Unidos, um escritório de viagens da frota mercante soviética³⁵⁰, que

atenção para derrotar Zinoviev e Kamenev, que também se tornaram contra ele. Em 1926, Trotski, Zinoviev e Kamenev se uniram em uma oposição contra Stalin, porém não obtiveram sucesso. Em 1927, Trotski, Kamenev e Zinoviev foram expulsos do Partido. Trotski foi deportado para Alma-Ata, cidade da Ásia central soviética, onde permaneceu até sua deportação da URSS, um ano depois. Em 1940 foi assassinado por um agente de Stalin. Em 1928, Stalin a política de industrialização forçada iniciada por Stalin havia sido anteriormente sugerida por Kamenev e Zinoviev, o que fez com que estes voltassem a ser readmitidos no Partido. Porém, anos mais tarde, em 1936, Kamenev e Zinoviev seriam executados, acusados de traição e de atividade anti-revolucionária. A família de Kamenev também foi executada, inclusive Olga Kameneva, ex-líder da VOKS, em 1941. Apenas o filho mais novo, Vladimir Glebov, sobreviveu nos campos de trabalho forçado. Mais informações em: CARR, E.H. *A Revolução Russa de Lênin a Stálin (1917-1929)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

³⁴⁶ DAVID-FOX, Michael, Op.Cit., p.31.

³⁴⁷ Idem, Ibidem.

³⁴⁸ DAVID-FOX, Michael. “The Fellow Travellers Revisited: The “Cultured West” through Soviet Eyes”. *The Journal of Modern History* 75, University of Chicago: June 2003. p.308.

³⁴⁹ KRAVITZ, Samantha. “The Business of Selling the Soviet Union: Intourist and the Wooing of American Travelers, 1929-1939”. Montreal, Canadá: Concordia University, 2006. Dissertação de Mestrado em História da Arte. p.3.

³⁵⁰ Em inglês: “Travel Bureau of the Soviet Merchant Fleet”. MARGULIES, Sylvia. Op.Cit. p. 63.

também possuía contatos com a VOKS, porém, com o aumento dos interessados em conhecer a URSS, os soviéticos reconheceram a necessidade de fundação de uma organização mais centralizada e eficiente.

A Intourist responsabilizou-se, portanto, por criar uma infraestrutura moderna com facilidades para os turistas, reformando estradas e acomodações, com o objetivo de fazer a jornada pela URSS mais semelhante às viagens modernas da Europa e proporcionar aos turistas aquilo que eles desejassem, de forma barata, fácil e mais confortável do que nos dias czaristas. Para tal, ela estabeleceu contatos com outras agências de viagem de outros países, muitas de grande porte, como a Thomas Cook³⁵¹ e a American Express Company.

Tais empresas solidificaram a União Soviética como um destino turista viável e legítimo. Ademais, a Intourist se responsabilizou também por fomentar a associação com empresas de navios a vapor e transatlânticos, como a linha “The Canadian Pacific Steamship Line” a linha “Holanda-América”, responsável, justamente, pela rota Hamburgo-América do Sul. Kravitz acredita que o estabelecimento do contato com as grandes companhias foram as principais causas do crescimento da indústria de turismo na URSS, pois nenhuma outra organização, naquela época, poderia oferecer a quantidade de turistas que esses navios levavam aos soviéticos.³⁵²

Novos e rápidos meios de transportar pessoas, incluindo a construção do sistema de metrô de Moscou, inaugurado em 1935, estavam alinhados com o pensamento soviético de modernização. Por meio da Amtorg³⁵³, a Intourist adquiriu parte de sua frota de carros e vagões de trens. Kravitz salienta que os soviéticos compraram mais de 130 automóveis Lincoln, automóveis de luxo da empresa Ford.³⁵⁴ Inclusive, muitas brochuras de guias e propagandas da Intourist mostram gravuras ou pinturas de tais carros. Em uma publicação da Amtorg, *Economic Review of the Soviet Union*, a Intourist disseminava informações sobre seus roteiros e viagens para os norte-americanos. Em uma de suas publicações de 1931, informou que o influxo de turistas para União Soviética, especialmente turistas norte-

³⁵¹ Thomas Cook, primeira agência moderna de turismo, fez acordo com os soviets em 1928, dando legitimidade e validade para a indústria de turismo soviética. Segundo Kravitz, tal acordo teve também muitas vantagens para Thomas Cook, pois na primeira metade de 1930 a “rússia foi o único país com o qual o negócio de Cook se expandiu.” Op. Cit. p. 37.

³⁵² Idem, p.40.

³⁵³ “Amtorg Trading Corporation” foi a primeira representação soviética a se estabelecer nos Estados Unidos, em 1924, em Nova York. Ela servia às firmas soviéticas de importação e exportação.

³⁵⁴ KRAVITZ, Samantha. Op.Cit. p. 48.

americanos, estava aumentando tão rápido que a Intourist iria gastar mais de 20 milhões de rublos para promover as acomodações adequadas para os visitantes estrangeiros.³⁵⁵

Em outro periódico, *Review of Reviews*, foi informado que, no ano de 1931, em adição às despesas gerais como salários e propagandas, os soviéticos iriam gastar mais de 10 milhões de dólares para remodelar antigos hotéis e construir novos.³⁵⁶ O detalhe do luxo dos hotéis e de suas acomodações, é algo muito comentado nos relatos em geral. Kravitz explicita que a URSS tinha a preocupação de corresponder e surpreender os anseios dos viajantes, acostumados com as regalias europeias. Diego Hidalgo é um dos viajantes que fica impressionado com seu cômodo, no Grande Hotel de Moscou: “São quatro aposentos, vestíbulo, sala, quarto e casa de banho. Sim, homem! A sala é muito grande, com cinco janelas para a Praça da Revolução. [...] Já vêes, que eu, para morar num palácio – ó paradoxo da vida! – tive que vir à Rússia.”³⁵⁷ Já Maurício de Medeiros, em Leningrado, embora tenha permanecido num luxuoso hotel da rede Intourist, o hotel Europa, descreve alguns problemas – possivelmente, o hotel ainda não havia passado por reformas:

Um vasto apartamento com quatro peças e sala de banho, mobiliado de riquíssimos e velhíssimos móveis, pela diária seca de 15 rublos (cerca de 60\$ de nossa moeda) [...] Deve ter sido o mais rico Hotel da cidade ao tempo da Rússia dos Tzares. Sente-se isso nas instalações. Municipalizado pela Rússia dos Soviets, tudo nele denota, senão um completo desleixo, pelo menos uma ordem precária e uma limpeza ainda mais problemática.³⁵⁸

Muitos hotéis foram construídos em locais remotos na União Soviética, e roteiros especiais foram planejados em torno deles – como tour para o Turquestão, oferecido a partir de 1931, pela linha de trem Turquestão - Sibéria, completada em 1930, indo até regiões remotas da Ásia Central Soviética, incluindo a atual região do Uzbequistão. Apesar dessas novas possibilidades, ao fazer referência ao guia turístico *Guide à travers L’Union soviétique*, de A. Rado, publicado pela Voks em 1929 e direcionado principalmente aos viajantes individuais, pois não era fornecido às delegações de militantes, Rachel Mazuy informa que o guia explicitava que os vistos não seriam válidos para a entrada nas

³⁵⁵ "Many Hotels Built and Reconstructed for Tourist Travel". *Economic Review of the Soviet Union*, 1, n. 7 (Abril 1931): 158. APUD. KRAVITZ, Samantha. Op.Cit. p. 46.

³⁵⁶ "Russia Bids for Tourist Trade" *Review of Reviews*, Agosto de 1931, 94. APUD. KRAVITZ, Samantha. Op.Cit. p. 47.

³⁵⁷ HIDALGO, Diego. Op.Cit. p. 28.

³⁵⁸ MEDEIROS, Maurício de. Op. Cit. pp. 36, 37.

Repúblicas do Uzbequistão e do Turcomenistão, nas quais não poderia entrar sem uma autorização especial. Segundo ela, os soviéticos procuravam canalizar as viagens aos circuitos oficiais ao redor de Moscou, impedindo o acesso às zonas mais problemáticas.³⁵⁹

A intensa construção da indústria turística soviética seguiu as metas do Primeiro Plano Quinquenal. Como a Intourist passou a ser responsável pelo manejo de estrangeiros e turistas na URSS, transformando-se, segundo Studer, em uma estrutura turística de massa sob o controle do Estado Soviético³⁶⁰, ela necessitava da aprovação do Comitê Central do Partido Comunista da URSS (Politburo) para a construção de sua infraestrutura.³⁶¹ Em uma viagem aos Estados Unidos, seu presidente, Wilhelm A. Kurtz, descreveu a Intourist como uma organização independente, mas ao mesmo tempo sob a supervisão do Comitê Central Executivo da URSS.³⁶² Como lidava com turistas estrangeiros, tinha também laços com a OGPU e o NKVD.

Quando a URSS foi reconhecida pelos Estados Unidos, em 1933, a Intourist já contava com quatro escritórios instalados nos Estados Unidos em Nova York, Chicago, Boston e Los Angeles. Ela possuía também escritórios em Berlim, Londres, Paris, Áustria, Itália, Noruega, Suíça, Japão, Tchecoslováquia e em Teerã, na Pérsia. Em 1934, abriu sedes na Turquia e África do Sul.³⁶³ Revistas populares norte-americanas passaram a conter propagandas da Intourist, oferecendo diferentes tipos roteiros e acomodações.³⁶⁴ Desta forma, em menos de cinco anos, a Intourist ficou apta a competir com outras companhias de viagem que já possuíam tradição e experiência, sendo o ponto central para todas as formas de transporte e acomodação na União Soviética. Kravitz afirma que ela foi a única organização estatal responsável por promover e coordenar o turismo na União Soviética, até o seu colapso.³⁶⁵

³⁵⁹ MAZUY, Rachel. Op. Cit, p.86.

³⁶⁰ STUDER B. "Le voyage en U.R.S.S. et son 'retour'", *Le mouvement Social* 2003/4, n°205, p.4.

³⁶¹ Idem, p.44.

³⁶² MARGULIES, Sylvia. Op.Cit. p. 63.

³⁶³ KRAVITZ, Samantha. Op. Cit. pp. 50, 51.

³⁶⁴ MARGULIES, Sylvia. Op. Cit. p.64. Nos Anexos, encontra-se algumas amostras de panfletos e capas de guias fornecidos pela Intourist, retiradas da coleção de David Levine, presentes na página: www.travelbrochuregraphics.com. Acesso em janeiro de 2013.

³⁶⁵ Em 1939, um Decreto do Conselho do Commissariado do Povo colocou a Intourist sob o controle do Commissariado do Povo para Relações Estrangeiras da URSS. Segundo dados da própria instituição, durante dez anos de existência, a Intourist atendeu mais de um milhão de turistas. Dados retirados da página: <http://www.intourist.com/about.aspx?id=9804958¤cy=USD> Acessado em 03/03/2013.

Embora evidencie informações importantes a respeito desta organização, o trabalho de Kravitz ignora a ligação entre Intourist e VOKS. Na verdade, essas instituições trabalhavam em conjunto, no controle da hospedagem e direcionamento dos viajantes ocidentais a diversos locais. Era função da Intourist, por exemplo, deixar à disposição da VOKS motoristas e veículos da mais alta qualidade.³⁶⁶ Os acordos entre as duas estruturas eram objetos de convenções que estipulavam que a Intourist deveria comunicar à VOKS a lista dos visitantes suscetíveis ao interesse de melhorar as relações culturais com o estrangeiro, assim como uma lista de seus serviços oferecidos (roteiros, transportes, etc.) e de seus preços. Já a VOKS deveria informar à Intourist sobre os objetivos da visita, além de organizar, muitas vezes a pedido da Intourist, encontros ou entrevistas entre os visitantes estrangeiros e personalidades ou intelectuais soviéticos.³⁶⁷

A VOKS possuía ainda a preocupação de personalizar o turismo coletivo, proposto pela Intourist, tentando responder às solicitações específicas dos visitantes que vinham encontrá-la de acordo com suas especialidades (médicos, arquitetos, estudantes, engenheiros, escritores, etc.). O número de visitantes passou a dobrar a cada ano após 1929, chegando a um pico em 1934-1936, durante o período de liderança de Aleksandr Arosev³⁶⁸, exatamente o momento em que Stalin começa a buscar alianças preventivas com outros países - a URSS adere à Liga das Nações em setembro de 1934³⁶⁹ - e que a III Internacional adota a política de frentes populares em seu VII Congresso³⁷⁰, em 1935, uma resposta, principalmente, à ascensão e consolidação do regime nazista na Alemanha.

Devido a esse aumento exacerbado de visitantes estrangeiros, hospedar visitas de intelectuais estrangeiros tornou-se o objetivo prioritário da VOKS e Intourist. Em uma carta enviada à liderança do Partido, Arosev salienta o papel de ambos os órgãos:

³⁶⁶ MAZUY, Rachel. Op.Cit., p. 106.

³⁶⁷ Idem, p. 107.

³⁶⁸ STERN, Ludmila, 2009. Op.Cit., p. 121.

³⁶⁹ Segundo Deutscher, para Lênin, a Liga das Nações era um “antro de bandidos”, uma organização voltada para impor a paz de Versalhes, perpetuar a dominação colonial e suprimir movimentos de emancipação pelo mundo. Nas palavras de Stalin, para aderir à Liga das Nações, [...] seria preciso escolher, como disse com razão o camarada Litvinov, entre ser martelo ou bigorna. Bem, não queremos ser o martelo das nações fracas nem a bigorna das poderosas.” DEUTSCHER, Isaac. Op.Cit. p. 440.

³⁷⁰ Nesse Congresso, teorias que haviam sido defendidas em 1928, como a ideia de serem “gêmeos” o fascismo e a democracia, e a proibição de cooperar com os líderes socialdemocratas, foram “relegadas silenciosamente aos porões do Comintern”. A nova política demandava que socialdemocratas e comunistas se unissem para formar “frentes populares”, que deveriam incluir todos os grupos e partidos da classe média, liberais, radicais e até conservadores, que se declarassem dispostos a fazer frente contra o fascismo. Idem, pp. 441, 442.

Tanto Intourist e VOKS estão lidando com uma audiência que não é processada por ninguém. A massa enorme oscilante, constituída da pequena burguesia e da Intelligentsia, a qual é muito influente na Europa Ocidental e América, são deixadas inteiramente para a VOKS e Intourist.³⁷¹

As pesquisas de David-Fox e Ludmila Stern analisam a VOKS até o final da década de 1930. Segundo Stern, os processos de Moscou de 1936-1938, realizados por Stálin contra seus possíveis opositores e os massivos aprisionamentos desta época, causaram sérios danos às relações da União Soviética com seus aliados ocidentais e abafaram o entusiasmo de seus defensores. Em 1936, Arosev recebeu instruções diretas do Partido para aumentar a vigilância na organização, e passou a ter que contar com a aprovação do Comitê Central Executivo para a realização de qualquer atividade.³⁷² Ao final da década de 1930, David-Fox afirma que as atividades da VOKS estavam completamente desorganizadas, e as relações culturais internacionais da URSS praticamente deixaram de existir.³⁷³

Guias, intérpretes e visitantes: observadores ou observados?

Nenhum viajante que passava pela URSS sob os cuidados da VOKS era privado de guias e intérpretes. Mesmo Caio Prado Junior, autor de um relato mais ensaístico, comenta sobre a presença constante do guia: “Por meio do guia que sempre me acompanhou obtinha por vezes a sua tradução [discussões políticas que ocorriam em diversos lugares], e cheguei mesmo a participar em algumas.”³⁷⁴ Osório Thaumaturgo Cesar, cujo relato não possui tantas informações sobre os pormenores de sua viagem, em certo momento, também comenta: “A nossa guia enviada pela V.O.K.S, a camarada Renski, nos fez a amabilidade de traduzir o resumo que passamos a transcrever.”³⁷⁵

Medeiros é quem mais fornece informações a respeito de seus intérpretes. A respeito de sua intérprete em Moscou, diz ser uma jovem universitária de 18 anos, com uma inteligência acima do comum. Todas as entrevistas com os chefes de serviços que ele

³⁷¹ STERN, Ludmila, 2009. Op.Cit., p.121.

³⁷² STERN, Ludmila. Op.Cit.p.155.

³⁷³ DAVID-FOX, Michael, 2002.Op.Cit.p. 32. É importante ressaltar, no entanto, que a VOKS continuará existindo na URSS nos anos posteriores. Diversos relatos de viajantes brasileiros da década de 1950 se referem, não só à Intourist, como também à VOKS.

³⁷⁴ PRADO JUNIOR, Caio.Op. Cit., p.16.

³⁷⁵ THAUMATURGO CESAR, Osório. Op.Cit., p.62.

visitou foram traduzidas por ela, e Medeiros elogia a fidelidade da tradução e suas respostas notáveis, comentando que o regime deveria ter exercido influência no desenvolvimento de seu espírito.³⁷⁶ Seu intérprete de Níjni Novgorod era um antigo professor, “resignado, sem nenhum entusiasmo pelo comunismo.”³⁷⁷ Já sua intérprete de Leningrado, “uma alta senhora magérrima, deselegante, mal ajambrada nas vestes, que cobria com uma eterna capa de borracha, mas inteligente e falando muito bom francês”, era filha de um antigo nobre da Corte do Czar, casada com um antigo oficial da marinha, que estava adaptado ao novo regime na qualidade de técnico, não sendo, segundo Medeiros, positivamente adepta ao regime comunista.³⁷⁸

Nesse sentido, David-Fox atenta para o fato de que, até o final da década de 1920, muitos guias da VOKS não eram comunistas: eles tinham uma boa educação, frequentemente empregados devido ao seu forte conhecimento de línguas estrangeiras, e muitos deles eram judeus.³⁷⁹ A demanda por guias e sua seleção por meio de treinamentos foram moldadas conforme o número de visitantes se expandia. Em 1927, Kameneva presidiu, na abertura da VOKS, um novo curso de treinamento para guias, em que “conhecimentos políticos” foram verificados. Os guias, os quais já se supunha que tinham conhecimento em pelo menos um campo cultural, deveriam estudar aspectos da construção socialista, como as leis soviéticas, a questão nacional ou a política da família. De um lado, Kameneva instruía-os a falar com os viajantes sem superficialidade, sabendo expor as piores fraquezas da URSS, “não para evitá-las... Mas para explicá-las de maneira compreensível.” Do outro, a chave para isso era saber culpar o legado czarista, nossa “herança horrível... Do passado, das guerras... Nossa horrível exploração.”³⁸⁰

No entanto, em 1929, a insatisfação com os guias se intensificou devido ao seu baixo nível político e desconhecimento da “realidade soviética”. Em 1930, como parte da política de “classe contra classe” adotada na época, o curso da VOKS foi proletarizado, assim como diversas instâncias do regime soviético. O curso foi renomeado para “Curso Comunista para Guias”, onde todos os cinquenta estudantes eram da Liga da Juventude Comunista ou membros do Partido. Trinta e três guias foram classificados como

³⁷⁶ MEDEIROS, Maurício de. Op.Cit. p.88.

³⁷⁷ Idem, p.90.

³⁷⁸ Idem, p.54.

³⁷⁹ DAVID-FOX, 2003. Op.Cit., p.311.

³⁸⁰ STERN, Ludmila, 2009. Op.Cit., p. 312.

proletários. Passaram, de acordo com David-Fox, a tentar agir na consciência dos visitantes da mesma forma que escritores engenhavam almas humanas nos assuntos soviéticos.³⁸¹ Ao analisar os arquivos da VOKS, Rachel Mazuy chegou a encontrar um relatório a respeito do que se esperava como atitudes dos guias:

1. não conheçam apenas os monumentos e os acontecimentos importantes, mas todos os aspectos culturais, econômicos e políticos da vida do nosso país e da vida do estrangeiro [...]
2. não dêem ao testemunho de estrangeiros desenvolvimentos ulteriores e supérfluos;
3. saibam se comportar com tato [...]
4. Devem mostrar todos os fenômenos da vida soviética restituindo-os dentro do seu contexto e à sua escala [...]³⁸²

Além disso, os guias precisavam escrever avaliações a respeito dos viajantes que seriam armazenadas em um sistema de registro mantido pelo Departamento de Recepção, desde 1924. Seus relatórios eram numerados e localizados pelo nome do guia e do viajante envolvido, e um catálogo de cartões de viajantes foi arranjado alfabeticamente.³⁸³ Segundo Stern, os relatórios de guias e intérpretes fornecem uma leitura fascinante a respeito do papel da VOKS em planejar, conduzir e monitorar as visitas dos estrangeiros. No entanto, eles devem ser lidos com postura crítica, uma vez que havia uma tendência dos intérpretes em encobrir ou exagerar para se adaptarem às expectativas da gerência da VOKS.³⁸⁴ De acordo com Stern, a VOKS estaria claramente tentando criar e idealizar a imagem da URSS através da exposição seletiva de empreendimentos sócio-culturais aos visitantes, presentes como resultado da reforma política e os encorajando a produzirem relatos positivos de suas experiências.

Nos relatórios analisados por Stern, há um a respeito de Andrée Violli, escritora francesa preocupada com as condições femininas, descrita da seguinte maneira por sua guia/intérprete, Ludmila Rastiger-Ronskaya: “Não há dúvidas de que Andrée Viollis deve ser classificada como esses jornalistas burgueses que são organicamente alienados a qualquer coisa soviética como um resultado de sua natureza individualista. Sua simpatia em

³⁸¹ DAVID-FOX, 2003. pp.312, 313.

³⁸² MAZUY, Rachel. *Op.cit.* pp.107-108. Dados: Relatório de 1930. GARF, 5283-8-60. Tradução minha.

³⁸³ Idem, p.313.

³⁸⁴ STERN, Ludmila, 2009. *Op.Cit.*p.122.

relação a tudo o que acontece de novo na URSS é puramente platônica, se não puramente hostil”.³⁸⁵

Ainda em seu relatório, segundo Stern, Ronskaya demonstra frustração quando revela que Viollis está consciente dos problemas soviéticos, como estações de trem e hotéis abarrotados e instituições demasiadamente burocráticas: “Viollis certamente reportará sobre os defeitos que ela teve a oportunidade de observar.”³⁸⁶ Stern aponta o relatório de Ronskaya como algo incomum e único para a época em que foi feito, mas que antecipa o comportamento dos guias dos anos futuros: “O que parecia ser uma histérica descrição iria evoluir alguns anos depois para um padrão de relatórios de guias e intérpretes que iriam adotar metodicamente os pontos que Ronskaya adotou ‘espontaneamente’ em seu relato”³⁸⁷.

Muitos guias mostravam angústia para documentar suas próprias respostas. Quando o filósofo americano e educador John Dewey chegou, em 1928, com três parentes, seu guia foi questionado se o “capitalismo era horrível como parecia ser nos jornais soviéticos”. Ele respondeu, mostrando no relatório, que o capitalismo não era horrível para os soviéticos, e sim para os trabalhadores explorados que viviam sob ele, justificando a cobertura da imprensa soviética. O relatório do guia, segundo David-Fox, teria mais material sobre a resposta do guia, do que sobre o que Dewey perguntou.³⁸⁸ Os guias, portanto, eram pressionados a encararem a função de informar e transformar seus relatórios para que demonstrassem sua própria ideologia, pois assim como eles avaliavam estrangeiros para a VOKS, seus superiores também poderiam avaliá-los por meio de seus relatórios. Os relatórios dos intérpretes, como comenta Stern, dizem muito sobre eles mesmos e sobre a própria VOKS.³⁸⁹

Alguns relatos analisados demonstram a aflição de alguns guias. Ao fazer anotações sobre sua chegada à URSS, em 1928, assim que aportou do navio, Carlos Santos, viajante português, relata o susto de seu guia:

³⁸⁵ Idem., p.106. Tradução minha.

³⁸⁶ Idem, p.107. Tradução minha.

³⁸⁷ Idem, p.109. Tradução minha.

³⁸⁸ David-Fox., Op.Cit.p.314.

³⁸⁹ STERN, Ludmila, 2009. Op.Cit.p.122.

— Tenha cuidado! — disse-me ele— Não escreva assim, tão à vista de todos. Podem observar-nos... Tome nota depois...

Verifiquei então que estes guias tinham medo de qualquer coisa que soubéssemos e interpretássemos contra os soviets, lhes fosse mais tarde atribuído.

— Podemos ser presos —acrescentou.

Mas, quando lhe garanti que não citaria nomes no relato que fizesse, tranquilizou-se, e comecei a escrever a vontade...³⁹⁰

Fernand Corcos, viajante francês, relata, curiosamente, as expressões de seu guia ao notar as impressões dos viajantes:

Cada vez que manifestamos nosso prazer ao ver tal ou qual coisa, sua fisionomia denota uma alegria visível; e o sinal de sua sinceridade revela-se em todas as vezes que, numa palestra privada fazemos alguma restrição ou exprimimos alguma dúvida; então seu olhar vela-se, seu semblante entristece-se e com a mais sábia paciente habilidade, combate e dissipa todas as nossas dúvidas.

Mas não podemos dizer que não somos tenazmente vigiados por ele quando tentamos iniciar conversação com qualquer transeunte, qualquer operário ou empregado, visto que nestas ocasiões ele sempre se aproxima e só num olhar julga se a resposta é favorável ou não ao regime e procura imediatamente restabelecê-la de acordo com seus princípios.³⁹¹

Segundo Stern, guias e intérpretes se mostravam inflexíveis com visitantes cujas reações não correspondiam às expectativas da VOKS de aprovação e aceitação do mundo soviético. Na ânsia de extrair uma resposta favorável de seus visitantes, os intérpretes eram defensivos a respeito de criticismos, mesmos de visitantes que eram simpáticos ao regime. Os relatórios tinham ainda um tom negativo quando eles não conseguiam manter controle sobre os turistas. Um intérprete, por exemplo, se mostrou irritado por um viajante, François Dujon, ter procurado a VOKS apenas em seu terceiro dia em Moscou. A falta de *feedback* dos viajantes era outra reclamação. Frequentemente, eles acusavam os visitantes de serem ideologicamente hostis.³⁹²

A relação entre guias, intérpretes e viajantes, portanto, era uma relação conflituosa, embora, possivelmente, nem parecesse. Todos estavam ali para observar e avaliar algo e todos iriam prestar contas a alguém por isso – o guia, aos seus líderes, o viajante, à sua própria sociedade ou à sua ideologia. Observar, porém, a forma como os guias e intérpretes

³⁹⁰ SANTOS, Carlos. Op.Cit. pp. XXXI, XXXII.

³⁹¹ CORCOS, Fernand. Op. Cit. pp. 14, 15.

³⁹² Idem, p.126.

atuavam, nos permite compreender que nem sempre eles tinham o controle ou a manipulação de tudo, e que eles próprios estavam sendo controlados.

As chamadas “técnicas de hospitalidade”

As medidas de recepção e cuidado com os viajantes ocidentais foram designadas por historiadores norte-americanos, Paul Hollander e Sylvia Margulies, como “técnicas de hospitalidade”, isto é, técnicas que tinham o intuito de influenciar a percepção e o julgamento de seus convidados, como o conforto do hotel em que se hospedavam, a constante presença dos guias e intérpretes, a fim de limitar ou delinear suas impressões, tentando obter o máximo de controle possível sobre as experiências dos viajantes.³⁹³ Tais mecanismos seriam copiados, anos mais tarde, pela Alemanha e Itália.³⁹⁴

Os viajantes, de fato, possuíam regalias. Maurício de Medeiros, por exemplo, ao relatar a sua conturbada ida para a estação em Leningrado a fim de pegar o trem para Moscou, comenta que o caminho de acesso à estação estava fechado devido à presença de Bela Kuhn, chefe do movimento comunista na Hungria. No entanto, os soldados deixaram seu carro passar assim que sua intérprete os informou: “— Dva estrani ...”, isto é, “dois estrangeiros”. Todos então, se afastaram, e eles puderam chegar à porta da estação, sob a legação de serem estrangeiros viajantes. Medeiros conclui: “Nossa qualidade de estrangeiros servia para atenuar a de burgueses. Havia mesmo uma certa simpatia benévola. Dessa benevolência para com os estrangeiros, eu teria fartas provas em toda a Rússia.”³⁹⁵

Referindo-se aos cidadãos dos “regimes totalitários” apontados em seu estudo - URSS, China e Vietnã - Paul Hollander explica que os habitantes de tais sociedades cooperavam “passivamente” com o tratamento oficial dado aos estrangeiros, não procurando provocar ou intimidar as versões oficiais da realidade, justamente devido à presença dos guias e intérpretes, que eram encarados como oficiais do governo.³⁹⁶ Nem sempre, no entanto, os cidadãos aceitavam as regalias fornecidas aos estrangeiros. Em outra ocasião, em Níjni Novgorod, Medeiros relata uma discussão entre sua intérprete e um

³⁹³ HOLLANDER, Paul. *Political Pilgrims: Western intellectuals in search of the good society*. New Brunswick, Estados Unidos: Transaction Publishers, 1998.

³⁹⁴ MAZUY, Rachel. *Op.cit.*, p.8.

³⁹⁵ MEDEIROS, Maurício de. *Op.Cit.* pp.169,170.

³⁹⁶ HOLLANDER, Paul. *Op.cit.*, p.348.

cocheiro, que os havia levado da estação a um hotel. A intérprete reclamava pelo preço que o cocheiro estava cobrando pelo serviço, cinco rublos:

— Não pague coisa alguma. É uma exploração, porque o Sr. é estrangeiro. Espere um pouco...

E foi apressada a uma esquina próxima, de onde voltou com um soldado. Este me perguntou qual o meu percurso. Por intermédio sempre da Senhora [sua intérprete] eu o descrevi:

— Da estação ao Hotel da Rússia e deste para aqui.

O soldado pediu-me:

— Dê-me dois rublos!

Dei-lhos. Sem articular palavra, ele entregou ao cocheiro, que abriu a estalagem em cima da patrícia e da polícia.

O povaréu ia reunindo. A Senhora então me disse:

— Pode ir-se embora. Isto agora é conosco.

E ficou discutindo, perante o povo reunido, e, com aquiescência geral, o elevado tema da hospitalidade aos estrangeiros...

Os guias e intérpretes possuíam, portanto, certa autoridade perante os cidadãos soviéticos. De acordo com Marguiles, cidadãos russos eram instruídos a permanecerem quietos ou eram informados sobre o que dizer caso fossem questionados por viajantes ou delegações estrangeiras. Embora os viajantes brasileiros não tenham percebido tal censura, ela aparece em outros relatos da mesma época. Fernand Corcos, por exemplo, descreve diversos diálogos em que os cidadãos se recusam a falar:

Em uma loja cooperativa percebemos uma mulher de idade que o nosso grupo parecia interessar. Fizemos nossa pergunta de sempre:

— Fala francês, minha senhora?

— Oh! Não fale comigo.

Intrigados, prosseguimos:

— Não tenha medo, somos franceses e queremos saber somente o que se passa. A senhora está contente com este regime?

Levantou os braços para o céu e num tom rápido e baixo ao mesmo tempo, se esquivando, respondeu-nos:

— Calem-se, far-me-iam prender. É composto de preguiçosos!³⁹⁷

A cena se repete, um pouco depois, em uma loja de especiaria, Corcos e sua delegação, questionam um senhor sobre a URSS:

³⁹⁷ CORCOS, Fernand. Op. Cit. pp. 15,16.

- Bem, como vão as coisas aqui na Rússia? O senhor é burguês ou operário?
- Era engenheiro, mas como não tenho trabalho dou lições.
- Ganha o suficiente assim?
- Não respondeu.
- Por que não diz simplesmente sim ou não? Tem medo?
- Aqui nada posso dizer. Boa noite senhores!
- Virou-nos as costas e foi-se embora.³⁹⁸

Ademais, segundo Marguiles, os próprios guias mostravam-se incomodados aos esforços dos visitantes ao tentarem falar com os russos ou mesmo com os trabalhadores de fora e especialistas trabalhando nas fábricas soviéticas. É por isso que, segundo ela, “a presença do GPU³⁹⁹ em reuniões sociais frequentadas por estrangeiros e cidadãos soviéticos inibia os contatos...”⁴⁰⁰ Em vista disso, três pontos de obstáculos no caminho das conversas espontâneas entre os estrangeiros visitantes e os nativos são indicados por Hollander: os cidadãos eram, geralmente, selecionados pelas autoridades; o contato entre eles era intermediado por intérpretes cuja simples presença servia para impedir trocas espontâneas, mesmo caso não existissem barreiras de linguagem; e em terceiro, na maioria dos casos, as comunicações estavam já predeterminadas e formadas pelos intérpretes, podendo até mesmo ser deturpadas.⁴⁰¹

A respeito das deturpações dos intérpretes, Hollander cita como exemplo um relato do final da década de 1930 de Andrew Smith, um trabalhador húngaro que teve participação proeminente no sindicato dos trabalhadores das minas de ferro da Hungria. Taxado na lista negra de sua indústria devido às suas agitações, resolveu se mudar para os Estados Unidos onde se tornou um membro ativo do movimento trabalhista radical – primeiro como socialista e depois, em 1919, como membro do Partido Comunista dos Estados Unidos. Em 1929, ele e sua mulher são chamados para visitar a URSS. Encantado

³⁹⁸ Idem, Ibidem.

³⁹⁹ Abreviação do Diretório Político Estatal da União Soviética, a Polícia Secreta Soviética, que funcionou de 1922 a 1934.

⁴⁰⁰ MARGUILES, Sylvia R. *The pilgrimage to Russia: the Soviet Union and the treatment of foreigners, 1924-1937*. Madison: University of Wisconsin Press, 1968, pp. 124, 127, 129. *Apud.* HOLLANDER, Paul. *Op.cit.*, p.387.

⁴⁰¹ HOLLANDER, Paul. *Op.Cit.*p.382.

com a boa recepção e a terna hospitalidade dos soviéticos, Smith decidiu estabelecer-se na URSS, comprometendo-se como trabalhador.⁴⁰²

Contudo, ao presenciar uma visita de delegações estrangeiras à fábrica de eletrodomésticos em Moscou, onde trabalhava, Smith percebeu a modificação das respostas dos trabalhadores nas palavras dos intérpretes. Segundo ele, quando um trabalhador foi perguntado sobre quanto pagava por sua refeição, sua resposta de “dois rublos e trinta kopeks” foi alterada para “trinta kopeks”. E quando perguntado sobre o salário, o salário de “setenta e cinco rublos por mês” foi traduzido para “duzentos e setenta e cinco rublos”⁴⁰³. Decepcionado com o regime soviético, Smith retornou para os Estados Unidos após três anos, e abandonou o Partido Comunista.

Outro aspecto das “técnicas de hospitalidade” era o tratamento pessoal direcionado aos convidados. Hollander afirma que fazer o visitante se sentir bem, importante e satisfeito, seria até mais importante do que a apresentação seletiva dos aspectos sociais do sistema soviético, pois seria o ingrediente principal para garantir um pacto de respeito, gratidão e confiança entre os anfitriões e seus hóspedes.⁴⁰⁴ Esse tratamento único aos estrangeiros é interpretado por alguns viajantes apenas como excesso de amabilidade do povo russo – Hidalgo, por exemplo, diz que o povo espanhol, hospitaleiro, fazia o mesmo por seus visitantes.⁴⁰⁵

Ao relatar a confusão em trocar um vale-bilhete pela passagem para pegar o trem em Carcóvia, em direção a Moscou, Medeiros relata que, por seu intérprete não estar a par das formalidades, foi auxiliado por outras pessoas, chegando a afirmar:

As amabilidades eram tantas que foi o próprio chefe do trem quem foi trocar o bilhete e veio acompanhar-e até ao compartimento. Quando tive de subir para o trem, já em torno de mim havia um grupo tão grande que a cousa assumia um ar de manifestação...⁴⁰⁶

⁴⁰² Informações retiradas de uma resenha do livro de Andrew Smith, *I Was a Soviet Worker*, feita por Mabel A. Elliot. Review of *I Was a Soviet Worker*. *American Sociological Review*, Vol. 1, No. 5 (Oct., 1936), pp. 862-863. In: <http://www.jstor.org/stable/2084183>.

⁴⁰³ SMITH, Andrew. *I was a Soviet Worker*. New York: E.P.Dutton and Co., 1936, p.72. Acessado em: <http://books.google.com.br/books?id=zKaJKYMn5fMC&printsec=frontcover#v=onepage&q=&f=false>.

⁴⁰⁴ *Idem*, p.356.

⁴⁰⁵ HIDALGO, Diego. Op.Cit.p.73.

⁴⁰⁶ MEDEIROS, Maurício de. Op.Cit. p. 174.

A fim de justificar o acontecimento, Medeiros comenta: “O povo russo é sentimental. O embaraço de um viajante retardatário se transformava num motivo de atrações.”⁴⁰⁷ De qualquer maneira, é notório o tratamento especial direcionado aos viajantes ocidentais, quando se analisa o cuidado em atender as especificidades de cada um. Como vimos no capítulo 2, Osório Cesar tem a possibilidade de visitar diversos institutos de pesquisa científica e hospitais. A Maurício de Medeiros não é negada a possibilidade de visitar a casa de registro de casamentos e divórcios.

Havia certos viajantes, contudo, que recebiam um tratamento ainda mais especial. Segundo Ludmila Stern, a visita mais bem cuidada pelos soviéticos foi a vivida pelo escritor e comunista Henri Barbusse, em outubro de 1927. Não por acaso, Barbusse é também o prefaciador de obras favoráveis à URSS, como a de Osório Cesar e a de Diego Hidalgo, em sua versão espanhola e portuguesa.⁴⁰⁸

De acordo com Stern, não foi só dada a Barbusse a recepção mais luxuosa como também alocada uma suíte no Hotel Metrópole, com secretário e intérprete à sua disposição. A visita de Barbusse foi o primeiro exemplo de um envolvimento público no qual se tornaria uma celebração a chegada de visitantes estrangeiros.⁴⁰⁹ Como Barbusse era um defensor do regime soviético de longa data e possuía uma assistência mútua com a VOKS, ele era um convidado célebre. Segundo Stern, certa vez, a Biblioteca Lênin foi requisitada a armar todos os livros que Barbusse havia publicado na URSS e a fazer uma exibição de seu trabalho.⁴¹⁰

A relação de Barbusse com a VOKS se estabeleceu principalmente pelo fato de ele publicar artigos sobre a URSS na revista *Monde*, da qual era editor. Barbusse também chegava a indicar intelectuais propícios a serem viajantes favoráveis à URSS. No entanto, Stern afirma que Barbusse chegou a recusar a atender os requerimentos da VOKS para parar de publicar materiais franceses que eram críticos à URSS – como, por exemplo, artigos críticos de Panait Istrati.⁴¹¹

⁴⁰⁷ Idem, *Ibidem*.

⁴⁰⁸ HIDALGO, Diego. *Um Notário Espanhol na Rússia*. Lisboa: Livraria Peninsular, 1930. O conteúdo é o mesmo de Impressões de Moscou, mas a edição de Lisboa possui uma carta do autor aos editores, o prefácio de Henri Barbusse, uma carta dos editores ao autor e uma carta dos editores ao leitor.

⁴⁰⁹ STERN, Ludmila, 2009, op.cit.p.107.

⁴¹⁰ Idem, p. 150.

⁴¹¹ Idem, p.151.

É interessante perceber, que mesmo sendo fiel defensor da URSS, Barbusse chegou a ter alguns atritos com outras instituições soviéticas. Quando a revista *Monde* não recebeu respostas de seu questionário enviado para líderes do partido soviético, intitulado: “Há alguma crise no socialismo?”, Barbusse escreveu para a VOKS procurando descobrir o porquê da falta de respostas. A VOKS respondeu dizendo que as questões eram inapropriadas e mal elaboradas. Barbusse e Despepillon, diretor executivo da revista, acharam, no entanto, incompreensível a falta de resposta.⁴¹²

Quando, em agosto de 1930, *Monde* parou de chegar aos assinantes soviéticos, Barbusse escreveu para a VOKS dizendo confiar na instituição para que fosse fornecida uma explicação clara a respeito da situação da revista. Em novembro de 1930, a VOKS despachou a nova coleção de materiais de *Monde*. Stern, portanto, caracteriza a VOKS como uma instituição conciliadora, que procurava intermediar qualquer problema em relação à impressão e imagem da URSS nos países externos.

Ela era, assim, a principal responsável pela existência das técnicas de hospitalidade, pois se preocupava com as impressões que eram publicadas pelos visitantes em seus países. Desde 1925, recolhia as cartas de agradecimento dos viajantes por seus serviços, e seus artigos de viagem, que eram publicados na imprensa estrangeira e soviética.⁴¹³ Não é de se espantar, portanto, a troca de correspondências entre a VOKS e Osório Cesar, encontradas pela polícia política do governo de Vargas.

Em vista disso, podemos afirmar que as “técnicas de hospitalidade” proporcionadas aos viajantes brasileiros da década de 1930, surtiram certo efeito. Nenhum dos viajantes apresenta críticas à maneira como foram recepcionados na URSS. Contudo, é necessário considerar que as impressões estabelecidas pelos viajantes são consequências de uma série de fatores além da hospitalidade: ideologia prévia, expectativas, forma como encaravam e viviam em suas próprias sociedades, etc. As técnicas de hospitalidade podem dizer muito a respeito da maneira como os viajantes eram recepcionados, mas não devem ser vistas como fator determinante das impressões de seus relatos, como Hollander dá a entender em seu trabalho.

⁴¹² Idem, p.152.

⁴¹³ Idem, p.110.

Por melhor que fosse a recepção e os tratamentos fornecidos aos estrangeiros, muitas vezes os viajantes voltavam também com impressões negativas, seja por convicções ideológicas contrárias, ou mesmo pela desconfiança de tamanha hospitalidade. Inclusive, O os relatos que mais se sobressaíam eram aqueles em que o viajante apresentava impressões contrárias às suas ideologias antes preestabelecidas. André Gide, escritor francês e defensor da URSS e de sua cultura, surpreendeu a sociedade francesa com seus relatos *Retour de L'U.R.S.S.*⁴¹⁴ e *Retouches à mon Retour de l'U.R.S.S.*⁴¹⁵, onde apresentou diversas críticas ao que observou na URSS. Gide foi um dos poucos a perceber a preocupação da URSS com as impressões do mundo ocidental:

De resto, se, apesar de tudo, se preocupam com o que se faz no estrangeiro, ainda mais se preocupam com o que, no estrangeiro, se pensa deles. O que lhes importa é saber se os admiramos bastante. Receiam que estejamos mal informados sobre os seus méritos. O que desejam de nós não são esclarecimentos, são congratulações.⁴¹⁶

De maneira geral, portanto, podemos concluir que, mesmo supervisionando todos os passos de seus viajantes, seus olhares, os locais visitados e a maneira com que estes eram recepcionados, a URSS, embora observasse, não tinha como possuir controle sobre as impressões de seus visitantes. Afinal, como bem afirma Hidalgo: “Podem vir à Rússia dúzias de indivíduos, que cada um levará de cá uma impressão diferente, pois tudo depende de quem vê, das suas opiniões, da sua cultura, do seu temperamento e do meio em que vive.”⁴¹⁷

⁴¹⁴ GIDE, André. *Retour de l'U.R.S.S.* Paris: Gallimard, 1936. André Gide, no entanto, apesar de denunciar diversos problemas relativos à sociedade soviética, e tendo consciência da utopia que se formou sobre ela, defende a sua convicção de que a URSS triunfaria sobre seus graves erros: pp.16-17.

⁴¹⁵ Os relatos foram traduzidos e publicados no Brasil pela editora VECHI, do Rio de Janeiro.

⁴¹⁶ GIDE, André. *De volta da U.R.S.S.* Rio de Janeiro: VECCHI, 1937.

⁴¹⁷ HIDALGO, Diego. Op.Cit.p.58.

IV

O cotidiano soviético aos olhares de viajantes brasileiros no Primeiro Plano Quinquenal (1928-1933)

No início da década de 1930, logo após a crise econômica de 1929 e já no segundo ano do Primeiro Plano Quinquenal implantado na União Soviética, houve um aumento do prestígio soviético nas sociedades ocidentais, fruto de diversas notícias que traziam resultados concretos dos avanços industriais no país. De acordo com Hobsbawm, o trauma da Grande Depressão foi realçado pelo fato da URSS parecer imune a ela:

Enquanto o resto do mundo, ou pelo menos o capitalismo liberal ocidental, estagnava, a URSS entrava numa industrialização ultrarrápida e maciça sob seus novos Planos Quinquenais. De 1929 a 1940, a produção industrial soviética triplicou, no mínimo dos mínimos. [...] Essas conquistas impressionaram mais os observadores estrangeiros de todas as ideologias, incluindo um pequeno mas influente fluxo de turistas socioeconômicos em Moscou em 1930-35, que o visível primitivismo e ineficiência da economia soviética, ou a implacabilidade e brutalidade da coletivização e repressão em massa de Stalin. Pois o que eles tentavam compreender não era o fenômeno da URSS em si, mas o colapso de seu próprio sistema econômico, a profundidade do fracasso do capitalismo ocidental.⁴¹⁸

A partir deste trecho, infere-se, portanto, que os relatos de viagem dizem muito mais sobre seus observadores e suas próprias sociedades do que sobre o local observado. No entanto, Miriam Moreira Leite defende a ideia de que o viajante, em sua qualidade de estrangeiro sem fazer parte do grupo cultural visitado, tem condições de perceber aspectos, incoerências e contradições da vida cotidiana que o habitante, ao dá-la como natural e permanente, encontra-se incapaz de perceber, o que não quer dizer, segundo ela, que a obra não contenha preconceitos e estereótipos formados pelo viajante.⁴¹⁹ De qualquer forma, resta a dúvida: os relatos de viagem à URSS, influenciados tanto pela ideologia e visão de mundo de seus autores quanto pelas técnicas de hospitalidade soviética, apresentavam qual ideia a respeito do cotidiano soviético?

⁴¹⁸ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: O breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p.100. Conferido no original em inglês.

⁴¹⁹ LEITE, Miriam Moreira. *Op.Cit.*, p.10.

Antes da década de 1930, é válido lembrar que as notícias que chegavam ao Brasil eram confusas e desencontradas, muito devido à própria situação conturbada da URSS remanescente de uma Guerra Civil (de 1918 a 1921) que deixara o país “arruinado, isolado e faminto”.⁴²⁰ A imagem positiva da União Soviética era restrita a jornais operários que reproduziam artigos e livros estrangeiros de líderes da Revolução de 1917. Mesmo com a fundação do PCB em 1922, devido à falta de recursos e por incapacidade do partido de tomar iniciativas mais complexas financeiramente, a produção editorial de livros foi muito pequena até 1930.⁴²¹

Como vimos, as viagens à União Soviética realizadas pelos comunistas na década de 1920 tinham como principal objetivo a participação em reuniões organizadas pela Internacional Comunista, em festividades políticas ou em cursos oferecidos pela Escola Internacional de Moscou. Eram viagens de objetivos políticos e suas impressões limitavam-se ao âmbito do Partido por meio de palestras, conferências ou textos publicados em periódicos, a respeito da ação e da teoria revolucionária. Desta forma, as conquistas políticas da Revolução e seus desdobramentos se sobrepunham a uma análise dos efeitos concretos do socialismo na sociedade soviética. Segundo Jorge Ferreira, o que dominava entre os militantes na década de 1920 era o imaginário da Revolução, soviética e mundial, e não as consequências da implantação do socialismo na URSS.⁴²²

As obras publicadas a partir da década de 1930, contudo, tinham como intenção apresentar os primeiros resultados da implantação do socialismo no país. Em meio à literatura combativa que surgiu no início desta década, entre os críticos anticomunistas e os defensores dos ideais socialistas da revolução, a atenção voltou-se para os relatos de viagem, uma vez que seus autores se colocavam como imparciais ao que observaram e fidedignos da “verdade” soviética.

Tendo em vista a ideia de “aproximação da verdade” e o principal objetivo dos relatos de transparecerem os resultados do socialismo, cabe questionar como era a noção e a aproximação dos viajantes em relação ao cotidiano soviético no período de suas viagens. Nesse sentido, o objetivo é refletir e investigar a ideia de cotidiano que os viajantes

⁴²⁰ FERREIRA, JORGE. *Prisioneiros do Mito: cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930 – 1956)*. Niterói: EdUFF, 2002. p.197.

⁴²¹ CARONE, Edgard . *O Marxismo no Brasil (das origens a 1964)*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986. pp.62, 63.

⁴²² FERREIRA, Jorge. Op. Cit. pp.196, 197.

brasileiros formavam ao observar a vida soviética no período da implantação do Primeiro Plano Quinquenal na URSS. Embora os relatos tenham sido utilizados pelas editoras na luta propagandística a respeito do país dos trabalhadores, seria irresponsabilidade julgá-los *apenas* como panfletos enaltecendo ou denegridores do regime, uma vez que um dos motivos da viagem era a curiosidade que eles apresentavam ao conhecer um território tão polêmico. A ideia inicial da viagem era observar a sociedade soviética e explaná-la em seus relatos, independente de terem ligações com o movimento comunista ou de serem influenciados por alguma ideologia.

Muitos relatos de viagem apresentam-se como pequenas enciclopédias a respeito do socialismo e da vida soviética. Seus assuntos são os mais variados possíveis, e embora se assemelhem muito, cada autor prioriza determinados aspectos de acordo com seus próprios interesses e com o que a viagem lhe dispôs a observar. Desta maneira, os aspectos aqui abordados são aqueles mais comuns presentes nos relatos: a questão das condições de vida nas cidades urbanas percebida na distribuição de bens e nas formas de moradia e a questão da família, partindo para temas como casamento, divórcio e lei do aborto. A ideia, portanto, não é quantificar a noção que os viajantes conseguiam ter do cotidiano soviético em suas viagens, e sim qualificar a profundidade de suas observações.

O Primeiro Plano Quinquenal e a Ditadura do Proletariado

Apesar de os autores viajarem em períodos bem próximos uns dos outros, viajaram em anos distintos, o que contribui para algumas diferenciações em suas observações. Maurício de Medeiros viajou no período de transição da Nova Política Econômica (NEP)⁴²³ para o Plano Quinquenal, em 1928. Ao caminhar por Leningrado, Medeiros se surpreende com as casas de comércio privado, e explica que estas tendiam a desaparecer, devido ao pagamento de impostos cada vez mais onerosos, atribuindo à NEP a possibilidade de sua existência. Medeiros recebe a explicação de que se tratava de um

⁴²³ Idealizada por Lênin e implantada em 1921, a NEP foi vista como um recuo a um caminho mais cauteloso do que o comunismo de guerra, imperante sobre a URSS após a Revolução e que provocou diversas rebeliões principalmente dos camponeses, obrigados a fornecerem sua produção para o Estado. A NEP reintroduziu no campo as práticas do mercado capitalista, como o direito de arrendar terra e contratar mão de obra, o que estimulou o reaparecimento do camponês considerado rico (*kulaks*). Além disso, a NEP permitiu o retorno de empreendimentos capitalistas na pequena indústria e no comércio. CARR, E.H. *A Revolução Russa de Lênin a Stálin (1917-1929)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p.41.

regime de transição, e que “quando a produção estivesse socializada e em condições de êxito, como se esperava com a aplicação do Gosplan - (o Plano quinquenal do Estado) – tudo entraria na ordem e o comércio privado desapareceria, mesmo no interior.”⁴²⁴

Com a implantação do Plano, milhares de “homens NEP” foram presos ou expulsos de suas casas. No final de 1928, mais da metade dos 400 mil negócios privados havia sido extinta devido ao volume de impostos ou fechada pela polícia e, ao final de 1929, só restava um décimo deles.⁴²⁵ O isolacionismo em relação ao comércio exterior elevou-se, uma vez que a intenção era transformar o país em uma “autarquia econômica”⁴²⁶, o que acabou contribuindo para o não envolvimento da URSS na crise econômica de 1929, fortalecendo o prestígio do plano perante a opinião internacional.

Realizando suas viagens em anos posteriores, todos os viajantes brasileiros apresentaram uma visão positiva em relação à construção do Plano e seus resultados. Osório Cesar afirma que não há desocupados na URSS, uma vez que todos trabalham para a realização do plano.⁴²⁷ Muitos viajantes inclusive, informam que o problema de desemprego na URSS havia acabado. Em seu relato, Claudio Edmundo é apresentado como um dos muitos engenheiros chamados na época para a construção do plano soviético, afirma que em dois anos e meio o plano já estava quase terminado, restringindo ainda mais o mercado russo do comércio exterior.⁴²⁸ Em todo o relato de Guanabario há exaltações ao Primeiro Plano, a partir de informações oficiais soviéticas, dados estatísticos e de reportagens de jornais europeus e americanos que afirmavam o crescimento econômico soviético.

Viajando ao final da implantação do Plano, em 1933, Caio Prado afirma que ele resolveu cabalmente os dois problemas econômicos fundamentais da Revolução: a industrialização e a coletivização da agricultura. De um lado, dotou a União Soviética de uma base industrial poderosa, e, de outro, transformou sua agricultura de rotineira e atrasada à organização agrícola mais avançada do mundo.⁴²⁹

⁴²⁴ MEDEIROS, Maurício. Op. Cit.,p.45.

⁴²⁵ FIGES, Orlando. Op.Cit. p.112.

⁴²⁶ FITZPATRICK, Sheila, Op.Cit. p..5.

⁴²⁷ CESAR, Osório. Op.cit. p.10.

⁴²⁸ EDMUNDO, Cláudio. Op.Cit.. p.137.

⁴²⁹ PRADO JUNIOR, Caio. Op Cit.p.184.

A adoção do Primeiro Plano Quinquenal, de fato, representou um marco na história soviética, não só na economia, como também na implantação de sua ideologia: novos valores e identidades foram impostos, à medida que a população se tornou subordinada ao Estado proletário e passou a ser dependente dele para quase tudo: moradia, educação, trabalho e comida. Segundo Figes, era uma “revolução vinda de cima”⁴³⁰, imposta pelos bolcheviques ao resto da população. Instaurou-se definitivamente a discriminação das classes anteriormente privilegiadas, nobres, burgueses, *kulaks* e padres, em diversos contextos da vida cotidiana, como educação, justiça e racionalização de bens, o que contribuiu para corromper a ideia de classe como categoria social.⁴³¹

Enquanto o termo “proletariado” passou a denotar lealdade política e ideológica ao Partido, os termos “burguês” e *kulaks* - os proprietários de terra considerados enriquecidos - transmitiam a ideia de um desvio ideológico.⁴³² Segundo Fitzpatrick, a Constituição de 1918 excluiu as seguintes categorias de votar ou eleger candidatos nas eleições soviéticas: comerciantes privados ou intermediários, padres e sacerdotes, ex-funcionários de agências da política czarista e membros da antiga família imperial, os House e os Romanov. Tais categorias passaram a ser conhecidas como *social aliens*, algo que podemos traduzir como párias sociais.⁴³³

Em relação a isso, é interessante observar que todos os viajantes estavam conscientes de vivenciarem a “ditadura do proletariado”, e não um sistema completamente igualitário. Medeiros afirma que o Estado soviético era a expressão soberana do proletariado, e que mesmo a noção de Deus havia sido substituída pelo Estado proletário, sem a significação de poder que a “nossa” sociedade alia à noção de Estado, representando sim, a ideia de solidariedade humana e de um novo espírito de vida coletivista.⁴³⁴ Ao comentar que os operários pagavam apenas 10% dos preços comuns, Guanabarino explica que eram eles quem governavam, e por isso tinham preferência em tudo, sendo sempre satisfeitos em primeiro lugar, embora o governo também tivesse a intenção de melhorar as condições de vida da população em geral.⁴³⁵ Cláudio Edmundo assevera que os marxistas

⁴³⁰ FIGES, Orlando. Op.Cit. p.12.

⁴³¹ FITZPATRICK, Sheila. Op.Cit. p. 117.

⁴³² Idem, p. 12.

⁴³³ Idem, p.117.

⁴³⁴ MEDEIROS, Maurício de. Op.Cit. p.206.

⁴³⁵ GUANABARINO, Juvenal. Op.Cit. p.149.

procuraram isolar a burguesia do meio social, não gozando esta de menor liberdade. “Neste particular, a ditadura do proletariado deve ser e é, realmente, sem piedade para os últimos remanescentes das antigas classes dominantes.”⁴³⁶

A justificativa da ditadura caberia ao fato dela ter sido imposta pela classe mais oprimida pelo capitalismo, o proletariado, o que implicaria na ideia da construção de um regime mais humano, voltado para a maioria (embora a maioria na URSS fosse representada pelos camponeses). Indo além, Caio Prado ainda justifica a suposta violência do regime, o qual não deixava de ser democrático:

Mas não existe nada de comum entre a ditadura soviética e estas outras ditaduras, como o fascismo, que estas sim, representam a opressão violenta de uma minoria sobre a maioria. A ditadura na União Soviética não quer dizer o oposto de democracia. Ela significa simplesmente “um poder que não é limitado por nenhuma lei, que não é embaraçado por nenhuma regra e que se apoia diretamente na violência” (Lênin). – Mas isto não exclui a democracia, pelo contrário, pressupõe-na, porque das classes mais democráticas, a começar pelo proletariado, que delas precisam para destruir uma sociedade, a sociedade burguesa, e construir outra, a sociedade socialista.⁴³⁷

Segundo ele, dentro da própria massa trabalhadora, o regime ainda contava com adversários, especialmente entre os camponeses, preparados para desencadear uma ofensiva contrarrevolucionária.⁴³⁸ Essa referência seria aos *kulaks*, vistos pela ideologia leninista, e também pelos viajantes, como os camponeses que haviam se enriquecido no período de abertura da NEP, e que exploravam de mão de obra assalariada em propriedades privadas. A ideia bolchevista seria transformar os camponeses em um proletariado rural, incluídos em *kolkhozes* (fazendas coletivas), onde todos os meios de produção fossem coletivos. Em dezembro de 1929, Stalin exigiu a liquidação da classe dos *kulaks*, numa campanha para impelir os fazendeiros a ingressar nas fazendas coletivas. Durante os dois primeiros meses de 1930, metade do campesinato soviético (cerca de 60 milhões de pessoas) foi conduzida às fazendas coletivas.⁴³⁹

⁴³⁶ EDMUNDO, Claudio. Op. Cit. p.104.

⁴³⁷ PRADO JUNIOR, Caio. Op. Cit., p.23.

⁴³⁸ Idem, p.12.

⁴³⁹ FIGES, Orlando. Op.Cit.pp.124,125.

Essa categoria, *kulak*, segundo Figes, não existia de maneira objetiva, podendo ser aplicada a qualquer camponês que fosse contrário à coletivização. Desde 1927, diversos impostos já estavam sendo cobrados aos camponeses, dificultando o seu enriquecimento. Muitas aldeias camponesas, cercadas por ativistas do Komsomol⁴⁴⁰, responsáveis por identificar os *kulaks* e incitar a revolta dos outros camponeses contra eles, chegaram mesmo a escolher seus *kulaks* (aqueles que deveriam ser deportados para assentamentos onde ficavam isolados ou em campos de trabalho forçado) por sorteio.⁴⁴¹ Em 1932, já haviam 1,4 milhão de *kulaks* nos assentamentos especiais, especialmente nos Urais e na Sibéria. No total, pelo menos dez milhões de *kulaks* foram expulsos de suas casas e aldeias entre 1929 e 1932.⁴⁴² O trabalho de Figes é ainda composto por histórias de pessoas que, por serem descendentes de *kulaks*, sofreram diversas discriminações, tendo muitas vezes que esconder suas origens para conseguirem se inserir socialmente.

“Quando eu estive na Rússia, a campanha que se fazia contra esses *kulaks* era muito intensa. Sempre que eu falava no assunto, respondiam-me invariavelmente que isso era um regime transitório, e que os *kulaks* tendiam a desaparecer.”⁴⁴³ Os viajantes apresentam uma visão limitada da questão dos *kulaks*, em parte pela maioria deles ficarem restritos às informações oficiais e à visita à Casa do Camponês⁴⁴⁴, em Moscou, ou a kolkhozes já em pleno funcionamento. Guanabarino compreende que os camponeses aderiram em massa aos kolkhozes⁴⁴⁵, e Caio Prado comenta que a coletivização da agricultura soviética já abrangia 70%, sem ser obtida pelo emprego da coação, uma vez que era feita apenas quando os camponeses a serem coletivizados reconheciam suas vantagens. “Abusos houve, é certo, mas sempre encontraram a mais formal desaprovação dos dirigentes soviéticos e do partido comunista que, se lhes foi possível, denunciaram tais processos com energia.”⁴⁴⁶

⁴⁴⁰ Organização juvenil do Partido Comunista da URSS.

⁴⁴¹ FIGES, Orlando, Op.cit. p.128.

⁴⁴² Idem, p.129.

⁴⁴³ MEDEIROS, Maurício. Op.cit. p.44.

⁴⁴⁴ Segundo Osório Cesar, a Casa do Camponês, um escritório de consultas e um museu agrícola, apresentava dados das fazendas coletivas, e era incumbido de recepcionar os camponeses que precisassem tratar de assuntos em Moscou, possuindo 800 leitos e um restaurante a preço mínimo, além de salões com teatro, biblioteca e cinema. Ainda segundo ele, em Moscou havia 50 mil casas filiais desse tipo, e em toda a URSS, mais de 10 mil. CESAR, Osório. Op.Cit. pp.99,100.

⁴⁴⁵ GUANABARINO, Juvenal. Op.Cit, p.155.

⁴⁴⁶ PRADO JUNIOR, Caio. Op.Cit. p.115.

Embora apresente total confiança nos dados oficiais que lhe são apresentados e seja o único filiado ao Partido Comunista, Caio Prado mostra-se consciente de que uma das razões para o nível social da União Soviética ser ainda relativamente baixo seria a sabotagem de produção e destruição criminosa de culturas feitas por camponeses resistentes à coletivização, o que provocou a realocação de muitos deles para os centros urbanos. Não se adaptando aos trabalhos industriais, muitos ficavam sem ocupação definida, vivendo de expedientes, dando um aspecto desagradável às cidades.⁴⁴⁷ Houve, de fato, diversas revoltas camponesas, incêndios criminosos e ataques às propriedades dos *kolkhozes*, além de matança indiscriminada de animais por camponeses que não queriam coletivizá-los. Segundo Figes, o gado na URSS caiu em 30% em 1929-30, e pela metade em 1928 e 1933.⁴⁴⁸

Essa expropriação dos *kulaks* e a coletivização do campo provocaram uma migração massiva dos camponeses para as cidades. Quinze milhões de pessoas foram adicionadas à população urbana entre os anos de 1926 e 1933, um aumento de quase 60%.⁴⁴⁹ Os maiores problemas passaram a ser a escassez de alimentos e bens, e a questão das habitações superlotadas. Citando a biografia da esposa do Ministro das Relações Exteriores, Ivy Litvinov, Fitzpatrick indica que esta chegou a afirmar que as coisas na URSS nunca haviam se tornado tão importantes, justamente pelo fato de serem extremamente difíceis de se conseguir.⁴⁵⁰

Nas cidades, era a época da política de condensação, em que os bolcheviques passaram a forçar as famílias ricas a dividirem seus apartamentos com outras famílias, dando início ao surgimento dos apartamentos comunais já na década de 1920.⁴⁵¹ Houve arquitetos soviéticos radicais que propuseram a construção de “casas comunais” nas quais toda a propriedade, incluindo roupas, seriam compartilhadas por moradores.⁴⁵²

⁴⁴⁷ Idem, p.207.

⁴⁴⁸ FIGES, Orlando. Op.Cit. p.133.

⁴⁴⁹ Idem, p.42.

⁴⁵⁰ John CARSWELL, “The exile: the life of Ivy Litvinov”. Londres, 1983. P.101. APUD FITZPATRICK, Sheila, Op.Cit., P.41.

⁴⁵¹ FIGES, Orlando. Op.Cit., p.44.

⁴⁵² Idem, p.45.

A falta de habitação e de bens de consumo

Muitos viajantes, embora não opinem sobre os apartamentos comunais, percebem o problema da habitação, porém, o vêem como algo temporário, uma vez que a URSS era o país da construção, onde de repente surgiam cidades inteiras de milhares de habitantes.⁴⁵³ Mesmo Cláudio Edmundo, descrito como arquiteto-urbanista contratado para projetar cidades, não faz qualquer comentário sobre a superpopulação urbana, chegando a afirmar que se percebia nitidamente um refluxo da população rural para as cidades, evitando assim a formação de grandes centros prejudiciais à Saúde Pública.⁴⁵⁴ Maurício de Medeiros faz observações sobre o assunto, por meio de uma conversa com sua intérprete, a qual ele transcreve em um diálogo:

— Mas vivem várias famílias no mesmo prédio?

— Sim. E nem podia ser de outra forma. O primeiro momento da Revolução atraiu para as cidades uma enorme população. Era preciso localizá-la. O governo municipal se encarregou desse serviço, delimitando dentro de cada habitação o espaço que cada qual poderia ocupar. Eu, meu marido e meu filho estamos pessimamente alojados. Mas não havia como nos alojar melhor.⁴⁵⁵

As autoridades municipais que cuidavam das habitações determinavam quanto espaço os moradores ganhavam, além das normas para se viver em conjunto. Tinham o direito de desalojar residências, como aconteceu com várias casas pertencentes às classes antes privilegiadas. Diversos lugares como armazéns e galpões de carvão tornaram-se habitações. O problema era tão grave que muitas vezes casais divorciados permaneciam no mesmo apartamento por não ter outro lugar para ir⁴⁵⁶ ou, pelo contrário, se casavam para garantir uma moradia.⁴⁵⁷ Medeiros parece ser o único viajante a visitar uma habitação coletiva para encomendar uma blusa ucraniana de uma costureira da região. No entanto, embora surpreendido, sua única observação a respeito se pauta em uma comparação com o Brasil. Ele observa que a habitação “em nada se distinguia do que proporcionam entre nós

⁴⁵³ GUANABARINO, Juvenal. Op.Cit. p.148.

⁴⁵⁴ EDMUNDO, Cláudio. Op.Cit.

⁴⁵⁵ MEDEIROS, Mauricio. Op.Cit. p.57.

⁴⁵⁶ Fitzpatrick cita o exemplo de um casal, os Lebedevs, que permaneceram vivendo no mesmo apartamento por seis anos após o divórcio, embora o relacionamento fosse tão ruim que eles eram regularmente levados à corte por baterem um no outro. FITZPATRICK, Sheila, Op.Cit., p.47.

⁴⁵⁷ FIGES, Orlando.Op.Cit.p.219.

essas grandes casas de cidade que os proprietários gananciosos transformam em habitações coletivas. A mesma promiscuidade, a mesma falta de higiene, a mesma pobreza geral...”⁴⁵⁸

Nem todos, no entanto, viviam em habitações coletivas. Os estrangeiros, por exemplo, eram normalmente privilegiados. Cláudio Edmundo, contratado justamente para construir “cidades” para atender aos trabalhadores dos complexos industriais, tinha em seu contrato a garantia de um imóvel novo com alguns confortos, como telefone, banho, cozinha elétrica, etc.⁴⁵⁹ Fitzpatrick comenta ainda sobre o relato de viagem de John Scott, o trabalhador americano que foi colocado em um “quartel” melhor do que a norma.⁴⁶⁰ Provavelmente eles faziam parte da leva de 435 mil estrangeiros e especialistas contratados pela URSS, fazendo parte da ascensão de uma nova elite política e industrial, cuja lealdade ao regime stalinista era assegurada pela concessão de bens materiais, sendo decretado, em 1931, que o tipo principal de residência construída em Moscou seria apartamentos familiares individuais.⁴⁶¹

No entanto, na metade da década de 1930, três quartos da população de Moscou e Leningrado moravam em apartamentos comunais, estilo de vida que continuou sendo a norma para a maioria das pessoas durante o governo de Stalin.⁴⁶² Pela maioria dos relatos e depoimentos sobre o tema, Fitzpatrick e Figes indicam que os apartamentos comunais estavam longe de encorajar atitudes e práticas comunais entre os residentes, como esperavam os bolcheviques.⁴⁶³ Havia linhas demarcatórias de espaço e propriedades privadas sobre os objetos dos espaços públicos, como a cozinha e os banheiros. O fato de morar com pessoas de histórias de vida diversas, e muitas vezes, de classes diferentes, sem privacidade e sob constante vigilância dos vizinhos, provocava uma situação estressante. As boas memórias sobre os apartamentos comunais são na maioria, de pessoas que na época eram crianças, “com instintos de propriedade privada menos desenvolvidos do que os de seus pais”, e se divertindo com o fato de terem outras crianças para brincar.⁴⁶⁴ Também de acordo com Figes, as crianças que cresceram em apartamentos comunais lembram de uma sensação de camaradagem e coletividade entre os moradores, sendo que uma de suas

⁴⁵⁸ MEDEIROS, Mauricio. Op.Cit., p.57.

⁴⁵⁹ EDMUNDO, Claudio.Op.Cit., p.37.

⁴⁶⁰ FITZPATRICK, Sheila, Op.Cit p.49.

⁴⁶¹ FIGES, Orlando. Op.Cit. p.196.

⁴⁶² Idem, p.220.

⁴⁶³ Idem, p.224.

⁴⁶⁴ FITZPATRICK, Sheila, Op.Cit., p.48,49.

entrevistadas afirma mesmo que o *kommunalka* (habitação coletiva) tornou-a mais inclinada a pensar em termos de “nós” do que em termos de “eu”.⁴⁶⁵

Como fica claro, a população das cidades cresceu muito rapidamente para que o Estado suprisse a demanda por bens de consumo, uma indústria que não era prioridade do Primeiro Plano Quinquenal.⁴⁶⁶ As principais consequências dessa nova realidade soviética foram o racionamento e a chamada “distribuição fechada” (*closed distribution*) de bens. O racionamento significava distribuir quantidade limitada de bens na apresentação de cartões de racionamento com o pagamento. Esse sistema já havia sido utilizado na Primeira Grande Guerra e continuou na Guerra Civil.⁴⁶⁷ Era um processo discriminatório, em que os trabalhadores de indústria de categoria mais alta eram privilegiados em detrimento de comerciantes, ex-comerciantes, sacerdotes e proprietários.

O problema da falta de bens, principalmente de gêneros alimentícios, é percebido por quase todos os viajantes. Cláudio Edmundo, referindo-se a escassez de alguns produtos e atribuindo esta deficiência às mazelas deixadas pelo regime czarista, comenta de forma breve sobre o racionamento:

Atualmente os produtos são distribuídos em quantidades fixas por indivíduos. Estas quantidades aumentam diariamente. Eis porque ainda existem as chamadas *cartas de consumo*. É verdade que isto existe apenas para um certo número de produtos, cuja quantidade é insuficiente ainda para satisfazer as necessidades, e que diariamente vão se tornando mais abundantes, de maneira a fornecer a cada individuo uma porção maior que a fixada anteriormente. Além disto organizam-se armazéns para cada categoria de trabalhadores. Eles aí encontram tudo que necessitam.⁴⁶⁸

Tais armazéns a que Cláudio Edmundo faz referência seriam exemplos da chamada distribuição fechada, que consistia na distribuição de bens racionada no local de trabalho em lojas fechadas ou em refeitórios para empregados ou pessoas registradas, dando início a um sistema de hierarquia de acesso diferencial aos bens de consumo, contribuindo para a estratificação da sociedade soviética e para uma hierarquia rígida de pobreza.⁴⁶⁹

⁴⁶⁵ FIGES, Orlando. Op.Cit. p.231. Figes, no entanto, indica também que os psiquiatras também identificaram uma alta proporção de vítimas de paranoia e de delírios esquizofrênicos entre as pessoas que moraram durante muitos anos nos apartamentos comunais. Idem, p.231.

⁴⁶⁶ FIGES, Orlando. Op.Cit.p.161.

⁴⁶⁷ Já Figes afirma que o racionamento surgiu após 1928. FIGES, Orlando. Op.Cit.p.161.

⁴⁶⁸ EDMUNDO, Cláudio. Op.Cit., p.84.

⁴⁶⁹ FITZPATRICK, Sheila, Op.Cit., p.55 e FIGES, Orlando, Op.Cit.p.217.

A ideia de proteger a população das consequências da escassez promoveu fornecimentos privilegiados: distribuidores especiais foram estabelecidos para várias categorias de elite de oficiais e profissionais, fornecendo bens de alta qualidade que não eram disponíveis nas lojas de distribuição aberta. Já os estrangeiros que trabalhavam na URSS tinham seu próprio sistema de distribuição fechada, conhecido como *Insnab*.⁴⁷⁰ Cláudio Edmundo expõe que, em uma das cláusulas de seu contrato de trabalho, assinado em julho de 1930, os produtos fornecidos para a sua alimentação seriam a 10% do preço comum.⁴⁷¹ A privação de bens consumo, no entanto, era vista por muitos marxistas como os sacrifícios necessários para a implantação da sociedade socialista. Luiz Carlos Prestes, que devido ao seu prestígio junto ao Secretariado Sul-Americano da Internacional Comunista fora convidado a trabalhar como engenheiro na União Soviética, indo em outubro de 1931, comentou em um depoimento posterior:

Eu, que era estrangeiro e tinha carnê especial para comprar, passei três meses tomando chá e açúcar. O povo estava submetido a um esforço colossal para lançar as bases do socialismo. Tudo que se produzia era exportado. Houve até casos de comunistas que iam à União Soviética e voltavam horrorizados com o que estava acontecendo, como foi o caso de André Gide, que não entendeu a realidade soviética. Eu fiquei admirado. Foi aí que aprendi o valor do partido. Quando a crise se aguçava, os dirigentes iam para as fábricas e ganhavam a massa.⁴⁷²

Embora houvesse essa hierarquização no consumo, a década de 1930 foi, até mesmo para a burocracia bolchevista, de carência material, em relação aos padrões ocidentais da época.⁴⁷³ Juvenal Guanabario expõe uma justificativa absurda para a falta de gêneros de consumo: a impossibilidade das cooperativas de consumo e dos sindicatos não conseguirem satisfazer integralmente a procura pelos bens, não seria devido ao êxodo rural ou ao aumento da pobreza na população, mas sim pelo aumento da capacidade de consumo da

⁴⁷⁰ Fitzpatrick se baseia em dois relatos de viagem para esta informação: SCOTT, *Behind the Urals, An American Worker in Russia's City of Steel* (Bloomington, 1973; original ed. 1942), p 86-87 e John D. Littlepage with Demaree Bess, *In search of Soviet Gold* (New York, 1938), p.68. FITZPATRICK, Sheila, Op.Cit., p.56.

⁴⁷¹ EDMUNDO, Claudio. Op.Cit.p.37.

⁴⁷² MORAES, Dênis de. *Prestes com a palavra: uma seleção das principais entrevistas do líder comunista*. Campo Grande: Letra Livre, 1997, p.77.

⁴⁷³ FIGES, Orlando. Op.Cit. p.215.

massa, originada também pelo aumento dos salários e da cultura popular.⁴⁷⁴ Ainda segundo ele, as condições de vida anteriores ao Plano Quinquenal eram piores. Nessa mesma linha, Cláudio Edmundo, afirmando que não havia produtos em abundância necessária para a satisfação plena das necessidades, comenta que antes da Revolução de 1917, somente 5% da população podia comer à vontade e se vestir com conforto. No momento, a falta de bens era apenas sensível, sendo que os operários e camponeses já não a sentiam mais.⁴⁷⁵

Diferentemente das tentativas de encobrir o problema da falta de bens de consumo, embora concorde com a opinião de que o nível material da vida da população soviética é incontestavelmente superior ao que era sob o regime czarista, Caio Prado surpreende por denunciar o baixo nível abertamente. Segundo ele, o comércio na economia soviética era o setor mais retardatário em matéria de organização e eficiência, apresentando falhas consideráveis que ele pôde observar tanto pessoalmente quanto por meio da imprensa, “mesmo da imprensa oficial que neste terreno dá largas à mais severa crítica”⁴⁷⁶ Considerando péssima a distribuição de mercadorias - “nalguns lugares elas abundam, noutros a falta é sensível” -, Caio Prado atribui a culpa à falta de preparo dos dirigentes soviéticos, à socialização precipitada, e à passagem do comércio das mãos de negociantes privados para as cooperativas de Estado que não permitiu a formação paralela de quadros capacitados, faltando aos dirigentes experiência e preparo que, segundo ele, só o tempo poderia proporcionar.⁴⁷⁷

Ele ainda apresenta uma descrição de todos os tipos de casas fornecedoras de bens de consumo à população, descritas de maneira bastante semelhante por Fitzpatrick.⁴⁷⁸ Seriam elas: as cooperativas de consumo ou do Estado, onde os cartões de racionamento de trabalhadores associados poderiam ser utilizados - tendendo, portanto, a apresentar os preços mais baratos; as lojas *Torgsin*, destinadas aos estrangeiros ou às pessoas que pudessem comprar com moeda estrangeira⁴⁷⁹; os mercados kolkhozianos estabelecidos em 1931 para permitir aos camponeses a venda dos produtos não adquiridos pelo Estado – porém, segundo Fitzpatrick, a maioria deles foram fechados no Plano Quinquenal - e, por

⁴⁷⁴ GUANABARINO, Juvenal. Op. Cit. p. 146.

⁴⁷⁵ EDMUNDO, Claudio. Op. Cit. p. 84.

⁴⁷⁶ PRADO JUNIOR, Claudio. Op.Cit. p. 198.

⁴⁷⁷ Idem, pp. 200, 201.

⁴⁷⁸ FITZPATRICK, Sheila, Op.Cit, pp. 57,58.

⁴⁷⁹ Idem, p. 125.

fim, os armazéns ou lojas comerciais do Estado: entidades autônomas que operam para atender todos os cidadãos soviéticos, independente do cartão, apresentando, portanto, preços dez vezes superiores, segundo Caio Prado. Observando um armazém do Estado, Medeiros explicita esse susto com os preços de tais casas, embora as classifique como cooperativas do Estado:

Olho os preços. Tudo que é manufaturado é tosco e caríssimo. Vitrines mal dispostas, sem gosto nem arte. Trata-se de uma casa de comércio oficial. Tem o dístico que assim a caracteriza. Mais tarde eu teria a explicação desse gênero de comércio. São cooperativas do Estado. Ao que me informaram são servidos de preferência os portadores de ações. Os demais podem comprar, mas em condições de inferioridade, quanto aos preços. O Estado as administra.⁴⁸⁰

Em relação às lojas de gênero alimentício de Leningrado, Medeiros comenta que são as mais frequentadas, e que o movimento “vai noite adentro”, não fornecendo muitos detalhes. Provavelmente, seria um possível exemplo das filas em busca de alimentos, também comentadas por Guanabario e Caio Prado. Segundo Fitzpatrick as pessoas iam para ruas com sacos em seus bolsos, no caso de surgir alguma boa oportunidade de consumir bens que estivessem em liquidação – se viam uma fila, rapidamente se juntavam a ela, para, só depois de terem assegurando o seu lugar, perguntarem quais produtos estavam em oferta.⁴⁸¹

Numa tentativa de justificar o estabelecimento dos racionamentos, Cláudio Edmundo afirma que, em virtude da raridade dos produtos, uns poderiam se apossar de muito, e outros, de pouco, o que poderia ocasionar no nascimento de um comércio clandestino.⁴⁸² O que os viajantes não foram capazes de enxergar, porém, é que esse comércio já existia, por meio de práticas conhecidas como *Blat*, que caracterizava um sistema de relações pessoais recíprocas envolvendo bens e favores, tendo como base a amizade de seus integrantes. Fitzpatrick e Figes comentam que um dos provérbios mais comuns da época era: “Não se deve ter 100 rublos e sim 100 amigos”. Tais relações poderiam ter vários propósitos: conseguir documentos de residência ou documentos de

⁴⁸⁰ MEDEIROS, Maurício de. Op. Cit., pp. 44,45.

⁴⁸¹ Sobre isso, Fitzpatrick se baseou no estudo de um periódico humorístico de Moscou, *Krokodil*, do ano de 1933, e em um projeto da Universidade de Harvard, do Centro de Pesquisa Russo, chamado “Project on the Soviet Social System”, que fornece diversas entrevistas gravadas com soviéticos exilados nos Estados Unidos. FITZPATRICK, Sheila, Op.Cit., p.42. O site do projeto de Harvard é: <http://hcl.harvard.edu/collections/hpsss/>

⁴⁸² EDMUNDO, Claudio. Op.Cit., p.83.

identidade falsos, conseguir melhores colocações no trabalho, materiais para construir uma casa de campo, ou ainda, roupas e sapatos.⁴⁸³

De acordo com Fitzpatrick, os chamados “contatos pessoais” subverteram o significado da reestrutura econômica de Stálin, criando uma segunda economia baseada em contatos pessoais paralelos à primeira, a economia socialista. Devido à aguda escassez, a segunda economia foi provavelmente mais importante no cotidiano das pessoas do que o setor privado na época da NEP. Vale destacar, portanto, que esta segunda economia, e a dimensão do problema da fome no período do Plano Quinquenal, passaram despercebidas pelos viajantes abordados, embora Caio Prado tenha apresentado consideráveis informações sobre o tema.

A ideia da família e da permissão do aborto

As dificuldades das condições sociais e econômicas na sociedade soviética, forçando famílias a fugirem do programa da coletivização, e a viverem em miseráveis espaços confinados com uma escassa alimentação, fazem parte dos fatores que contribuíram para a deserção de maridos e para a desagregação de diversas famílias. A questão da família e de aspectos que a circundam é outro tema de extrema importância tratada pelos relatos de viagem.

A polêmica que envolve o tema é a questão da hostilidade dos comunistas perante a ideia da família conectada aos valores burgueses e patriarcais. Para a ideologia bolchevista, o mal da família era seu caráter conservador, sendo uma fortaleza da religião, da superstição e do preconceito, fomentando o egoísmo e as aquisições materiais, além de oprimir mulheres e crianças. A família deveria desaparecer conforme a Rússia se transformasse em um sistema totalmente socialista, no qual o Estado assumiria a responsabilidade por todas as funções básicas do lar, oferecendo creches, lavanderias, refeitórios, etc.⁴⁸⁴

No Novo Código de Casamento e da Família implantado em 1918, houve uma tentativa de ruptura da família tradicional, tornando o casamento e o divórcio em simples processos de registro com o Estado, e assegurando direitos legais iguais aos casais que

⁴⁸³ FITZPATRICK, Sheila, Op.Cit, p. 63. e FIGES, Orlando, Op.Cit, pp. 217,218.

⁴⁸⁴ FIGES, Orlando. Op.Cit. p.43.

viviam juntos. A instituição do matrimônio cedeu lugar à liberação sexual, e já na década de 1920 casamentos livres, não registrados, passaram a ser comuns, assim como “divórcios por correio”. As mulheres foram emancipadas, receberam iguais direitos, entraram no mercado de trabalho. Ser apenas dona de casa nesta nova sociedade passou a ser sinônimo de vergonha.⁴⁸⁵ A URSS passou a ter o maior índice de divórcio do mundo – três vezes mais alto que na França ou na Alemanha e vinte e seis mais alto que na Inglaterra em 1926.⁴⁸⁶

Caio Prado corresponde a essa ideia. Ele comenta que a necessidade das mulheres e de crianças no mercado de trabalho deu início à dissolução da família, afirmando que o regime soviético nada mais fez do que resolver uma contradição que há muito já minava os alicerces da família burguesa, sendo esta mantida apenas pela persistência das leis, costumes e moral obsoletos.⁴⁸⁷ O direito soviético, segundo ele, não procurava proteger a família – como acontecia na sociedade burguesa – consagrando-a apenas como um meio de garantir os interesses e direitos daí derivados, de cônjuges e filhos, subordinando a organização da família aos próprios interesses dos membros.⁴⁸⁸ Nesse sentido, Medeiros aponta que a noção de família, em uma sociedade comunista, deveria ser subordinada ao sentimento de coletividade. Desta forma, para que a sociedade coletiva admitisse e amparasse a família, seria necessário que ela se transformasse num agrupamento humano de colaboração à sociedade em que se encontrasse.⁴⁸⁹

Em visita a um escritório de registro de casamentos e divórcios, Medeiros fica encantado com a rapidez nos processos conjugais. O divórcio poderia ser declarado por vontade unilateral de qualquer um dos cônjuges, sendo o outro cônjuge avisado por um escritório via correio. Se este fizesse restrições ao entendimento, poderia entrar então com um processo.⁴⁹⁰ No caso de separação, o marido deveria uma pensão de sustento à mulher, quando houvesse filhos ou quando a mulher não trabalhasse. Se o marido, porém, fosse inválido ou desempregado, seria a mulher que deveria ser a responsável pela pensão, sendo

⁴⁸⁵ Idem, p.142.

⁴⁸⁶ Idem, p.45.

⁴⁸⁷ PRADO Junior, Caio. Op.Cit. pp.154-155.

⁴⁸⁸ Idem, p.160.

⁴⁸⁹ MEDEIROS, Maurício de. Op.Cit., p.83.

⁴⁹⁰ Idem, p.100.

mais um exemplo de igualdade de direitos e deveres a ambos os sexos, enaltecida por todos os relatos.

A questão da aparente eficiência dos processos conjugais não era tão simples. Devido à facilidade da lei e às dificuldades sociais, tornou-se comum o abandono de famílias pelos maridos. Em uma charge publicada no jornal humorístico *Krokodil*, de 1935, reproduzida no livro de Fitzpatrick, um homem, ao ser perguntado se havia deixado sua esposa completamente sozinha, responde: “O que você quer dizer? Eu a deixei com a criança”.⁴⁹¹ Tais situações ocasionaram diversos pedidos e processos de mulheres que recorriam à intervenção do Estado para que as autoridades encontrassem seus maridos e os forçassem a pagar a devida pensão.⁴⁹²

Devido a isso, muitas mulheres sustentavam suas crianças sozinhas. Havia a igualdade dos sexos, mas a mulher não deixou de ser a principal mantenedora e responsável pela educação e desenvolvimento de seus filhos. A maioria das reclamações em relação às questões de carência e dificuldades para sustentar os filhos vinham delas. Muitas vezes, a única solução encontrada era o abandono. Desta forma, percebe-se que os viajantes tinham uma concepção muito superficial do problema, muitas vezes não enxergando a dimensão das consequências de leis e costumes implantadas na sociedade soviética.

Embora afirme que o conceito de família havia modificado sensivelmente, Medeiros também observa o aspecto carinhoso das famílias em um passeio dominical, afirmando que, apesar do conceito ser alterado, o sentimento familiar resistia e subsistia à nova plasticidade.⁴⁹³ Mesmo Caio Prado, defensor da ideia de que a família é um simples produto das circunstâncias históricas, comenta que os sentimentos familiares conservaram-se mais ou menos os mesmos, mantendo-se a coesão da família soviética num grau apreciável, e certamente sua dissolução total não iria acontecer nas atuais gerações.⁴⁹⁴

Tais opiniões coincidem com as pesquisas apresentadas por Fitzpatrick e Figes. A incerteza e as condições perigosas dos anos 30 tornavam as famílias mais fortes, pois muitos de seus membros procuravam ficar próximos, como uma maneira de se auto- protegerem. Figes, por exemplo, relata diversos casos de famílias separadas por alguns de

⁴⁹¹ FITZPATRICK, Sheila. Op.Cit., p.136.

⁴⁹² Idem, pp.143, 144.

⁴⁹³ MEDEIROS, Maurício. Op. Cit., p.85.

⁴⁹⁴ PRADO JUNIOR, Caio. Op.Cit., p.165.

seus membros serem enviados para campos de trabalho, que depois, voltavam a se reunir. No projeto Harvard, estudado por Fitzpatrick, a grande maioria dos entrevistados que moravam nas cidades, ao serem perguntados se a família havia se tornado mais ou menos coesa, respondiam que ela se tornara mais próxima, ou permanecera a mesma. Existia, portanto, uma ideia de resiliência familiar, indicando o aspecto contraditório do impacto das novas condições soviéticas sobre a família.⁴⁹⁵

Fitzpatrick afirma ainda que, embora o aborto estivesse legalizado desde o início da década de 1920, ele nunca havia sido encorajado, e já no final da década existiam campanhas ativas contra o aborto, o divórcio casual e a promiscuidade. Os relatos de viagem que se arriscam a falar da questão da legalização do aborto são os dos médicos Maurício de Medeiros e Osório César. Os discursos deles se assemelham ao explicarem a legislação soviética, afirmando, por exemplo, que o aborto só poderia ser praticado nos primeiros três meses de gravidez, e que havia todo um cuidado de exames e de levantamento das razões para tal, a fim de determinar se ele seria plausível ou não. Para defender a medida, os autores se remetem à quantidade de abortos clandestinos existentes nos países de sociedade burguesa. Osório Cesar utiliza-se de estatísticas para comprovar que a adoção da lei não causou baixa no aumento normal da população, uma vez que o número de abortos seria compensando pelo número de nascimentos.⁴⁹⁶

Aqui, é importante observar que políticas eugênicas e higienistas estavam em voga no Brasil e em diversos outros países nas primeiras décadas do século XX. Em 1918, foi inaugurada a Sociedade Eugênica de São Paulo, e em, 1923, foi fundada no Brasil a Liga Brasileira de Higiene Mental.⁴⁹⁷ Segundo Vera Marques, a eugenia marcaria o discurso da medicina, psiquiatria, educação, relações de trabalho, constituição de famílias, pautadas por meio de um mesmo eixo: as práticas sexuais, travestidas em normatividade moral.⁴⁹⁸ Embora não tenham sido encontradas possíveis participações de Medeiros e César em tais ligas e sociedades, eles compactuavam com o pensamento eugênico da época. Em um livro posterior, *Ideas, Homens e Factos*, Medeiros explicita as possíveis condições para a

⁴⁹⁵ FITZPATRICK, Sheila. Op.Cit., p.140.

⁴⁹⁶ CESAR, Osório. Op.Cit., p.157.

⁴⁹⁷ MARQUES, Vera Regina Beltrão. *A medicalização da raça. Médicos, educadores e o discurso eugênico*. Campinas: UNICAMP, 1994. p. 31. Sobre isso, ver também: COSTA, Jurandir Freire. *História da Psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Documentário, 1976.

⁴⁹⁸ Idem, p.42.

legitimação do aborto, classificando-as em: aborto eugênico (receio de filho degenerado ou morto), aborto econômico (receio de não poder educar o filho por falta de recursos) e aborto moral (receio de condenação social em virtude dos preconceitos morais que cercam a mãe quando esta não tem situação social que lhe justifique a gestação).⁴⁹⁹ Em relação à política brasileira sobre o assunto, ele opina:

Com uma organização social que separa os homens em classes – a dos possuidores e a dos espoliados – o Brasil, preso aos preconceitos religiosos, que cimentaram essa organização, comete o duplo crime de estimular a procriação humana e desamparar na miséria a multidão de crianças, que o sentimento hipócrita deixa vir ao mundo, para formarem a grande massa, à custa da qual vive a classe dos possuidores! Porque a verdade é que estes, mais cultos, mais instruídos, sabem defender-se da proliferação excessiva, enquanto punem qualquer tentativa da grande massa em reduzir a sua prole a um número compatível com seus recursos econômicos.⁵⁰⁰

Em relação ao aborto na URSS, Medeiros e Osório Cesar divergem quando comentam sobre as justificativas para a adoção da lei. Para Medeiros, seria por uma questão de ordem higiênica e não moral, uma vez que as condições do aborto clandestino eram péssimas. Já Osório Cesar explana que a legalidade do aborto corresponde a um dever social e a um direito social. O dever seria a sua obrigatoriedade nos casos de graves moléstias orgânicas de um dos pais ou de acidentes durante a gravidez que pudessem prejudicar o feto, sendo estes punidos severamente caso não cumprissem com a lei. O direito seria no caso do aborto social, em que, por não possuir condições econômicas o suficiente para sustentar um filho, o casal poderia optar pelo aborto, deixando claro, no entanto, que o regime soviético não incentivava esse tipo de prática.

Consideremos esses milhares de casos de monstros, de desequilibrados, de débeis mentais, de idiotas nascidos de pais doentes, e que se poderiam facilmente evitar, se não fossem leis arcaicas e viciosas que, a título de falsa humanidade, protegem tais aberrações. (...) Nós, como médicos, trabalhando num hospital de alienados, temos sempre aos olhos o triste quadro das crianças anormais, que trazem, na maioria, os estigmas paternos da sífilis e do alcoolismo.⁵⁰¹

⁴⁹⁹ MEDEIROS, Mauricio de. *Ideas, Homens e Factos*. Rio de Janeiro: Calvino Filho, 1935. p.40.

⁵⁰⁰ Idem, p.29. Medeiros chega inclusive a elogiar as políticas eugênicas adotadas por Hitler na Alemanha, contudo, afirma não crer que o objetivo da lei nazista fosse defender em primeiro plano a raça ariana, enaltecendo a prática da esterilização de enfermos, delinquentes mórbidos ou degenerados. Idem, p.45.

⁵⁰¹ CESAR, Osório. Op.Cit., p.156.

Não há nenhuma referência na bibliografia consultada em relação à existência de um aborto *obrigatório* na URSS. Além de mencionar que a prática não era encorajada pelo regime, em 1936, Fitzpatrick afirma que houve um projeto de lei a fim de reforçar os laços familiares, propondo a proibição do aborto, exceto quando a vida da mãe ou sua saúde estivessem ameaçadas. O projeto ainda lidava com a questão do divórcio, da pensão alimentícia para as crianças e das recompensas às mães que tivessem muitos filhos, e foi um dos únicos a serem colocados em discussão pública. O projeto seria consequência da adoção do Partido de uma abordagem mais liberal em relação à família e ao lar privado, devido à emergência de uma classe média soviética e à preocupação com o impacto demográfico percebido nas baixas taxas de natalidade do Primeiro Plano, simbolizando, portanto, um retrocesso das políticas “antifamiliares” adotadas pelo Partido desde 1917.⁵⁰²

Após um mês de discussão, o decreto proibindo o aborto se tornou lei em maio de 1936, sendo praticamente o mesmo texto do projeto anterior, embora diversas mulheres tivessem opinado contra ele. A única exceção adotada foi para as mulheres com doenças hereditárias, mas não há menções sobre uma obrigatoriedade nesse caso. A lei ainda dificultou os procedimentos para o divórcio, passando a requerer valores gradativos a cada divórcio que fosse efetuado (50 rublos para o primeiro, 150 para o segundo e 300 rublos para qualquer outro subsequente), além de também definir e aumentar a pensão alimentícia para os filhos de casais divorciados.⁵⁰³

Segundo Fitzpatrick, a nova legislação foi, em geral, bem aceita pela sociedade, o que se contrapõe a ideia de Caio Prado de que não existia na ideologia soviética preocupação alguma relativa à estabilidade da família.⁵⁰⁴ Percebe-se, a partir dos exemplos de Caio Prado e Osório César, que muitas vezes as observações escritas sobre o cotidiano soviético eram utilizadas pelos viajantes como forma de justificar as suas próprias convicções, não só políticas como também pessoais, o que, seguramente, contribuía para encobrir as contrariedades existentes na sociedade soviética.

⁵⁰² FIGES, Orlando. Op.Cit. p.205.

⁵⁰³ FITZPATRICK, Sheila. Op.Cit., pp.152 a 155.

⁵⁰⁴ PRADO JUNIOR, Caio. Op.Cit., p.161.

Possíveis aspectos positivos da URSS

A visão dos viajantes brasileiros em relação ao cotidiano soviético, apresentada em seus relatos é, sem dúvida, limitada. Além das observações sofrerem deturpações por questões de convicções pessoais e de cunho ideológico, é necessário observar que, na maioria das vezes, a única visão que o viajante possuía da sociedade era aquela que o Governo Soviético lhe indicava a observar. Sempre acompanhados por guias, sendo estes funcionários do governo, já recebiam a indicação de quais instituições a serem visitadas.

Apesar disso, dentre os relatos aqui analisados, podem-se encontrar exemplos de aspectos do cotidiano soviético que não chegam a ser muito comentados por Fitzpatrick e Figes. Um exemplo são as observações que os viajantes fazem a respeito das casas de reeducação para prostitutas, chamadas de “Profilactoriums”, que chegam a ser visitadas por Maurício de Medeiros, Caio Prado Junior e Osório Cesar.

Ao comentar sobre a prostituição, Fitzpatrick indica apenas que as prostitutas eram vítimas de um processo de remoção de marginais das grandes cidades, iniciado ao final da década de 1920, e que a maioria delas eram expulsas de seus locais de trabalho e enviadas para colônias de trabalho.⁵⁰⁵ Ela chega a apontar que em Leningrado havia uma “história russa” de relatórios de prostituição, e que só nos anos de 1934-1935, haviam sido detidas quase 18 mil mulheres. A informação coincide com a impressão de Medeiros, que se espanta com a quantidade existente em Leningrado, diferentemente da prostituição discreta e escondida de Moscou, onde ele chega mesmo a descrever a busca por uma “aventura”⁵⁰⁶, embora se mostrasse escandalizado pelo fato do regime soviético tolerar ainda esse gênero de profissão.

Nas casas de reeducação visitadas pelos viajantes, as mulheres eram tratadas, caso apresentassem doenças venéreas, e aprendiam algum ofício para só depois serem encaminhadas para um trabalho. Cesar aponta ainda que elas não estavam presas, tinham o direito de saírem em grupos todas as tardes, para se vigiarem e se defenderem mutuamente. De qualquer forma, ele também comenta que caso os processos de reeducação falhassem, a

⁵⁰⁵ FITZPATRICK, Sheila. Op.Cit., p. 126.

⁵⁰⁶ MEDEIROS, Maurício. Op.Cit., p.147.

mulher era enviada pelo governo para a Sibéria, onde “vai encontrar outro meio de reeducação.”⁵⁰⁷

Outro aspecto extremamente comentado por todos os viajantes aqui analisados é a existência de “jornais-murais”, em todas as partes em que eles vão: fábricas, escolas, creches, fazendas, etc. Os jornais seriam a possibilidade dos soviéticos criticarem ou sugerirem mudanças em seus ambientes. Como explica Osório Cesar:

O jornal mural é a manifestação mais curiosa e original da crítica popular da Rússia nova. Ele existe em toda parte, na escola, na caserna, na usina, nos museus, nos teatros. Cada um escreve o que pensa contra ou a favor de uma organização, um plano, um método, uma lição, sugerindo por sua vez ideias de aperfeiçoamento. O jornal mural é composto de maneira muito simples: numa grande folha de papel cada indivíduo prega a sua crítica datilografada ou escrita a mão, faz desenhos e caricaturas. Esse jornal é renovado mais ou menos a cada 10 [dias]. Além das críticas tem por fim incentivar o trabalho nas usinas e nas fábricas, combater o alcoolismo. Nos campos, faz a guerra ao kulak, ao analfabetismo, estimula a coletivização agrária, faz propaganda pela higiene, etc.⁵⁰⁸

Contudo, mesmo tendo também elogiado a existência dos jornais-murais, Maurício de Medeiros, em sua conclusão, mostra-se ciente do poder da doutrina imposta pelo partido:

Dir-se-á que os jornais murais, os correspondentes livres, os métodos de organização dos soviets locais são válvulas pelas quais essa crítica se pode exercer. Crítica de detalhe apenas. As linhas gerais da organização são as ditadas pelos temas doutrinários do partido, que domina. Contra estas, nenhuma veleidade de ataque ou da mais leve discordância.⁵⁰⁹

A questão da guerra travada contra o analfabetismo e do incentivo à leitura promulgada pelo Estado bolchevista, assuntos também muito comentados pelos viajantes, quase não é tratada por Fitzpatrick ou Figes. Fitzpatrick comenta com dados estatísticos, observando que apenas 57% da população soviética entre 9 e 49 anos eram alfabetizados, de acordo com o censo de 1926, e que em 1939, essa porcentagem havia subido para 81%.⁵¹⁰ No entanto, ao abordarem os processos educacionais, os autores se restringem ao

⁵⁰⁷ CESAR, Osorio. Op. Cit, p.168.

⁵⁰⁸ Idem, p.84.

⁵⁰⁹ MEDEIROS, Maurício de. Op.Cit.p.305.

⁵¹⁰ FITZPATRICK, Sheila. Op.Cit. p.70.

âmbito da influência ideológica e persuasiva que a educação soviética sobrepunha às crianças e jovens.

Obviamente, as pesquisas aqui utilizadas também não são imparciais ao regime socialista e não apresentam “a verdadeira” história do cotidiano soviético no Primeiro Plano Quinquenal. Como estão preocupadas em analisar o cotidiano extraordinário e a vida privada da população soviética, procuram fugir principalmente das fontes oficiais, deixando para trás alguns pontos que também fizeram parte do período stalinista, mesmo que existissem apenas nas instituições oficiais do Estado visitadas pelos viajantes.

Em relação a isso, é importante perceber que como os visitantes estão presos à visão oficial do regime que lhes é permitida observar, o cotidiano soviético a que têm acesso é essencialmente sob a perspectiva de vida de parte do operariado soviético urbano e de seu governo, “a ditadura do proletariado”. Não há, por exemplo, preocupações dos viajantes com a *intelligentsia* soviética, ou com a situação em que se encontrava a antiga burguesia da NEP. Embora eles tivessem consciência de estar na ditadura do proletariado, fica-se subtendido nos relatos que todas as outras classes estavam se adequando às novas regras e aos novos costumes.

É necessário, ainda, “não julgar o livro pela sua capa”. Como vimos, os autores que possivelmente mais aparentavam possuir visões mais completas da sociedade soviética, um engenheiro a trabalho na URSS, e um correspondente de um jornal parisiense que viaja também pelos regimes fascistas, podendo compará-los à URSS, são os que mais se utilizam de estratégias de discurso, a fim de comprovar a quase perfeição da sociedade soviética. A não existência de seus autores comprova o caráter essencialmente propagandístico de tais relatos. Ao mesmo tempo, o relato do único partidário formal ligado ao PCB, Caio Prado Júnior, não é completamente destituído de críticas e considerações em relação ao regime soviético.

De qualquer maneira, o viajante que mais consegue fugir da visão moldada pelo Estado Soviético e que mais apresenta críticas a ele é Maurício de Medeiros, que procurava visitar órgãos incomuns, como o ofício de registro de casamentos e divórcios: “Assim, sempre que a minha intérprete em Leningrado me propunha uma visita a um Museu de Arte – Ermitage, Museu Russo, etc. – eu substituía a proposta por uma visita a uma instituição

moderna, que me desse uma visão do movimento social.”⁵¹¹ Não por acaso, ele é o único que procura se apresentar como destituído de qualquer ideologia, indicando a relação da influência da ideologia no olhar dos viajantes, como observou Rachel Mazuy: os viajantes comunistas, ou os mais adeptos a esta ideologia, buscavam o que os soviéticos estavam dispostos a fornecer: a confirmação de sua ideologia e o reforço de sua fidelidade partidária.⁵¹²

Brigitte Studer comenta que o contexto de propaganda e persuasão que envolvia os viajantes soviéticos fez alguns historiadores recusarem o valor documental dos relatos de viagem à URSS, considerados como simples produtos de propaganda da época e, portanto, sem interesse para a historiografia.

Percebe-se, portanto, o equívoco ao julgar as narrativas de viagem *apenas* como livros pertencentes a uma luta propagandística, e como documentos que, por serem imbuídos de um cunho ideológico, não têm valor documental para o estudo de aspectos da sociedade soviética. Conforme observado, e levando em consideração os aspectos específicos desta fonte documental, os relatos podem contribuir para o estudo da sociedade e do cotidiano soviético de sua época, desde que sejam analisados de maneira comparativa a outras fontes. As próprias pesquisas aqui estudadas também utilizam relatos de viagem como fontes de informações. Desta forma, os relatos são fontes ricas de análises a serem construídas, podendo dizer tanto sobre o observador e sua sociedade, quanto sobre o que é observado.

⁵¹¹ MEDEIROS, Mauricio de. Op.Cit., p.95.

⁵¹² MAZUY, Rachel. Op.Cit.. p.285.

Considerações Finais

As viagens de brasileiros à União Soviética aqui abordadas fizeram parte do primeiro ciclo de viagens realizadas ao país soviético, entre as décadas de 1920 e 1930. Segundo alguns historiadores, como Rachel Mazuy, Paul Hollander e Ludmila Stern, esse foi o período de maior fluxo de estrangeiros a visitarem a União Soviética.

Embora tenham sido poucos os brasileiros a se aventurarem nessa jornada, o presente estudo possibilitou analisar o significado que essas viagens e relatos possuíam para seus viajantes e para um país que se posicionou contrário ao regime socialista e a qualquer possibilidade de troca comercial com a URSS, independentemente do conhecimento de negociações estabelecidas por países vizinhos ou pelo próprio Estados Unidos, que restabeleceu relações diplomáticas com a URSS em 1933. O Brasil só restabeleceria laços com o regime soviético em abril de 1945, ao final da Segunda Guerra, e, mesmo assim, romperia-os novamente em 1947.

Sem qualquer segurança diplomática, os viajantes brasileiros se arriscaram em buscar outros meios para seguir para a ditadura do proletariado, a fim de comprovar ou retificar a imagem que já possuíam do país, apresentada por periódicos ou por outros relatos de viagem. Mesmo podendo assegurar que haviam estado lá, e observado tudo com seus próprios olhos, como muitos afirmavam, suas impressões necessitavam da confirmação, como um carimbo, de sua imparcialidade política e ideológica perante o que descreviam, como forma de legitimar suas conclusões.

A já intensa luta propagandística em relação à imagem da União Soviética cuidava de classificar o relato como favorável ou negativo em relação à URSS. O autor, muitas vezes, não tinha poder sobre a função que seu relato passava a exercer no mundo editorial ou na sociedade. Se elencarmos as muitas críticas ao regime soviético presentes no relato de Maurício de Medeiros, por exemplo, ele poderia muito bem ter sido publicado na coleção *Inquéritos sobre a Rússia*, da Editora Globo. No entanto, como o autor não se eximiu de censurar os diversos problemas da sociedade brasileira, sofreu também, assim como os outros, as consequências da repressão de um estado cada vez mais autoritário e fechado.

O peso de impressões repercutidas por viajantes que haviam passado um maior tempo na URSS era tanto que a editora Calvino acabou publicando obras de viajantes brasileiros que como vimos, muito possivelmente, nem chegaram a existir. A divulgação de relatos favoráveis à URSS, escritos por brasileiros ou estrangeiros não ligados diretamente aos partidos comunistas, era vista, possivelmente, como uma das maiores formas de embate contra a propaganda anticomunista e contrária à URSS, divulgada no país.

Os viajantes brasileiros, inclusive aqueles que não tinham a preocupação prioritária de propagandear o regime com suas impressões, mostram-se surpresos e admirados com o regime soviético. É necessário ressaltar que o contexto vivido por tais autores, no período anterior às suas viagens, era marcado por autoritarismo do regime presidencialista brasileiro, por meio da implantação de estados de sítio, e por ampla repressão aos movimentos sociais. A posição política e crítica em relação à sociedade brasileira, de Maurício de Medeiros, Osório Cesar e Caio Prado Júnior, contribuiu para que eles selecionassem nas palavras de seus guias e nos lugares visitados, aquilo que gostariam de ter e ver no Brasil, de acordo com suas críticas sociais ou interesses pessoais. Contudo, isso não os cegou para determinados problemas soviéticos, como a falta de alimentos, o problema da habitação e a censura aos comentários divergentes ao regime, como Medeiros salientou.

O estudo em relação à maneira como os viajantes foram recepcionados na URSS, possibilitou entender também o interesse do país soviético em receber a enorme quantidade de viajantes. As técnicas de hospitalidade, denunciadas muitas vezes por impressões nos relatos, permitiram um estudo interligado entre os organismos soviéticos de recepção aos viajantes e suas consequências em suas impressões, sem ignorar, contudo, a maneira hierárquica e controladora com que esses organismos funcionavam.

Percebeu-se, portanto, que a URSS se adaptou a uma indústria turística para sobreviver e se fortalecer. Diferentemente da ideia de extinção da burguesia como classe dominante e privilegiada, a VOKS e a Intourist se moldaram especificamente para atender, da melhor maneira possível, ocidentais de cultura burguesa. Para combater a propaganda anticomunista, portanto, a União Soviética optou por se curvar e atender aos anseios e angústias dos representantes do mundo ocidental.

Como pôde ser observado, as pesquisas mais aprofundadas em relação às técnicas de hospitalidade ou aos mecanismos de recepção da URSS são escassas e recentes. Além disso, são pesquisas que envolvem conflitos ideológicos ainda muito vivos. Ludmila Stern, por exemplo, pesquisadora das relações de intelectuais franceses com a VOKS, possuía avós comunistas que entraram em uma organização ilegal de espionagem industrial para a URSS na França. Quando seguiram para o regime soviético, em 1936, foram presos, por serem considerados erroneamente como espiões franceses. Mesmo após terem sido soltos, tiveram uma vida difícil na URSS – seu avô, graduado na Sorbonne em Medicina, foi demitido de sua posição –, até se mudarem para a Austrália em 1982.

Stern questiona, na introdução de seu livro, como indivíduos inteligentes se agarravam ao fervor religioso devotado à URSS, recusando qualquer evidência que sugerisse que a imagem desse país não fosse tão acurada. “Não sabem eles o que o Stalin estava fazendo? Não ouviram eles a respeito da fome nos anos de 1930, suas prisões e julgamentos, as deportações e execuções?”⁵¹³ Sua busca e pesquisas de mecanismos pelos quais os intelectuais ocidentais foram “conduzidos” a aceitar o mito soviético permitiu a ela concluir que a URSS de fato os influenciou e os manipulou em seu próprio benefício. De certa forma, sua pesquisa em relação aos organismos de recepção e de controle dos intelectuais, parece ter o objetivo de eximir os intelectuais de sua responsabilidade em terem apoiado o regime soviético.

Paul Hollander, historiador norte-americano, vai um pouco além. Ao estudar intelectuais que, no período de 1928 a 1978, mostraram-se encantados e defensores de sociedades comunistas, como a União Soviética, China e Cuba, realizando inclusive um trabalho extensivo sobre as técnicas de hospitalidade soviéticas, ele acusa tais intelectuais de se tornarem indiferentes a qualquer tomada de atitude de suas próprias sociedades, frisando que a direção da indignação moral destes intelectuais era guiada apenas por suas ideologias e comprometimentos partidários. Hollander não procura historicizá-los, e sim julgá-los como alienados em relação ao contexto que os cercava. Ao contrário do que ele afirma, essa pesquisa concluiu que a imagem construída pelos viajantes é na verdade um reflexo, ou uma reação do próprio contexto social e pessoal dos viajantes, não estando eles, de maneira nenhuma, alienados ao que se passava em suas próprias sociedades.

⁵¹³ STERN, Ludmila. 2009. Op. Cit. p.2.

Em relação a essas ideias, Michael David Fox observa que a manipulação pelos soviéticos de intelectuais ocidentais crédulos deve ser reconsiderada e historicizada. Ele chama a atenção para a incrível facilidade com que os soviéticos aparecem como “manipuladores de intelectuais ingênuos.” Segundo ele, a história dos viajantes à URSS é muito mais do que “um dia de bajulação política”. Ela, na verdade, foi um dos momentos históricos raros de interação do Ocidente Moderno com o mundo não ocidental, no qual assuntos fundamentais, como a superioridade ocidental, foram colocados em dúvida.⁵¹⁴

Foi nesse sentido que esse trabalho procurou seguir. Ao analisar os relatos de viagem em seus mais variados aspectos, contrapondo-os com outras pesquisas, documentos e fontes, o objetivo foi historicizá-los. Percebeu-se que os relatos podem ser fontes tanto para o estudo do observador e de sua sociedade, quanto para o estudo da sociedade observada, quando contrapostos a outros documentos e pesquisas. Ao final, por mais que os viajantes estivessem limitados pela repressão de sua própria sociedade anticomunista e pelos mecanismos de manipulação do local que observaram, eles construíram em seus relatos uma imagem favorável à URSS, sim, porém, uma imagem também heterogênea e complexa, nem sempre repercutindo aquilo que era esperado pelos movimentos de persuasão comunistas ou anticomunistas.

⁵¹⁴ DAVID-FOX, Op.Cit, 2003. p.301.

Referências Bibliográficas

Arquivos Consultados:

Arquivo do Itamaraty – AHI– Rio de Janeiro;
Arquivo Público do Estado de São Paulo.
Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro - APERJ.
Arquivo Edgard Leuenroth – AEL – UNICAMP, Campinas.
Instituto de Estudos Brasileiros – IEB – USP, São Paulo.

Fontes primárias:

CANELLAS, Antônio Bernardo. *Relatório da Delegacia à Rússia*. Rio de Janeiro: [s,n], 1923.

CESAR, Osório Thaumaturgo. *Onde o proletariado dirige: visão panorâmica da URSS*. São Paulo: [s.n.], 1932.

CESAR, Osório Thaumaturgo. *O que é o estado proletário (reflexões sobre a Rússia soviética)*. São Paulo: Udar, 1933.

CHESSIN, Sérgio de. *A Noite que vem do Oriente*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1932.

COSTA, Luís Edmundo da. *De um livro de memórias*. Rio de Janeiro: [s,n], 1958.

DOMINIQUE, Pierre. *Com os olhos abertos (na Rússia): Reportagem Imparcial de 1930*. São Paulo: Pax, 1931.

DOUILLET, Joseph. *Moscovo sem Mascara*. Porto Alegre: Globo, 1931.

EDMUNDO, Cláudio. *Um engenheiro brasileiro na Rússia*. Rio: Calvino, 1934.

GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil e de uma estada nesse país durante parte dos anos de 1821, 1822, 1823*. São Paulo: Editora Nacional, 1956.

GUANABARINO, Juvenal. *O que vi em Roma, Berlim e Moscou*. Rio: Calvino, 1934.

HIDALGO, Diego. *Um Notário Espanhol na Rússia*. Lisboa: Livraria Peninsular, 1930.

HIDALGO, Diego. *Impressões de Moscou*. São Paulo: Pax, 1931.

ISTRATI, Panait. *16 meses na U.R.S.S. Rumo a outra flama*. Rio de Janeiro: Alerta, 1946.

LE FEVRE, Georges. *Un bourgeois au pays des Soviets*, 1930.

MEDEIROS, Maurício de. *Rússia: notas de viagem, impressões, entrevistas, observações sobre o regime soviético*. Rio de Janeiro: Calvino, 1931.

MEDEIROS, Maurício de. *Outras Revoluções Virão...* Rio de Janeiro: Calvino Filho, 1932.

MEDEIROS, Mauricio de. *Ideas, homens e factos*. Rio de Janeiro: Calvino Filho, 1935.

PRADO Junior, Caio. *URSS: um novo mundo*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.

REED, John. *10 dias que abalaram o mundo*. São Paulo: L&PM, 2010.

SANTOS, Carlos. *Como eu vi a Rússia*. Lisboa: Popular, 1928.

SMITH, Andrew. *I was a Soviet Worker*. New York: E.P.Dutton and Co., 1936, p.72.

Acessado em:
<http://books.google.com.br/books?id=zKaJKYm5fMC&printsec=frontcover#v=onepage&q=&f=false>.

VAYO, Julio Alvarez del. *A Nova Russia*. São Paulo: Editorial PAX, 1931.

Fontes Secundárias:

ANDREUCCI, Álvaro Gonçalves Antunes. *O Risco das Ideias: Intelectuais e a Polícia Política (1930-1945)*. São Paulo: FAPESP, 2006.

BANDEIRA, Moniz; MELO, Clovis e ANDRADE, A.T. *O Ano Vermelho: A Revolução Russa e seus reflexos no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

BORM, Jam. “Defining travel: on the travel book, travel writing and terminology”. Youngs, tim; hopper, Glenn. *Perspectives on travel writing*. Ashgate, 2004.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Livros proibidos, Ideias Malditas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

CARONE, Edgard. *O Marxismo no Brasil (das origens a 1964)*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.

CARONE, Edgard. “Uma polêmica nos primórdios do PCB: o incidente Canellas e Astrojildo (1923)”. In: *Da Esquerda à Direita*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991.

CARR, E.H. *A Revolução Russa de Lênin a Stálin (1917-1929)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

- CARR, Helen. “Modernism and travel (1880-1940)”. In: HULME, Peter; YOUNGS, Tim (orgs). *The Cambridge Companion to Travel Writing*. United Kingdom,: University Press – Cambridge, 2005.
- CAUTE, David. *The Fellow-Travellers: Intellectual Friends of Communism*. London: Yale University Press, 1988.
- CERVO, Amado L.; BUENO, Clodoaldo. *História da Política Exterior do Brasil*. Brasília, Editora UNB, 1994.
- CHILCOTE, Ronald H. *O Partido Comunista Brasileiro: Conflitos e Integração (1922-1972)*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.
- COSTA, Jurandir Freire. *História da Psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Documentário, 1976.
- DAVID-FOX, Michael. “The Fellow Travellers Revisited: The “Cultured West” through Soviet Eyes”. *The Journal of Modern History* 75, University of Chicago: June 2003.
- DAVID-FOX, Michael. “From Illusory ‘Society’ to Intellectual ‘Public’: VOKS, International Travel and Party-Intelligentsia Relations in the Interwar Period”. *Contemporary European History*, II, I (2002), pp.7-32. United Kingdom: Cambridge University Press.
- DEUTSCHER, Isaac. *Stalin: uma biografia política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- ELIAS, Norbert “On the Concept of Everyday Life”. *The Norbert Elias Reader: a Biographical Selection*. Oxford: Blackwell, 1998.
- FERREIRA, JORGE. *Prisioneiros do Mito: cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930 – 1956)*. Niterói: EdUFF, 2002.
- FIGES, Orlando. *Sussurros: A Vida Privada na Rússia de Stalin*. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- FITZPATRICK, Sheila. *The Russian Revolution*. New York: Oxford University Press, 1994.
- FITZPATRICK, Sheila. *Everyday Stalinism. Ordinary Life in Extraordinary Times: Soviet Russia in the 1930s*. Nova York: Oxford University Press, 1999.

- FORTE, Graziela Naclério. “CAM e SPAM: Arte, Política e Sociabilidade na São Paulo Moderna, do início dos anos 1930.” São Paulo: USP, 2008. Dissertação de Mestrado.
- FRANCO, Stella Maris Scatena. *Peregrinas de outrora: Viajantes Latino-Americanas no século XIX*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2008.
- FRANCO, Stella Maris Scatena. “Relatos de viagem: reflexões sobre seu uso como fonte documental.” In: JUNQUEIRA, Mary Anne; FRANCO, Stella M. Scatena. (Orgs.). *Cadernos de Seminários de Pesquisa*. Vol. II. São Paulo: Humanitas, 2011.
- HALL, Michael. “Some Considerations on accounts of travel to Brazil in the Nineteenth and Twentieth Centuries”. Colloque International “Voyageurs et Images du Brésil”, Maison des Sciences de l’Homme (Paris), 10/12/2003.
- HILTON, Stanley. *A Rebelião Vermelha*. Rio de Janeiro: Record, 1986.
- HILTON, Stanley. *Brazil and the Soviet Challenge 1917-1947*. Austin: Texas Press, 1991.
- HOBBSAWM, E. J. *Revolucionários: Ensaio Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: O breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOLLANDER, Paul. *Political Pilgrims: Western intellectuals in search of the good society*. New Brunswick, Estados Unidos: Transaction Publishers, 1998.
- HULME, Peter e YOUNGS, Tim (orgs.). *The Cambridge Companion to Travel Writing*. United Kingdom,: University Press – Cambridge, 2005.
- IUMATTI, Paulo Teixeira. *Caio Prado Junior: uma trajetória intelectual*. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- JUNQUEIRA, Mary Anne. “Elementos para uma discussão metodológica dos relatos de viagem para o historiador”. In: JUNQUEIRA, Mary Anne; FRANCO, Stella M. Scatena. (Orgs.). *Cadernos de Seminários de Pesquisa*. Vol. II. São Paulo: Humanitas, 2011.
- KAREPOVS, Dainis (Org.). *Caio Prado Junior: Parlamentar Paulista*. São Paulo: Imprensa Oficial/Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, 2003.
- KERSHAW, Angela. “French and British Female Intellectuals and the Soviet Union. The Journey to the USSR, 1929 – 1942”. *E-rea* [En ligne], 4.2 | 2006, document 7,

consulté le 28 février 2012. URL : <http://erea.revues.org/250> ; DOI : 10.4000/erea.250

KRAVITZ, Samantha. “The Business of Selling the Soviet Union: Intourist and the Wooing of American Travelers, 1929-1939”. Montreal, Canadá: Concordia University, 2006. Dissertação de Mestrado em História da Arte. <http://spectrum.library.concordia.ca/9037/1/MR20671.pdf> Acessado em 15/01/2013.

KUPFERMAN, Fred. *Au Pays des Soviets : Le voyage français em Union Soviétique 1917-1939*. Paris: Collection Archives, 1979.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *Livros de viagem (1803 – 1900)*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

LIMA, Heitor Ferreira. *Caminhos percorridos: memória da militância*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MARGULIES, Sylvia. *The Pilgrimage to Russia: The Soviet Union and the Treatment of Foreigners, 1924-1927*. Londres: Wisconsin Press, 1968.

MARQUES, Vera Regina Beltrão. *A medicalização da raça. Médicos, educadores e o discurso eugênico*. Campinas: UNICAMP, 1994.

MAZUY, Rachel. *Croire Plutôt que Voir?: Voyages en Russie Soviétique (1919-1939)*. Paris: Odile Jacob. 2002.

MORAES, Dênis de. *Prestes com a palavra: uma seleção das principais entrevistas do líder comunista*. Campo Grande: Letra Livre, 1997.

MOTTA, Rodrigo. *Em guarda contra o “Perigo Vermelho”: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. “O Perigo é Vermelho e vem de Fora: O Brasil e a URSS”. Locus: *Revista de História*, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, 2007. p. 227. in: <http://www.ufjf.br/locus/files/2010/02/131.pdf>.

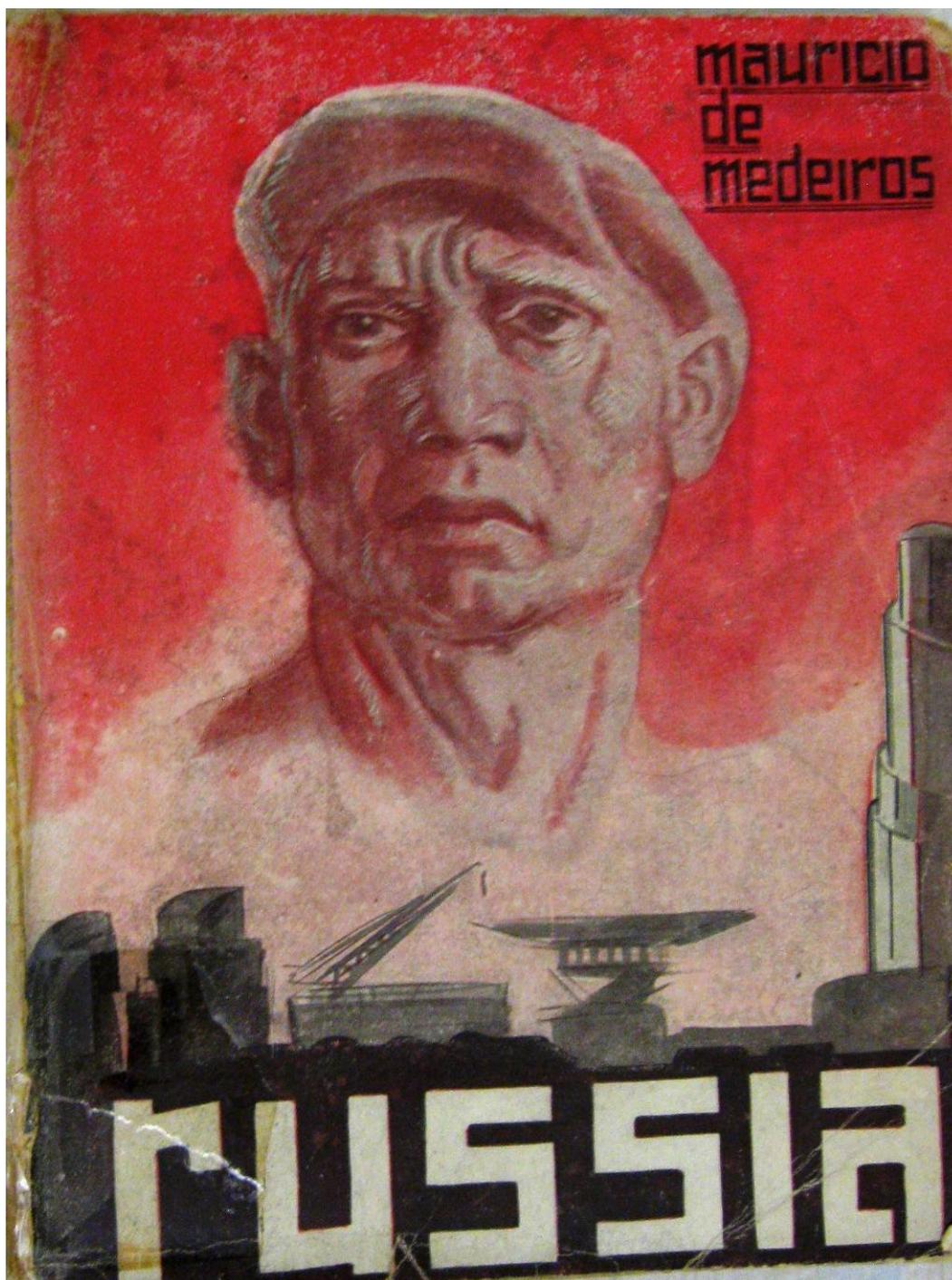
PEREIRA, Astrojildo. *URSS – Itália – Brasil*. São Paulo: Novos Rumos, 1985.

PICCININI, Walmor J. “Psiquiatras Comunistas: Osório César”. *História da Psiquiatria*. Maio de 2008, Vol.13, n.5. In: *Psychiatry On line Brasil*. In: <http://www.polbr.med.br/ano08/wal0508.php> . Acessado em 03/08/2010.

- PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da Ilusão: A Revolução Mundial e o Brasil (1922-1935)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: Edusc, 1999.
- RODRIGUES, Jaime. *De costa a costa. Escravos, marinheiros e intermediários do tráfico negreiro de Angola ao Rio de Janeiro (1780-1860)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- ROIO, Marcos Del. “O Impacto da Revolução Russa e da Internacional Comunista no Brasil”. In: MORAES, João Quantim de; AARÃO REIS, Daniel. *História do Marxismo no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- SAÍTTA, Sylvia. *Hacia la revolución: Viajeros argentinos de izquierda*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Econômica, 2007.
- SELA, Eneida Maria Mercadante. *Modos de ser, modos de ver*. Campinas: UNICAMP, 2008.
- SILVA, Carla Luciana. *Onda Vermelha: Imaginários Anticomunistas Brasileiros (1931-1934)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- SOTANA, Edvaldo Correa. *Relatos de viagens à URSS em tempos de Guerra Fria: uma prática de militantes comunistas brasileiros*. Curitiba: 2006.
- STERN, Ludmila. “The All-Union for Cultural Relations with Foreign Countries and French Intellectuals, 1925-29”. *Australian Journal of Politics and History*: Volume 45, Number 1, 1999.
- STERN, Ludmila. *Western Intellectuals and the Soviet Union: 1920-40: from Red Square to the Left Bank*. New York: Rutledge, 2009.
- STUDER B. “Le voyage en U.R.S.S. et son "retour"”, *Le mouvement Social* 2003/4, n°205.
URL : <http://www.cairn.info/revue-le-mouvement-social-2003-4-page-3.htm>
- SZACKI, Jerzy. *As Utopias ou A Felicidade Imaginada*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.
- TENFELDE, Klaus. “Dificuldades com o Cotidiano”. *História: Questões & Debates*, Curitiba, v.13, n.24, p.28-55, jul./dez., 1996.
- WAACK, William. *Camaradas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ANEXOS

ANEXO 1: Capas dos relatos de viagem de brasileiros.

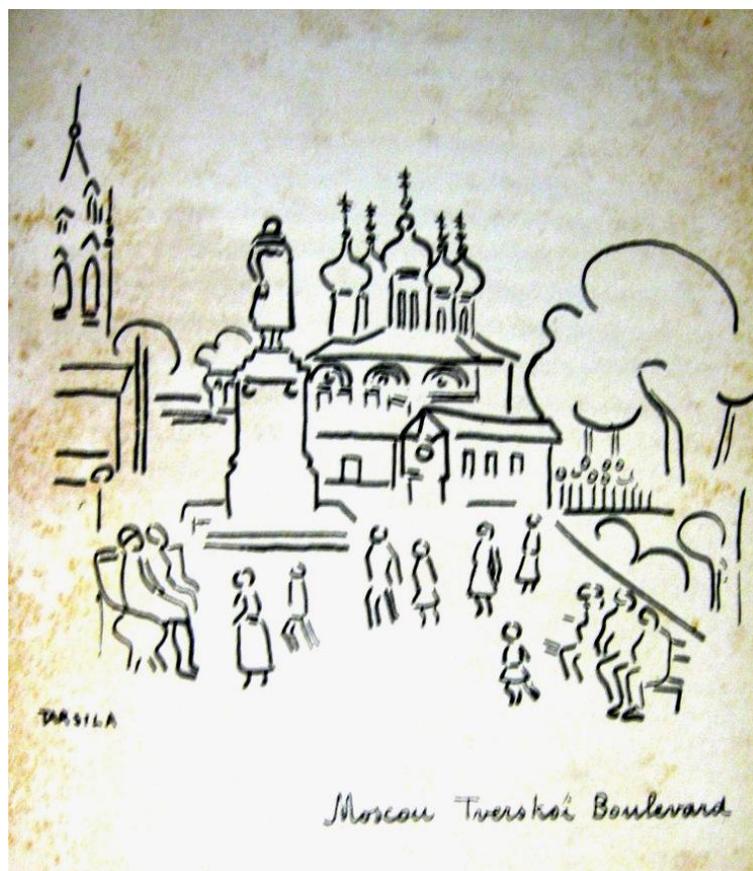


MEDEIROS, Maurício de. *Rússia: notas de viagem, impressões, entrevistas, observações sobre o regime soviético*. Rio de Janeiro: Calvino, 1931. Acervo de Dainis Karepovs.



CESAR, Osório Thaumaturgo. *Onde o proletariado dirige: visão panorâmica da URSS.* São Paulo: [s.n.], 1932. Capa de Tarsila do Amaral. Acervo de Dainis Karepovs.

Desenhos de Tarsila do Amaral presentes no relato de viagem de Osório Thaumaturgo Cesar:

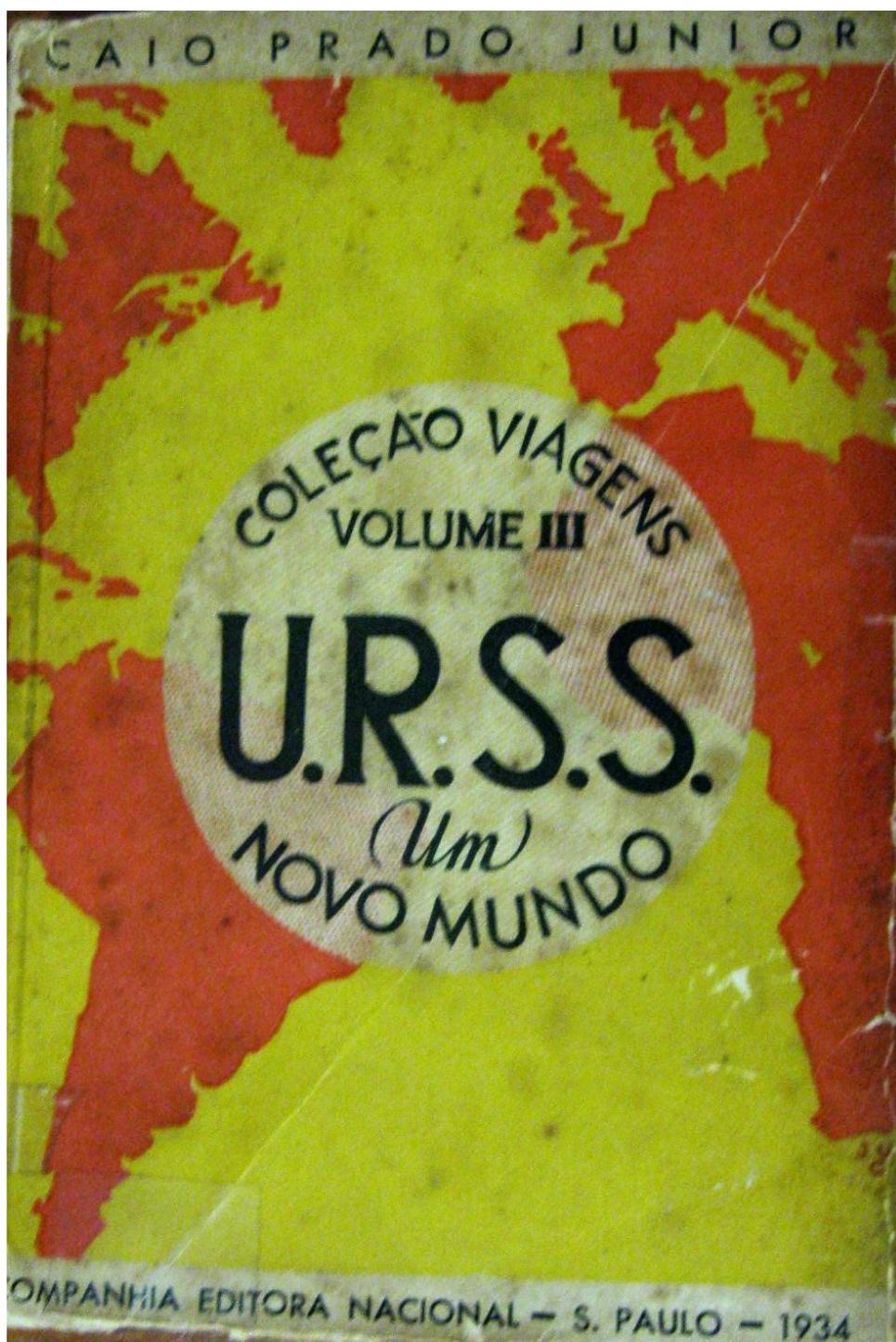




EDMUNDO, Claudio. *Um engenheiro brasileiro na Rússia*. Rio de Janeiro: Calvino Filho, 1933.

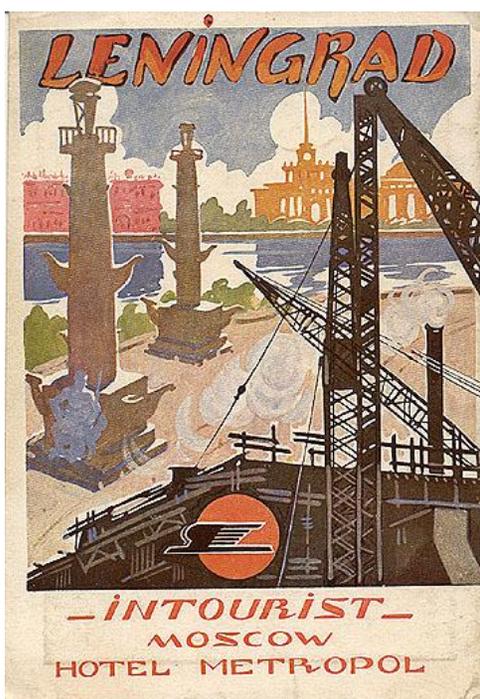
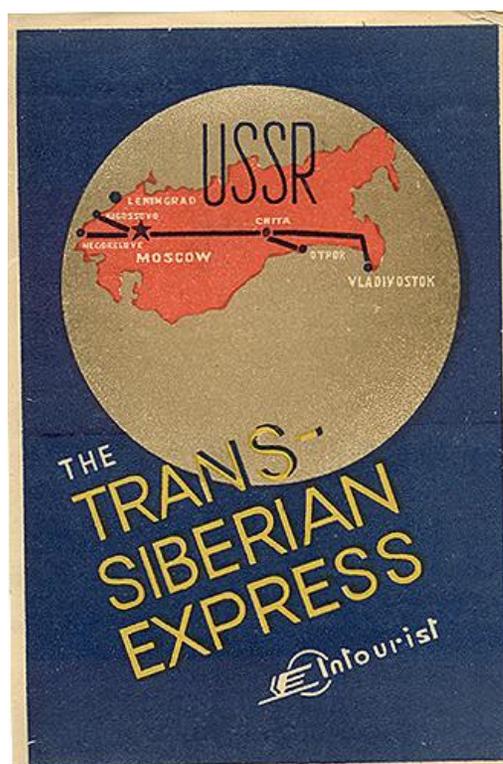
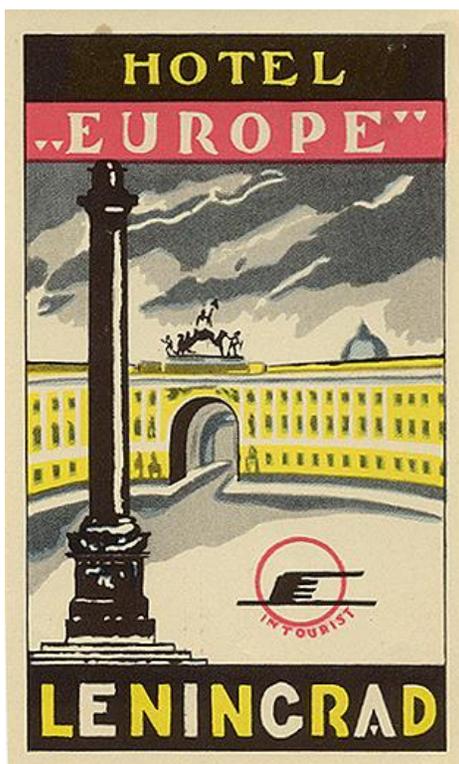


GUANABARINO, Juvenal. *O que vi em Roma, Berlim e Moscou*. Rio de Janeiro: Calvino, 1934. Acervo de Dainis Karevpos.



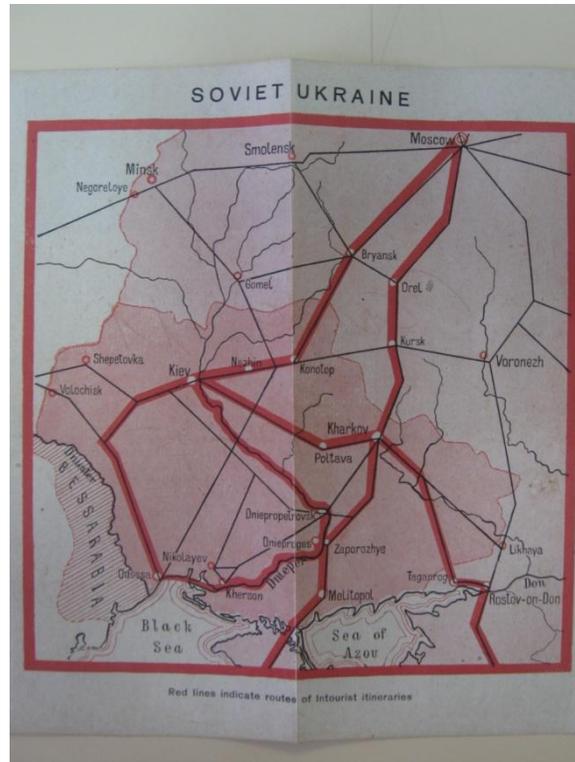
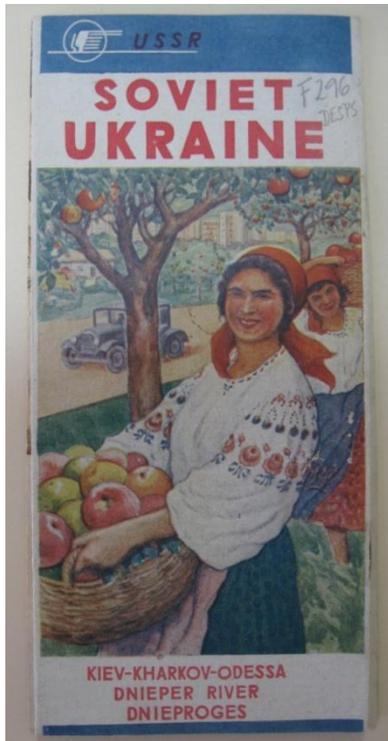
PRADO Junior, Caio. *URSS: um novo mundo*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934. Acervo de Dainis Karepovs.

ANEXO 2: Propagandas de hotéis e de roteiros de viagem da Intourist.



Propagandas da década de 1930, retiradas do site: www.travelbrochuregraphics.com, pertencentes à coleção de David Levine.

ANEXO 3: Partes do Panfleto da Intourist em inglês encontrado no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro:



ANEXO 4: documento presente no Prontuário de Maurício de Medeiros presente no Acervo DEOPS: Reportagem do jornal *Correio da Tarde*. 19/09/1931.

“O PROBLEMA DE PROTEÇÃO A’ INFANCIA CONSTITUE UMA DAS FACES MAIS BRILHANTES DA ADMINISTRAÇÃO SOVIETICA”

Palavras do dr. Mauricio de Medeiros ao “Correio da Tarde”, em que o autor de “Russia” trata dos grandes problemas sociais no país dos Soviets, que êle visitou e do qual traz a melhor das impressões

Encontra-se, desde ha dias, nesta Capital, onde veiu tratar do lançamento do seu mais recente livro, “Russia”, o dr. Mauricio de Medeiros, ex-deputado federal e lente da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro. Visitando o país dos Soviets, ha mais de um ano, só agora o dr. Mauricio de Medeiros publicou o seu livro, que é um exame sereno de tudo quanto observou por lá e do qual falaremos á parte. Lançado no Rio, “Russia” esgotou-se logo, em oito dias, tal a sua aceitação.

Procurámos o dr. Mauricio de Medeiros, no Hotel Esplanada, onde se acha hospedado.

O SE LIVRO

— “Sou muito grato — disse-nos — ao acolhimento que me fizeram os jornais paulistas. A sua visita, para saber com que impressões volto para o Rio, é mais uma delicadeza que muito me penhora. Devo dizer ao “Correio da Tarde” que meu livro “Russia” rapidamente se esgotou aqui em São Paulo.”

S. PAULO E’ UM EXCELENTE MERCADO

— “Infelizmente, os distribuidores do Rio ainda não conseguiram compreender que o publico paulista abesorve os livros novos com muito mais rapidez que o publico carioca. Em geral, reservam a maior parte da edição para o Rio. O resultado é o que lha asseguro : as livrarias de São Paulo já venderam todos os exemplares que vieram para cá. Já pediram novas remessas que devem chegar de um momento para outro. Como o Interior do Estado esteja pedindo com insistencia o meu livro, volto para o Rio com a deliberação de mandar imprimir a 2a edição de “Russia”. O publico paulista não poderia ser mais generoso do que foi para com o autor.”

PROTEÇÃO E ASSISTENCIA A’ INFANCIA NA RUSSIA

Lemos, já, o livro do dr. Mauricio de Medeiros, que ele proprio nos ofereceu. Contém narrativas interessantissimas. Por ele, vimos que ha, ainda, vestigios de menores abandonados, na Russia. E’ uma face do problema social que merece atenção dos poderes publicos em todos os países do mundo. Entretanto, o autor pareceu-nos entusiasmado com o sistema de proteção e assistencia á infancia.



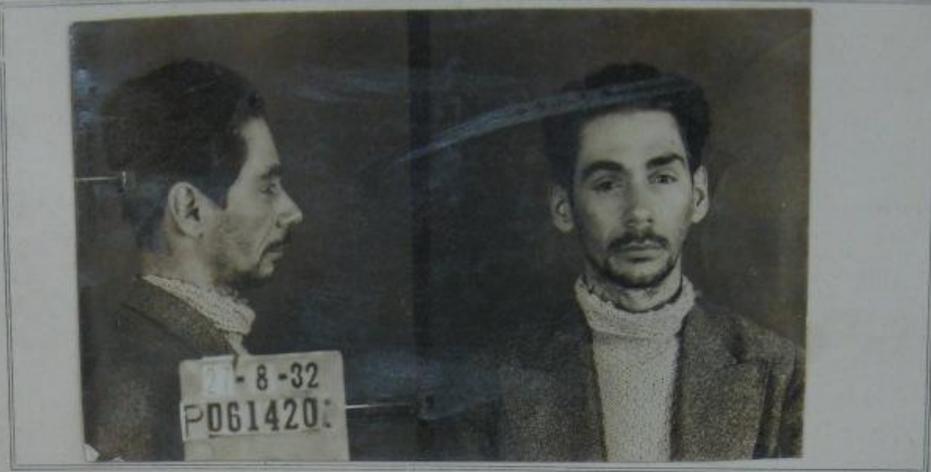
Dr. MAURICIO DE MEDEIROS

Nesse caso, como explicar a existencia de abandonados? Sobre esse ponto, interrogámos o dr. Mauricio de Medeiros.

ANEXO 5: Amostra de documentos relativos ao Prontuário de Osório Thaumaturgo Cesar presente no Acervo DEOPS:

- registro geral na Delegacia de Ordem Política e Social.

Registo Geral Numero



Photographia tirada no mez de de 193.....

Nome: **OZORIO THAUMATURGO CEZAR** *Vulgo:*

<u>QUALIFICAÇÃO</u>	<u>MARCAS PARTICULARES</u>
Filho de Diomedes de Alcantara Cezar	
e de Petronilha de Alcantara Cezar	
Nacionalidade: Brasileiro	
Naturalidade: Estado	
Localidade: Parahyba do Norte	
Edade 40 annos	
Estado civil: desquitado	
Profissão atual: medico	
Sabe lêr e escrever? sim	
Residencia atual: Avenida S. João 568-appart. 612.	
Residencias anteriores:	

Carta recebida da Sociedade de Relações Exteriores da União Soviética (VOKS) – infelizmente, só havia o envelope:



Reportagem sobre sua segunda viagem à URSS no *Diário da Noite*, 13/05/1935.



ANEXO 6: Amostra de documentos relativos ao Prontuário de Caio Prado Junior presente no Acervo DEOPS:

Registro Geral de Caio Prado Junior na Delegacia de Ordem Politica em 1935.

Registro Geral Numero



22-7-36-134

Photographia tirada no mez de _____ de 19 36

Nome: **Caio Prado Junior -Dr.-** Vulgo: _____

QUALIFICAÇÃO	CARACTERES CHROMATICOS, ETC.
Filho de Caio Prado	Cutis: Branca
e de Antonieta Prado	Cabellos: Castanhos
Nacionalidade: Brasileira	Barba: Feita
Naturalidade: São Paulo	Bigodes: Castanhos
Localidade: Capital	Sobrancelhas: Castanhas
Edade: 29 _____ annos	Olhos: Castanhos
Estado civil: Casado	Estatura: 1,80
Profissão actual: Advogado	Corpo: Regular
Sabe lêr e escrever? Superior	Local onde trabalha: _____

Residencia actual: **Rua Itacolomy, 44**

Residencias anteriores: _____

OBSERVAÇÕES:- Detido pela Delegacia de Ordem Política 4-12-935

Names das pessoas que o conhecem e as respectivas residencias: _____

A bordo do "Lutetia" chegou um deputado brasileiro que esteve na Russia

Para Buenos Aires viajam Kanichka, o homem phenomeno, e o campeão de peso medio de Hespanha

Regressou o ministro do Brasil na Bolivia

O "Lutetia" um dos grandes transatlânticos francezes que fazem carreira para os portos sul-americanos, esteve, hontem, fundeado, no porto desta capital, vindo de Bordeaux.

Chegou o referido paquete repleto de passageiros, a maioria dos quaes se destina a Buenos Aires.

Com destino ao Rio, a seu bordo viajaram o ministro do Bra-



O pugilista Izidoro Gastanaga, campeão peso medio de Hespanha

sil na Bolivia, sr. Frederico Castello Branco Clark e o deputado Maurício de Medeiros.

IMPRESSÕES DA RUSSIA DOS SOVIETS

Antes de desembarcar, falou-nos o sr. Maurício de Medeiros, deputado brasileiro, que esteve na Russia dos Soviets.

Depois de se referir aos trabalhos da Conferencia Interparlamentar que se reuniu em Paris, na qual tomou parte, disse do que viu no ex-imperio dos Czars, que visitou muito demoradamente:

— Difficil sintetizar impressões tão varias. Se quer, porém, uma formula geral, susceptiveis de erros, como todas as generalizações, posso dizer-lhe: uma grande distancia entre a ideologia comunista e a vida real da Russia Sovietica.

De concessão em concessão pouco resta na Russia do comunismo puro. Tanto vale dizer que para um espirito nascido e nutrido em plena burguezia, como o meu, a Russia foi uma surpresa no bom sentido muito melhor do que tudo quanto eu tinha podido supor.

— E os estrangeiros são bem acolhidos?

— Da melhor maneira. Comigo viajou o sr. Manoel Visconti, industrial em Santa Catharina. Teve as mesmas faci-

lidades que eu por toda a parte onde andou. Partiu de lá sosinho, antes de mim, sem que em fronteira alguma lhe creassem a minima dificuldade.

Hoje ha mesmo uma corrente fútil de turismo estabelecida para a Russia. Uma Sociedade de Reações Culturales, com o estrangeiro, facilita todas as informações, fornece interpretes, promove visitas a Muséus, serviços publicos, faz em summa tudo quanto pôde tornar util a visita de um estrangeiro á Russia.

E acha que o regimen resistirá?

— Não tenho a minima duvida de que permanecerá a ditadura do proletariado. A consciencia de governo está tão fortemente penetrada na massa popular russa que não creio possivel nenhum movimento que tente restabelecer o governo de qualquer outra classe. Praticamente, porém, essa ditadura proletaria é adocada pela acção de uma elite viva, intelligente, culta e cuja plasticidade se revela nas successivas adaptações porque tem passado o regimen dos soviets. A necessidade de colaboração do capital estrangeiro imporá muito em breve ainda mais profundas modificações, que alterarão na sua essencia doutrinaría o regimen comunista, mas não diminuirão o controle que na direcção do paiz all exercem as grandes massas.

UM HOMEM PHENOMENO E UM CAMPEAO DE BOX HESPAÑHOL

Na segunda classe do transatlântico, onde nos levára a curiosidade, encontramos um jovem sympathico e de maneiras polidas, e cujo aspecto physico fez-nos duvidar do que nos haviam momentos antes informado. Era baixo e mais magro do que gordo.

Kanichka — o seu nome de artista — é o homem phenomeno.

Elle contraria todas as leis anatomicas e tem mesmo preoccupado a attenção dos melos scientificos europeus.

Na Faculdade de Medicina de Montpellier, attendendo a um convite que lhe foi especialmente dirigido, Kanichka deu demonstrações seguidas de tudo quanto é capaz de fazer, ante a admiración de varios medicos, que o examinaram minuciosamente, estudaram-no e o observaram internamente com o auxilio dos raios X.

Elle mesmo não sabe explicar como consegue fazer taes prodigios, tidos como impossiveis, se e le não os fizesse.

Kanichka, que é hespanhol, e cujo nome verdadeiro é Leoncio Alvarez, é capaz de engullir, com a maior facilidade, 15 duros de prata, relógios de bolso e respectivas correntes, anela, bolas de bilhar, ovos de gallinhas, intelinhos, e outras coisas.

Em cima disso tudo engole alguns peixes vivos, desses peixes encarnados, que se vêm nos jardins.

Affirmou-nos elle que não se trata de um "truc", porquanto já fez taes coisas na presença de medicos, como acima já dissemos e, dias antes, numa festa a bordo se exhibira na presença de todos os passageiros de primeira classe, os quaes ficaram vivamente impressionados.

Depois de haver engulido tudo quanto foi mencionado, Kanichka — tudo devolve, isto é, tudo expelle, a medida e na ordem que o publico pede.

Desde menino que Leoncio Alvarez tem essas qualidades, que aperfeçoou com o correr do tempo, para fazer das mesmas meio de vida.

Apenas ha dois annos, que elle se exhibe, tendo-o feito, na presença das platéas das principais capitales da Europa.

Ultimamente Kanichka, esteve



Leoncio Alvarez, conhecido por Kanichka, o homem phenomeno

em Franca, com o Cirque de Paris e vae, agora, á Argentina, contratado para trabalhar no Theatro Casino de Buenos Aires.

Irá, depois a Montevideo e em seguida á Rio.

O homem phenomeno viaja na companhia de sua esposa, uma joven hespanhola, que o auxilia nos seus trabalhos.

Viaja tambem no "Lutetia" um "boxeur". Trata-se de Izidoro Gastanaga, campeão peso medio de Hespanha.

O pugilista basco tem 23 annos de idade e pesa 97 kilos.

Não obstante ser um novo no "rinc" tem já 21 combates, dos quaes 18 ganhou por knock-out, 2 perdeu por pontos e 1 por haver abandonado a luta.

Com o seu "manager", Valerdi, francez, Gastanaga, vae a Buenos Aires, affim de tomar parte em 8 lutas, uma das quaes será com o pugilista argentino Camponel'a.

O campeão hespanhol de peso medio, bateu-se ultimamente, em Barcelona, com Lafont, que foi vencido por knock-out.

Dentre os passageiros que viajam no transatlântico francez notam-se ainda os srs. Matrice Roussaud, banqueiro; Oscar Sohan, medico francez; Marcel Cavel, decorador francez; André Mechlissedez, jornalista francez; Paul Vachet, avulso francez; André Alejandro e Carlos Bonino, jornalistas uruguayos, e José Duran, jornalista argentino.

ANEXO 8: Documentos pertencentes à pasta "Bureau de L'Entente Internationale contre la 3eme Internationale" recebidos pelo Itamaraty.

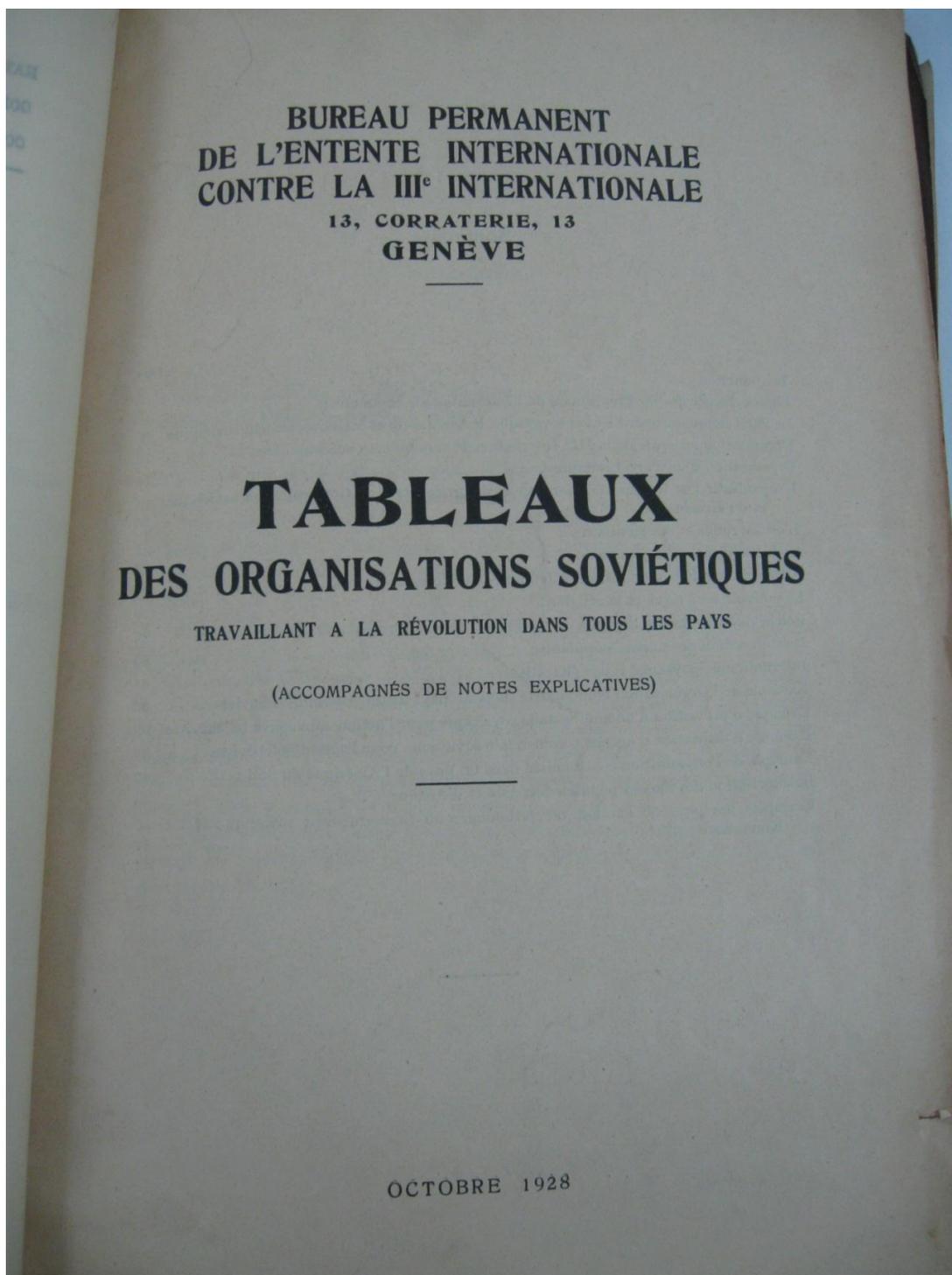


Tabela “Organização pela Bolchevização dos Intelectuais”, onde podemos ver a presença da VOKS como uma das organizações centrais:

